



**UnB**

Universidade de Brasília

Instituto de Artes – IdA | Departamento de Design – DIN

Programa de Pós-Graduação em Design – 2019/2

Renato Perotto Machado

Práticas Agroecológicas em Lares: Espaços de Diálogo  
Multiespécie

Brasília

2021



**UnB**

Universidade de Brasília

Instituto de Artes – IdA | Departamento de Design – DIN

Programa de Pós-Graduação em Design – 2019/2

Renato Perotto Machado

Práticas Agroecológicas em Lares: Espaços de Diálogo Multiespécie

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Design da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Design. Área de Concentração: Design, Tecnologia e Sociedade. Linha de Pesquisa: Design, Espaço e Mediações.

Orientador: Prof. Dr. Rogério José Camara

Brasília

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM149pp Machado, Renato Perotto  
Práticas Agroecológicas em Lares: Espaços de Diálogo  
Multiespécie / Renato Perotto Machado; orientador Rogério  
José Camara. -- Brasília, 2021.  
251 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Design) --  
Universidade de Brasília, 2021.

1. Design Anthropology. 2. Agroecologia. 3.  
Correspondência. 4. Agricultura Urbana. 5. Habitação. I.  
Camara, Rogério José, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas para agradecer, nem sei por onde começo. Achava que escrever era uma atividade solitária, não poderia estar mais equivocada. Escrever é um diálogo. Tantas seres vivos atravessaram esta dissertação que precisaria do dobro de páginas só para agradecer a todos. Irei tentar lembrar os mais presentes na minha mente neste momento.

Primeiro, sou muitíssimo grato por ter tido o privilégio de fazer parte do Grupo HorTOCAR. As idosas e idoso que fizeram parte do Grupo, muito obrigado por vossa amizade e companhia durante o processo desta pesquisa. Vocês foram muito importantes para atravessar essa pandemia e com certeza me ajudaram imensamente em várias áreas da minha vida. Vocês nunca foram objeto de pesquisa, e sim parte de que me constitui. Esse documento inteiro é uma homenagem a vocês.

A minha mãe, Lúcia Perotto e meu pai, Almiro Machado, por todo apoio e leituras "leigas" sempre me ajudaram para que chegasse até aqui. Amo vocês. Aos meus avós, Zê e Cersão, que são meus grandes amigos e deixaram eu "pesquisar" em seu quintal. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Amo vocês também. Ao meu "grande amigo" e avô Juarez Machado (Juju Saravá) que nos deixou durante a pandemia. Você me ensinou a amar até o momento de sua passagem. A minha amiga Fátima que me escutou tantas vezes resmungar desse mestrado e que também nos deixou este ano. Aos amigos do NINHO, André Freitas e Maurício Chades que continuam me ajudando a plantar idéias até hoje. À minha amiga Emily Kimura por tantas ideias, escutas e leituras, e todo o apoio durante esses dois anos, você faz parte deste trabalho. A arteterapeuta, Telma Romão que me ajudou a atravessar os momentos mais difíceis e me emprestou seus livros, sou grato. A Dra. Monica Udler que me explicou Heidegger e me mostrou sua visão de Brasília. E, especialmente à Luise Maréchal, minha grande amiga e parceira que me mostrou a agricultura urbana e topou fazer um filme comigo. Não só o documentário *Huerta de Saavedra, El Caos Creador*, quanto este texto agora são em em sua homenagem. Descanse em paz.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério José Camara, que abraçou todas minhas ideias com atenção que elas mereciam. A Profa. Dra. Grasielle Tavares que indiretamente me coorientou e me aceitou em seus projetos com todo carinho abrindo as portas da Terapia Ocupacional na minha vida. Às terapeutas ocupacionais, Samira Fernanda Brito Pereira e Gabriela Alves Mendes que foram verdadeiras parceiras e amigas nesta jornada de pesquisa. À Marisa Cobbe Maass, por suas ressalvas durante a banca de qualificação. Obrigado pelas dicas preciosas. Ao Prof. Dr. Evandro Renato Perotto, que além de ser meu tio, fez o trabalho hercúleo de revisar esta dissertação. Obrigado por estar comigo na reta final. A colega e doutoranda, Isabella Brandalise que fez uma leitura crítica importantíssima desta dissertação e ajudou a revisar. Te agradeço imensamente por isso. Às Professoras, Dra. Raquel Noronha e Dra. María Cristina Ibarra que aceitaram conversar longamente e me esclarecerem sobre o que era *Design Anthropology*. À

Profa. Dra. Iazana Guizzo que pacientemente me apresentou sua visão sobre o habitar. Aos colegas do grupo *humusidades* e principalmente à Profa. Dra. Zoy A Anastassakis que indiscutivelmente foram as maiores influências desta pesquisa. Obrigado por serem húmus neste mundo tão Homem. Ao assistente em administração do PPGDesign da UnB, Rodrigo Araujo de Souza, que faz seu trabalho brilhantemente bem, obrigado por toda sua ajuda. Agradeço também a todos os autores citados nesta dissertação por me mostrarem um pouco de seus mundos e por construir juntos comigo a linha de pensamento desta pesquisa. E finalmente gostaria de agradecer a todos os seres vivos que se emaranharam nesta teia e mostraram a importância de pensar a vida de maneira multiespécie, vocês são os co-autores desta pesquisa e os grandes guardiões da vida.

## RESUMO

A presente pesquisa investigou as práticas agroecológicas em contextos caseiros como promotoras de espaços de diálogos sobre formas de habitação urbana multiespécie. Para tal, apoiou-se na abordagem do *Design Anthropology* (DA), campo que relaciona métodos da antropologia e do design em suas práticas. Compreende-se como práticas agroecológicas caseiras, os fazeres com a terra voltados ao cultivo de plantas ornamentais e/ou alimentícias de maneira ecológica e sustentável. Entende-se também por habitação multiespécie, lares e práticas caseiras que incluam uma maior diversidade de vida para além da humana, embasando-se no pensamento multiespécie como apresentado por Anna Tsing e Donna Haraway em sua análise crítica do Antropoceno. Como ponto de partida para o estudo de tais relações, adota-se o modelo social proposto pelo antropólogo Tim Ingold, no qual propõe o conceito de correspondência em contraposição à interação, a linha ao invés do agente e a malha em contraposição a rede. A pesquisa se debruçou sobre dois estudos de caso distintos. O primeiro foi uma análise crítica sobre as práticas do Projeto NINHO, uma pesquisa e laboratório transdisciplinar em artes visuais, agroecologia e tecnologias interativas. O segundo foi a observação participante junto a um grupo de agroecologia caseira para idosos durante a pandemia. Este precisou acontecer em formato on-line devido às necessidades de isolamento social. A partir da participação engajada junto aos contextos estudados, verificou-se que as práticas agroecológicas se expandiram para além da finalidade principal de produção de alimento, operando como *coisas*, ou seja, criando em torno de si espaços de diálogos que escapam do senso comum e da opinião associadas à comunicação. Ao nos proporcionar uma aproximação ao solo, as plantas e outras espécies, os fazeres com a terra quando atrelados às experiências de correspondência e observação participante como métodos participativos, se mostraram como caminhos relevantes para designers-antropólogos especularem sobre futuras habitações urbanas mais biodiversas. Assim, conclui-se que as práticas agroecológicas têm o potencial de orientar designers e/ou pesquisadores a criarem ferramentas que lhes auxiliem no levantamento de questões pertinentes referentes ao Antropoceno, ao habitar e às relações multiespécies.

Palavras-chaves: Agroecologia, Correspondência, Multiespécie, *Design Anthropology*, Antropologia, Especulação, Arte, Grupos de idosos, Habitação Urbana, Agricultura Urbana.

## ABSTRACT

The present research investigated agroecological practices in home gardening contexts as promoters of dialogue spaces for multi-species urban dwelling. The research adopted the Design Anthropology approach which blends methods of anthropology and design in their practices. Agroecological homemade practices are understood as the cultivation of ornamental and/or food plants at home in an ecological and sustainable manner. Multi-species dwelling is understood as habitation habits that include a greater diversity of life beyond those of humans based on the multispecies thinking as presented by Anna Tsing and Donna Haraway for in their critical analysis of the Anthropocene. As a starting point for the study of such relations, the social model proposed by the anthropologist Tim Ingold was adopted, in which he proposes the concept of correspondence in opposition to interaction, the line instead of the agent and the meshwork versus the network. The research focused on two distinct case studies. The first was a critical analysis of the earthly practices from Project NINHO, a transdisciplinary research and laboratory in visual arts, agroecology and interactive technologies. The second was a participant observation with a home gardening group for the elderly during the pandemic, which took an online format due to the needs of social isolation. From the engaged participation in the contexts studied, it was found that agroecological practices have expanded beyond its main purpose food production, operating as things, consequently creating spaces for dialogue around themselves that escape common sense and opinion usually associated with communication. By providing an approximation to soil, plants and other species, earthly practices when linked to experiences of correspondence and participant observation as participatory methods, were shown relevant ways for design-anthropologist to speculate about more biodiverse urban dwelling futures. Thus, it is concluded that agroecological practices have the potential to guide designers and/or researchers to create tools that can help raise pertinent questions about the Anthropocene, dwelling and multispecies relationships.

Keywords: Agroecology, Correspondence, Multispecies, Design Anthropology, Speculation, Art, Elderly Groups, Urban dwelling, Urban agriculture.

# SUMÁRIO

<b>1 - PREPARANDO O SOLO DO DESIGN</b>	<b>10</b>
INTRODUÇÃO – DA AGRICULTURA URBANA À AGROECOLOGIA CASEIRA	10
1.1 - O QUE TUDO ISSO TEM A VER COM O DESIGN? TALVEZ A RESPOSTA ESTEJA NA ANTROPOLOGIA	18
1.1.1 - UM DAR AS MÃOS ENTRE O DESIGN E A ANTROPOLOGIA	19
1.2 - ANTROPOLOGIA DO ANTROPOCENO	23
1.2.1 - PENSAMENTO MULTIESPÉCIE PARA UM DESIGN QUE FICA COM O PROBLEMA	27
1.3 - LINHAS, NÓS, MALHA E CORRESPONDÊNCIA PARA UMA CIÊNCIA SOCIAL APLICADA VINDA DE "NÓS"	32
1.3.1 - HÁBITO, AGENCING E ATENÇÃO	41
<b>2 - SEMEANDO CORRESPONDÊNCIAS MULTIESPÉCIES</b>	<b>50</b>
2.1. - SOB O GRAMADO, A FLORESTA	58
2.2 - O TECER DO NINHO	66
2.2.1 - O QUINTAL VIRA FLORESTA	68
2.2.2 - AS COISAS NO NINHO	75
2.2.3 - EMARANHADOS NOS FIOS	85
2.3 - O ORGANISMO	98
<b>3 - CULTIVANDO O LAR, COLHENDO O HORTOCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA</b>	<b>109</b>
3.1 - O BROTAR DO HORTOCAR	115
3.2 - COVID-19 E A DIGITALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES	118
3.3 - O LAR DO HORTOCAR	127
3.4 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	130
3.4.1- CULTIVANDO HORIZONTALIDADE E CUIDADO	136
3.5 - ADUBANDO DIÁLOGOS SOBRE AGRICULTURA CASEIRA	142
3.5.1 - SEMPRE VOLTAMOS AO SOLO	147
3.5.2 - TROCAS DE MUDAS E SEMENTES PARA DIVERSIDADE ALIMENTAR	155
3.6 - EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSSÍVEIS NO ONLINE	160
3.6.1 - MANUSEANDO AS COISAS	163
3.6.2 - FAZERES ARTÍSTICOS COMO LUGAR DE CORRESPONDÊNCIAS	167
3.7 - CORRESPONDENDO COM ANIMAIS	173
3.8 - O COMEÇO DO FIM E O INÍCIO DA ESTÓRIA PARA ADIAR O FIM	179
<b>4 - MANEJANDO ESPECULAÇÕES PARA POSSÍVEIS FUTUROS MULTIESPÉCIE</b>	<b>182</b>
4.1 TECENDO A COLCHA DE RETALHO DO HORTOCAR	186
4.1.2 - CULTIVANDO ESTÓRIAS A PARTIR DA COLCHA DE RETALHOS	196
4.2 - ESPECULANDO HUMUSIDADES	208
4.2.2 - BRAXÍLIA, UMA COMUNIDADE DO COMPOSTO DO CERRADO	217
4.3 - XINGUANOS E SUAS CIDADES FLORESTAS	227
<b>5 - REPLANTANDO ESTÓRIAS - UMA ANTI-CONCLUSÃO</b>	<b>231</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>242</b>



## LISTA DE ABREVIATURAS

AUP - Agricultura Urbana e Periurbana

BET - Bacia de Evapotranspiração

CED3 - Centro Educacional 03

CEM - Centro de Integração da Serra da Misericórdia

CODE - CoDesign Research Center

CSA - Comunidades que Sustentam a Agricultura

DA - Design Anthropology

DF - Distrito Federal

EM- Microrganismos Eficientes

ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

FAC-DF - Fundo de Apoio a Cultura do Distrito Federal

LADA — Laboratório de design e antropologia, da Escola Superior de Desenho Industrial da da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

MST - Movimento Sem Terra

NIDA - Núcleo de Pesquisa e Inovação, Design e Antropologia, da Universidade Federal do Maranhão

NPK - Nitrogênio, Potássio e Fósforo

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde

PANC - Planta alimentícia não convencionais

SAF - Sistema Agroflorestal

SAPS - Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Ministério da Saúde

TOCAR - Terapia Ocupacional, Cuidado, Arte e Ressignificação

TO - Terapia Ocupacional

TEvap - Tanque de Evapotranspiração

UX - *User Experience*

# 1 - PREPARANDO O SOLO DO DESIGN

## INTRODUÇÃO – DA AGRICULTURA URBANA À AGROECOLOGIA CASEIRA

A presente pesquisa de mestrado consiste em explorar como os fazeres com a terra, principalmente os de cunho agroecológico, podem ser abordados como *coisas*, no sentido de se tornarem Espaços de Diálogo na imaginação de formas de habitar multiespécie. Entende-se como fazeres com a terra as atividades voltadas ao cultivo de plantas alimentícias e/ou ornamentais no âmbito caseiro e todos os agenciamentos referentes a essa atividade. Entende-se também por multiespécie as relações produtoras de uma maior diversidade de vida para além da humana, e que esteja em consonância com a manutenção e regeneração da biodiversidade. Ou seja, arranjos de várias espécies que através de suas relações criam condições de habitabilidade. A partir de Tsing (2019) e de suas próprias práticas, pretendo especular sobre formas de habitar que sejam mais inclusiva, não apenas aos seres humanos, mas também a uma maior diversidade de espécies. O que chamo aqui de um *habitar-com* multiespécie.

Analisarei os fazeres com a terra através de estudos de caso em dois contextos, dos quais participei nos últimos anos. O primeiro através das experiências vividas durante o projeto NINHO<sup>1</sup>, uma pesquisa em artes visuais que explorava a intercessão entre artes, agroecologia e interatividade, realizado em 2018. O segundo através de iniciativa de produzir um LAR multiespécie durante a pandemia do Coronavírus. O terceiro como facilitador e observador participante do Grupo HorTOCAR, um grupo online de idosos cujos interesses convergem em atividades caseiras em torno dos fazeres com a terra também durante a pandemia.

Estes dois contextos surgem da busca de como seria possível, a partir de nossas formas de habitar os espaços, cocriar ambientes mais inclusivos a uma maior diversidade de vida. Nos dois contextos, parti de práticas agroecológicas caseiras

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://ninho.org/> Acesso em: 19/11/2021. Mais informações e imagens, acesse o facebook <https://www.facebook.com/coletivodepesquisaninho/> acesso em 9/8/21

como experimentos para pensar sobre o habitar urbano como espaço de florescimento multiespécie.

Por que aqui os fazeres com a terra são baseados na agroecologia? Foi justamente a partir das práticas agroflorestais que dei conta que atividades agrícolas humanas poderiam catalisar o aumento da biodiversidade e não sua simplificação típica da agricultura convencional. As práticas agroflorestais, tanto de produção comercial como caseiras, se fundamentam nos princípios da Agroecologia. Ela é uma vertente da agricultura que se baseia nas dinâmicas encontradas nos ecossistemas naturais e as utilizam como tecnologia na produção de alimentos, procurando sempre soluções sustentáveis. Agroecologia "é uma ciência, com limites teóricos bem definidos, que procura interrelacionar o saber de diferentes áreas do conhecimento, com o objetivo de propor um encaminhamento para a agricultura que respeite as condicionantes ambientais impostas pela natureza a esta atividade econômica" (de ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Segundo o Sustentarea (2019), Núcleo de Extensão da USP sobre alimentação sustentável, "[a] Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) é um conceito que abrange diversos aspectos, como produção, transformação e prestação de serviços, cujo o objetivo é gerar produtos agrícolas e pecuários voltados ao consumo próprio, trocas, doações ou comercialização, de maneira segura, e (re)utilizando de forma efetiva e sustentável os recursos e bens locais (solo, água, resíduos, mão-de-obra, saberes etc)"<sup>2</sup>.

Também seus aspectos de planejamento e conceitualização, prototipagem, assim como seu caráter coletivo, podem auxiliar áreas como o Design Biofílico, Design-mais-que-humano, Design Participativo e Design Relacional a se aproximarem das questões ambientais e das relações com seres humanos e não-humanos.

Lembrando que as hortas urbanas cumprem vários outros papéis sociais que extrapolam a produção alimentar normalmente associada à atividade. Apesar de em muitos países, principalmente no Sul Global, elas representarem majoritariamente

---

<sup>2</sup> Trecho disponível em:  
<https://www.fsp.usp.br/sustentarea/2019/10/28/agricultura-urbana-e-periurbana/> Acesso em:  
30/4/2021

um meio de subsistência, "Mais recentemente, o papel das Hortas Urbanas foi-se alargando, sobretudo nas sociedades Ocidentais, a outras vertentes — estéticas, sociais, ambientais, didáticas, entre outras" (GONÇALVES, 2014. p.18). Estes outros papéis associados à atividade lhe agregam o caráter de coisificação.

As hortas urbanas servem, assim, como ponto de trocas de saberes e conscientização para iniciativas e movimentos preocupados com a sustentabilidade das cidades. Em muitas cidades, elas compõem o quadro de iniciativas de movimentos como a permacultura, Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), agroflorestas e Cidades em Transição. Esses são alguns dos exemplos que têm surgido em várias partes do mundo para contrapor o estilo de vida hegemônico dos grandes centros urbanos. Estilo responsável pelo consumo da maior parte dos recursos naturais do planeta. O movimento Cidades em Transição, por exemplo, foi criado pelo inglês Rob Hopkins com o objetivo de transformar as cidades em modelos sustentáveis, menos dependentes do petróleo, mais integradas à natureza e mais resistentes a crises externas, tanto econômicas como ecológicas. Hoje o movimento se faz presente em 14 países do mundo. Já são mais de 321 Iniciativas Oficiais de Transição (em cidades, bairros e até ilhas) e 227 iniciativas em formação. Brasília está entre as cidades em transição.

Quanto às Comunidades que Sustentam a Agricultura, Brasília também ocupa o primeiro lugar do Brasil em números de CSAs per capita. Fazendo um recorte para as hortas urbanas, vemos vários movimentos surgirem pela cidade. Brasília encontra-se em uma posição peculiar nesse contexto agricultura urbana, pois uma área designada para a atividade já estava prevista em seu plano diretor original, como o próprio Lúcio Costa previu, a reserva de uma "faixa de terreno, equivalente a uma terceira ordem de quadras, para floricultura, horta e pomar" (COSTA, 1956).

No entanto, o plano de Lúcio Costa foi logo engolido pela especulação imobiliária. já na execução do projeto as granjas que teriam nas 700 foram substituídas por unidades geminadas unifamiliares. Onde era para ter pomares, hortas e floriculturas (as quadras 900s), se tornaram, posteriormente, edifícios residenciais e comerciais. "E os outros espaços verdes?" Vocês podem me perguntar. "Brasília não é uma cidade altamente arborizada?" Com certeza, o Plano Piloto é composto de muitos espaços verdes, mas o entorno periférico do DF, onde a maioria esmagadora de

habitantes da Capital Federal residem, quase não possui tais áreas em sua *urbanicidade*. Elas são concretadas como qualquer grande centro urbano brasileiro. Além do mais, a maioria dos espaços verdes do Plano Piloto é composto por gramados (desertos verdes) com árvores espaçadas e normalmente, subutilizadas por seus habitantes. Como bem retratou Monica Udler:

Brasília? Onde estão seus habitantes? Não sabemos onde estão. Andamos pela cidade e vemos construção, área verde, construção, área verde, construção, área verde. "Puxa!", diriam vocês "que cidade arborizada! Ledo engano. A natureza aqui é só moldura. É moldura dos prédios. A natureza aqui é também absolutamente planejada. Como tudo aqui é planejado, esquematizado, quadriculado, encaixotado. Da forma como aí se dispõe, não há surpresa alguma nas árvores e grama que vemos pela cidade. Os arquitetos de natureza que a dispuseram conseguiram-na previsível. Sem falar nos prédios. O tédio da disposição e da aparência é tal que a faz parecer mais uma estampa que uma cidade. (UDLER, 2013. p13)

Brasília, assim como a maioria das grandes cidades, torna-se um espaço para experimentação de habitabilidade e algumas experiências adentram seus espaços verdes para habitá-los. Além do mais, Brasília se tornou um polo de agricultura orgânica e agroecológica, abrindo caminho para comunidades de produtores que se baseiam na agricultura sintrópica e da agrofloresta, como podemos ver na concentração desses produtores no bairro do Lago Oeste. A influência desses movimentos fizeram-se presentes em alguns espaços comunitários urbanos, destacando-se a agrofloresta do projeto Reação<sup>3</sup>, na 206 Norte, em Brasília. Uma agrofloresta urbana que transformou parte do gramado entre a Superquadras 206 e 207 Norte em um ambiente florestal de plantas alimentícias<sup>4</sup>.

Pelos motivos expostos acima, minha intenção inicial era pesquisar junto às iniciativas de agricultura urbana e periurbana (AUP) de Brasília, para entender como a transformação de seus espaços verdes funcionam como coisas, no sentido descrito por Heidegger (1971), por Binder *et al.* (2011) e por Ingold (2012). Ou seja, como um "acontecer", ou melhor, "um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam" (INGOLD, 2012, p. 29). Pretendia fazer isso participando das diversas iniciativas como um ente comunitário que, ao fazer junto, promove mudanças em si e na comunidade. E não apenas um pesquisador que objetifica seu "objeto" de pesquisa. Como conclui Ingold: "Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas

---

<sup>3</sup> Mais informação disponível em: <https://m.facebook.com/pg/projetoreacao206/posts/>

<sup>4</sup> Vídeo sobre o projeto disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uKkvCVZP1ms>. Acesso em 15/10/2021.

ser convidado para a reunião. Nós participamos, colocou Heidegger enigmaticamente, na coisificação da coisa em um mundo que mundifica" (*Ibidem*).

Os fazeres com a terra nas hortas comunitárias se apresentavam a nós como *coisas*, ou seja, como catalisadores de diálogos sobre as relações com outros seres vivos: o solo, as plantas, insetos, microorganismos; Em seu ensaio *O que é uma coisa?*, Heidegger (1971) procurou diferenciar uma coisa de um objeto. Para Heidegger, o sentido original das *coisas*, em alemão *Ding*, remonta etimologicamente às assembleias governamentais germânicas e nórdicas motivadas por questões de interesse da comunidade, ou seja, assembleias designadas para lidarem com questões de interesse público. Neste sentido elas eram rituais onde resolviam-se conflitos e disputas públicas nessas antigas sociedades.

Binder *et al* (2011) convidam os designers de hoje a desenharem *coisas*, nos dois sentidos do termo, que "em si mesmas modificam o espaço de interações e performance, e serão exploradas como molduras socio-materiais para controvérsias, prontas para uso inesperado e abrindo novas formas de pensar e se comportar" (*Ibidem*, p.1, tradução nossa)<sup>5</sup>. Os autores usam o termo *coisas* de design (*design things*) e elas têm sido usadas como ferramentas em Design Participativo. Design neste sentido deve ser considerado como um processo, práticas e diálogos mais do que um ato de projetar objetos por designers profissionais. Partindo da noção expandida das *coisas*, Binder *et al*, nos propõem esse deslocamento do design de um campo que produz objetos, para um criador de processos pela que chamaram de coisificação ou *thinging*, como diria Heidegger(*Ibidem*). "Ainda hoje, as coisas contribuem para criar as paisagens que compartilhamos com outros seres humanos." (BINDER *et al.*, 2011, p.50, tradução nossa<sup>6</sup>).

Noronha (CONSTRUINDO, 2020) aponta que as coisas de design são constitutivas do espaço por proporcionarem que diálogos surjam. Eles constroem-se como lugar no fazer coletivo que se desdobra através das atividades ali presentificadas, atualizando-se como espaços de diálogo. "O significado é criado no uso de objetos

---

<sup>5</sup> No original: "These things themselves modify the space of interactions and performance, and will be explored as sociomaterial frames for controversies, ready for unexpected use and opening up new ways of thinking and behaving."

<sup>6</sup> No original: "Even today, things contribute to creating the landscape we share with other human beings. As Heidegger again claims, "thinging" gathers human beings, and things are events in the life of a community and play a central role in their common experience."

compartilhados, e a interação social está relacionada à forma como nos envolvemos em espaços e com artefatos." (BINDER et al, 2011, p. 11, tradução nossa)<sup>7</sup> Como iremos ver, para que tais espaços de diálogo surjam nas práticas de design, é preciso um engajamento dos participantes (incluindo aqui o designer e/ou pesquisador) nos fazeres para que os ambientes se tornem o que Binder et al chamam de "paisagens vividas", por onde o designers podem aventurar-se e habitar. No entanto, argumenta-se que não só os designer profissionais, o que Manzini (2017) chama de designer especializado, são produtores de processos em design. Todos somos capazes de praticar processos de design. O papel do designer neste sentido talvez seja o de facilitar tais processos em práticas participativas. Para isso ele precisa explorar potencialidades de práticas e lugares diversos para que entenda como esses podem gerar conversações e imaginações que escapem do senso comum, assim fomentando processos criativos mais pertinentes junto aos participantes.

Apoio-me na concepção de Binder et al (*ibidem*) que o designer precisa habitar os ambientes e práticas e facilitar para que outros os façam, assim fomentando espaços para que deles possam emergir outras imaginações e possibilidades do que possa vir a ser. Nossa ideia, então, é explorar como lugares e fazeres da agricultura urbana cumprem o papel de *coisas* na criação de espaços de diálogos sobre sustentabilidade nas urbanidades em seus bairros, em suas comunidades. No entanto, devido ao isolamento social, causado pela pandemia do Coronavírus, a possibilidade de frequentar as hortas urbanas para realizar o trabalho de campo se mostrou incerta. Muitas hortas suspenderam suas atividades, exigindo que procurasse outra "coisa" (não objeto) de pesquisa. Na readequação desta para as exigências do cenário pandêmico, escolhi mudar de agricultura urbana para agroecologia em casa, pois poderia revisitar criticamente algumas experiências na qual já havia participado.

Os princípios da agrofloresta são também aplicados em quintais. Esse modelo tem sido implementado por pequenos produtores que fazem dele seu sustento econômico, mas ele também pode ser implementado em quintais para cultivo de subsistência. Estes são conhecidos como quintais agroflorestais. Eles são "áreas de

---

<sup>7</sup> No original: Meaning is created in the use of shared objects, and social interaction is related to how we engage in spaces and with artifacts.

produção, geralmente localizados próximos da casa, onde se cultiva uma variedade de espécies agrícolas e florestais" (DUBOIS, 1996, p. 228). Os quintais agroflorestais proporcionam uma dimensão agroecológica para o âmbito do lar e pareceu apropriado revisitar minhas experiências com esse tipo de plantio para compreender como eles emergem como coisa, ou seja, um espaço de diálogo para imaginarmos um habitar urbano multiespécie.

Essas experiências se deram em dois projetos nos quais participei e que brotaram a partir do contato com os fazeres com a terra, O NINHO e o HorTOCAR. O primeiro consistiu em uma pesquisa por um "Coletivo de Pesquisa em Arte, Interatividade e Agroecologia, cujas principais atividades se concentraram no período de dezembro de 2017 a agosto de 2018, quando os pesquisadores se encontraram com regularidade em uma casa-ateliê no condomínio RK em Sobradinho, DF, compartilhando leituras, plantando sistemas agroflorestais e criando obras de arte." (NINHO, 2018). Como poderíamos construir outras relações entre humanos e outros seres vivos e, entre uma casa e seu jardim através de obras de arte interativas? O resultado foi a criação de uma casa com um quintal agroflorestal com instalações artísticas espalhadas tanto pelo quintal quanto pelo interior da casa que se comunicavam e instigavam os moradores e o público visitante a repensarem suas relações com a t(T)erra.

O projeto NINHO permitiu a partir dos fazeres artísticos, nos aprofundarmos nas relações multiespécies a partir do casa-ateliê onde pesquisamos e moramos, criando outras condições de habitabilidade que nos permitiram dialogar sobre possíveis lares multiespécies.

O segundo projeto foi o Grupo HorTOCAR, do qual pude participar como observador participante. A nossa história com o Grupo HorTOCAR surge após o início da pandemia, enquanto buscava novos caminhos para a pesquisa. O Grupo surgiu de uma parceria com o projeto de extensão intitulado TOCAR (Terapia Ocupacional, Cuidado, Arte e Ressignificação), coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Grasielle Silveira Tavares. A motivação da criação do Grupo foi proporcionar um lugar de apoio a idosos ativos e que tivessem acesso à internet durante a pandemia, propondo atividades em torno da jardinagem e horticultura caseira a partir de encontros online. Consideramos como idosos ativos os cidadãos de 60 anos ou mais, sem nenhuma



restrição de saúde funcional grave, dificuldades de comunicação e compreensão e/ou diagnóstico psiquiátrico grave. O Grupo HorTOCAR configurou-se como lugar de experimentação e trocas de saberes sobre o cultivo caseiro de alimentos para idosos do projeto TOCAR que se interessaram pelo tema.

Suas atividades aconteceram entre agosto de 2020 a agosto de 2021. O Grupo HorTOCAR foi se construindo ao longo dos encontros e se dinamizou como lugar aberto de trocas de saberes, ideias e reflexões entre os participantes. Essas trocas eram potencializadas pelos fazeres e pelos espaços de diálogo. A escolha do cultivo de plantas mostrou-se um interesse comum entre os idosos. Os fazeres com a terra os conectavam tanto com seus lares, como com outras espécies, apresentando-se como espaço propício para uma ação social e, igualmente, à pesquisa. O Grupo também se apresenta como lugar de apoio mútuo, mesmo com o distanciamento social. Samira Fernanda Brito Pereira, a graduanda em Terapia Ocupacional e co-facilitadora do Grupo, e a terapeuta ocupacional Gabriela Alves Mendes, trouxeram uma dimensão do cuidado mútuo, principalmente em tempos assolados pelo Coronavírus. Por isso, os encontros propiciaram um espaço de cuidado frente aos desafios atuais. Este cuidado parte da responsabilidade de todos para com todos e é guiado pelas terapeutas ocupacionais do grupo, sendo essa uma das propostas originais do projeto TOCAR.

O que nos impeliu a pesquisar no contexto do grupo foi a possibilidade de atuar em um projeto social enquanto participante e pesquisador, podendo assim, explorar a temática dos fazeres com a terra em campo durante as limitações impostas pela pandemia. Atuando de forma participativa, pode nos aprofundar na temática sobre o habitar os espaços em contexto de isolamento social para idosos, um grupo considerado de risco. A partir dos encontros do grupo, foi possível refletir sobre as relações multiespécies provindas dos fazeres com a terra, nesse contexto histórico tão peculiar.

Contarei uma estória que nos leva do primeiro plantio agroecológico que realizei no espaço caseiro até as atividades do HorTOCAR. O que pretendo contar com essa estória é: como, através dos fazeres com a terra, cria-se espaços de diálogo sobre formas de habitar nossos lares que favoreçam um florescimento multiespécie?

Acredito que as experiências vividas nos estudos de caso, ao serem combinadas e apoiadas pelas reflexões teóricas, podem nos auxiliar a imaginarmos espaços caseiros inclusivos à biodiversidade a partir de habitats urbanos. Como foi introduzido anteriormente, partirei dos estudos de casos nos quais participei como artista, morador e facilitador. Apesar dos contextos serem aparentemente distintos: uma pesquisa em artes, no caso do NINHO, e um grupo terapêutico para idosos online, no caso do HorTOCAR, eles compartilham um ponto em comum. Ambos partem dos fazeres com a terra baseados nos princípios da agroecologia para repensar os espaços caseiros. Consequentemente, as experiências transformaram nossa maneira de habitar trazendo à consciência o emaranhado de relações multiespécies, do qual fazemos parte. É importante ressaltar que nenhum dos casos teve como foco principal a prática em design.

## 1.1 - O QUE TUDO ISSO TEM A VER COM O DESIGN? TALVEZ A RESPOSTA ESTEJA NA ANTROPOLOGIA

"Na minha definição, a antropologia é a *filosofia com as pessoas dentro*. Nunca na história da humanidade, esse tipo de filosofia foi tão necessário." (INGOLD, 2019. p.8)

A essa altura, você, leitor e leitora, deve estar se perguntando o que toda essa trajetória tem a ver com o design. Onde que uma pesquisa em artes e um grupo de idosos se cruzam para culminar numa pesquisa na Linha *Design, Espaço e Mediação* do Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília? Talvez nossa resposta venha da antropologia.

Durante a revisão bibliográfica sobre Design Participativo, me deparei com uma *live*<sup>8</sup> promovida pelo LADA — Laboratório de design e antropologia, da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Na *live*, nomeada *Outras formas de participação: latinoamericanizando* (LADA, 2020), além

---

<sup>8</sup>Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hl9r2xsOaYo>. Acesso em 2/7/2020.

de Design Participativo, a Profa. Dra. Barbara Szaniecki introduziu a abordagem do *Design Anthropology* (DA). "O DA surge como um campo acadêmico que estabelece misturas metodológicas entre os campos do conhecimento do design e da antropologia e está em processo de se tornar uma subdisciplina separada com seus próprios conceitos, métodos, estilo distinto e práticas de produção de conhecimento" (GUNN; OTTO; SMITH, 2013).

### 1.1.1 - UM DAR AS MÃOS ENTRE O DESIGN E A ANTROPOLOGIA

Apesar do *Design Anthropology* ser um campo relativamente recente, fundado já no século XXI, a aproximação entre design e antropologia remonta à segunda metade do século passado, quando o design lança mão da etnografia no desenvolvimento de seus projetos e onde a antropologia se vale do design como seu objeto de pesquisa. Além dessas relações utilitárias entre os campos, destaca-se que, já nos anos setenta, as críticas ao design pelo próprio campo começam a surgir no calor do composto. Catalisada pela aproximação à antropologia, o campo do design inicia uma auto reflexão sobre seu papel social. Essa época foi "um ponto crucial para essa prática profissional, no sentido de um violento questionamento do papel social daqueles que tomam parte em projetos de desenvolvimento e produção de mercadorias industriais" (ANASTASSAKIS; NORONHA, 2018. p.1). Um dos livros que marcaram esse início de aproximação é do designer austríaco Victor Papanek, *Design for the real world*, publicado em 1971. Nesse livro, Papanek destaca a antropologia como um caminho para lidar com a condição alienada de toda uma geração de designers que se apresentava desiludida com a forma de se fazer design. (CLARKE, 2011, *apud* ANASTASSAKIS; NORONHA, 2018).

Posteriormente, com o surgimento de áreas no design centradas no usuário podendo citar o User Experience (UX), Design centrado no ser humano (HCD), design de interação, entre outros, o campo começa a se valer dos métodos da antropologia, mais especificamente da etnografia, para ir a campo em busca de seus usuários, com intuito de coletar informações pertinentes para seus projetos.

Vemos então o surgimento de trabalhos etnográficos aplicados ao design e parcerias entre designers e antropólogos em projetos de design. Para tal, precisou-se criar estratégias de mediação para aproximar-se dos "usuários".

Pelo menos em parte, designers começam a sair dos estúdios e irem em direção ao mundo, aos espaços e comunidades, ao local de seus "problemas". Nesse movimento de saída do estúdio, os designers percebem que podem aprender sobre design com outros, os "não-designers". Percebe-se as necessidades de levar a sério os chamados "leigos", pois, muitas vezes, eles têm muito a nos ensinar sobre sua visão de mundo e sobre o próprio produto ou serviço que está sendo desenhado. A inovação social cresce dentro do design e vemos o surgimento de campos que se dedicam então a desenhar mediações entre designers e "não-designers". Destaco aqui o Design Participativo, Codesign e Design Centrado no Ser Humano e o *Design Anthropology*. Essa mudança de paradigma do olhar, onde o especialista aprende com os não-especialistas, designers aprendem com "não-designers", impulsiona o campo a abrir seu leque de atuação.

Ezio Manzini, em seu livro *Design: quando todos fazem design* (2017), argumenta que nos tempos atuais, em um mundo em rápida e profunda transformação, todos são, de uma forma ou de outra, designers. Todos fazem design. E que, nesse mundo, onde estamos aprendendo os limites do planeta, precisamos nos redesenhar como indivíduos e coletivos. O autor enfatiza que a questão do design não é apenas resolver problemas. Então, qual seria o papel do que ele chama de especialistas em design? Segundo Manzini, é o de apoiar e alimentar os projetos individuais e coletivos dos não-especialistas, ou seja, eles são "promotores da mudança social, uma vez que colaboram ativamente na criação de condições que a facilitam" (p. 17). O autor declara que a inovação social nos tempos atuais precisa passar pela sustentabilidade, e isso requer um diálogo mais aberto com os atores sociais. "Ao realizar, esse diálogo por meio de materiais, ferramentas de design colaborativas, pode-se ampliar possíveis visões de futuros" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 62).

Paralelamente à ideia de que todos fazem design, algumas linhas de pensamento dos subcampos citados acima focaram seu interesse em adentrar de forma mais

crítica suas próprias questões e o papel do campo dentro dos desafios sociais e ambientais contemporâneos. Esse anseio impulsiona o design a se aproximar de outras áreas do conhecimento, principalmente, às ciências sociais. Novamente a antropologia aparece para o design como um campo que apresenta diferentes formas de entender e se aproximar da realidade social (CLARKE, 2011, *apud* ANASTASSAKIS; NORONHA, 2018). O diálogo entre os dois campos se intensifica.

O que diferencia o *Design Anthropology* das aproximações anteriores entre os campos é a proposta de juntar o design com a antropologia em que os dois se constituem mutuamente como um novo campo. "Considera-se que existe uma conjunção dos dois saberes que cria um terceiro espaço." (IBARRA, 2018a, p. 20). O dar as mãos entre o design e a antropologia potencializa ambos os campos, trazendo a antropologia para um engajamento prático nas mudanças sociais e, aportando ao design uma prática mais crítica e significativa para ir além das questões técnicas projetistas. Como bem define Raquel Noronha, "Os dois campos de saberes ficam numa relação de simbiose, numa inter-relação" (CONSTRUINDO, 2020). No DA, a influência de um campo de conhecimento no outro é uma via de mão dupla, podendo dizer que eles se correspondem.

Foi através das leituras nacionais sobre o DA que me inteirei sobre o pensamento do antropólogo britânico Tim Ingold. "Esse antropólogo propõe uma antropologia entendida como modo inquisitivo de estar no mundo, em que o compromisso com a observação e a descrição esteja conjugado a um engajamento propositivo no sentido de uma transformação desse mesmo mundo" (ANASTASSAKIS, 2014). Neste sentido, a antropologia tenta integrar à sua prática uma liberdade criativa que é mais comum às artes, arquitetura e o design.

Antropólogos, como Caroline Gatt e Tim Ingold, encontraram no design características que, ao serem incorporadas no fazer antropológico, permitem-lhes ampliar suas práticas para se tornarem mais intervencionistas e atuantes no tecido social. O DA "é assim mais orientado à intervenção e transformação da realidade social do que a antropologia jamais foi" (OTTO, SMITH, 201, p. 32, tradução

nossa)<sup>9</sup>. Já os designers encontram na antropologia um caminho para pensar suas práticas com um "caráter mais reflexivo e crítico sobre como nos posicionamos no mundo e nas relações com os outros, seja no âmbito da pesquisa acadêmica ou da prática profissional" (SERPA, COSTARD, 2018, p.15).

Noronha e Portela (2018) nos ensinam que, no livro *Design Anthropology*, organizado por Wendy Gunn, Ton Otto e Rachel Charlotte Smith (2013), os autores definem em três pontos o que o design e a antropologia aportam para o campo emergente do DA. Primeiro, o design apresenta sua capacidade de desenvolver práticas e instrumentos que viabilizam um pensar/imaginar coletivo de futuros. Em segundo lugar, ele aporta práticas intervencionistas no campo da pesquisa/ação focadas em transformar a realidade social. Por último, ele possui ferramentas para mediar e facilitar o trabalho de equipes multidisciplinares em campo. Já a antropologia se emaranha com o design no DA aportando sua longa experiência em teorizar e interpretar os significados e contextos culturais dos usos das coisas. Diferenciando do design, de caráter projetivo, logo voltado ao futuro, a antropologia se ocupa extensamente em pesquisar o passado para entender o presente. Por fim, a antropologia contribui ao DA aportando a "inclusão de valores como condição *sine-qua-non* aos processos de transformação social pautados no respeito às identidades e idiosincrasias" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 59).

A escolha de manter o termo *Design Anthropology* em inglês vem da dificuldade de traduzi-lo e, também, para manter a coerência com as bibliografias já produzidas sobre o campo no Brasil. Segundo Maria Cristina Ibarra, "em português não há ainda uma discussão aprofundada sobre o que seria a melhor tradução para o termo, uma vez que não se trata de uma antropologia do design, nem de um design antropológico. Ou seja, uma palavra não adjetiva a outra, assim como, um dos campos de conhecimento não restringe o outro" (IBARRA, 2018a, p. 20). O DA se destacou na Dinamarca, onde um marco foi a criação da rede *Research Network for Design Anthropology*<sup>10</sup>, entre 2013 e 2015, fruto de uma cooperação entre o

---

<sup>9</sup> No original: "The field of Design Anthropology is thus more oriented toward intervention and transforming social reality than traditional anthropology has ever been".

<sup>10</sup> Contava com a participação de Rachel Charlotte Smith, Aarhus University; Mette Kjærsgaard, University of Southern Denmark; Thomas Binder, Royal Danish Academy of Fine Arts; Ton Otto, Aarhus University; Kasper Tang Vangkilde, Aarhus University; Joachim Halse, Royal Danish Academy of Fine Arts.

CoDesign Research Center (CODE), da Escola de Design da Royal Danish Academy of Fine Arts, o programa de Etnografia Contemporânea, do Department of Culture and Society da Aarhus University, e SDU Design, da University of Southern Denmark.

A partir do dossiê Arcos<sup>11</sup> v.11. n.2, de 2018, e v.12. n.1, de 2019, inteirei-me sobre as práticas e pesquisas nacionais em DA, principalmente provindas em dois núcleos de universidades públicas brasileiras, o LADA, da UERJ, já citado anteriormente, e o NIDA, Núcleo de Pesquisa e Inovação, Design e antropologia, da Universidade Federal do Maranhão. Esses trabalhos eram pesquisas de campo que unificaram métodos do Design e da antropologia aplicados às realidades sociais brasileiras. As novidades do DA na produção de conhecimento estão relacionadas com as formas intervencionistas de trabalho de campo, podendo assim contribuir para um design atuante nos processos de inovação social (IBARRA, 2018a). Aprendi com Raquel Noronha que as abordagens de design focadas no "usuário" partem de uma premissa de que o ser humano está no centro, ou seja, eles carregam em si uma visão antropocêntrica. Neste contexto surge a crescente necessidade de se fazer design de formas mais críticas e significativas com relação à problemática de pensarmos o mundo a partir do Homem (com H maiúsculo) no centro (CONSTRUINDO, 2020). O juntar-se da antropologia com o Design traz um arcabouço teórico e prático diferenciado que areja as práticas de Design (e também da antropologia), abrindo outros caminhos de atuação frente aos desafios socioambientais da contemporaneidade. Por isso optei por adotar a abordagem do *Design Anthropology* como caminho para entender os fazeres com a terra e sua perspectiva multiespécie nas atividades dos três contextos a serem estudados.

## 1.2 - ANTROPOLOGIA DO ANTROPOCENO

"O que seria necessário para construir uma antropologia de habitabilidade mais que humana?" (TSING, 2019, p. 91)

---

<sup>11</sup>Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/>. Acessado em 04/09/2020.

Em sua aproximação a ciências sociais, o design embarca junto a virada ontológica<sup>12</sup> se abrindo também a outras ontologias que tomam para si o paradigma biocêntrico (contrapondo ao antropocêntrico) onde todos os seres vivos e as relações geradoras de vida tornam-se centro do qual podemos pensar o social. (CONSTRUINDO, 2020) Percebi que a antropologia trazia ao design uma linha crítica que tentava emancipar sua produção de conhecimento dos seus moldes eurocêntricos, modernistas e principalmente antropocêntrico que, apesar dos "desenvolvimentos" que ele aporta a alguns Homens contemporâneos, produz grandes desafios para a manutenção e continuidade para o restante dos seres vivos planetários.

Primeiro, se já não está claro de qual problema estamos a tratar, vamos dar "nomes aos bois" (literalmente). Aqui perto de nós, crise é a palavra de ordem. Crise sanitária, crise política, crise econômica, crise ambiental, crise hídrica entre tantas outras. Queimadas monumentais na Amazônia, Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica. Mesmo que não queiramos ver, o projeto moderno já começou a se "arruinar". O arquiteto Prof. Dr. Wellington Cançado Coelho do Departamento de Projetos na Escola de Arquitetura da UFMG e, também editor da revista PISEAGRAMA<sup>13</sup>, escreve em sua tese que "a partir da segunda metade do século XX e em consonância com a 'grande aceleração' global, ou seja, o crescimento exponencial da demanda por energia, solo, florestas e água que altera de forma fundamental o sistema de funcionamento da Terra anunciando o colapso socioambiental sem precedentes que nos levaria ao Antropoceno" (2019, p. 25). O Antropoceno foi o nome dado por vários campos das ciências naturais e sociais para designar a era geológica na qual estamos adentrando, onde as interferências humanas nos ecossistemas ganharam proporções globais. "Nosso tempo é o 'Antropoceno', a era da perturbação humana. O Antropoceno é uma era de extinção em massa, não devemos esquecer" (TSING, 2019, p. 23). Anna Tsing nos alerta ainda que "nesta época de terrores ambientais, é difícil não nos perguntarmos sobre as

---

<sup>12</sup> Segundo Coelho (2019) "a virada ontológica pode ser definida como a corrente contemporânea de pensamento que concilia problemas metafísicos com materiais etnográficos e teorias estruturalistas, incluindo antropologias que privilegiam as metafísicas indígenas que, em contraposição à divisão binária ocidental entre Natureza e Cultura, apresentam um multiverso de naturezas cujas associações expressam um mundo ontologicamente plural." ( p. 25)

<sup>13</sup> Veja [www.piseagrama.org](http://www.piseagrama.org). Acessado em 15/10/2021



consequências das ações humanas, especialmente por parte dos programas imperiais e industriais que tanto modificaram a terra, a água e a atmosfera do planeta" (2021, p. 177). Ela complementa dizendo que são as empreitadas humanas que ameaçam destruir a habitabilidade da Terra e isso que justifica pensarmos em uma nova era geológica.

Stengers e Dabaise (2017) nos descrevem em apenas duas frases, a catástrofe anunciada.

A situação que nos une e nos faz pensar é aquela que perturba ou enfurece qualquer pensamento majoritário. De uma forma ou de outra, evitando o pior ou não, sabemos que as crianças deste século e dos séculos vindouros terão de viver nas ruínas de um mundo onde tudo o que os modernos deram por certo terá se tornado precário (p.19)<sup>14</sup>.

Donna Haraway vai além em seu livro *Staying with the trouble* (2016). Para ela, o "problema" — *trouble* —, é a turbulência dos tempos atuais, no qual a continuidade das multiespécies vem sendo ameaçada pelo monoteísmo do que ela chama de *Capitaloceno*. Haraway prefere chamar essa marca geológica em que estamos vivendo de *Capitaloceno*, ao invés de Antropoceno, pois ela acredita que não é apenas o Homem que está imprimindo essa marca, e sim os modos de produção impostos pelo capitalismo. Seus sistemas de produção, predatórios da biodiversidade, vêm ameaçando a continuidade da complexa malha da vida, como a conhecemos, e isso se apresenta como um enorme "problema" para todos nós. Então como o design, uma disciplina projetiva, fruto da expansão modernista, e atrelado às raízes do capitalismo, fica com o *problema*? Acredito que *Design Anthropology* nos fornece pistas para encarar essa questão.

Primeiro, a preocupação central do DA se desloca da prática mais comum do design, que busca incessantemente projetar soluções a supostos "problemas" definidos, para um foco nos processos em design e como eles podem nos auxiliar a fazermos perguntas mais pertinentes. "A emergência dessa revisão crítica da prática de projeto em design termina por levar o designer a uma aproximação com outros

---

<sup>14</sup> No original: The situation which binds us and makes us think is that which unsettles or enrages any majority thinking. In one way or another, whether or not the worst is avoided, we know that the children of this century and of centuries to come will have to live in the ruins of a world where everything the moderns have taken for granted will have become precarious.

campos do saber, e, dentre eles, a antropologia, que parecia apresentar um outro modo de perceber e se aproximar da realidade social" (CLARK 2011, WASSON, 2000, *apud* ANASTASSAKIS; NORONHA, 2018). Esse deslocamento retira os designers de sua posição de deuses grandes criadores de formas/soluções resolutivas (ou mais criativas) de problemas. Esta visão foi brilhantemente descrita por Flusser como a ideia de que se nos dessem um ponto de apoio e uma alavanca grande o suficiente, podemos tirar o mundo de sua órbita (FLUSSER, 2007). Segundo o filósofo, "esse é o design que está na base de toda cultura: enganar a natureza por meio da técnica. Substituir o natural pelo artificial e construir máquinas de onde surja um deus que somos nós mesmos" (*Ibidem*, p. 184).

Justamente nessa cosmologia ocidental, que hoje se espalhou pelo resto do mundo, é que chamamos o *problema*. Tsing nos conta que o que conhecemos como a Grande Aceleração que acontece após a Segunda Guerra Mundial "difunde e democratiza programas imperiais e industriais, para que todos os povos possam ter a sua chance de destruir a terra" (2020, p. 181). O futuro, no qual consumimos deliberadamente os recursos naturais e conseqüentemente as vidas ali presentes, já tornou-se uma realidade global e o design, como campo, surge no cerne desse movimento. Mas isso ainda é pouco problematizado em suas práticas. Coelho (2019), concordando com Blaser, afirma sobre as disciplinas projetivas, design, arquitetura e urbanismo, que "suas implicações para com a modernidade colonial continuam veladas ou contemporizadas em prol de uma suposta positividade utópica imanente à noção de projeto – e de futuro – que lhes é constitutiva" (p. 20).

O entrelaçamento do design com a antropologia, traz esse frescor, onde o processo em si pode ser um fim, liberando-o das correntes que o aprisionavam a sua agenda projetista neoliberal. Segundo Noronha, a partir de uma entrevista com Ingold, é preciso ampliar a noção de design para além de um campo projetista, no qual seu fim é um processo criativo que encerra-se em um artefato ou serviço, abrindo-o para reflexões a partir de uma postura experimental e especulativa (CONSTRUINDO, 2020). "As nossas pesquisas e a abordagem de *Design Anthropology* questiona e tensiona a noção de projeto moderno como algo prescritivo que vai chegar a uma forma" (58'). Esta postura é pertinente à presente pesquisa, pois juntamente com abordagens da antropologia podem catalisar interações sociais e pesquisas de

campo que auxiliem no levantamento de perguntas investigativas mais pertinentes à imaginação crítica de alternativas possíveis para o tecido social. Uma mudança na prática que vai do projetar ao fazer. Noronha conclui seu pensamento dizendo que muito além de criar mercadorias e serviços para o mercado global, essa "é uma forma de fazer design que visa muito mais uma construção ontológica das pessoas. Um design para constituição do ser e para emancipação social" (CONSTRUINDO, 2020, 60').

### 1.2.1 - PENSAMENTO MULTIESPÉCIE PARA UM DESIGN QUE FICA COM O PROBLEMA

Ao pensarmos o design como atividade que cria formas de habitabilidades, e se vivemos o Antropoceno e suas ameaças de desastres ecológicos, torna-se extremamente importante pensarmos o social a partir de outra perspectiva que não a antropocêntrica. Se queremos continuar vivendo neste planeta, precisamos agora criar futuros produtores de biodiversidade.

Se queremos imaginar futuros que se diferem das catástrofes ambientais promovidas pelo Antropoceno, precisamos pensar sobre a sociabilidade para além das relações humanas, incluindo variabilidade de outros seres. Anna Tsing faz um apelo às ciências sociais para que se juntem às ciências naturais e comecem a considerar outras espécies não-humanas dentro de suas práticas para que possamos realmente entender como se dão as condições de habitabilidade nessa era em que vivemos. Para a autora, precisamos quebrar com o entorpecimento do excepcionalismo humano e a antropologia está apta a tal tarefa se reconhecer os outros seres como atores em suas pesquisas (TSING, 2019). "Se há uma mensagem central para os humanistas e cientistas sociais aqui, é que o mundo do Antropoceno é cheio de coisas estranhas e surpreendentes que precisamos conhecer, e é hora de renovar nosso interesse coletivo no que está acontecendo" (*Ibidem*, p. 94). E para ela, não é difícil entender que precisamos pensar as socialidades a partir de uma perspectiva multiespécies. Difícil é entender porque pensamos a socialidade humana separadamente até então. Concordo com Coelho

quando diz que não seria muito devaneio extrapolar essa perspectiva "para muitas outras formas humanistas de conceber e operar no mundo, incluindo aí a arquitetura, o urbanismo e o design, para ficarmos só entre amigos. Pois não somente o excepcionalismo humano não está em xeque nesses âmbitos, como o seu caráter de 'aplicação' se sobrepõe sobremaneira aos aspectos sociais" (COELHO, 2019, p. 26). Precisamente aqui encontro a força que o design precisa para sair de seu próprio excepcionalismo humano e, por esta razão, o seu emaranhamento com a antropologia no *Design Anthropology* se mostra fértil para pensarmos os fazeres com a terra e suas relações multiespécie.

Segundo Haraway, ficar com o problema "requer fazer parentescos estranhos; quer dizer, nós precisamos uns dos outros em formas inesperadas de colaborações e combinações, como numa pilha quente de composto. Nós nos *tornamos-com* o outro ou nada feito" (HARAWAY, 2016, p. 5, tradução nossa)<sup>15</sup>. Criar parentescos estranhos para a autora é expandir a ideia de parente para além dos seres humanos familiares. É cultivar práticas de cuidado, atenção e responsabilidade com pessoas inesperadas. Podemos expandir a ideia de pessoas para além da espécie humana incluindo outros seres vivos. Haraway nos chama para a tarefa de *devir-com* outras espécies, como forma de ficar com o *problema* desde dentro. (HARAWAY, 2016, p. 8). Formar parentescos estranhos requer fazermos alianças inesperadas para conseguirmos lidar com as questões do Antropoceno. Não é por acaso que os indígenas brasileiros chamam os outros indígenas de "parentes". Para eles, todos são parentes, mesmo aquelas etnias que eram tradicionalmente rivais. Isso porque eles precisam enfrentar um problema maior, o avanço da mentalidade progressista que quer exilá-los. Precisamos aprender a estar confortáveis com o desconforto. Ou seja, precisamos ser, pensar e agir juntamente com outras espécies em um planeta danificado. Ainda que sendo extremamente atual tal proposta, há pelo menos duas décadas pensadores como Bruno Latour, Tim Ingold, Philippe Descola, Anna Tsing e, no caso do Brasil, principalmente Eduardo Viveiros de Castro, vêm propondo a troca do paradigma antropocêntrico de pensamento pelo biocêntrico. "A própria Haraway viria desafiando o excepcionalismo humano e o lugar do

---

<sup>15</sup> No original: "Staying with the trouble requires making oddkin; that is, we require each other in unexpected collaborations and combinations, in hot compost piles. We *become-with* each other or not at all."

homem-indivíduo-masculino nessa natureza maiúscula, bem como a dissolução das barreiras entre humanos e não-humanos" (COELHO, 2019, p. 24).

Anna Tsing, que é uma pensadora companheira de Haraway, sugere aos antropólogos que comecem a partir do reconhecimento que os humanos não sobrevivem sem a existência de outras espécies. "Somos seres dentro de teias ecológicas e não fora delas. Paisagens multiespécies são necessárias para sermos humanos" (*Ibidem*, p. 94). Na biologia isso recebe o nome de *simbiose*, ou mutualismo, onde uma espécie depende da outra para sobreviver e vice-versa. Segundo a bióloga Lynn Margulis, a simbiose consiste de vidas compartilhadas por organismos que são diferentes uns dos outros, mas se mantêm unidos para sobreviver. (FELDMAN, 2019, MARGULIS *et al.*, 2020).

Na verdade, podemos ir muito além. Nós mesmo somos seres constituídos *multiespecificamente*. Nossos corpos, e conseqüentemente nossas vidas, só existem pois *devimos-com* uma multiplicidade de espécies. "Esta é uma biologia substantivista porque nos mostra organismos emergindo de relações, em vez de pré-existentes como indivíduos autônomos com interesses próprios" (TSING, 2016, p. 97). Não seríamos humanos se não fosse por uma infinidade de outras espécies e isso não se deve apenas pelo fato de nos alimentarmos delas, mas porque a habitabilidade das paisagens e sobrevivência dos organismos só é possível na troca constante entre os seres. A maior parte das células do nosso corpo não possuem assinatura genética. Temos colônias de micro-organismos espalhadas por várias áreas do corpo e funcionamento saudável do nosso organismo depende deles. Não sobrevivemos sem essas bactérias. "A maioria de nós não sabe que vivemos em simbiose com outros animais ou com bactérias nas axilas e intestinos ou com espiroquetas no tecido gengival" (MARGULIS *et al.*, 2020, p. 6). Somos o que somos devido aos trilhões de seres que habitam nosso intestino. "Em todas as escalas, dos nossos intestinos até o nosso planeta, precisamos de paisagens de habitabilidade comum, alcançadas por meio de simbiose e coordenação" (TSING, 2019, p. 114).

Quando a simbiose dá origem a um novo ser, e certamente todas as formas de vida mais complexas se desenvolveram assim, Margulis nomeou de simbiogênese.

(FELDMAN, 2019) "Na simbiogênese, organismos de espécies diferentes se unem e dão origem a um terceiro organismo" (MARGULIS et al. 2020, p. 6). Donna Haraway, embasada nas teorias da bióloga Lynn Margulis, nos conta que as "criaturas não precedem suas relações; elas fazem umas às outras através da involução do material semiótico, a partir dos seres em emaranhamentos prévios" (2016, p. 23). "A simbiose não é uma aberração estranha da natureza, mas uma característica básica do processo evolutivo" (*Ibidem*, p. 23). Somos multiespécies em simpoiésis. Haraway comenta a dissertação de mestrado de M. Beth Dempster, de 1998, onde ela sugere o termo simpoiésis para "sistemas que se produzem coletivamente e que não têm limites espaciais ou temporais autodefinidos" (HARAWAY, 2016, p. 14). Portanto, é no corresponder que eles devêm uns com os outros. Como esses parentescos estranhos podem nos auxiliar a pensar-com?

Parto então da premissa da produção de conhecimento, aqui proposta, de que não há e nunca houve um excepcionalismo humano.

Nós nos tornamos quem somos através de agregados multiespécies. Nós somos mais parecidos com fungos micorrízicos do que imaginamos. Isso faz uma enorme diferença para nossas teorias de ação "humana" no mundo. Como os humanos podem agir como uma força autônoma se o nosso "nós" inclui outras espécies que fazem de nós quem somos? (TSING, 2019. p.73)

No centro desse problema encontra-se justamente essa visão de mundo onde o homem, separado da natureza, sente-se no direito pleno de se apossar dela como "matéria prima infinita" para ser transformada em "cultura", vulgo commodity, produtos, serviços ou tudo que possa ser comercializado. "No meio desse monumento à 'Grande Separação entre Nós e Eles', entre Cultura e Natureza, entre o Ocidente e o resto do mundo, encontra-se a antropologia em sua obstinada missão de ir 'além da natureza e da cultura' e de multiplicar os mundos 'sem natureza, sem cultura'" (COELHO, 2019, p. 25). Logo, a antropologia, a ciência que mais se aproximou de outras cosmovisões, ao questionar seu próprio papel e responsabilidade frente ao Antropoceno, abre caminhos para outras ciências questionarem suas ontologias. Por isso, me baseio na visão multiespécies da antropóloga Anna Tsing. "Em meio à perturbação", Tsing nos desafia a contar histórias críticas e ao percebermos atentamente a vida dos não-humanos, levando-os a sério como agentes" (CARDOSO; DEVOS, *in* TSING, 2019, p. 11).

Segundo Coelho, a abordagem multiespécie pode auxiliar a arquitetura, o urbanismo e o design, a deslocarem suas fronteiras de saberes e práticas, principalmente forçando-os "a reverem os seus pressupostos modernos e, por conseguinte, seu caráter antropocêntrico fundante" (*Ibidem*, p. 21).

"Se tudo isso é bastante desafiador, até mesmo no cerne da antropologia, quando adentramos o universo das Ciências Sociais Aplicadas a coisa se complica drasticamente" (COELHO, 2019, p. 26). O design, frente a esse desafio, encontra-se em um paradoxo. Por um lado, ele é uma grande peça nesse modelo modernista colonial, pois é produto e produtor de tal modelo de mundo hegemônico, mas por outro, é promotor de mudanças e desafiado a encarar a atual crise. Arturo Escobar reflete, em seu livro *Autonomía e diseño: La realización de lo comunal* (2017), sobre o papel do designer frente à crise da modernidade e do modelo econômico ocidental neoliberal e suas formas de criação de mundos que ameaçam a própria continuidade da vida como a conhecemos. Segundo Escobar, os designers podem, através de suas abordagens, "contribuir para as profundas transições culturais e ecológicas necessárias para enfrentar as crises do clima, dos alimentos, da energia, da pobreza e dos significados as quais ele nomeia de 'design para transições'" (ESCOBAR, *apud* SERPA, COSTARD, 2018, p. 9). Algumas áreas do design já vêm se propondo a inserir o pensamento multiespécie nos seus fazeres como, por exemplo, o design-mais-que-humano<sup>16</sup> e o design biofílico<sup>17</sup>. No entanto, elas ainda estão centradas no ato de projetar e no excepcionalismo humano. Acredito que algumas abordagens da antropologia podem arejar tal pensamento para realmente partirmos para uma perspectiva biocêntrica que saiba lidar com o problema do Antropoceno. Um dos conceitos que orienta muitas das práticas de *Design Anthropology* no Brasil, e que pode nos auxiliar nesta pesquisa, é o conceito de correspondência, de Tim Ingold.

---

<sup>16</sup> We define '**more-than-human-design**' as designing that occurs within practices in which human interests are neither excluded nor the centre of concern, and non-human agency is actively engaged in the design process. More-than-human-design could also be described as **design-based ecological thinking** that often leads to novel ecologies, or profound acts of working-with ecologies. Disponível em <http://mthd-commons.com/what-is-more-than-human-design/>. Acesso em 13/05/2021.

<sup>17</sup> **Biophilic design** is a concept used within the building industry to increase occupant connectivity to the natural environment through the use of direct nature, indirect nature, and space and place conditions. Used at both the building and city-scale, it is argued that this idea has health, environmental, and economic benefits for building occupants and urban environments, with few drawbacks. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Biophilic\\_design](https://en.wikipedia.org/wiki/Biophilic_design). Acesso em 13/05/2021.

É preciso reconhecer que grande parte da base teórica para a pesquisa foi inspirada pelos encontros do grupo *humusidades*<sup>18</sup>, coordenados pela Profa. Dra. Zoy Anastassakis, onde por nove meses lemos e discutimos juntos o texto de Donna Haraway, *Staying with the trouble* (2016) e as autoras nos quais a filósofa dialoga. A minha aproximação ao pensamento multiespécie, passando pelas correspondências do Ingold, nasceram das leituras e trocas e dos emaranhamentos que surgiram no Grupo a partir das reflexões de Anastassakis e de todas as integrantes dos módulos nos quais pude participar inspirando-me a construir a linha de pensamento que constitui esta pesquisa.

### 1.3 - LINHAS, NÓS, MALHA E CORRESPONDÊNCIA PARA UMA CIÊNCIA SOCIAL APLICADA VINDA DE "NÓS"

Primeiramente precisamos preparar o solo para a contação de estórias desta pesquisa. Isso perpassa por manejar as palavras para esclarecer o que é linha, nó (ou feixe de linhas), malha, e o que as constituem. O que o antropólogo social Tim Ingold (2015) chamou de *princípio da correspondência*. Ele nos servirá de base para pensarmos as relações multiespécies que surgem dos fazeres com a terra nos três contextos citados na introdução. "A antropologia-por-meio-do-design é uma prática de correspondência" (GATT; INGOLD, 2013, p. 250, tradução nossa)<sup>19</sup> e corresponder é a chave para uma prática, um procedimento, uma operação em design que nos desloca da obsessão do campo pela busca vertiginosa por soluções de problemas.

O pensamento de Ingold permeia várias camadas das práticas de *Design Anthropology* no Brasil e por isso tentarei aqui apresentar um pouco de sua teoria

---

<sup>18</sup> Humusidades é um programa de estudos independentes organizado pela Profa. Dra. Zoy Anastassakis. É espaços de leitura e debate sobre textos, para além da universidade, inicialmente baseado nas obras recentes de Donna Haraway e suas autoras companheiras. O grupo se reunia semanalmente em encontros on-line durante a pandemia. Para mais informações acesse [https://www.facebook.com/humusidades/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/humusidades/?ref=page_internal) acesso em 12/11/2021

<sup>19</sup> No original: Anthropology-by-means-of-design is a practice of correspondence.



social. Digo literalmente "tentar", por reconhecer com humildade a complexidade e abrangência desse pensamento. Faz apenas um ano que entrei em contato com esse "mundo do Ingold". Digo isso, não como um esquivo ao trabalho que aqui precisa ser feito, mas apenas como um verdadeiro reconhecimento de onde venho e de qual lugar falo. Wellington Cançado Coelho me ajudou a entender isso. Aproprio-me de sua fala, com a seguinte declaração: eu, "como brasileiro, habitante da cidade" e não-designer, artista, e "sem qualquer formação antropológica [...], preciso logo admitir que as diversas disciplinas mobilizadas aqui são tomadas (de assalto) com a mesma liberdade que o são também outras práticas" (COELHO, 2019, p. 35). Ele citava, assim, as práticas que Ingold nomeou de 4As, a antropologia, a arqueologia, a arquitetura e a arte, às quais, posteriormente, foi adicionado também o design<sup>20</sup>.

"Tomar de assalto" traz uma imagem que nunca pretendi, apesar de que seja isso mesmo que precisei fazer. Por isso, desde já, peço licença pelo uso excessivo de citações neste capítulo. Foi a forma que encontrei de fazer jús à teoria da correspondência proposta por Ingold, ou como o próprio autor coloca, "se 'teoria' soa muito presunçosa — como se reivindicasse o título de um território intelectual — chamemos-lhe uma *ouverture*<sup>21</sup>, que talvez proporcione uma abertura para o potencial dinâmico da vida social e suas possibilidades transformadoras, que de outra forma poderiam ser fechadas" (INGOLD, 2016, p. 21, tradução nossa<sup>22</sup>). E que abertura! Há um ano atrás, não imaginava que iria adentrar às ciências sociais por uma porta que mudaria toda minha forma de ver o mundo. Em seu livro, que leva justamente o nome de *Correspondences*, o autor declara: "Pense nas páginas deste livro, então, como o solo em que você anda, e em suas linhas como caminhos" (INGOLD, 2020, p. 16, tradução nossa<sup>23</sup>). Ao adentrar tal abertura, percebi quanto solo havia para percorrer ali. Eu, sem perceber, era (e ainda sou) um caminhante que tateava a pequena trilha de minha pesquisa de campo enquanto adaptava-me

---

<sup>20</sup> Tema central do projeto de Pesquisa Knowing From the Inside (KFI) seeks to reconfigure the relation between practices of inquiry in the human sciences and the forms of knowledge to which they give rise. Funded by the European Research Council (ERC) and hosted at the University of Aberdeen. Disponível em <https://knowingfromtheinside.org/>. Acesso em 20/12/2020

<sup>21</sup> O Autor usa a palavra em francês que traduz por abertura.

<sup>22</sup> No original: "Or, if 'theory' sounds too presumptuous – as if claiming title to an intellectual territory – let us call it an overture which perhaps affords an opening to the dynamic potential of social life, and its transformative possibilities, that might otherwise be closed off."

<sup>23</sup> "Think of the book's pages, then, as the ground on which you walk, and of its lines as paths."

ao terreno de suas escritas, sem nunca parar para contemplar de um ponto fixo, seguro e distante, o que tentavam me dizer as linhas de seus livros e artigos. Ela não assume um ponto de vista fixo, de onde parado se verifica tudo desde de ali. A atenção leva o caminhante para fora desse ponto o tempo todo. (INGOLD, 2016) "Ela abandona a segurança do centro frágil que podemos ter desenhado em torno de nós mesmos para um futuro incerto" (*Ibidem*, p.19, tradução nossa<sup>24</sup>). Esse futuro incerto converge aqui onde, como um amador apaixonado, tento corresponder "com" essa *ouverture* que Ingold abriu. No entanto, ao arriscar esse movimento, estou fadado a cometer erros grosseiros, mas foi um risco que escolhi correr ao tentar caminhar junto com o autor. Apelo aos leitores(as) que se sentirem tocados por esse pensamento, que subam o rio de seu pensamento chegando até a fonte para possam beber diretamente dela. Ingold produz uma obra profunda, com muitos afluentes abrangentes que nos desafiam a pensarmos o social e seus seres por um viés que vai no contrafluxo do pensamento hegemônico das teorias sociais vigentes. Contrafluxo que talvez aponte para o fluxo real da corrente da vida.

Tim Ingold constrói seu pensamento de correspondência a partir de uma clara oposição ao conceito de interação, no qual se encontra na base de grandes teorias sociais. Segundo Ingold, ao tentar analisar o *tempo* meteorológico em um de seus estudos, percebeu que o conceito de interação não dá conta das complexidades das relações entre os seres, as *coisas* e o mundo, "pois não podemos mais supor que todas essas relações assumem a forma de interações entre pessoas e coisas, ou que necessariamente surgem da ação conjunta de pessoas e coisas reunidas em redes híbridas" (*Ibidem*, tradução nossa)<sup>25</sup>. Para ele, o prefixo *inter* aporta uma noção de que pessoas e *coisas* são entes isolados, *bolhas* que inter(agem) umas com as outras. Essas interações "entre" (*between*) formam as famosas *redes* a partir de seus agenciamentos bilaterais que ligam seus pontos (bolhas). Para Ingold, torna-se insustentável pensar os seres vivos apenas como bolhas que interagem segundo suas intencionalidades. Então, o antropólogo propõe uma nova metáfora para o tecido social, a linha. "A vida social não reside no acúmulo solitário de

---

<sup>24</sup> "Far from taking up a fixed position or standpoint, whence one can check up on what is there, attention continually pulls the walker out of it. It is, in this sense, a practice of exposure.<sup>12</sup> It forsakes the security of the fragile centre that we may have drawn around ourselves for an uncertain future."

<sup>25</sup> " For we can no longer suppose that all such relations take the form of interactions between persons and things, or that they necessarily arise from the conjoint action of persons and things assembled in hybrid networks.

bolhas, mas na correspondência fluida de linhas" (INGOLD, 2014, min 21, tradução nossa<sup>26</sup>). Por isso, ele escreveu um livro inteiro sobre o estudo sociológico e ecológico da vida das linhas (2015).

Em sua teoria, o autor não nega a existência das bolhas, apenas afirma que num mundo de bolhas não pode haver vida social, pois não há a possibilidade de entrelaçamento, logo não há vida. "As bolhas têm volume, massa, densidade: elas nos dão materiais" (2015, p. 4, tradução nossa<sup>27</sup>). No entanto, as linhas aportam aspectos cruciais à vida e que faltam à metáfora das bolhas. "Torção, flexão e vivacidade" (*Ibidem*<sup>28</sup>). Sem linhas, as bolhas não têm movimento e temporalidade. As linhas nos dão vida! "Na verdade, a maioria, senão todas as formas de vida, podem ser descritas mais economicamente como combinações específicas de bolhas e linhas, e pode ser a combinação de suas respectivas propriedades o que lhes permite florescer" (*Ibidem*<sup>29</sup>).

Ingold segue nos ensinando sobre as linhas, nos lembrando de que nós, seres vivos, somos criaturas à deriva, lançados ao mar da história e, o que nos garante não sermos levados pela correnteza do esquecimento, é o fato de nos agarrarmos às coisas e outros seres. Ele traz essa imagem em sua leitura de *Essay on Gift*, de Marcel Mauss (1923-4), para mostrar que nós habitamos uma realidade fluida, em que cada ser precisa encontrar seu lugar nesse oceano lançando gavinhas que se agarram às dos outros. Mauss usa a imagem dos polvos e anêmonas no oceano, uma coincidência assustadora com o pensamento tentacular de Donna Haraway. No capítulo dois de *Staying with the trouble* (2016), Haraway propõe um modelo de pensamento tentacular, inspirado nas aranhas e polvos, para se opor ao pensamento individualista e autoral, presente na ciência, na política e na filosofia. Segundo a filósofa e bióloga, "os tentaculares fazem conexões, não desconexões; eles fazem cortes e nós; fazem a diferença; eles tecem caminhos e consequências, mas não determinismos" (*Ibidem*, p. 14). Os seres tentaculares nos ajudam a pensar ao longo das linhas. Ela evoca a imagem do jogo "cama de gato", presente em tantas culturas, para demonstrar como funciona o pensamento tentacular. Nesse

<sup>26</sup> "Social life lies not in the solidary accretion of blobs, but in the fluid correspondence of lines."

<sup>27</sup> Blobs have volume, mass, density: they give us materials. Lines have none of these.

<sup>28</sup> No original: "Torsion, flexion and vivacity. They give us life."

<sup>29</sup> No original: "In fact, most if not all life-forms can be most economically described as specific combinations of blob and line, and it could be the combination of their respective properties that allows them to flourish."

jogo, que só acontece coletivamente, alguém sustenta os fios para que um outro possa jogar, afrouxando e tensionando enquanto o outro entrelaça, apenas para trocarem os papéis em seguida. "Jogadores reais, articulando com uma variedade de aliados de vários tipos ontológicos (moléculas, colegas e muito mais), têm que compor e sustentar o que é e o que será. Alinhamentos nos mundos tentaculares têm que ser uma questão séria de emaranhamento!" (*Ibidem*). O pensamento multiespécie só pode ser tentacular. Não sei se Haraway leu Ingold ao escrever este trecho, mas a imagem não poderia ser melhor para o que vem a seguir.

"Concluo que o organismo (animal ou humano) deve ser entendido não como uma entidade limitada, rodeada por um ambiente, mas como um emaranhado ilimitado de linhas no espaço fluido" (INGOLD, 2011, p. 64, tradução nossa<sup>30</sup>). Ao ler "espaço fluído", lembro de uma cena do filme *Pequena Floresta: Verão/Outono* (2014), no qual a protagonista, Ichiko, numa tarde extremamente úmida de verão, sai de sua casa localizada em um vale rural do Japão e nada no ar, como se estivesse na água. A cena é uma metáfora que nos mostra que estamos imersos, sempre imersos, em um fluido. Então, o que fazem as linhas lançadas aos mares da história, nas correntezas do tempo/espaço, para não vaguearem perdidas no esquecimento? Ora, elas se emaranham e criam nós, "num mundo onde as coisas estão continuamente surgindo como processos de crescimento e movimento, isso é, como no mundo da vida, o nó é o princípio fundamental da coerência" (2016, p. 14, tradução nossa<sup>31</sup>). Ingold, prosseguindo, descreve a dinâmica das linhas: "Elas devem se amarrar de alguma forma que a tensão que os separaria realmente as mantenha unidas. Nada pode se segurar a não ser que lance uma linha e que essa possa se embaraçar com outras" (INGOLD, 2016, p. 14, tradução nossa<sup>32</sup>).

No entanto, ele não está falando de qualquer tipo de linha. As linhas de Ingold não podem ser confundidas com as linhas que representam a conexão entre dois pontos (duas bolhas), normalmente usadas para representar relações em um diagrama,

---

<sup>30</sup> No original: "I conclude that the organism (animal or human) should be understood not as a bounded entity surrounded by an environment but as an unbounded entanglement of lines in fluid space."

<sup>31</sup> No original: "In a world where things are continually coming into being through processes of growth and movement – that is, in a world of life – knotting is the fundamental principle of coherence."

<sup>32</sup> No original: "There is an entwining of lines. They must bind in some such way that the tension that would tear them apart actually holds them fast. Nothing can hold on unless it puts out a line, and unless that line can tangle with others."

como nas relações genealógicas. Estas têm um rigor euclidiano de conectar dois pontos com a menor distância. Neste sentido, "determine os pontos, e você já especificou a linha" (INGOLD, 2020, p. 13, tradução nossa<sup>33</sup>). Isso as aporta um rigor que não as permite movimento, vibração, entrelaçamento com outras linhas, características que as dariam vida. As linhas de Ingold não teriam esse rigor, e seus comportamentos as permitem vibrar, afrouxar ou tensionar, se emaranhar, em movimentos que produzem diferenciação. Elas são como os fios que formam uma corda. São flexíveis e aptas a se emaranharem, elas são tentaculares.

No entanto, diferente de Haraway que ainda pensa em redes, Ingold acende uma luz em nossas mentes ao nos contar que "quando tudo se emaranha com todo o resto, o resultado é o que chamo de malha" (*Ibidem*, p. 3, tradução nossa<sup>34</sup>). Ingold propõe sua teoria das linhas e da malha justamente como uma resposta contrária à teoria ator-rede<sup>35</sup>. "Essa distinção entre as linhas de fluxo da malha e as linhas de conexão da rede é crucial. Não obstante, ela tem sido persistentemente obscurecida, sobretudo na elaboração mais recente do que tem sido chamado, um tanto desafortunadamente, de 'teoria do ator-rede'" (INGOLD, 2012, p. 40). No entanto, Ingold propõe que a metáfora da rede pode ter sido erroneamente interpretada em sua tradução vinda da palavra francesa *réseau*. "*Réseau* pode se referir tanto à rede (network) como a tecer (netting) – tecer uma malha, o bordado de uma renda, o plexo do sistema nervoso, ou a teia de uma aranha" (*Ibidem*). Ele até nos descreve a teia de aranha como uma antítese das redes de comunicação. "Os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. Eles são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha, e são dispostos segundo seus movimentos. Nesse sentido, eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente" (Ingold, 2008, p. 210-211, *apud* INGOLD, 2012, p. 40) Por isso o paralelo com o pensamento de Haraway, mesmo que ela fale em redes, não destoa da construção que Ingold propõe da malha. "É claro, assim como a aranha, as vidas das coisas geralmente se estendem ao longo

---

<sup>33</sup> No original: "Determine the points, and you have already specified the line."

<sup>34</sup> No original: "When everything tangles with everything else, the result is what I call a meshwork."

<sup>35</sup> Segundo o próprio Ingold " termo "ator-rede" (actor-network) chegou à literatura anglófona como tradução do francês *acteur réseau*. E como um de seus principais proponentes, Bruno Latour, observou em retrospecto, essa tradução lhe emprestou um significado que não era pretendido. No uso comum, que inclui inflexões relativas a inovações no campo das tecnologias de informação e comunicação, o atributo definidor da rede é sua conectividade (Latour, 1999, p. 15).

não de uma mas de múltiplas linhas, enredadas no centro mas deixando para trás inúmeras 'pontas soltas' nas periferias" (INGOLD, 2012, p.41).

Somos feixes de linhas que, ao habitarmos o mundo, tecemos malha (*meshwork*)! Para Ingold, o tecido social é uma grande malha. "Organismos e pessoas, então, não são tanto nódulos em uma rede, mas linhas em um tecido, cujos fios constituintes, conforme se emaranham com outros fios em outros nós, constituem a malha" (*Ibidem*, p. 70, tradução nossa<sup>36</sup>). "Na malha, cada linha constituinte, à medida que avança, deixa seu próprio rastro dentro dos interstícios de sua ligação com outras. Assim, a união de vidas também é sua diferenciação contínua" (*Ibidem*, 2016, p. 11, tradução nossa<sup>37</sup>). Em resumo, Ingold nos convida a perceber cada organismo não como bolhas estáticas, mas várias linhas que se entrelaçam com outras no mundo, formando nós, deixando rastros e criando uma malha. Agora que temos as linhas, nós e a malha, só nos falta entender como elas se relacionam.

Em um pequeno artigo intitulado *On human correspondence* (2016), Ingold apresenta o conceito de correspondência. Em *The Life of Lines* (2015), ele já havia apontado que é precisamente a noção de correspondência que aporta "o potencial de transformar nossa abordagem para o estudo da vida social em todos os seus subcampos tradicionais" (p.154, tradução nossa<sup>38</sup>). Sendo esses respectivamente: parentesco e afinidade, ecologia e economia, ritual e religião, política e direito e, claro, a antropologia. Segundo ele, "correspondência é o processo pelo qual seres ou coisas respondem literalmente uns aos outros ao longo do tempo, por exemplo, na troca de cartas ou palavras em uma conversa, ou de presentes, ou mesmo de mãos dadas" (*Ibidem*, 2016, p. 14, tradução nossa<sup>39</sup>). "Como os fios de uma corda," na teoria das linhas, "vidas se entrelaçam e se sobrepõem. Elas seguem juntas e reagem mutuamente, umas às outras, em ciclos alternados de tensão e resolução"

---

<sup>36</sup> No original: "Organisms and persons, then, are not so much nodes in a network as knots in a tissue of knots, whose constituent strands, as they become tied up with other strands, in other knots, comprise the meshwork."

<sup>37</sup> No original: "In the meshwork, by contrast, each constituent line, as it bodies forth, lays its own trail from within the interstices of its binding with others. Thus the joining of lives is also their continual differentiation."

<sup>38</sup> No original: "I believe that it has the potential to transform our approach to the study of social life in all its traditional subfields."

<sup>39</sup> No original: "Correspondence, in this sense, is the process by which beings or things literally answer to one another over time, for example in the exchange of letters or words in conversation, or of gifts, or indeed in holding hands."

(INGOLD, 2019 p. 7), ou seja, as linhas respondem umas às outras, elas *co-respondem*.

Todo o corpo de trabalho de Ingold aponta para a dissolução entre as ciências naturais e as ciências humanas. Segundo o autor, grande parte das crises em que vivemos se embasa no pensamento que separa o ser humano cultural do biológico. Segundo ele, pensarmos nas linhas que correspondem pode nos ajudar a ultrapassar a dicotomia entre biologia humana e cultura, a divisão que minou o pensamento ocidental moderno até então (*Ibidem*). Ao falar dessa divisão na ecologia, o autor declara que "o problema é que temos estado tão envolvidos em nossas interações com os outros que deixamos de notar como nós e eles caminhamos juntos na corrente do tempo" (INGOLD, 2020, p. 9, tradução nossa<sup>40</sup>). E esse "nós e eles" não são apenas os humanos, e sim a totalidade dos seres vivos e das coisas também.

Interação é atividade das bolhas, as linhas em contrapartida, correspondem. De acordo com o autor, no princípio da interação, as partes se encaram com suas identidades e objetivos já pré-estabelecidos e negociam de maneiras a defender seus interesses separados. A interação portanto acontece entre (*betweeen*) as partes, isso nos faz criar a falsa ilusão de que somos "agentes", ou seja, "entes" separados uns dos outros. "Se, hoje, nosso mundo está em crise, é porque nos esquecemos de como nos corresponder. Em vez disso, nos engajamos em campanhas de interação" (INGOLD, 2020, p. 9, tradução nossa<sup>41</sup>). Vejamos, se o princípio da interação não dá conta de explicar o que acontece com as linhas, Ingold nos conduz a pensarmos a correspondência como o princípio fundamental de atuação das linhas. "As linhas entrelaçadas da malha unem-se umas às outras e, assim fazendo, uma possui sensação interna pela outra e não estão simplesmente ligadas por contiguidade externa" (INGOLD, 2016, p. 12, tradução nossa<sup>42</sup>). Na malha, as linhas unem-se umas com as outras. Como o próprio Ingold descreve, elas movem-se como vozes em um coral onde a melodia segue a linha do tempo e a harmonia acontece nos pontos de tensão e resolução ao longo dessa.

<sup>40</sup> No original: "The trouble is that we have been so wrapped up in our interactions with others that we have failed to notice how both we and they go along together in the current of time."

<sup>41</sup> No original: "If, today, our world is in crisis, it is because we have forgotten how to correspond. We have engaged, instead, in campaigns of inter action."

<sup>42</sup> No original: "The entwined lines of the meshwork join with one another, and, in so doing, possess an inner feel for each other and are not simply linked by external contiguity."

Linhas não são blocos isolados que se articulam por meio de uma junção rígida. "A vida social, não é a articulação, mas a correspondência de seus constituintes" (*Ibidem*, tradução nossa<sup>43</sup>). As linhas correspondem unindo no meio e não nas pontas, por isso seus entrelaçamentos são figurados como nós. Como duas pessoas que caminham juntas de mãos dadas, elas movem-se uma com a outra, unidas pelo o interstício das mãos. "Esta mudança da interação para a correspondência envolve uma reorientação fundamental, que vai do *entre* os seres e as coisas para o *ao longo de*<sup>44</sup> eles." (INGOLD, 2020, p. 9, tradução nossa<sup>45</sup>). "Para o autor, o entrelaçamento é sempre **com, com, com** e não apenas **entre** os nós da rede, mas ao longo de todo o percurso, com todas as linhas que o constituem, em um emaranhado" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 61).

Ingold chamará de diferenciação intersticial isso que acontece *ao longo dos* seres e as *coisas*, pois as duas partes não se dissolvem uma na outra, mas guardam sua diferenciação. "Com isso quero dizer que a diferença surge continuamente a partir de dentro da união, na contínua simpatia de seguirmos juntos" (INGOLD, 2016, p. 13, tradução nossa<sup>46</sup>). Na criação deste *ao longo de (in-betweenness)*, as duas partes agem e submetem-se em uma dialética que as transforma a partir da experiência criada e vivida. É precisamente na diferenciação intersticial que as linhas correspondem. Ao pensarmos em vidas como linhas, suas relações como nós, o tecido social como malha, e sua dinâmica como correspondência, podemos olhar para as relações a partir de um outro paradigma que difere das bolhas, redes e interações.

---

<sup>43</sup> No original: "Social life, then, is not the articulation but the correspondence of its constituents"

<sup>44</sup> Aqui faço a escolha de traduzir o *in-betweenness* usado por Ingold para diferenciar do "entre" de *between* da interação. A preposição indica a ideia de movimento atrelada à posição proposta pelo entre.

<sup>45</sup> No original: "This shift from interaction to correspondence entails a fundamental reorientation, from the between-ness of beings and things to their in-between-ness."

<sup>46</sup>No original: "By this I mean the way in which difference continually arises from within the midst of joining with, in the ongoing sympathy of going along together."



### 1.3.1 - HÁBITO, AGENCING E ATENÇÃO

Correspondência é a maneira de se relacionar com um ser que habita o hábito, cuja agência é sempre emergente e cuja postura é atencional (INGOLD, 2016, p. 20, tradução nossa)<sup>47</sup>.

Ingold nos mostra que o princípio da correspondência repousa sobre outros três princípios: hábito, *agencing*<sup>48</sup> e atenção, no qual ele contrapõe ao princípio da volição, agência e intencionalidade, mais comumente usada pela ciências sociais. O antropólogo nos conta que a teoria da correspondência que propõe não é nova e que encontra sua origem no pensamento do filósofo e teórico da educação John Dewey (1966). "Para Dewey, era axiomático que, para a vida continuar, ela deve ser vivida com os outros" (*Ibidem*, p. 14, tradução nossa)<sup>49</sup>. Justamente em Dewey que Ingold encontra o princípio do hábito. Ele se difere da ideia comum que temos da palavra, onde ao fazermos algo que estamos tão habituados, logramos executar tal tarefa sem necessariamente focarmos nossa atenção nela. Segundo Ingold o hábito de Dewey, não é ato que fazemos automaticamente, "mas um movimento, um processo de vida, no qual — nas coisas que fazemos — moldamos perpetuamente as condições sob as quais nós e aqueles que nos seguem, e com quem nos relacionamos, viveremos juntos no futuro" (*Ibidem*, p. 15, tradução nossa<sup>50</sup>). Para ele, toda ação gera uma experiência que modifica não só quem sofre a ação, mas também quem a faz, ou seja, quem age, sofre inevitavelmente sua própria experiência. Essa modificação afeta, então, a qualidade das experiências subsequentes fazendo com que os seres e a vida que os constituem estejam

---

<sup>47</sup> No original: "My claim is that correspondence is the way of relating of a being that dwells in habit, whose agency is ever-emergent and whose stance is attentional."

<sup>48</sup> Preferimos manter em inglês *Agencing*, o gerúndio de *agency*. pois o proprio Ingold escolhe esse gerúndio por causa da confusão dos múltiplos significados que a palavra agenciamento aporta de sua origem *agencement* em francês.

<sup>49</sup> No original: "For Dewey it was axiomatic that for life to carry on, it must be lived with others."

<sup>50</sup> No original: "For Dewey, habit was not a settlement but a movement, a life-process, in which – in the things we do – we perpetually shape the conditions under which both we and those who follow us, and to whom we relate, will live together in the future."

sempre se diferenciando, num eterno vir a ser (DEWEY, 1966). "Colocado de outra forma, habitamos no hábito" (INGOLD, 2016, p. 16, tradução nossa<sup>51</sup>).

A junção inseparável do *fazer* com o *passar-por* é crucial para a ideia de hábito (INGOLD, *Ibidem*). Justamente nesta noção de que o atuar nunca está separado do passar-por ou do submeter-se à experiência, é onde Ingold forja a ideia de *doing/undergoing*. "A prática nesta perspectiva é fazer situado: e as pessoas estão passando pelas experiências e expressando-se à medida que se envolvem em ações práticas, muitas vezes junto com outras pessoas" (BINDER *et al.*, 2011, p. 11, tradução nossa<sup>52</sup>). Logo, nunca temos puramente um "agente" atuante, ou seja, um sujeito que atua sobre um objeto. Nem no fazer, nem no passar-por há uma passividade. Os dois são ativos. Ao fazermos/passarmos-por (*doing/undergoing*), qualquer ato, criamos a nós mesmos. Há uma afetação mútua (PORTELA; NORONHA, 2018). Podemos pensar sobre o conceito na produção material que os seres humanos fazem. "Os humanos são os produtores não apenas de objetos de consumo, mas de sua vida material. Eles também são transformados no processo. O que eles alcançam é alcançado neles. Produzir é submeter-se ativamente à voz do meio" (INGOLD, 2015, 64', tradução nossa<sup>53</sup>).

Ingold vai além e diz que o fazer está dentro do *passar-por*. *Doing* está imerso em *undergoing*. Isso traz um problema linguístico sério, pois a estrutura gramatical que prevê que haja um sujeito que atua (verbo) sobre um objeto não suporta a inversão aqui proposta, por isso Ingold cunha a união *doing/undergoing*. A vida social não é o que as pessoas fazem e sim o que elas *passam-por*. No entanto, não há uma fusão dos dois, eles operam na diferenciação intersticial. Partindo do *doing/undergoing* Ingold propõe o gerúndio *agencing* ou invés de *agency*, pois o agenciamento não está nem na voz passiva, nem na ativa, ele acontece no que ele chama de voz do meio. "Já na voz do meio, o agente está dentro do processo de sua ação, dentro do

---

<sup>51</sup> No original: "To enact experience, in short, is to 'do undergoing'. And what it brings about is not change, imposed from without, but transformation from within. The acting is inside the undergoing, and not vice versa. Otherwise put, we dwell in habit."

<sup>52</sup> No original: "Practice in this perspective is situated doing: and people's undergoing experiences and expressing themselves as they engage in practical action, often together with others."

<sup>53</sup> No original: "Humans are the producers not just of objects to consume, but their actual material life. They too, are transformed in the process. What they achieve is achieved in them. To produce is actively to undergo in the middle voice."

verbo, não separado dele" (*Ibidem*, tradução nossa<sup>54</sup>). "Na correspondência de *agencing*, então, não há sujeitos volitivos, nenhum 'eu' ou 'você' para colocar antes de qualquer ação" (*Ibidem*, p. 17, tradução nossa<sup>55</sup>). Ou seja, não há uma agência discriminativa onde um agente atua e o outro sofre o agenciamento. Tudo "está sempre se formando e se transformando de dentro da própria ação" (INGOLD, 2016, p. 17, tradução nossa<sup>56</sup>). "O que é crucial sobre esse anseio é que não há nenhum agente além da ação posta em andamento" (INGOLD, 2014, 56', tradução nossa)<sup>57</sup>. A quebra da dicotomia sujeito/objeto está no cerne da correspondência, se há algum agenciamento, ele acontece na voz do meio. "Assim para a interação entre sujeitos, ou intersubjetividade, substituo por correspondências da voz do meio, e, para a rede de pontos conectados, por malha de linhas entrelaçadas e emaranhadas" (INGOLD, 2016, p. 18, tradução nossa<sup>58</sup>).

Outra característica das linhas ao corresponderem é que elas alongam-se umas *com* as outras no tempo. Ingold compara esse *alongamento* com o estar junto a um nadador dentro de um rio em contraponto a estar na margem. Em *The troubadour of knowledge*, de Michel Serres (1997), há uma imagem de um nadador em meio a correnteza de um rio veloz. Imerso no rio, não há mais as margens direita e esquerda, como um polvo imerso no fluido, sempre correndo o risco de submergir, o nadador não tem opção a não ser seguir *ao longo do* rio, perpendicularmente à ponte que une as duas margens. Neste sentido ele segue *ao longo da* correnteza do rio, ao longo da linha de seu fluxo.

Isso vai ao cerne da distinção que desejo traçar entre correspondência e interação. A interação vai e volta quando agentes, frente a frente em margens opostas do rio, trocam mensagens de comércio, mísseis e mercadorias. Mas corresponder, em meus termos, é juntar-se ao nadador no meio do rio. Não é uma questão de tomar partido, mas de seguir ao longo. Assim, onde a interação é

---

<sup>54</sup> No original: "In the middle voice, by contrast, the agent is inside the process of his or her action, inside the verb, not separate from it."

<sup>55</sup> No original: "In the correspondence of *agencing*, then, there are no volitional subjects, no 'I's or 'you's to place before any action."

<sup>56</sup> No original: "but is rather ever forming and transforming from within the action itself."

<sup>57</sup> No original: "Moreover, what is crucial about this longing is that there is no agent apart from the action set in train."

<sup>58</sup> No original: "Thus for the interaction of subjects, or intersubjectivity, I substitute the correspondences of the middle voice, and for the network of connected points, the meshwork of knotted and entangled lines."

transversal, a correspondência é longitudinal (INGOLD, 2016, p. 17, tradução nossa)<sup>59</sup>.

Falar das *coisas* e dos seres a partir da perspectiva *ao longo de* é emaranhar nossas consciências com as águas do rio, então, corresponder é juntar-se ao seu fluxo. "Essa mudança de orientação é necessária, acredito, se quisermos compreender o mundo da natureza não apenas como aquele que experimentamos, mas também como aquele que podemos viver ou habitar agora e no futuro previsível" (INGOLD, 2017, p. 40, tradução nossa<sup>60</sup>). Vimos que na correspondência não é a volição, e sim o hábito, que opera as experiências. Logo, não é a intenção promover esse encontro *ao longo das* linhas. Ingold nos conta que o que as une é o princípio da atencionalidade. Chegamos aqui à última distinção que Ingold nos traz entre correspondência e interação: a atenção *versus* intenção.

O antropólogo retoma a imagem da caminhada para nos ajudar a entender melhor o que ele quer dizer com atenção. Pensamos em atenção quando focamos nossa consciência para planejar nosso trajeto a caminhar, reunir o que precisamos levar, etc. Durante o percurso, às vezes focamos nossa atenção nos pontos de referência que surgem na paisagem e os comparamos com símbolos nos mapas para nos orientarmos no caminho intentado. Esta atenção é fundamentada na intenção e seu princípio original é a volição. No entanto, novamente o sentido comum do termo aqui, ou seja, quando focamos nossa consciência em determinado objeto, difere do que Ingold está nos propondo.

O autor nos mostra que, uma vez que começarmos a caminhar, estamos imersos em outra qualidade de atenção. Ao caminharmos, a relação entre intenção e atenção se invertem. Assim como há uma inversão no fazer/passar-por (*doing/undergoing*), quebrando com a ideia de sujeito-objeto, e colocando o verbo no centro, Ingold sugere que no ato de caminhar, as intenções nascem a partir de

---

<sup>59</sup> No original: "This goes to the heart of the distinction I want to draw between correspondence and interaction. Interaction goes back and forth as agents, facing each other on opposite banks of the river, trade messages, missiles, and merchandise. But to correspond, in my terms, is to join with the swimmer in the midstream. It is a matter not of taking sides but of going along. Thus where interaction is transverse, correspondence is longitudinal."

<sup>60</sup> No original: "To say of beings and things that they are in-between is to align our awareness with the waters; to correspond with them is to join this awareness with the flow. Just such a shift of orientation is needed, I believe, if we are to understand the world of nature as one that we do not only experience but can also live with or inhabit both now and for the foreseeable future."

um modo fundamental de atenção e não vice-e-versa. No próprio caminhar, a cada movimento, o caminhante precisa responder ao terreno e seus elementos. Seu corpo responde, momento a momento, às exigências do percurso e seus obstáculos, e fazemos isso com uma atenção que não surge voluntariamente de uma intenção. Aqui não é possível haver uma intenção prévia para atenção, apenas uma atitude atencional que provém do hábito. Essa é a atenção da correspondência. Ela não vem de uma mente separada do mundo, mas de uma mente imersa em um corpo, que está imerso no mundo e precisa estar provido de capacidades de responder aos seres e coisas no qual movem-se juntas, alongando-se *com* ele. "A qualidade-chave que torna um movimento atencioso está em sua ressonância com os movimentos das coisas às quais ele atende — em estar junto com elas. A atenção, nesse sentido, é longitudinal" (2016, p. 19, tradução nossa<sup>61</sup>). Dessa atitude é que pode, enfim, surgir a intenção. "Se sair para caminhar é volitivo, caminhar em si é habitual" (INGOLD, 2016, p. 19, tradução nossa<sup>62</sup>). A atenção volitiva surge da intenção, mas a intenção habitual surge da atenção.

A correspondência, então, requer atenção no sentido de atendermos<sup>63</sup> uns aos outros em suas necessidades de crescimento e movimento na malha da vida. "Se a interação é sobre o outro, então a correspondência é sobre o encontro. Trata-se das formas pelas quais as vidas, em seu perpétuo desdobramento ou devir, respondem umas às outras" (INGOLD, 2017, p. 40, tradução nossa<sup>64</sup>). Essa capacidade de responder das vidas, Ingold chama de responsabilidade, ou seja, uma habilidade para respondermos uns aos outros. "Visto que, em seu crescimento ou movimento, as coisas deste mundo respondem umas às outras, elas também são responsáveis." (*Idem*, 2020, p. 8, tradução nossa<sup>65</sup>). O antropólogo segue dizendo que "no entanto, não pode haver responsabilidade sem capacidade de resposta. Para sermos

---

<sup>61</sup> No original: "The key quality that makes a movement attentional lies in its resonance with the movements of the things to which it attends – in its going along with them. Attention, in this sense, is longitudinal."

<sup>62</sup> No original: "But if going for a walk is volitional, walking itself is habitual."

<sup>63</sup> Tradução do verbo to attend em inglês, que surgiu da ideia de attendre em francês. Nesta última, attendre traz o sentido de esperar também.

<sup>64</sup> No original: "If interaction is about othering, then correspondence is about togetherness. It is about the ways along which lives, in their perpetual unfolding or becoming, answer to one another."

<sup>65</sup> No original: "Since, in their growth or movement, the things of this world respond to one another, they are also responsible."

responsáveis, devemos ser capazes de responder" (*Idem*, 2020, p.156, tradução nossa<sup>66</sup>).

Aqui novamente encontra-se um paralelo com as linhas de pensamento de Donna Haraway. Segundo ela, precisamos ser inventivos para ficar com o problema de viver e morrer em um planeta danificado e isso requer *responsa-habilidade*. Gosto desse termo que ela cunha com hífen. Para além, assim como para Ingold, *responsa-habilidade* é a habilidade de responder a outras formas de vida a partir de dentro do problema do Antropoceno, não de qualquer lugar e com qualquer coisa, mas de onde estamos com o que temos no agora. É preciso saber estar no presente denso. Haraway indaga-nos como podemos desenvolver essas habilidades de respostas para dar conta das consequências das ações humanas nesta época de terrores ambientais? A correspondência abre outros caminhos que nos dão pistas de como isso é possível.

Para Ingold, a implicação ética sobre esta capacidade de resposta recai sobre o cuidado. "Cuidamos das pessoas e das coisas, é claro, dando-lhes atenção e atendendo às suas necessidades" (INGOLD, 2016, p. 20, tradução nossa<sup>67</sup>). Como seres responsivos, a responsabilidade pelo cuidado é algo que cabe a nós. No entanto isso só é possível pelo "reconhecimento do que devemos nossa existência e nossa capacidade de agir ao mundo" (*Idem*, 2016, p. 23, tradução nossa<sup>68</sup>). Pesquisar com cuidado e *responsa-habilidade* não se torna uma tarefa fácil quando partimos da premissa da separação que acontece quando um pesquisador (sujeito/agente) observa um objeto para depois analisá-lo e explicá-lo, como normalmente fazemos nos empreendimentos acadêmicos. "Se a ciência deve ser uma prática de conhecimento coerente, ela precisa ser reconstruída com base na abertura ao invés do fechamento, no engajamento ao invés do desapego" (INGOLD, 2011, p. 75). "Precisamos forjar abordagens alternativas ao problema de como viver, que possam sanar a ruptura entre os modos de conhecer o mundo e os de habitá-lo, entre a ciência e a natureza. Essa reconciliação é um passo necessário em direção a um futuro indefinido e sustentável" (INGOLD, 2019 p. 19) Corresponder é o que

<sup>66</sup> No original: "Yet there can be no responsibility without responsiveness.5 To be answerable, we must be able to answer. Answering and being answered to: that, precisely, is correspondence."

<sup>67</sup> "We care for people and things, of course, by giving them our full attention and by answering to their needs."

<sup>68</sup> "It is about commitment and the passion that infuses it, about the recognition of what we owe to the world for our existence and our capacity to act."

nos propõe Ingold para uma antropologia e, conseqüentemente, o Design Anthropology, engajadas com o emaranhamento de seres e coisas.

Corresponder é uma forma de aprender *com* as vidas (sejam elas seres ou coisa<sup>69</sup>) e não um estudo *dos* seres, coisas e suas interações. "Essa consciência é sempre *consciência-com*, antes mesmo de ser *consciência de*. Considerando que "ausência" é intencional, "presença", eu diria, é atencional. E o que ela estabelece não são relações de intersubjetividade, mas de correspondência" (INGOLD, 2017, p. 40, tradução nossa<sup>70</sup>). Para Ingold a subjetividade que nos coloca como seres separados uns dos outros é base que permite a dicotomia ser humano/natureza e isso nos colocou na enrascada em que estamos. "O problema em nossas relações com o mundo natural, então, é que esquecemos como corresponder com os seres e coisas que o constituem. Temos estado tão preocupados com a interação entre nós e os outros que deixamos de notar como nós e eles caminhamos juntos na corrente do tempo" (INGOLD, 2017, p. 40, tradução nossa<sup>71</sup>).

Por que nos interessa pensar a vida social a partir das linhas e suas correspondências? O princípio da correspondência vem influenciando formas de se praticar DA, principalmente na vertente nacional do campo. Foi justamente a partir das linhas que Ingold e Caroline Gatt pensaram o entrelaçamento da antropologia com o design. "A chave tanto para repensar o design quanto para repensar a antropologia é o que chamamos de conceito de correspondência" (GATT; INGOLD, 2013, p.246, tradução nossa<sup>72</sup>). Segundo Anastassakis e Noronha (2018), "corresponder na obra do antropólogo britânico Tim Ingold, é viver atencionalmente, e isso vem nos inspirando a construir modos de se fazer e pensar design por meio da antropologia". "Com base no pensamento de Ingold (2016), assumimos design como uma prática de correspondência, na qual os profissionais possam se deixar levar pelo fazer local a partir da apreensão de seu fluxo de vida, rituais e

---

<sup>69</sup> Em *Trazendo as coisas de volta a vida*, Ingold propõe que coisas e materiais tem uma vida, pois estão em constante processos de mudanças e trocas. Elas correspondem também.

<sup>70</sup> No original: "That consciousness is always consciousness with, before it is ever consciousness of. Whereas 'of-ness' is intentional, 'with-ness', I would argue, is attentional. And what it sets up are relations not of intersubjectivity but correspondence."

<sup>71</sup>No original: "The problem in our relations with the natural world, then, is that we have forgotten how to correspond with the beings and things of which it is comprised. We have been so concerned with the interaction between ourselves and others that we have failed to notice how both we and they go along together in the current of time."

<sup>72</sup> No original: "The key to both the rethinking of design and the rethinking of anthropology for which we call is the concept of correspondence."

improvisações cotidianas" (ALMEIDA *et al.*, 2019, p.15). Adoro a imagem que Ingold e Gatt invocam do design como o processo de crescimento de uma planta, ou seja, desdobrando-se em condições de vida em constante transformação. "O design, nesse sentido, não transforma o mundo. É, antes, parte da própria transformação do mundo. Esse processo de autotransformação, porém, não se desdobra em nenhum, mas em muitos caminhos. É, na essência, uma correspondência" (GATT; INGOLD, 2013, p. 254, tradução nossa)<sup>73</sup>.

Corresponder é a chave para uma prática em design que desloca a obsessão do campo por *projetar soluções para processos*. Como o DA almeja tirar o projeto do centro da prática do design para colocar em seu lugar processos e atuação junto ao tecido social, alguns de seus praticantes propõem a prática de design como uma prática de correspondência justamente porque:

Primeiro, toda correspondência é um processo: ela continua. Em segundo lugar, a correspondência é aberta: não visa um destino fixo ou uma conclusão final, pois tudo o que pode ser dito ou feito convida um seguimento. Em terceiro lugar, as correspondências são dialógicas. Eles não são solitários, mas acontecem entre os participantes. São desses compromissos dialógicos que o conhecimento surge continuamente. (INGOLD, 2020, p. 9, tradução nossa)<sup>74</sup>

As coisas de design ainda partem da teoria *ator-rede* que se articula a partir do princípio da interação. Ao deslocarmos a prática de Design para o princípio da correspondência, podemos alinhar os espaços de diálogo com a atenção mergulhada no *problema*, no sentido de alongar-se junto ao emaranhado multiespécie a partir das ruínas. Corresponder nos auxilia a *pensar-com* as linhas que tecem os emaranhados, não somente da vida, mas do Antropoceno. Segundo Haraway, "pensar-com é ficar com o problema natural-cultural multiespécie na terra" (2016, p. 16). Quem sabe assim, podemos finalmente nos concentrar em fazer

---

<sup>73</sup> No original: "Design, in this sense, does not transform the world. It is rather part of the world's transforming itself. This process of self-transformation, however, unfolds along not one but many paths. It is, in essence, a correspondence."

<sup>74</sup> No original: "First, every correspondence is a process: it carries on. Secondly, correspondence is open-ended: it aims for no fixed destination or final conclusion, for everything that might be said or done invites a follow-on. Thirdly, correspondences are dialogical. They are not solitary but go on between and among participants. It is from these dialogical engagements that knowledge continually arises. To correspond is to be ever-present at the cusp where thinking is on the point of settling into the shapes of thought. It is to catch ideas on the fly, in the ferment of their incipience, lest they be washed away with the current and forever lost."



perguntas mais pertinentes. Projetar soluções, assim como pensar pela lógica da interação, foi o que nos colocou na situação em que nos encontramos todos.

Precisamos aprender a fazer perguntas que nos auxiliem a lidar com o Antropoceno com *responsa-habilidade* e tecer outro tipo de malha e, como bem vimos, não existem agentes isolados que a tecem enquanto outros são tecidos. Todos tecem ao mesmo tempo em que tornam-se a malha. Seguindo nossas linhas *ao longo dos nós* da malha podemos entendermo-nos como parte do problema e como, ao mesmo tempo, somos criados por ele. "O Antropoceno não é uma questão de bondade ou ganância. Isso nos faz, tanto quanto nós o fazemos" (TSING, 2021, p. 184) Pesquisadores, designers, artistas e todo o resto, somos todos linhas na grande malha da vida, ora se emaranhado com matérias, ora com outras espécies, ora com estruturas, tencionando, relaxando e friccionando ao correspondermos. Talvez a grande dificuldade dos cientistas sociais pensarem as estruturas do Antropoceno, como Tsing aponta (*Ibidem*), seja o fato de trabalharem com a perspectiva do agente e não do *agencing*, da intenção ao invés da atenção e, conseqüentemente, da interação ao invés da correspondência.

O que considero aqui como espaços de diálogo, são lugares de correspondência. Acredito que, assim como as *coisas* em design e as hortas urbanas, a agroecologia no lar é catalisadora de diálogos sobre o pensamento multiespécie. Como iremos ver a seguir nos estudos de caso, tais práticas permitiram brotar uma diversidade de correspondências com seres e suas formas de habitabilidade dos ambientes. Argumento que esses espaços podem proporcionar aos designers-antropólogos reflexões sobre suas práticas frente aos desafios da nossa era, como citados anteriormente.

## 2 - SEMEANDO CORRESPONDÊNCIAS MULTIESPÉCIES

*Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós. (TSING, 2019, p. 87)*

Esta dissertação se propõe a ser um experimento possível de contar histórias multiespécies onde "o espaço seja torcido pelas relações e o social seja expandido para além dos humanos" (COELHO, 2019, p.28). Aprendemos com Haraway (2016, p. 7) que contar histórias de florescimento multiespécie é *ficar com o problema*, principalmente sobre aquelas modestas possibilidades de recuperação parcial. Como podemos fazer isso a partir de onde estamos e como o que temos, no nosso caso a partir de um habitar urbano? Tsing nos indaga com uma pergunta ainda mais pertinente: "Como podemos contar histórias sobre dilemas de relevância local e contá-las de modo tão atraente que os leitores desejem aprender mais, ainda que aprendam sobre terrores?" (TSING, 2021, p. 177) Tarefa difícil quando nos damos conta de que cada garfada de comida que levamos até a boca todos os dias, cada peça de roupa que vestimos todas as manhãs, cada deslocamentos que fazemos pela cidade, escondem por traz uma cadeia de eventos aterrorizantes com consequências globais que estão nos levando por um caminho de extinção em massa. Haraway nos dá uma pista ao dizer que "nossa tarefa é criar problemas, despertar uma resposta potente a eventos devastadores, bem como assentar as águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos" (2016, p. 7, tradução nossa)<sup>75</sup>.

Para tal, seguiremos algumas linhas que se embolaram nesta dissertação em direção a seus passados e futuros. "A resposta está em como, ao alongar-se, reunimos as atividades de lembrar e imaginar. Ambas são formas de presenciar: a lembrança presencia o passado; imaginar presencia o futuro" (INGOLD, 2016, p. 21,

---

<sup>75</sup> No original: "Our task is to make trouble, to stir up potent response to devastating events, as well as to settle troubled waters and rebuild quiet places."

tradução nossa)<sup>76</sup>. A leitura de Haraway (2016), Tsing (2021) e Ingold (2020) nos convida a contar algumas histórias de lembranças e imaginações de florescimentos multiespécie no Antropoceno a partir do projeto NINHO e do Grupo HorTOCAR. Tentarei fazer com que essas histórias não apenas nos paralisem e aterrorizem, mas também inspirem-nos a imaginar outras possibilidades de habitabilidade multiespécie (TSING, 2019). Quem sabe possamos atender o convite de Ailton Krenak (2019), o de contar histórias para adiar o fim do mundo.

Lançarei mão de dois tipos de "fazer história", uma descritiva, a partir da lembrança, e outra especulativa, a partir da imaginação. Primeiro farei um exercício de lembrar as correspondências junto aos seres que fizeram parte dos dois contextos, NINHO e HorTOCAR. Posteriormente, criarei uma história especulativa e ficcional sobre um possível habitar urbano multiespécie.

Os convido agora a empreender este exercício de lembrar e seguir os fios que produziram habitabilidades com múltiplos seres vivos a partir do nosso habitar. Seguiremos-as *ao longo do* seus percursos até o encontro de alguns nós. Estamos à procura dos que recebem comumente o nome de *lar*. Tentaremos viajar ao longo das linhas, no entanto, saltos inevitavelmente serão feitos para contar nossa história, pois almejamos seguir outras linhas, as da improvisação de um pensamento. "Improvisar é seguir os modos do mundo à medida que eles se desenrolam, e não conectar, em retrospecto, uma série de pontos já percorridos" (INGOLD, 2012, p. 38). Junto com estas linhas, outras viajam junto ora em paralelo, ora trançando com as nossas. São as linhas dos pensamentos dos(as) designers, antropólogos(as), filósofos(as), biólogos(as) que ao corresponderem com as nossas, tecem a malha desta pesquisa.

Nossa história começa em 2014, quando produzi e dirigi um filme documentário curta metragem juntamente a uma amiga que não está mais entre nós, Luise Marechal<sup>77</sup>. O filme passa-se em Buenos Aires, cidade-metrópole onde morei por um ano enquanto estudava cinema. O enredo é sobre uma horta urbana de bairro

---

<sup>76</sup>No original: "The answer lies in the way longing brings together the activities of remembering and imagining. Both are ways of presencing: remembering presences the past; imagining presences the future."

<sup>77</sup> Luise Marechal faleceu em 2017 na França. R.I.P.

que sofreu um ataque incendiário, resultando na destruição de toda a infraestrutura. Esse ataque foi atribuído, posteriormente, à especulação imobiliária. Segundo contam no filme, foi uma tentativa de expulsar o coletivo da horta para reapropriação do terreno, que se localizava em uma região economicamente valorizada. Ou seja, um ataque "terrorista", segundo o coletivo. *Huerta de Saavedra, El caos creador*<sup>78</sup>, conta a estória após o ataque, quando o grupo de voluntários, exaustos e abalados, tentavam ficar com o problema de resistir e reconstruir o local. De forma poética, o filme trata das improvisações que o coletivo encontrou para dar continuidade à horta como espaço comunitário. O espaço, chamado de *Huerta*, não era apenas os canteiros de plantas. Este era epicentro para várias outras atividades comunitárias e culturais. Mostras alternativas de filmes, saraus de poesia, shows musicais, teatro e palhaçaria aconteciam no local. Além desses, o espaço também abrigava diversas oficinas de artes, artesanato, culinária alternativa, agroecologia, entre outros. A huerta era um espaço comunitariamente ativo, administrado coletivamente onde seres de diversos interesses se encontram para trocarem saberes.



*Figura 1. Ferramentas da horta queimadas no incêndio. Frame filme Huerta de Saavedra, 2015. Fonte: autor*

<sup>78</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_Kop\\_YgHu8&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=p_Kop_YgHu8&t=5s) Acessado em 20/10/2019.

A produção do documentário nos proporcionou entrar em contato com vários outros espaços em Buenos Aires, nos quais aconteciam práticas anarquistas de gestão e ocupação do território, agricultura urbana e peri-urbana como suas produções de resiliência alimentar e cultural. Eram epicentros da resistência, frente às desapropriações crescentes de espaços ocupados coletivamente devido à especulação imobiliária da cidade. Muitos desses experimentos surgiram como uma resposta à crise econômica de 2008, em que, diferentemente do que se passou no Brasil, a Argentina foi bastante impactada. O filme foi a linha que nos emaranhou a esses movimentos urbanos, onde, pela primeira vez, conheci a agroecologia.

As práticas agroecológicas captaram nossa atenção, pois surge como um movimento social de pequenos produtores, geralmente familiares, que logram produzir uma grande variedade de alimentos por abraçarem a biodiversidade em seus fazeres. Normalmente podemos encontrar nas feiras, produtos típicos de cada região, algo raramente presente na agricultura convencional, que homogeneiza a produção e a distribui a longas distâncias.

A biodiversidade alimentar, normalmente produzida organicamente, muito nos interessa como história de quem sabe ficar com o problema. Ela vem para se contrapor à monocultura vigente, que insiste em matar os solos e transformar inumeráveis espécies em algumas poucas. Cerca de 70% das aves no mundo hoje são aves domesticadas, sendo a maioria, frango. Os mamíferos domesticados são 60%, em sua maioria suínos e bovinos (FOTHERGILL; HUGHES; SCHOLEY, 2020). Das 300 mil espécies de plantas comestíveis, consumimos apenas cerca de 200. Delas, apenas 3 são responsáveis por ocupar a maioria das terras cultiváveis no mundo, sendo elas: arroz, trigo e milho (KINUPP, 2014), sem citar a soja, cultivada principalmente para alimentar os animais que comemos. Isso é preocupante já que a metade das terras férteis do mundo foram transformadas em terras cultivadas, sendo que na grande maioria, as espécies citadas acima. Elas fazem parte da infraestrutura imperial e industrial que Tsing nomeou de *plantation* e são uma das grandes responsáveis pelo Antropoceno (2021).

"As *plantations* tentam reduzir o número de seres vivos em uma área para apenas um tipo; tudo, exceto o que é necessário para a reprodução do produto econômico

deve ser eliminado" (TSING et al, 2019, p. 189, tradução nossa<sup>79</sup>). Esse foi um modelo implementado a partir da expansão colonial e só foi possível por causa do (ab)uso da mão de obra escrava vinda da África para as Américas. Nas *plantations*, as plantas são separadas das espécies associadas para uma reprodução forçada e uniforme. Isso as torna responsáveis pelo desmatamento de grandes áreas florestais além de poluírem e esgotarem os solos e as águas (TSING, 2021). Elas também são responsáveis pelo surgimento de patógenos agrícolas cada vez mais fortes. "A simplificação da ecologia que entra em uma *plantation* reúne e alimenta doenças, e até cria doenças novas" (TSING, 2021, p. 183). Esses patógenos, que só puderam surgir pela sua associação com as *plantations*, são exemplos de seres *ferais*. "Este não é um problema apenas para as plantas; os confinamentos são essencialmente *plantations* de animais" (TSING et al., 2019, p. 189, tradução nossa<sup>80</sup>). A uniformidade e aglomeração em massa desses animais serve como um laboratório natural para vírus que se transformam em novas formas virulentas pela mutação acelerada. Alguns desses vírus podem saltar para os humanos se tornando patogênicos. (HASSEL et al, 2017)

A antropóloga define como *feral* os colaboradores não-humanos dos desastres antropogênicos. O projeto *Feral Atlas*<sup>81</sup>, organizado por Anna L. Tsing, Jennifer Deger, Alder Keleman Saxena e Feifei Zhou, reúne várias pesquisas sobre o que elas chamam de ecologia *feral*. O "projeto conta as aventuras dos colaboradores não humanos do Antropoceno" (TSING, 2021 p. 177). Esses seres vivos, ao se associarem às infraestruturas humanas, se desenvolvem muito além do controle humano, gerando impactos inimagináveis aos ecossistemas. São histórias vindas de várias partes do planeta sobre "seres vivo e não-vivos que se emaranham em projetos imperiais e industriais humanos que estão ajudando a destruir a habitabilidade da terra" (*Ibidem*). "Em inglês, o termo *feral* se refere a animais que escaparam da domesticação" (*Ibidem*), ou seja, ferozes ou selvagens, mas o termo é aqui usado para destacar os seres vivos e não-vivos que adquirem poderes destruidores ao se associarem aos projetos humanos. Tsing não se refere a

---

<sup>79</sup> No original: "Plantations attempt to reduce the number of living things in an area to just one kind; everything but that which is required for the reproduction of the economic product should be eliminated."

<sup>80</sup> No original: "This is not just an issue for plants; feedlots are essentially animal plantations."

<sup>81</sup> Site do projeto <http://feralatlans.org/> Acesso em 23/11/21

qualquer projeto humano e sim os que ela chama de *infraestrutura*, que ela define como os que alteram a terra, a água e a atmosfera, ou seja, são projetos de transformação de paisagem. A perturbação humana em biomas naturais está associada a emergências de *ferais* responsáveis por epidemias humanas.

Os níveis atuais de interação humano-ecossistema, impulsionados pelo aumento da invasão ambiental e mudança no uso da terra (exploração de recursos naturais e práticas agrícolas) e efeitos ambientais, como mudanças climáticas, resultarão em alteração do habitat e mudanças na assembleia de espécies e taxas de contato que promovem o surgimento de doenças zoonóticas. (HASSEL *et al.*, 2020, tradução nossa<sup>82</sup>)

Agricultores familiares que produzem comida a partir de modelos inclusivos à grande variedade biológica, sem o uso de agroquímicos, ao mesmo tempo que protegem o solo, regeneram paisagens degradadas e por isso, certamente, interessam à nossa estória. "A aplicação dos conceitos e princípios trazidos pela agroecologia deu origem ao movimento agroecológico, o qual se expandiu pelo mundo, dando uma nova face aos movimentos de agricultura alternativa e se incorporando aos movimentos sociais camponeses" (Embrapa, 2006). Tsing concorda que haja esperança em tais movimentos que contrapõe o modelo hegemônico das plantations:

Na última década, as mobilizações populares, da alimentação saudável ao comércio justo, tiveram um sucesso impressionante em mostrar que esse arranjo é inevitável: nós podemos fazer a diferença. Políticas alimentares estão sob observação; sistemas alimentares alternativos estão florescendo. Nós temos uma chance: ocupar a comida. (TSING, 2019, p. 87)

A comida se tornou um produto e os oriundos das *plantations* se tornaram *commodities*, alimentando um mercado global bilionário. Isso ofusca nossa capacidade de darmos conta que nossos alimentos provêm de outros seres vivos, que interdepende de outros, em uma trama cíclica da vida que nunca se encerra. Concordo com Ana Primavesi (2016a, p. 9) quando ela diz que "tudo são ciclos interligados e cada fator constitui somente uma parte de um ciclo que, em seu conjunto, forma o inteiro, o cosmos". Ao me inteirar sobre a agroecologia, fui percebendo que outras formas de praticar agricultura podem estar a serviço da

<sup>82</sup> No original: "Current levels of human–ecosystem interaction, driven by increased environmental encroachment and land-use change (exploitation of natural resources and agricultural practices), and environmental effects such as climate change, will result in habitat alteration and changes in species assemblage and contact rates that promote the emergence of zoonotic disease."

ressurgência. Tsing (2019, p. 59) nos explica que nós, seres humanos, não podemos continuar a produzir nossa subsistência sem considerar a ressurgência das paisagens. Ela "é o trabalho de muitos organismos que, negociando através de diferenças, forjam assembleias de habitabilidade multiespécies em meio às perturbações". Para a autora, são as assembléias que criam condições de habitabilidade para cada um de seus constituintes. As "assembleias de seres vivos e matérias não-vitais, são associações marcadas por ações intencionais e não-intencionais, mais que humanas, de que emergem novos modos de existir face à destruição dos emaranhados que dão forma à paisagem" (TSING, 2019, p. 9). Isso nos faz lembrar uma versão mais-que-humana das assembléias como espaço de resolução das diferenças, ou seja, como *coisas*, no sentido original como exposto anteriormente.

A agricultura não é possível sem suas assembléias e ressurgências multiespécie. No entanto, segundo a autora, a produção agrícola industrial moderna ignora esse fato, do qual todos nós dependemos. A Argentina e o Brasil estão entre os maiores produtores agrícolas industriais. Sua participação na economia globalizada é majoritariamente baseada nas grandes produções agrícolas para exportação a partir de *plantations* em escala monumental. Essas são certamente responsáveis, direta ou indiretamente, pelos maiores problemas ambientais desses países.

As práticas agroecológicas apresentam-se como um contra-ponto pertinente às práticas devastadoras e absurdamente denominadas de convencionais. Ao restabelecer a biodiversidade, alcançam um reequilíbrio ecológico e uma melhoria de produção. Repararam parte da vida no solo e conseqüentemente as pragas e doenças vão se amenizando dispensando assim o uso de defensivos, os tão temidos agrotóxicos. "Se a causa da doença, das pragas, da degradação do solo, por exemplo, for entendida como desequilíbrio, então o objetivo do tratamento agroecológico é restabelecê-lo" (ALTIERI, 1998, p. 18-19). Suas práticas se apresentam como catalisadoras de diálogos pertinentes para pensarmos as relações multiespécies e justiça social e ambiental.

Outro ponto no qual a produção do filme me sensibilizou foi ter vivenciado o contraste entre os espaços verdes dessas "hortas" e a imensa "selva de concreto" da Buenos Aires metrópole. Com seus 15 milhões de habitantes, a capital argentina



é a terceira maior cidade das Américas, atrás apenas de São Paulo e da Cidade do México. Eu já havia morado em grandes cidades, mas nunca, numa megalópole como aquela. Sentia diariamente a claustrofobia de estar cercado de concreto por todos os lados. A cena de abertura do filme revela este sentimento com imagens dos edifícios que cobriam o horizonte. Esses pequenos espaços verdes urbanos, com seu caos e bagunça de uma horta em constante vir a ser, eram um verdadeiro refúgio verde em meio a tantos espaços concretados. A partir deles, percebi o quanto éramos privados de ter um contato com a terra nos centros urbanos. Pela luta dos ocupantes de terrenos baldios em Buenos Aires, me dei conta da importância da Agricultura Urbana como espaço de correspondência.



*Figura 2. Horizonte de concreto. Frame do filme Huerta de Saavedra, 2015. Fonte: autor*

Esses pequenos espaços que os moradores de Saavedra lutavam tanto para manter eram um dos poucos restantes naquele aglomerado humano chamado cidade, onde seres de várias espécies vegetais, animais, invertebrados, fungos e bactérias alongavam-se juntos. Os humanos que ali frequentavam podiam se regozijar em colocar suas mãos e pés no solo e se emaranhar com os ciclos de vida e morte de várias outras formas de ser e estar na terra. Em cidades, "a agricultura urbana pode proporcionar à população uma atividade útil, que aumenta a coesão social nos bairros e une as pessoas (Garnett, 1996), promove a comunicação, o

intercâmbio de experiências pessoais e da melhoria da sua qualidade de vida" (RODRIGUES, 2012, p. 8). Como um movimento social, as hortas públicas e/ou comunitárias cumprem vários papéis simultaneamente como por exemplo: a recuperação do solo urbano, a promoção de segurança alimentar, lazer, atividades pedagógicas, desenvolvimento de trabalhos sociais, trabalhos terapêuticos, renovação urbana, espaços demonstrativos e agricultura sustentável. (RODRIGUES, 2012). No entanto, o mais importante, é que elas promovem um senso de comunidade, pois "as atividades quotidianas em torno das hortas proporcionam grandes oportunidades de criar novas redes de relações para além do restringido contexto familiar" (RODRIGUES, 2012). Por esses motivos, vemos um reaparecimento das hortas e espaços de plantio na cidades através no mundo. Há um processo de redescoberta da associação entre a saúde humana e a natureza, colocando-se em pauta a saúde como ponto que influencia no planejamento da cidade, da paisagem, do jardim. "As Hortas Urbanas estão a desfrutar de um renascimento devido ao desejo das pessoas se ligarem à comida, à natureza e à comunidade" (FIRTH; MAYE; PEARSON, 2011 p. 555, *apud* GONÇALVES, 2014. p.19).

## 2.1. - SOB O GRAMADO, A FLORESTA

Logo ao finalizar o filme, retorno à Brasília, em 2015, e mudo-me junto com André Freitas para uma casa com quintal em um condomínio de Sobradinho (DF). Nela, inicialmente, haviam apenas 3 árvores, sendo elas um ipê amarelo, um caqui-do-cerrado (ou fruta-de-boi) e um pé de acerola. O resto era grama e concreto, algo muito comum em muitas das casas em condomínios. Na mesma época, comecei a participar de mutirões de plantios agroflorestais. Ao plantar alimentos, principalmente agroecologicamente, nos damos conta de que a saúde de qualquer espécie não depende apenas desta, mas também de trocas (equilibradas) com uma infinidade de outras formas de vida que a cercam. Esse fato está implícito em todas as relações referentes à produção e manutenção da vida, mas raramente, em nossa vida cotidiana da cidade, nos conscientizamos disso. Normalmente somos abastecidos desses processos, mas estamos alienados deles.

Partindo da vontade de produzir alimentos saudáveis no quintal de casa e inspirados pelos movimentos agroecológicos no Brasil, começamos a retirar a

grama e o concreto do quintal da casa para termos mais acesso à terra. Os fazeres com a terra em casa, ainda intencionais, aos poucos iam se tornando um hábito. Ao passar dos anos, pouco a pouco, metro a metro, canteiro a canteiro, espécie a espécie, o entorno da casa foi se transformando em um quintal agroecológico. Infelizmente não há registros de imagens desse período, podemos apenas se lembrar e imaginar.

A ideia por trás dessa prática agroecológica em casa era a de produzir de maneira saudável e sem agrotóxicos, um pouco de alimento para o consumo próprio. No entanto, ao fazer isso com atencionalidade, logo nos demos conta que ao mesmo tempo estávamos também regenerando o solo e parte do ecossistema degradado pela construção do condomínio. Claro que regenerar é um termo bastante ambicioso quando estamos tratando de plantar em um pequeno quintal num condomínio urbano. No entanto, ele serviu para imaginarmos um caminho para um habitat de florescimento multiespécie. Segundo Ana Primavesi (2016b), agrônoma agroecológica que dedicou sua carreira a pesquisar os ecossistêmicas dos solos tropicais como forma de combater a degradação ambiental na qual vivemos: "É lógico que a agricultura não pode conservar os ecossistemas naturais. Mas ela pode tentar instalar ecossistemas simplificados próprios aos trópicos. Pode usar métodos que no mínimo tentam manter o máximo de vida diversificada e a saúde do solo" (p. 29). Primavesi (*Ibidem*) aponta seis pontos básicos para a agroecologia que servem para qualquer plantio independente da escala, sendo eles: agregar solo, proteger o solo, aumentar a biodiversidade, aumentar o sistema radicular das plantas, manter a saúde vegetal pela alimentação equilibrada e proteger os cultivos e pastos contra o vento e as brisas constantes. Nossos fazeres com a terra eram uma tentativa singela de multiplicar a pluralidade da vida, indo contra a corrente hegemônica de simplificação da biodiversidade comum a habitações urbanas. As cidades são florestas desertificadas em concreto e gente.

Essa desertificação causada pela urbanização e pavimentação das cidades, ou mesmo pelo tão conhecido gramado do jardim, já não é novidade. Todos esses, para existirem, precisam arruinar as formas de vida que ali habitavam antes. Não é como se não houvesse um nada onde se possa construir a "civilização" sobre. Toda construção é uma invasão seguida de extermínio. Isso te lembra de alguma história

de 1500? Segundo nosso autor perfurador de pavimento preferido, Prf. Dr. Wellington Cançado Coelho, as grandes capitais brasileiras, que comportam a maioria dos seres humanos desse país, foram construídas sobre o que um dia foi Mata Atlântica, Floresta Amazônica, Cerrado e todos os biomas que pertenciam a essa terra, junto com seus habitantes originários. "Incluídas as cidades médias e pequenas nessas províncias biogeográficas e temos pelo menos 70% da população do país vivendo sobre ex-florestas e convivendo diariamente com ilusões pavimentadas de uma vida sem solo, na qual a t(T)erra não existe" (COELHO, 2019, p. 42). O autor chamou essa substituição das florestas por urbanidades brilhantemente de t(T)erricídio. Ao taparmos o solo, estamos matando a Terra, ou como alguns gostam de chamar, Gaia.

O crescimento desenfreado dos condomínios de classe média e média alta ao redor de Brasília, nas últimas décadas, se apresenta como um dos grandes desafios ambientais do Distrito Federal. Suas construções desenfreadas e sem grandes planejamentos ambientais as transformam em desastres contemporâneos. A maioria desses condomínios surgem provindos da grilagem de áreas públicas e/ou em fracionamento de áreas rurais. Essas áreas, em sua grande maioria, eram matas de Cerrado que abrigavam uma inestimável quantidade de espécies de fauna e flora. Além disso, as regiões do cerrado brasileiro fazem parte dos principais recursos hídricos do mundo, abrigando, nascentes, minas d'água e gigantescos aquíferos subterrâneos, responsáveis por abastecer não apenas o centro-oeste, mas seis bacias hidrográficas da América do Sul. Não é por acaso que o cerrado é chamado de "berço das águas". O Rio São Francisco (Velho Chico) nasce na Serra da Canastra; o Rio Araguaia, na Serra de Caiapó, sendo este o principal afluente do rio Tocantins, que vem da Serra dos Pirineus. O manancial do Parnaíba nasce na Serra da Tabatinga. Também na zona de transição entre o Cerrado e a Amazônia nascem importantes contribuintes das bacias dos rios Tapajós e Xingu, formadores da bacia Amazônica. Focando no Distrito Federal, encontra-se o fenômeno conhecido como "águas emendadas", uma área protegida de nascentes que drenam para duas bacias hidrográficas brasileiras que abastecem grandes regiões: a bacia do Tocantins ao norte e, ao sul, a do Paraná-Prata, sendo o Paraná o grande rio das

cataratas do Iguaçu<sup>83</sup>. O Cerrado também está sobre o Aquífero Guarani, o maior manancial de água doce subterrânea do mundo, que ocupa uma área de 1,2 milhões de Km<sup>2</sup>, estendendo-se pelo Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina<sup>84</sup>.

Claro que os condomínios do Distrito Federal não são os únicos responsáveis pela degradação do Cerrado e suas águas. O agronegócio é grande líder nessa corrida da morte. No entanto, o avanço urbano desenfreado certamente é grande parte do problema. É só olharmos para Águas Claras, uma Região Administrativa de Brasília, que lembra uma pequena São Paulo por causa do adensamento de prédios altos. Fundada em 1992, foi fruto de um *boom* da especulação imobiliária na capital. O que ninguém conta é que seu nome provém da grande quantidade de nascentes que havia ali antes. Hoje algumas delas ainda minam em dias de muita chuva, alagando as garagens de grandes edifícios.

Voltando aos condomínios, alguns podem argumentar que estes apresentam áreas verdes paisagísticas e de lazer sendo assim ambientalmente coerentes. No entanto, essas áreas, na maioria dos casos, são espaços paisagisticamente desenhados com gramados e poucas e espaçadas árvores onde, em sua maioria, a vegetação nativa é arrancada para dar lugar a jardins de plantas exóticas, totalmente estranhas ao bioma original. Também, o sistema de fossas "não-ecológicas" em muitos desses condomínios acaba por poluir o solo e os lençóis freáticos. Além disso, muitos não têm escoamento adequado de águas pluviais. As chuvas que antes eram absorvidas pelas matas e penetrando o solo e abastecendo os aquíferos, agora se acumulam na superfície lixiviando o solo e causando erosões nas terras ao redor dos condomínios.

A lista de problemas ambientais é muito extensa e daria para escrever uma dissertação só sobre esse assunto. O importante é reconhecermos o impacto que tais moradias causam na paisagem. O condomínio onde criamos o NINHO não era exceção. Assim como centenas de condomínios irregulares que surgiram no Distrito Federal nas últimas décadas, o RK se constituiu sobre o que foi um dia (não tão

---

<sup>83</sup>Informação disponível em: <https://www.ibram.df.gov.br/estacao-ecologica-aguas-emendadas/> Acesso em: 15/11/21

<sup>84</sup>Infomação disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/aguas-subterraneas/programa-de-monitoramento/consulta-por-aquiferos-monitorados/aquifero-guarani/> Acesso em 15/11/21

longínquo assim) nosso bioma Cerrado (BLANCO, 2018). Ou seja, ele faz parte de uma infraestrutura que desertifica o que um dia foi floresta. A desertificação de uma floresta não é um "arruinamento" da mesma? Coelho (2019), citando Eliane Brum e Viveiro de Castro, uma vez disse:

O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais", viria a dizer então a jornalista Eliane Brum em total sintonia com o país construtor de desertos enunciado por Viveiros de Castro, e após acompanhar de perto a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte em Altamira, no Pará, e a destruição de emaranhados de vidas humanas e não humanas, ainda e sempre em nome do mesmo Progresso. Afinal, não são os nossos desertos, ruínas florestais? (p. 31)

A transformação das florestas em condomínios não pode ser considerada parte das manchas do Antropoceno? "Na ecologia de paisagem, uma "mancha" é uma composição diferenciada de espécies e condições ecológicas; é parte de uma 'paisagem' heterogênea. O Antropoceno oferece algumas manchas ecológicas diferenciadas, como grandes plantações, subúrbios, complexos industriais, instalações logísticas e muito mais" (TSING, 2021, p. 178). Podemos pensar a construção de habitações urbanas em cima das florestas como uma das infraestruturas responsáveis pelas manchas do Antropoceno. A mentalidade que desmata florestas e coloca em seu lugar gramados, calçadas, asfalto, é destruidora da biodiversidade. Ela faz isso em grande parte transformando o solo da terra em superfícies duras.

O objetivo dessa engenharia é converter o solo no tipo de superfície que os teóricos da modernidade sempre pensaram que fosse — nivelado, homogêneo, pré-existente e inerte. É fazer da terra um palco, plataforma, piso ou rodapé, ou, em uma palavra, uma infraestrutura sobre a qual a superestrutura da cidade possa ser erguida. (INGOLD, 2015, p. 43)

Tal forma de vida não considera o que há abaixo da superfície terrestre. É como se não houvesse vida ali. "A superfície dura, eu afirmo, é a característica definitiva do ambiente construído. Em tal ambiente, a vida é verdadeiramente vivida sobre ou acima do solo e não nele. As plantas crescem em vasos, as pessoas em apartamentos, alimentadas e regadas de fontes remotas" (*Ibidem*, p. 45, tradução nossa<sup>85</sup>). Ao desconsiderarmos o solo como vivo, desconsideramos a camada responsável por abrigar a maior biodiversidade terrestre. "Literalmente 'posicionada

<sup>85</sup> No original: "Hard surfacing, I contend, is the definitive characteristic of the built environment. In such an environment, life is truly lived on or above the ground and not in it. Plants grow in pots, people in apartments, fed and watered from remote sources. Life and habitation are contained.

entre' a terra e o céu, é a mais ativa das superfícies, o local primário dessas reações, das quais a fotossíntese é a mais fundamental, do qual toda a vida depende" (INGOLD, 2015, p. 43, tradução nossa<sup>86</sup>). Essa aniquilação do solo pela superfície dura da infraestrutura urbana, aplanada e simplifica os processos de vida terrestres, deixando a impressão de que no chão não há vida, ou seja, ele aparenta inerte e morto. "A superfície dura da terra na verdade bloqueia a própria mistura de substâncias com o meio que é essencial para a vida, ao crescimento e a habitação" (INGOLD, 2011, p. 124, tradução nossa<sup>87</sup>). O pouco de t(T)erra que sobra é, então, coberto com gramado, a versão vegetal mais próxima da superfície dura. Não por acaso são usados em campos de futebol e muitos outros esportes.

Flusser, em seu experimento fenomenológico da natureza, expresso em seu ensaio *Natural:mente* (2011), nos mostra que a grama é diferente de outras plantas, como o cedro ou o trigo, pois para nós, seu caráter é essencialmente cortável. "A essência da grama, revelada pela língua, não é a sua "plantidade", mas o fato de que a grama pode ser deixada crescer ou pode ser cortada" (*Ibidem*, p. 61). Para o filósofo, ela se encontra mais próxima do cabelo e das unhas. Não no sentido da função biológica dessas partes corporais, mas no sentido que as deixamos crescer ou as cortamos. Essa escolha faz da grama, assim como o cabelo, objetos manuseados culturalmente e completamente afastados de sua natureza. Para Flusser, "grama é essencialmente cabelo da Terra" (*Ibidem*).

Apesar de não tratarem dos gramados no *Feral Atlas*, argumento aqui que podemos considerá-los como ecologias *ferais*. Nos plantios agroecológicos, escuta-se frequentemente o conselho de substituir os gramados por outras espécies, pois seu adensamento tapa o solo e não permite que sementes de outras espécies brotem, minando o surgimento da diversidade biológica. Outros impactos negativos dos gramados são o consumo alto de água para mantê-los e a compactação do solo, não permitindo que as chuvas adentrem as camadas mais profundas. Eles são

---

<sup>86</sup> No original: Literally 'standing between' earth and sky, it is the most active of surfaces, the primary site of those reactions, of which photosynthesis is the most fundamental, on which all life depends."

<sup>87</sup> No original: "The hard surfacing of the earth actually blocks the very intermingling of substances with the medium that is essential to life, growth and habitation. Earth that has been surfaced cannot 'rise up', as Heidegger put it, into the plant or animal. Every paved road and every concrete foundation is a desert: nothing can grow there."



verdadeiros desertos verdes<sup>88</sup>. Já há algumas décadas se discute sobre os impactos negativos de tais plantas tão comuns ao paisagismo urbano. Recentemente descobri que nos Estados Unidos existe um movimento contra os gramados, o *Anti-lawn Movement*. Lá, a grama é considerada a maior cultivo irrigado do país, causando grandes prejuízos ecológicos. Os gramados americanos consomem por ano quase 3 trilhões de galões de água, 200 milhões de galões de gasolina com os cortadores de grama e 70 milhões de libras de pesticidas<sup>89</sup>. Números equiparados a alguns cultivos de *plantations*. Os gramados são uma espécie de pavimentação verde usada para cobrir os espaços que sobram entre uma superfície dura e outra nas cidades. Eles não são ecológicos pois criam uma superfície semi-dura, monocultural e pouco propícia para o florescimento multiespécie.

É verdade que as superfícies duras não vão estancar seus estados sem vida por muito tempo. A vida persiste com uma diligência implacável e constantemente tentando irromper-se pelas entranhas dos pavimentos, nas rachaduras das calçadas, dos muros, dos meios fios, por onde for possível.

A superfície asfaltada, atacada por raízes por baixo e pela ação do vento, chuva e geadas por cima, eventualmente racha e se despedaça, permitindo às plantas crescerem através dela para se misturarem e se ligarem novamente à luz, ao ar e à umidade da atmosfera. Onde quer que olhemos, os materiais ativos da vida estão vencendo a mão morta da materialidade que tenta tolhê-los. (INGOLD, 2012, p. 36)

Retrato esse rompimento da vida que atravessa o concreto em uma cena do filme *Huerta de Saavedra* (2015), ao filmar uma coletânea de plantas que surgem das rachaduras do concreto da cidade, como muros, gretas das calçadas rompidas pelas raízes das árvores ou qualquer micro espaço onde elas encontrem um pouco de terra. Aquilo me fez refletir como a vida é também uma tentativa incessante de

---

<sup>88</sup> A expressão **deserto verde** é utilizada pelos ambientalistas para designar a monocultura de árvores em grandes extensões de terra para a produção de celulose, devido aos efeitos que esta monocultura causa ao meio ambiente. As árvores mais utilizadas para este cultivo são sobretudo o **eucalipto**, **pinus** e **acácia**." Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Deserto\\_verde](https://pt.wikipedia.org/wiki/Deserto_verde). Acessado em: 30/10/2021

<sup>89</sup>No original: "consume nearly 3 trillion gallons of water, 200 million gallons of gas (all that mowing) and 70 million pounds of pesticides", segundo artigo da Columbian Insight. Disponível em: <https://columbiainsight.org/is-the-anti-lawn-movement-really-a-movement/>. Acessado em 30/09/2021.



retomar seus espaços, pouco importando se nós humanos queremos estancá-los com nossas criações<sup>90</sup>.

No entanto, não podemos ser ingênuos em achar que se só deixarmos as cidades paradas no tempo, as florestas voltariam. Isso pode até acontecer, mas demoraria milhares de anos se não se tornarem desertos antes, dependendo da degradação. É preciso agir e regenerar as condições do solo para que a vida emergja em sua abundância.



*Figura 3. Planta na rachadura do concreto. Frame do filme Huerta de Saavedra, 2015. Fonte: autor*

Finalmente, voltando à estória do nosso quintal, simplesmente queríamos plantar um pouco de comida de maneira agroecológica. No entanto, precisava-se quebrar as superfícies duras do concreto e do gramado. O rompimento do que Ingold define como superfície dura é o que permite que a vida latente ali embaixo possa se atualizar. Aos poucos, arrancamos a grama e o concreto para encontrar logo abaixo a **(T)terra!** Ela estava logo abaixo, logo além das ilusões pavimentadas. O solo está tão perto, como ficamos tão longe dele? O simples ato de lhe abrir novamente ao ar, a luz e as chuvas, desperta novamente as "potências telúricas que emergem do

<sup>90</sup> Referência a uma cena do documentário *Horta de Saavedra: o caos criador*. Buenos Aires, Argentina (MARÉCHAL; PEROTTO, 2015). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_Kop\\_YgHu8&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=p_Kop_YgHu8&t=5s) Acessado em 20/10/2019

descobrimto da t(T)erra" (COELHO, 2019, p. 39). "Em suma, graças à sua exposição à luz, umidade e correntes de ar — sol, chuva e vento — a terra está sempre irrompendo, e como consequência, não destruindo o solo, mas criando-o" (INGOLD, 2015, p. 44, tradução nossa<sup>91</sup>).

Citando Henri Lefebvre, Coelho (2019) nos lembra que, "durante longos séculos, a terra foi o grande laboratório do homem; só há pouco tempo é que a cidade assumiu esse papel" (LEFEBVRE, 2001, p. 7., *apud* p. 222). Ele segue então seu pensamento afirmando que "A t(T)erra no entanto, está reassumindo o protagonismo de laboratório privilegiado, como uma reação às violentas destruições que as cidades produziram em escala planetária" (*Ibidem*). Perfurar o pavimento ou o gramado (pavimento verde) para expor o solo e prepará-lo para que ali irrompa novamente a floresta, foi a semente inicial que germinou o fio condutor de toda essa pesquisa. Foi esta ação que nos proporcionou imaginar caminhos possíveis para outras formas habitar. Esses caminhos só se tornaram presentes em meu hábito a partir das trocas de saberes e diálogos surgidos das correspondências em cada mutirão que participei desde Buenos Aires até o condomínio RK. Esses fazeres proporcionados pela agricultura urbana, principalmente a agroecologia, foi onde tive a oportunidade de colocar as mãos na t(T)erra tornando-me um ser *descobridor* de solos abaixo das superfícies duras.

## 2.2 - O TECER DO NINHO

Essa índole de cultivar alimentos agroecológicos em casa cresceu tanto, ao ponto de formular um projeto que unificasse minha pesquisa em Arte e Tecnologia, e na qual já vinha trabalhando com a transformação do jardim em quintal agroflorestal: o Projeto NINHO. Em 2016, em uma reunião com André Freitas, o outro morador da casa e programador computacional e, com Maurício Chades e Yasmin Adorno, dois artistas visuais do DF, nasceu a ideia do Coletivo NINHO. Um Coletivo de pesquisa em Artes, Agroecologia e Interatividade. Posteriormente o coletivo cresceu com a

---

<sup>91</sup> No original: "In short, thanks to its exposure to light, moisture and currents of air – to sun, rain and wind – the earth is forever bursting forth, not destroying the ground in consequence but creating it."

entrada da agroecóloga Sofia Carvalho e da engenheira elétrica Karen Almeida. Desse núcleo, nasceu o projeto, que recebeu, em 2016, o fomento do Fundo de Apoio a Cultura do Distrito Federal (FAC-DF)<sup>92</sup>.

O projeto NINHO teve um caráter de pesquisa e laboratório transdisciplinar, envolvendo artes visuais e agroecologia com tecnologias interativas. Ele configurou-se como uma pesquisa cujas as principais atividades se concentraram no período de dezembro de 2017 a agosto de 2018, quando nos encontramos com regularidade em uma casa do condomínio RK, em Sobradinho (DF), compartilhando leituras, plantando sistemas agroflorestais e criando obras de arte (NINHO, 2018). O coletivo multidisciplinar, se propôs a pesquisar e desenvolver obras de arte interativas que integrassem de forma poética o quintal agroflorestal com os espaços internos da casa onde morávamos. Durante aquele ano, a casa se transformou no que chamamos de casa-ateliê, um espaço de experimentações nos três eixos do projeto.

No primeiro semestre de 2018, a pesquisa também se estendeu a uma escola pública do Distrito Federal<sup>93</sup>, rompendo o "NINHO" para além das premissas iniciais. O coletivo interagiu com a escola por um semestre ministrando oficinas, implementando uma horta agroecológica e instaurando um laboratório de arte, agroecologia e interatividade junto aos alunos contraturno do ensino fundamental do Centro Educacional 03 (CED3) de Sobradinho, DF. Os encontros aconteceram com uma periodicidade de 2 ou 3 manhãs por semana, entre 9h15 e 12h, nas segundas, quartas, e sextas-feiras. No total, foram 60 horas de oficinas conduzidas ao longo de 19 encontros que variaram desde de plantio, manejo e colheita de uma horta agroecológica até oficinas de arte eletrônica e computacional. Os alunos puderam ter contato com a terra, com a eletrônica, programação computacional, vídeo mapping<sup>94</sup> e fundamentos da linguagem visual. Todas as oficinas eram teórico-práticas e transdisciplinares, logrando juntar os fazeres artísticos com os da terra. As atividades realizadas na escola foram parte de um processo de extensão das práticas experimentadas em ateliê. Para tanto, as oficinas eram planejadas de acordo com o interesse do coletivo em metodologias didáticas que oportunizassem

---

<sup>92</sup> FAC Regionalizado - n° 2/2016

<sup>93</sup> Centro Educacional 03, Sobradinho, Distrito Federal.

<sup>94</sup> Participação especial do vídeo-artista Márcio Motta.

construção de conhecimento coletivo junto aos alunos, em um processo criativo, fundamentado nas correspondências. As experiências vividas, tanto no laboratório quanto no plantio e manejo da horta na escola, se emaranhavam com os processos criativos de ateliê e vice-e-versa, em uma dinâmica de *doing/undergoing*.

Ao longo do processo criativo do NINHO, as linhas dos pesquisadores, dos alunos, das plantas, dos microrganismos e outros seres iam trançando-se em uma dança da correspondência, onde todos ensinavam e aprendiam. Os alunos eram parte do coletivo e produziram também obras que foram expostas junto às dos pesquisadores. Ao compartilharmos plantios, manejos, refeições e projetos de obras de arte, a malha do grupo ia tecendo-se. NINHO era uma grande composteira, onde espaços, coisas, seres animados e inanimados, ideias, conceitos, saberes, materiais orgânicos e não-orgânicos estavam em constante transformação, decompondo-se e recompondo-se em um contínuo vir a ser, a partir do qual, os artistas produziam suas poéticas. O Projeto culminou com uma exposição aberta da casa-ateliê, onde expomos ao público os processos e obras produzidas pelo coletivo e, também, uma exposição na escola onde foram expostos os trabalhos produzidos no laboratório com os alunos.

### 2.2.1 - O QUINTAL VIRA FLORESTA

Com os fluxos postos em movimento pelo Coletivo NINHO, conseguimos finalmente transmutar o jardim da casa em um protótipo de floresta. Esta foi a primeira grande atividade do coletivo onde todos os pesquisadores participaram dos mutirões de plantio. Ali não importava sua função no coletivo, artista ou engenheira, todos eram agricultores. A proposta era que todos colocássemos as mãos na t(T)erra, independente da área de atuação e pesquisa. Começar o processo de pesquisa do projeto pelo plantio foi essencial para que se alinhassem os processos criativos e as dinâmicas da agroecologia. Em dezembro de 2017, removemos as últimas plantas ornamentais do terreno e o último canto gramado e, então, preparamos o solo para a geração da ressurgência. As trocas e aprendizados iam surgindo à medida em que íamos correspondendo com a vida no solo, com as plantas e com os companheiros pesquisadores.



*Figura 4. Primeiro mutirão do projeto NINHO. Fonte: autor*

Sofia, a agroecóloga, guiava o grupo nos mutirões. Ela nos mostrou a importância do biofertilizante, no qual traz em sua composição, microrganismos benéficos para o solo e para as plantas, além dos nutrientes. Após afofamos a t(T)erra, a fertilizamos com bokashi, um adubo de cereais fermentados e de matéria orgânica vegetal e/ou animal. Sua preparação é de origem Japonesa e foi introduzida no Brasil nos anos 80.

A ação mais importante do Bokashi, entretanto, é introduzir microrganismos benéficos no solo, que desencadeiam um processo de fermentação na biomassa disponível, proporcionando rapidamente condições favoráveis à multiplicação e atuação da microbiota benéfica existente no solo, como fungos, bactérias, actinomicetos, micorrizas e fixadores de nitrogênio, que fazem parte do processo complexo da nutrição vegetal equilibrada e da construção da sanidade das plantas e do próprio solo. (SIQUEIRA; SIQUEIRA. 2013, p. 6)

Sofia, então, nos esclareceu que a principal atitude para plantar uma floresta é se atentar às condições do solo para que a microbiologia ali floresça. Quem planta a



floresta não somos nós, e sim os microrganismos benéficos. O aumento e a manutenção da vida no solo é essencial para o aumento da biodiversidade. O que mais favorece essa fauna do solo é a inoculação através dos biofertilizantes e a criação de condições para que ela se prolifere. Isso é alcançado cobrindo o solo com matéria orgânica que auxilia a manter as condições de umidade e temperatura adequadas para aquela microbiologia. Além disso, essas folhas, galhos, serragem depositadas na superfície se decompõem acelerando os processos metabólicos do solo, produzindo composto e enriquecendo-o. O hábito de manter o solo coberto com matéria orgânica faz com que a dinâmica da vida se intensifique ali, tornando-o um solo vivo. "Quando a planta finalmente morre e se decompõe, seu depósito de material se soma à camada de solo, rica em nutrientes, da qual resulta mais crescimento. Nesse sentido, a terra está crescendo perpetuamente" (INGOLD, 2015, p. 43, tradução nossa<sup>95</sup>).



*Figura 5. Solo coberto com matéria orgânica ao final do primeiro mutirão do*

---

<sup>95</sup> No original: "When the plant eventually dies and decomposes, its material deposit adds to the layer of soil, rich in nutrients, from which further growth issues. In this sense the earth is perpetually growing over, which is why archaeologists have to dig to discover evidence of past lives."

*NINHO*. Fonte: NINHO

Sofia nos ensinou que nas florestas o solo está sempre coberto por matéria orgânica que recicla constantemente seus nutrientes. "As madeiras e folhas cortadas, quando depositadas e organizadas sobre o solo, são alimentos para a biota ali residente, cujo trabalho de decomposição enriquece a disponibilidade e diversidade funcional de nutrientes, criando, enfim, terra preta" (NINHO, 2018, p. 28). A terra preta, popularmente também é conhecida como terra de índio, é uma terra rica em matéria orgânica e é normalmente considerada uma boa terra para cultivo. Um solo saudável é o fundamento da agrofloresta

Agrofloresta é um sistema de agricultura associado com floresta que faz parte da agroecologia. Nela, consorcia-se a produção agrícola com o plantio de árvores, ou seja, agrossilvicultural. Planta-se junto a cultivos de ciclo curto, plantas anuais e perenes, e árvores frutíferas e madeireiras. O mais interessante é que nesses tipos de sistemas o manejo baseia-se nas dinâmicas de trocas de nutrientes encontradas nas florestas tropicais e sua enorme variedade biológica. A agrofloresta, ao basear-se nos cíclicos energéticos de sistemas como a floresta, viabiliza a produção de alimentos orgânicos ao mesmo tempo em que almeja a recuperação de ecossistemas degradados.

Segundo Ernest Gotsch, o criador da agricultura sintrópica, uma das vertentes de agroflorestas, ela é o "conjunto de princípios e técnicas que viabilizam integrar a produção de alimentos à dinâmica de regeneração natural da floresta"<sup>96</sup> (ERNST, 2015, 1') A agricultura sintrópica visa criar sistemas de produção onde o manejo faz com que a energia do sistema sempre aumente, ficando cada vez mais autossuficiente. Ela é antítese da agricultura convencional, que é entrópica, ou seja, o sistema vai sempre perdendo energia exigindo que ela seja repostada com insumos provindos de fora. A sintropia dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) consegue regenerar áreas degradadas anteriormente pela produção agrícola convencional, como a monocultura e/ou a agropecuária. Um grande exemplo é a Fazenda Olhos D'água, do Ernest Gostch. Em 1984, ela era uma área muito degradada pela

---

<sup>96</sup> Visto em [https://youtu.be/SKl3\\_Xiqjyc](https://youtu.be/SKl3_Xiqjyc) 07/05/21

produção de cacau monocultural e quase não tinha água. Hoje é uma das áreas de Mata Atlântica mais bem preservadas do sul da Bahia e tem várias nascentes, fazendo jus ao nome. Ernest a regenerou através de seu modelo de agricultura sintrópica. As SAFs, além de estarem produzindo alimentos orgânicos, de melhor valor nutritivo e mais saudáveis, promove um serviço ambiental de restauração de áreas degradadas, produzindo outras formas de habitabilidade e aumentando a biodiversidade pois "paisagens florestais são emergentes nas relações multiespécies" (TSING, 2019, p. 99).

Em seu livro *Viver em ruínas (Ibidem)* Tsing propõe uma etnografia das paisagens multiespécies. Segundo a autora, "ao reconfigurar habitats, os organismos moldam a evolução de outros organismos, incluindo outras espécies. Em vez de unidades de evolução autonomamente interessadas, temos relações que criam paisagens multiespécies" (TSING, 2019, p. 99). Por isso a paisagem assume um lugar central para a autora. Ela funda uma antropologia das paisagens, logrando deslocar o Homem do objeto central do campo. No espaço comum entre a antropologia e a ecologia, Tsing (2019) encontra os conceitos capazes de darem conta das práticas e dinâmicas coletivas em questão. A partir do encontro dos campos pode-se estudar a complexidade das relações intra e interespécies na formação de determinada paisagem e abrir o campo das ciências sociais para se pensar socialidades mais-que-humanas. Ela cria um arcabouço teórico para pensar as paisagens. Para a autora, são as relações entre espécies que criam condições de habitabilidade e não os seres isolados. São as assembleias que formam as paisagens. Para ela, "a paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado" (*Ibidem*, p. 17). Por esse motivo devem ser estudadas para nos ajudarmos a dar conta do que realmente é a era geológica na qual estamos adentrando, o Antropoceno.

O interesse de Tsing por paisagens multiespécies partiu de sua investigação sobre os cogumelos matsutake, no Japão central. Eles são considerados uma iguaria na culinária japonesa. Os camponeses tradicionais do Japão central vinham manejando as florestas satoyama há séculos para suprir suas necessidades de carvão, madeira e adubo verde, assim como a extração de alimentos da mata, como brotos de bambu, castanhas e sementes. Quando a dinâmica das atividades agrícolas



camponesas foram se modificando, por causa da modernização, as florestas satoyama foram se transformando em outros ecossistemas e os matsutakes foram desaparecendo. Isso causou uma preocupação para os japoneses por se tratar de uma iguaria rara e muito significativa para sua cultura culinária local. Anna Tsing encontrou nos matsutakes e nas florestas satoyama o objeto propício para se estudar as socialidades mais-que-humanas. "Carvalhos, pinheiros, matsutake e agricultores: juntos eles criam a habitabilidade multiespécie da floresta de satoyama. Em suas construções de nicho sobrepostos, eles abrem espaço para muitos tipos de vida" (TSING, 2019, p. 106).

No entanto, não são apenas as paisagens multiespécie que interessam à Tsing, mas pensá-las dentro do cenário de perturbação humana generalizada que caracteriza o Antropoceno. Estamos vivendo, nesta era de paisagens em ruínas, mudanças climáticas e catástrofes ambientais, assuntos que já são pautas centrais na ciência e na política. Tsing se engaja em fazer uma antropologia que se abra às multiespécies como pessoas sociais, ao mesmo tempo em que produzem habitabilidade a partir das ruínas. Para Anna Tsing "o Antropoceno é uma era de extinção em massa, não devemos esquecer. Mas o Antropoceno também é uma era de emergências" (TSING, 2019, p. 23). Aqui chegamos ao ponto que interessa. Como produzir habitabilidade a partir das perturbações humanas, já que quase todos os ecossistemas terrestres sofrem intervenções geradas pelo Antropoceno?

Os sistemas agroflorestais (SAFs) se apresentam como uma alternativa promissora para imaginar futuros de habitabilidade a partir das ruínas. As SAFs se configuram como uma coordenação de várias espécies, inclusive o ser humano. Por isso, acredito que elas são exemplos do que Anna Tsing chamou de mata. "As matas representam uma paisagem multiespécie em que os seres humanos são uma das partes dessas coordenações multiespécies, assim como dos regimes de perturbações através dos quais as assembleias florestais criam habitabilidade continuamente" (*Ibidem*, p. 100). Talvez devêssemos chamar as agroflorestas de *agromatas*, pois o conceito de mata prevê a inserção e perturbação humana na paisagem como uma intervenção benéfica.

O estudo antropológico de Anna Tsing nos fez perceber como as agroflorestas são exemplos de paisagens multiespécies que surgem desde dentro do cenário de destruição no qual vivemos, mas que promovem efeitos benéficos, já que quase sempre regeneram áreas degradadas. Em audiência na Comissão Especial da Câmara dos Deputados que analisou a proposta do projeto de lei da PNARA (PL 6670/16)<sup>97</sup>, no qual discutiu incentivos políticos nas práticas agroecológicas e no controle biológico de pragas agrícolas, os agroecólogos reivindicaram o reforço dos sistemas agroflorestais no âmbito da Política Nacional de Redução do Uso de Agrotóxicos. Ernest Gotsch estava presente e enfatizou a agricultura sintrópica como alternativa à agricultura convencional e como regeneradora de biomas degradados. Gotsch "defendeu as alterações no Código Florestal (Lei 12.651/12) para que as Áreas de Proteção Permanente (APPs), sejam transformadas em Áreas de Inclusão Permanente" (OLIVEIRA, 2018), onde o ser humano participa produtivamente daqueles ecossistemas gerando impactos positivos que auxiliam a recuperação dos biomas<sup>98</sup>. (NESTE, 2015)

Voltando à estória do NINHO, no terreno, não tínhamos espaço necessário para uma floresta. O que tínhamos era um quintal agroflorestal. Estas são áreas próximas às casas, onde utiliza-se o terreno para o cultivo variado de plantas e espécies agrícolas e florestais. "A característica principal dos quintais é a grande diversidade de espécies por unidade de área, e sua finalidade é a produção de alimentos, ervas medicinais, fibras e lenha, materiais para confecção de artesanatos e outros produtos de uso na propriedade durante todo o ano" (DUBOIS, 1996, p. 228). No entanto, consideramos o nosso quintal um protótipo de agrofloresta, de onde pudemos entender melhor as dinâmicas das paisagens multiespécie. Aquela t(T)erra era um laboratório para se pensar florescimentos multiespécie a partir das ruínas. A partir dele, pudemos criar as obras de arte que, ao longo de seus processos criativos, brotavam como espaços de diálogo sobre o Antropoceno e o fim do mundo. Mas também sobre as possíveis emergências de habitabilidade multiespécie a partir da nossa casa.

---

<sup>97</sup> Notícia: Defensores do cultivo agroflorestal pedem melhores condições de crédito e comercialização - Notícias, Portal da Câmara dos Deputados, disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/543139-defensores-do-cultivo-agroflorestal-pedem-melhores-condicoes-de-credito-e-comercializacao/>>. acesso em: 19 nov. 2021.

<sup>98</sup> Ver vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WXOQ39UQQPQ>. Acessado em 12/05/20.

### 2.2.2 - AS COISAS NO NINHO

A atencionalidade emergida dos fazeres com a terra geraram correspondências com outros seres humanos e mais-que-humanos, desdobrando-se em obras de arte que desabrocharam em outras correspondências, tecendo a malha do NINHO.

O NINHO ia lançando seus tentáculos em direção ao condomínio. Mobilizados pela necessidade de matéria orgânica para cobrir o solo e atentos ao hábito dos moradores do condomínio de podar seus jardins e gramas e ensacar as folhas para serem descartadas com a coleta do lixo, Yasmin Adorno produziu uma carta endereçada aos vizinhos que se configurou como a obra *Doe Podas*. As cartas eram um pedido de doação das podas para os jardins do NINHO ao invés de descartá-las. Nenhum vizinho correspondeu ao pedido, mas um deles nos contatou e a artista dialogou com ele sobre as nossas atividades e porque necessitamos de podas. No entanto, o coletivo passou a cultivar o hábito de coletar os sacos de poda das frentes das casas da vizinhança. Alguns vizinhos ao presenciarem essa ação ficavam curiosos e perguntavam o que fazíamos. Isso abria um espaço para conversar sobre o NINHO, quintais agroflorestais e a necessidade da cobertura no solo.

Descobrimos, também, que as podas do condomínio eram coletadas e levadas para um grande buraco para serem queimadas. Então, as vezes em que encontramos os jardineiros trabalhando, pedimos para que levassem as podas das áreas coletivas para a casa do NINHO. Por causa dessas correspondências, acabei descobrindo que um morador tinha construído uma casa permacultural, onde compostava todo seu lixo e reciclava toda sua água no próprio local. Pude visitar sua casa e criar novos laços. Todas essas situações abriram possibilidades de diálogos sobre a importância de deixar a matéria orgânica decompor no solo e questionar os motivos de descartamos as podas, ricas em nutrientes, nos lixos. A matéria orgânica para cobrir o solo se tornou um dispositivo de conversação entre o coletivo e a comunidade do condomínio.

# DOE PODAS

Prezado condômino<sup>1</sup>,

Nós do NINHO<sup>2</sup> estamos começando a campanha DOE PODAS pelo condomínio RK (Rancho Karina). A ideia é recolher as podas<sup>3</sup> dos jardins vizinhos para usarmos como insumo<sup>4</sup> para uma horta agroecológica<sup>5</sup>, localizada em uma casa na Rua Manacás (Centaurus B, casa 33). Essa horta está aberta para visita. Futuramente iremos realizar uma exposição na casa onde vamos mostrar a horta e um conjunto obras de arte geradas a partir das plantas e sua relação com o espaço. O projeto NINHO, além do desejo de envolver os vizinhos do RK, também se relaciona com uma escola Estadual do Distrito Federal, o CED.03 localizado em Sobradinho.



**Ficou interessando em conhecer?**

Estamos disponíveis para um café, para maiores informações

ligar: (61) 98366-6699 (Yasmin)

1 s.m. Indivíduo que é dono de uma propriedade, juntamente com outro ou outros; co-proprietário.

2 Coletivo de pesquisa em arte, interatividade e agroecologia.

3 Parte de plantas, arbustos e árvores retiradas, ramos, rama ou braços. Pode ser periódico. Se for bem executada, favorece o crescimento das plantas, renovando-as.

4 Cada um dos materiais fundamentais para o desenvolvimento ou para a produção da horta.

5 A agroecologia refere-se ao estudo da agricultura desde uma perspectiva ecológica. Tem como unidades básicas de análise os ecossistemas agrícolas, abordando os processos agrícolas de maneira ampla, não só visando maximizar a produção mas também otimizar o agroecossistema total - incluindo seus componentes socioculturais, econômicos, técnicos e ecológicos.

[www.ninho.org](http://www.ninho.org)

Figura 6. Carta Doe Podas. Obra de Yasmin Adorno. 2018. Fonte: NINHO

Outra produção que surgiu dos mutirões de plantio partiu das trocas vindas da adubação que fizemos com bokashi. Os organismos fermentadores presentes no adubo bokashi são chamados de EM — nome abreviado de *effective microorganisms* ou micro-organismos eficientes. Ele é formado por comunidade de microrganismos, encontrados naturalmente em solos férteis de florestas e matas (SIQUEIRA; SIQUEIRA. 2013). "Alguns desses microrganismos são conhecidos há milhares de anos e utilizados na fermentação e conservação dos alimentos. Os quatro principais grupos de microrganismos que compõem o EM são: leveduras, actinomicetos, bactérias produtoras de ácido lático e bactérias fotossintetizadoras" (*Ibidem*, p. 7). Eles podem ser reproduzidos por processos caseiros, mas precisam ser capturados com iscas de arroz cozido colocados embaixo da serapilheira de solos de matas conservadas.

Incentivados pelo artista Maurício Chades, o coletivo fabricou iscas com bambu cortado e arroz e as instalou numa mata ciliar próxima ao condomínio RK, onde havia uma pequena cachoeira. Essa expedição proporcionou ao coletivo visitar esta pequena área ainda conservada e experienciar como era o bioma da região anteriormente. Certamente sentíamos a grande diferença de temperatura, sons, umidade e, claro, a quantidade de biodiversidade, em comparação ao condomínio. No entanto, este local estava se degradando também por uma grande erosão que se abria pelas águas das chuvas que se acumulavam nas ruas do condomínio e desciam, como uma correnteza, até aquela mata. A cratera que cortava o morro ao meio parecia uma grande ferida naquela paisagem perturbada pela urbanização ao redor.

Naquela pequena mata, instalamos as iscas por dez dias no local. Quando as recolhemos, notamos a presença de bolores coloridos de verdes, amarelos e branco, que demonstravam o sucesso da isca. Os bolores cinzas e marrons foram descartados pois não são benéficos para o EM. Na correspondência com os pequenos seres, nos demos conta na prática como existe uma quantidade inimaginável de organismos que habitam os solos das florestas. Eles fazem o trabalho incansável de decompor e reciclar toda matéria orgânica, tornando-a novamente disponível para as plantas e animais. Os fungos e as bactérias são os

mestres da reciclagem. Sem eles, a vida não poderia existir, pois rapidamente ficaríamos soterrados nos entulhos orgânicos. Eles são os grandes recicladores da vida.



*Figura 7. Isca de Microrganismos Eficientes do NINHO. Fonte: NINHO*

Das iscas fizemos caldas misturando-as com água e melado de cana para a fermentação. Nessas caldas, processos de fermentação anaeróbica acontecem liberando gases que confirmam a presença das colônias de microrganismos. A cada dia a fermentação aumentava produzindo mais gases. Precisávamos nos atentar às garrafas onde os EMs habitavam para que não explodissem. A cada dois dias, era preciso liberar os gases, criando um hábito de atencionalidade junto aos pequeninos. O fim da produção dos gases também anunciava que o EM estava pronto para aplicação. Ele então era diluído e aplicado como fertilizante no solo do quintal ou borrifado nas folhagens de algumas plantas que estavam com sinais de doenças. O resto do EM foi utilizado na feitura de uma das obras para a exposição.



*Figura 8. Caldas de EMs. Fonte: autor*

A *Geladeira de decompor* foi uma obra composta por uma geladeira velha, disposta deitada entre as plantas do quintal, sob uma das varandas da casa. Ela funcionava com uma grande composteira preenchida com galhos podados de um único angico. Esses receberam aplicações de Microrganismos Eficientes (EM) para sua decomposição. Uma videoprojeção descia da varanda sobre a madeira com imagens generativas processadas, em tempo real, de pontos brilhantes coloridos representando os micro-organismos. Estes mudavam de posição, cor e tamanho segundo as intervenções de um(a) fruidor(a) junto a uma controladora MIDI, localizada na varanda acima da geladeira. A obra dialogava com seus fruidores, destacando a presença desses seres microscópicos nos processos da vida e da morte. Ao final da exposição, as madeiras foram dispostas no solo do quintal para terminarem de se decompor, liberando seus nutrientes e micro-organismos no solo, fertilizando-o.





*Figura 9. Geladeira de Decompor. Obra de Maurício Chades, 2018. Fonte: Composição do autor. fotografias: Janine Morais*

O assunto sobre fermentação também rendeu uma oficina com as crianças na escola. Lá, plantamos a horta educativa dois meses antes do começo das oficinas pois precisávamos aproveitar o fim das chuvas. Em fevereiro de 2018, organizamos um mutirão com algumas turmas do ensino fundamental e médio, onde revitalizamos uma área abandonada da escola. Preparamos a terra que estava pobre e compactada passando primeiro uma tobata com a grade para soltar o solo. Aplicamos adubos orgânicos, pó de rochas variadas, calcário e também bokashi. Conseguimos um caminhão de poda para cobrir o solo do espaço com a Terracap, órgão que faz o manejo paisagístico de Brasília. Junto com as crianças, plantamos hortaliças variadas, em consórcio agroecológico. Couve, repolho, alface de três tipos, rúcula, alho poró, cebolinha, cúrcuma, manjeriço, batata doce, beterraba e rabanete compartilhavam a terra com bananeiras, gliricídias, amoreiras e milhos crioulos.





*Figura 10. Horta agroecológica do Projeto NINHO na escola CED3 Sobradinho.*  
Fonte: NINHO

Como plantamos sete semanas antes, ao começarmos as oficinas já podemos colher as primeiras levadas de rabanetes. Junto com os alunos do projeto colhemos essas raízes. Os alunos se impressionaram ao verem aquelas cores rosa-choque saindo do interior da terra. Maravilhados eles mostravam com orgulho sua produção. No entanto, vários deles declararam não gostarem de comer rabanetes. Decidimos, então, fazer conservas de rabanetes fermentados como uma maneira de apresentá-lo ao paladar variado. A feitura das conservas surgiram como uma oportunidade para falar de microrganismos e fermentação, tanto no solo como nos alimentos. Após uma semana fermentando em um vidro com água lacrado, as conservas foram temperadas com sal e vinagre e levadas de volta para a escola, ocasião em que fizemos um lanche coletivo e cujo cardápio foi charuto de alface (também da horta) com tabule e pickles de rabanete. Todas as crianças presentes nesta oficina experimentaram e disseram ter gostado do rabanete em conserva, apesar de algumas terem dito que cheirava a "pum" (o que é verdade). Este lanche foi feito na área aberta da escola, o que atraiu visitantes curiosos. O vigia passante perguntou se poderia levar uns rabanetes para casa. Fizemos então um acordo com ele. Se nos ajudasse a ligar a irrigação da horta, poderia colher o que precisasse.



*Figura 11. Rabanetes colhidos da horta da escola e lanche com as conservas de rabanete. Fonte: Composição do autor.*

Os rabanetes que sobraram foram oferecidos às merendeiras da escola. Este contato culminou com o emaranhamento entre a horta, os alunos e as funcionárias da cantina. Ao poucos as correspondências iam acontecendo. Nas semanas que seguiram, fizemos várias colheitas. A produção era sempre levada pelos alunos até a cantina onde as merendeiras a incluíam no almoço. Quando havia excedente, era distribuído com os vigias e funcionários da limpeza. Toda essa movimentação gera diálogos sobre a produção de alimentos de forma agroecológica. As merendeiras reconheciam a qualidade dos alimentos e afirmavam serem mais nutritivas para as crianças. O vigia, que ficou nosso amigo, sempre dizia que o gosto do alface era bem melhor do que o que ele adquiria no mercado. Ele dizia ainda: — o melhor é que vem sem veneno! As crianças que participaram da horta, sempre contavam

com orgulho para os outros alunos como eles tinham plantado e colhido aquelas verduras. O professor de biologia começou a frequentar a horta como espaço pedagógico com suas turmas. Infelizmente não conseguimos que a direção da escola deixasse o espaço da horta aberto a todos os alunos. Eles a trancavam nos dias em que não estávamos na escola alegando que os alunos podiam destruí-la.

De qualquer forma, as correspondências que nasceram no solo do NINHO e foram parar no solo da escola, se apresentaram férteis como espaços de diálogo. As linhas das plantas surgidas de um ponto, as sementes, aos poucos se alongavam junto à t(T)erra, depois com as crianças, microrganismos fermentadores e funcionários da escola. Essas linhas proporcionaram àquelas crianças experimentações com os rabanetes em dimensões biológicas, gastronômicas e sociais, inimagináveis para elas até então.

Plantar não é apenas um fazer, no sentido de interagir. Cultivar plantas requer o cuidado e atenção característicos da correspondência. Plantas prontas para serem colhidas não são "feitas" e sim cultivadas, no sentido de crescidas ou criadas como as crianças. Elas precisam ser nutridas e cuidadas, mas tendo isso elas crescem sozinhas. Nos alongamos junto a elas enquanto crescem. Os agricultores precisam alinhar suas vidas com as das plantas que cultivam. "A produção, em tal ecologia de correspondência, trata de atender às trajetórias dessas vidas não-humanas" (INGOLD, 2015, p. 155, tradução nossa<sup>99</sup>). As crianças, assim como nós, cultivavam as plantas ao mesmo tempo em que eram cultivadas por elas. Os fazeres com a terra não são apenas um fazer unilateral, eles são da lavra do *doing/undergoing*. As duas fazem e submetem-se umas às outras num processo de crescimento mútuo. Isso segue em todos os estágios, desde semear, até colher e comer, em ciclos que se perpetuam. Ao colocarmos as mãos no chão, tocamos a terra, ao mesmo tempo somos tocados por ela e, conseqüentemente, entramos em contato com os milhões de microrganismos ali presentes que correspondem com a microbiótica das nossas mãos. Toda aquela vida é modificada mutuamente. Há correspondências em toda parte. "Assim, como a planta cresce a partir de sua semente, a linha cresce a partir de um ponto que foi posta em movimento" (INGOLD, 2012, p. 26).

---

<sup>99</sup> No original: "Production, in such an ecology of correspondence, is about attending to the trajectories of these non-human lives."



Outras trocas aconteceram em torno da comida. Nos almoços e lanches do coletivo, sempre tentávamos fazer pratos que incluíssem ingredientes do nosso jardim ou da horta da escola. O ato de comer junto é um espaço de diálogo. Estar junto na cozinha nos dá tempo e espaço para falar sobre alimentação, sobre espécies comestíveis e receitas novas. Christopher Alexander, no livro *Uma linguagens de padrões* (1977), destaca o *comer juntos* como um padrão de sociabilidade coletiva. "É claro, então, que a alimentação comunitária desempenha um papel vital em quase todas as sociedades humanas, como uma forma de unir as pessoas e aumentar o grau em que se sentem 'membros' de um grupo" (ALEXANDER, 1977, p. 698, *tradução nossa*<sup>100</sup>). A comensalidade e o compartilhamento da alimentação pelo coletivo NINHO criou espaços de diálogo de onde brotavam ideias para a pesquisa e para o projeto. Por exemplo, Yasmim havia trazido uma receita de bolo de milho para o lanche em um dos encontros. Quando chegou junho, colhemos junto com as crianças os milhos crioulos plantados na escola. Esta colheita coincidiu com o passeio que havíamos planejado para o grupo.



Figura 12. Milhos crioulos da horta da escola e o lanche com bolo de milho. Fonte: Coletivo NINHO.

---

<sup>100</sup> No original: "It is clear, then, that communal] eating plays a vital role in almost all human societies as a way of binding people together and increasing the extent to which they feel like "members" of a group."

Naquele mês, o projeto NINHO levou seus vinte e um alunos de sexto e sétimo ano do ensino fundamental para visitarem o "Sítio Agroecológico Raiz", localizado no Lago Oeste (DF). Na visita, as crianças puderam ver como a floresta e a produção agrícola podem caminhar juntas. Eles experienciaram canteiros de agrofloresta em vários estágios, desde o início, com hortaliças e mandioca, até florestas fechadas de árvores madeireiras e frutíferas. Elas se interessaram por uma área que consorciava árvores já crescidas com produção de galinhas. Esses animais são espécies companheiras. Eles limpavam o terreno alimentando-se das ervas espontâneas que brotavam e também dos insetos. Sua alimentação era complementada apenas com milho que vinha da produção local. Em troca elas produziam ovos e esterco para adubação dos canteiros de hortaliças. Na hora do lanche, comemos bolo de milho feito com as espigas colhidas da horta escolar na semana anterior. Há uma sensação inexplicável em comer algo que plantamos e as crianças transpareciam isso com sua empolgação e intenso interesse pelo alimento compartilhado.

Na semana seguinte, o projeto NINHO, que havia começado no solo da casa e se estendido até a escola, finalmente recebeu seus alunos para uma visita à casa-ateliê. O ônibus escolar chegou ao condomínio RK com os alunos do NINHO cantando empolgados. Qualquer razão para saírem do terreno escolar cheio de grades e concreto já era motivo de comemoração. A manhã estava ensolarada e o grupo foi recebido pelo Coletivo todo. O motivo da visita era trazer as crianças para o ateliê para que pudessem experienciar parte da pesquisa que inspirou as oficinas das quais haviam participado. A visita das crianças foi uma prévia do que viria a ser as visitas guiadas da exposição do NINHO entre 18/08 e 01/09/2018.

### 2.2.3 - EMARANHADOS NOS FIOS

Logo ao adentrarem à casa-ateliê, as crianças se depararam com um protótipo eletrônico não identificado que ficava em meio as plantas do quintal agroflorestal. Era uma gambiarra feita com sensores eletrônicos e coberta por uma boleira de acrílico. Ela era uma das quatro estações do projeto NINHO. "Baseado no conceito da internet das coisas (IoT), o jardim e a cozinha da casa-ateliê, assim como a horta da escola, foram equipados com estações eletrônicas munidas com sensores

analógicos e digitais" (NINHO, 2018, p. 46). As estações eram sistemas computacionais de comunicação que transmitiam informações como temperatura, quantidade de luz, umidade do ar, umidade do solo, temperatura do solo, vento, imagens da horta, da composteira etc., do *Jardim Florestal* para obras de arte que as traduziam em sons, luzes e movimentos de objetos dentro e fora da casa-ateliê.



*Figura 13. Estação de dados do Jardim Florestal.* Fonte: NINHO fotografia: Janine Moraes

Como os artistas do coletivo tinham um histórico em arte e tecnologia, nos engajamos na exploração poética baseada em tecnologias contemporâneas. A Internet das Coisas (IoT) é uma tecnologia emergente, com protocolos que permitem que os dispositivos eletrônicos digitais se comuniquem entre si, enviando dados via intra-redes. Assim eles podem "conversar" entre eles e reagir uns aos outros. Além disso, cada dispositivo, ou nóculo, pode ser equipado com "sensores" e "atores" que servem de interface com outros seres. Os dados da estação também podiam ser acessados online no servidor do NINHO. As crianças lembraram das oficinas de arte e tecnologia que fizemos com elas, onde vimos alguns dos sensores

e atores e construímos protótipos de estações. Hoje, após adentrar a abertura do pensamento de Ingold sobre a correspondência, percebo que o IoT e seus dispositivos eletrônicos aportavam um caráter de rede ao NINHO, mais do que malha, por se basearem nas interação *entre* os nódulos.

Não podemos chamar essas interações de correspondências, pois a infraestrutura dessas redes são desenhadas a partir da lógica de trocas dados entre "agentes" isolados (bolhas) e não linhas que correspondem. Em retrospecto acredito que a mediação das produções artísticas do NINHO por comunicações digitais certamente auxiliaram nas comunicações interespecíficas, pois traduziam aspectos das plantas e do quintal em dados digitais, que então era retraduzidos em estímulos sensoriais (cores, imagens, sons), mais evidentes à percepção humana. Estas traduções nos proporcionaram outras camadas de correspondência entre os seres, mas também bloquearam outras ao imporem os véus específicos dos seus códigos. Nesse sentido, não se diferem dos aparelhos medidores de dados usados pela Ciência convencional. Necessitamos dessas mediações pois somos filhos de uma cosmovisão que enxerga a "natureza" como um objeto separado de nós. Somos Humanos demais, nossa "subjetividade moderna" desaprendeu como escutar as plantas, a terra, os ventos e as águas. Por isso criamos novos códigos para mediar a comunicação com outras espécies. Comunicar com as plantas não se tornou uma tarefa muito fácil, pois "o homem é um animal 'alienado' (*verfremdet*), e vê-se obrigado a criar símbolos e a ordená-los em códigos, caso queira transpor o abismo que há entre ele e o mundo. Ele precisa mediar (*vermitteln*), precisa dar um sentido ao mundo" (Flusser, 2007, p. 130). Parte dessa alienação é resultado do afastamento que nos impomos às outras formas de vidas, seus processos e temporalidades, sendo o habitat urbano um de seus maiores exemplos.

Os artistas contemporâneos trabalham com a materialidade das questões emergentes de seu tempo. Isso exige que entrem em contato com outros ofícios, os quais não dominam. "Como argumentou Klee, o papel do artista não é reproduzir uma ideia preconcebida, nova ou não, mas juntar-se a ela e seguir as forças e fluxos dos materiais que dão forma ao trabalho" (INGOLD; HALLAN, 2007, p. 3). Essa é uma das liberdades do fazer artístico na contemporaneidade. No entanto, nenhuma liberdade vem sem sua contra-armadilha. Ao nos propormos prototipar

aparelhos medidores de dados e comunicações em rede, sem grandes experiências prévias, nos colocamos na pele de designers e engenheiros, os criadores de armadilhas (FLUSSER, 2007). O problema é que quando desenhamos armadilhas para "enganarmos" o mundo natural, essas armadilhas se voltam contra nós na dinâmica do *doing/undergoing*.

No NINHO, isso veio com um preço. Lembro-me hoje, e lembrar é também imaginar (INGOLD, 2012), de quantas noites viradas e quantas frustrações passamos tentando fazer com que os aparelhos funcionassem ao nosso favor. Sentimos na pele o que Flusser descreve sobre o Homem funcionário dos aparelhos. Flusser (2005, 2007) nos alertava que não são os aparelhos que funcionam para os homens, mas os homens que se tornaram funcionários dos aparelhos. Na contemporaneidade, o homem e os aparelhos encontram-se cada vez mais entrelaçados. De acordo com o filósofo "Esse novo homem, o funcionário, está unido ao aparelho por meio de milhares de fios, alguns deles invisíveis: aonde quer que vá, ou onde quer que esteja, leva consigo os aparelhos (ou é levado por eles), e tudo o que faz ou sofre pode ser interpretado como uma função de um aparelho" (Flusser, 2007, p. 41). Como gostaria que o filósofo estivesse vivo hoje para nos ajudar a pensar o nosso tempo. Talvez nomeasse nossa era de *Sociedade dos Aparelhos*. Lembro-me que ao final do processo do NINHO estávamos tão presos nas buscas lidando com os *bugs* tecnológicos das obras que mal tínhamos tempo para corresponder com nosso *Jardim Florestal*. Certamente um processo angustiante. Felizmente o quintal agroflorestal já seguia sua vida independente de nós.

A característica coletiva e aberta do NINHO o fazia alongar-se ou encolher-se, crescer e morrer para *devir-com* de acordo com suas necessidades. Seus fluxos cruzaram os de outros seres técnicos que vinham ao nosso resgate. Agradecemos formalmente aqui os precisosos(as) seres cientistas da computação e programadores Angélica Leite, Murilo Ferro, Timão e Ulno, por adentrarem a nossa malha e nos livrarem das redes engenhosas das tecnologias emergentes.

Por que trabalhamos com essas tecnologias? A questão que motivou a pesquisa com os eletrônicos era: como poderíamos através das poéticas visuais ajudar a dissolver, mesmo que simbolicamente, as barreiras físicas impostas pela arquitetura



urbana moderna? E como poderíamos produzir outras fricções entre os seres vivos (moradores e frequentadores da casa e, plantas, insetos, animais, microrganismos habitantes do quintal), pondo em evidência indícios das vidas presentes no quintal nos espaços internos da casa?

A dissolução parcial da dicotomia dentro/fora era uma das premissas poéticas do NINHO. A rigidez e impenetrabilidade das habitações modernas escondem uma outra dimensão de permeabilidade, a da dissolução da divisão público-privado pela era da tecnologia da informação. A aparente "imaterialidade" do mundo digital requer uma parafernália necessária para tal ilusão, desde cabos da grossura de um ônibus que ligam continentes pelo fundo do mar à satélites que congestionam espaços orbitais. Na ponta dessas "redes" chegam fios e ondas eletromagnéticas que literalmente atravessam nossos corpos e lares. NINHO se propôs a trabalhar com essa materialidade.

Já que não podíamos derrubar as paredes da casa, pegamos carona nas redes digitais penetrantes como possibilidade poética de tornar os limites dentro/fora mais porosos. Projetamos então sistemas computacionais que transmitiam informações da horta, da composteira etc. para *coisas* no interior da casa e vice-versa. Normalmente, na vida urbana, essas as camadas dentro/fora se afinam com aspectos das superfícies duras, ou pelo menos, se aproximam dela. Segundo Ingold (2015), esse aparente controle do que vai de dentro para fora e de fora para dentro de nossas casas fazem com que nossas habitações sejam contidas. Ingold escreveu sobre essa forma de morar:

Aqueles de nós, ricos o suficiente para morar em um apartamento urbano ou casa de subúrbio, equipados com todas as conveniências modernas, tendem a imaginar que a habitação pode ser contida. Vivemos em um mundo virado de fora para dentro — o que chamarei de mundo invertido — em que tudo o que se move e cresce, brilha ou queima, ou faz barulho foi reconstruído por dentro como um simulacro ou imagem do exterior. (INGOLD, 2015, p. 41, tradução nossa<sup>101</sup>)

Ingold nos conta que vivemos o fora a partir das imagens. Quadros nas paredes, emissões de televisão, projeções nas paredes brancas, ou à vista através do vidro

---

<sup>101</sup> No original: "What's the difference between the ground outside and the floor of a room? Those of us affluent enough to live in an urban apartment or suburban house, equipped with every modern convenience, tend to imagine that habitation can be contained. We live in a world turned outside in – what I shall call an inverted world – in which all that moves and grows, shines or burns, or makes a noise has been reconstructed within as a simulacrum or image of the exterior."

da janela, fazem das paisagens objetos pictóricos. "Nesta paisagem pictórica não há clima: o vento não sopra, e a chuva nunca cai. As nuvens estão para sempre presas em seu crescimento. Em nenhum lugar o fogo queima; não há fumaça" (INGOLD, 2015, p. 41, tradução nossa<sup>102</sup>). Estes simulacros culturalmente projetados nos causam a impressão de ainda estarmos em contato com o fora, mas a partir do distanciamento de estarmos seguros dentro. Ele é uma das raízes da dicotomia cultura/natureza. Vilém Flusser, em *Natural:mente* (2011), faz um ensaio sobre a chuva. Ele a observa caindo pela janela de sua casa enquanto fuma seu cachimbo e escuta Mozart. Suas palavras descrevem sua sensação:

A observação da chuva pela janela é acompanhada de sensação de aconchego. Lá fora, os elementos da natureza estão em jogo e sua circularidade sem propósito gira como sempre. Quem está preso em seu círculo fica exposto a forças incontroladas. Parte impotente do seu girar violento. Cá dentro, estão em jogo processos diferentes. Quem está do lado de dentro dirige os eventos. Eis a razão da sensação do abrigo: é a sensação de quem está na história e cultura, e contempla a turbulência sem significado da natureza. (FLUSSER, 2011, p. 39)

Abro um parênteses aqui pois, enquanto escrevia este texto, começou a chover lá fora, no entanto só me dei conta quando a chuva ficou mais intensa. O som dela batendo no telhado do vizinho ficou tão alto que me desconcentrou da escrita. Normalmente meus afazeres aqui dentro são indiferentes à chuva que cai lá fora. Precisamente aqui jaz a falha ontológica que reside na raiz do nosso *problema*. A de que somos seres realmente separados do resto, ou seja, todo o resto da vida lá fora. Aqui *dentro* é cultura, enquanto a natureza fica *lá fora*. A partir deste ponto de vista, podemos olhá-la e contemplá-la com um olhar dos deuses designers (diria engenheiros também), ou seja, daqueles que se distanciam para controlar a própria chuva a seu favor. Sim, isso realmente existe! Segundo o mesmo ensaio de Flusser (2011), os engenheiros e tecnocratas já desenham há tempos projetos que tentam transformar as chuvas em irrigação programada. Eles querem tornar as chuvas mais úteis e fazer chover onde e quando os convém (*Ibidem*). Posso escutar Ailton Krenak gritando em minha mente: "a vida não é útil!" (2020).

---

<sup>102</sup> No original: "We treat the landscape as a view, and imagine that we see the world in pictures, optically projected into our minds as upon the white walls of the interior room. In this picture-landscape there is no weather: the wind does not blow, nor does rain ever fall. Clouds are forever arrested in their growth. Nowhere do fires burn; there is no smoke. We talk about the sun as a celestial body, not as an explosion of light. We even suppose that when we go outside, the sounds we hear will be recorded, and call it 'soundscape'."

Para muitos seres humanos, esse fora mediado por simulacros não substituem nossas necessidades primordiais de estar ao ar livre. O contato direto com o sol, o ar e outras formas influencia em nossa saúde física e mental. Na tese de doutorado de Mariana Moura Bagnati (2019), a autora ressalta a necessidade de se construir espaços ao ar livre como jardins públicos, voltados à recuperação da saúde de seus habitantes. "Há um processo de redescoberta da associação entre a saúde humana e a natureza, colocando-se em pauta a saúde como ponto que influencia no planejamento da cidade, da paisagem, do jardim" (BAGNATI, 2019, p. 63). No NINHO, estávamos tentando brincar de distorcer tal simulacro para que, quando habitássemos o dentro, ao invés de nos alienarmos sobre a vida lá de fora, nós atentaríamos a ela. Digo que tentávamos, pois acredito não termos logrado este feito. No entanto, partimos de tal utopia para pensar os processo artísticos. Tentávamos tornar as camadas duras mais porosas. "Não vivemos dentro de nossos corpos, mas ao respirarmos e comeremos, contínua e alternadamente, reunimos o mundo em nós e nos soltamos nele. Quão diferente seria se pensássemos da mesma maneira sobre nossas casas e nos terrenos que habitamos?" (INGOLD, 2015, p. 41-42)<sup>103</sup>.

Se olharmos bem, as camadas que separam o dentro e o fora sempre foram porosas, pois ainda precisamos do ar, da água, da luz e dos alimentos que vem de fora para sobrevivermos. Também precisamos sair e entrar dos espaços para que se tornem habitáveis. Logo as camadas que separam o dentro e o fora, por mais duras que pareçam, são como uma membrana e sua materialidade é composta de janelas, portas, canos, fios, fibras óticas, ondas eletromagnéticas etc. e podem ser mais ou menos permeáveis. O NINHO operava a partir dessa membrana *dentro-fora*, como lugar de possibilidades de poéticas multiespécies. Os fazeres com a t(T)erra nos emaranham novamente com os processos vitais da "vida lá fora". Quem planta está em constante atencionalidade com as chuvas e/ou a falta delas. Lembro-me que ao cuidar do Jardim Florestal, sempre me atentei aos dias e quantidades de chuva para saber quando irrigar ou não. A primeira ideia que

---

<sup>103</sup> No original: "We do not live inside our bodies, but – in breathing and eating – continually and alternately gather the world into ourselves and release ourselves into the world. How different would it be if we thought of our homes and of the terrains that we inhabit in the same way?"

tivemos foi de que se o solo do quintal estivesse seco, a distribuição da caixa d'água seria cortada. Ao faltar água dentro, precisamos nos atentar ao cuidado do quintal regando seu solo. Só então o abastecimento de água voltaria. Essa ideia clichê nunca foi implementada pelo coletivo, mas ilustra a inspiração poética do projeto. As Estações eletrônicas se apoiavam na materialidade dos fios, cabos e ondas eletromagnéticas que atravessavam as paredes. Elas "funcionam como 'membranas' das portas sensoriais do Organismo NINHO, sentindo as mudanças do ambiente e trocando informações entre os diferentes espaços: jardim-casa-escola-site-obras de arte" (NINHO, 2018, p. 46).

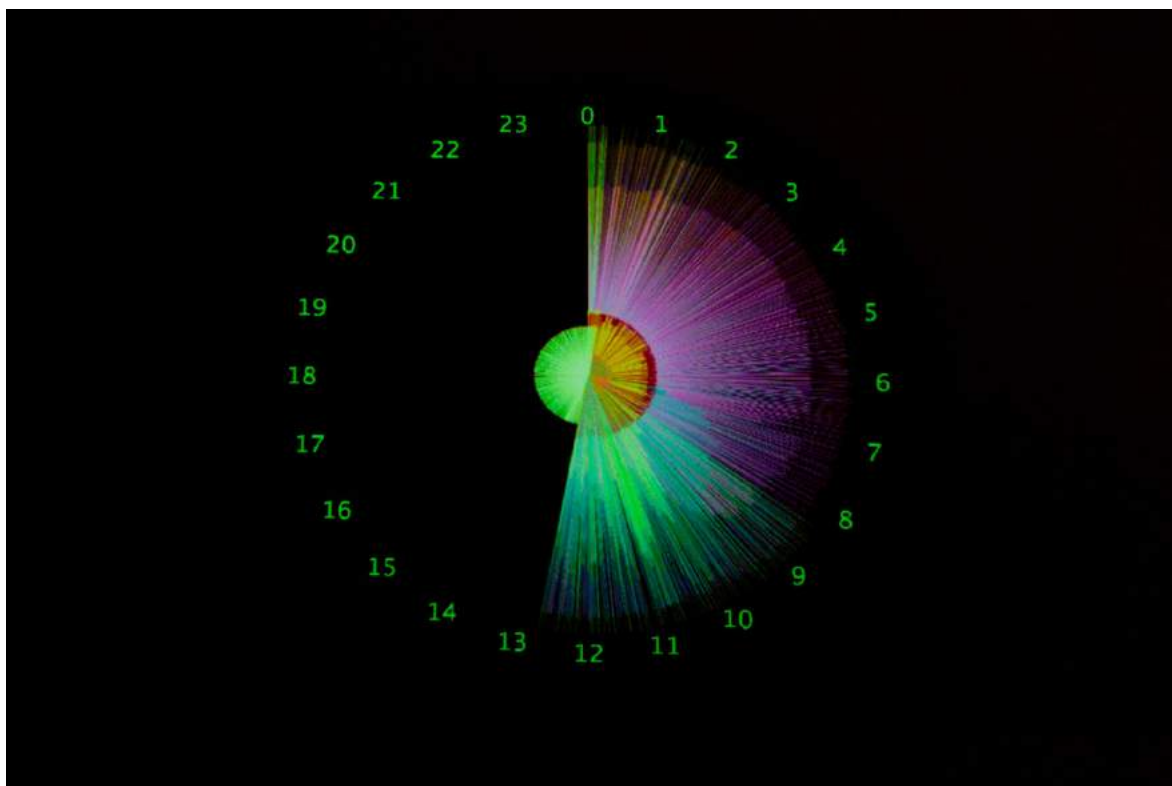
O NINHO logo não se constituía apenas de seres biológicos, ele também se formava através das *coisas* e suas misturas com as redes eletrônicas. "A possibilidade de integrar conteúdo digital dentro das coisas oferece a oportunidade de criar novos tipos de dispositivos - dispositivos mistos - que são físicos e digitais [...] Criar e interagir com essas coisas misturadas pode ajudar a manter e forjar novas conexões entre as diferentes representações" (BINDER et al., 2011, p. 54, tradução nossa<sup>104</sup>). Certamente os materiais dentro e fora de casa não eram objetos mortos, mas sim *coisas* vivas, materiais ativos em constante transformação. Assim como no design, na arte contemporânea, e principalmente na arte e tecnologia, a prototipagem é *sine-qua-non* ao processo criativo. Todas as coisas da casa eram potenciais materiais para o feitiço das obras. Muitas foram testadas nos protótipos e algumas ganharam status de obra de arte como a geladeira, o minhocário, o cesto de lixo, o cabideiro, a rede, a cabine acústica e o humidificador. Isso fazia do ambiente do NINHO o que Ingold chama de ASO, Ambiente Sem Objetos (INGOLD, 2012)

Não obstante, e não livres das armadilhas, algumas obras mediadas pelas redes tecnológicas que (co)criamos serviram como metáfora para abrir os poros da membrana da casa-ateliê, vazando a vida de dentro para fora e de fora para dentro. Ao fazer isso, o NINHO pode evidenciar aos moradores da casa e a seus visitantes a falsa percepção de que somos seres individuais, isolados dos processos da vida.

---

<sup>104</sup> No original: "The possibility of integrating (inscribing: Ferraris 2005) digital content within things provides the opportunity to create new kinds of devices—mixed devices—that are both physical and digital, going beyond the simple decorations of things with words, which human beings perform while appropriating them. Creating and interacting with these mixed things can help to maintain and forge new connections between different representations."

Entre as obras que se alimentavam dos dados das estações podemos citar *Relógio das Sensações* e *Cabelo Poda* e *Vulcão Sol*. O *Relógio das Sensações* é uma obra que coletava dados vindos do *Jardim Florestal*. Estes eram interpretados por um algoritmo generativo que os transformava em imagens digitais compostas por linhas coloridas. Cada ponteiro equivale a um dos sensores (umidade do ar, luminosidade, temperatura, pressão atmosférica, umidade do solo e temperatura do solo) em certa hora do dia. Suas cores e tamanhos variavam com o *input* dos dados. A cada dia, os ponteiros davam uma volta completa, como num relógio de parede, deixando rastros e formando imagens. Estas eram projetadas em uma tela de pintura redonda pendurada na parede da cozinha. Cada dia de dados captados do quintal geravam uma imagem única no relógio. Interessante notar que certos padrões na imagem começaram a ser interpretados pelos moradores da casa, como quando a pressão atmosférica subia, era sinal de que iria chover. Também se podia detectar na imagem quando algum dos sensores parava de funcionar.

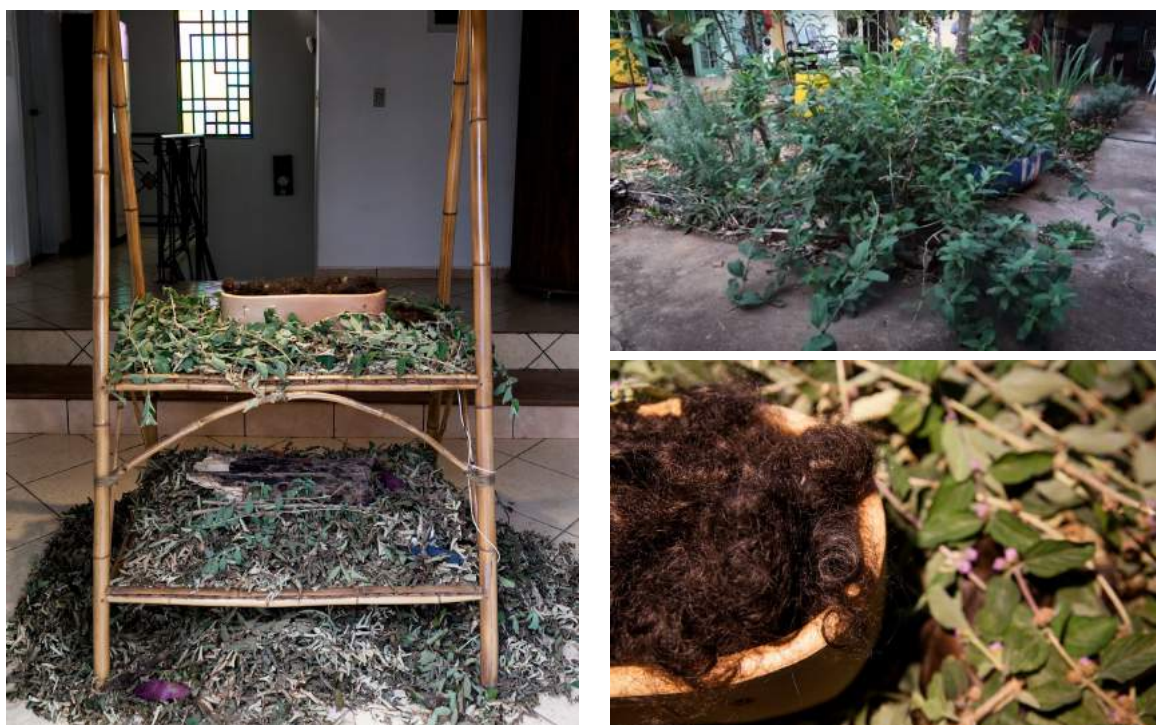


*Figura 14. Relógio das Sensações. Obra de Renato Perotto e André Freitas.  
Fonte: NINHO fotografia: Janine Moraes*

O *Vulcão Sol* era uma obra sobre decomposição. Um balde amarelo de 100 litros, sem fundo, foi colocado em um dos canteiros e servia de composteira. Nela, eram depositados parte do lixo orgânico proveniente da cozinha. Um celular instalado em sua borda fotografava de hora em hora o conteúdo do interior que ia se decompondo ao passar dos dias. As fotos eram armazenadas em uma nuvem que depois alimentavam um algoritmo que as processava em tempo real. O resultado era projetado na porta da geladeira da cozinha, transpassando a ideia do ciclo dos nutrientes que compõem nossos alimentos. A projeção revela, pixel a pixel, a nova imagem sobre a anterior. Os pixels se entrelaçam, proliferando um sobre o outro, em uma espécie de timelapse não-linear, que revelava-se como uma segunda decomposição imagética das fotos. Era a decomposição da decomposição. A decomposição do lixo em composto acontece fora da casa. Ao trazermos suas imagens para a geladeira, evidenciamos os ciclos de composição e dissolução constantes nos quais os nutrientes passam para formarem alimentos adequados às diferentes espécies de seres. Tais processos foram metaforicamente transmitidos para dentro da cozinha, lugar da alimentação humana, unindo, assim, a geladeira/dentro com a composteira/fora.

A *Cabelo-Poda* é outra obra que permeou a membrana dentro/fora. Ela surgiu da correspondência junto a um pé de cidreira-brasileira. Sendo morador da casa-ateliê, e correspondendo diariamente com o *Jardim Florestal*, pude atentar às plantas que ali existiam. Semanalmente, circulava pelo quintal com uma tesoura de poda retirando galhos e folhas velhas ou adoecidas das plantas. Tornavam-se evidentes, os sinais de falta de água ou adubo, ou quando eram infectadas por patógenos. A atenção que no início era volitiva com a prática tornava-se habitual. Sofia nos contava que o papel do *Homo sapiens* nos sistemas florestais, como outros grandes primatas, era dispersar sementes e efetuar podas. Sentia-me nesse lugar muitas vezes lançando sementes de frutas no quintal a partir da janela da cozinha. Impressionantemente, algumas delas chegaram a brotar e se tornarem plantas adultas. Também fazia podas instintivas pelo *Jardim Florestal*. Ao perceber que a cidreira-brasileira, uma das plantas mais antigas do quintal, estava adoentada, empreendi em sua renovação a partir da poda.

Em um ato ritualístico performático, raspava o cabelo enquanto podava a cidreira num dia de lua nova. Ao usar a máquina de cortar cabelo, me posicionava entre o homem funcionário do aparelho e o *Homo sapiens* podador de florestas. Assim como para as plantas, o corte de cabelo é um ato simbólico de renovação. Ao final da performance, os cabelos foram recolhidos e depositados em uma jardineira de barro. Esta então foi colocada junto a galhos podados da planta em um altar construído a partir de um cabideiro de bambu encontrado na casa. O altar foi instalado no segundo piso ocupando um de seus espaços.



*Figura 15. Obra Cabelo-Poda por Renato Perotto, 2018. Fonte: NINHO. Fotografias Janine Moraes e autor. Composição do autor.*

Um sensor de movimento, giroscópio, foi instalado na cidreira para detectar seu movimento causado pelos ventos. Ele enviava seus dados via a rede WiFi do sistema IoT, que os recebia e enviava para uma micro controladora instalada no altar dentro de casa. Esta então acionava um motor que movimentava os cabelos cortados dentro da jardineira de barro de acordo com o balanço dos galhos ao vento lá fora. Assim, uma ligação foi estabelecida entre os cabelos do artista no altar e a

planta no quintal. Os cabelos e os galhos podados estavam mortos no altar mas se avivam com o vento. Eles não eram nem mais a planta, nem mais o artista e sim uma terceira "coisa". Outros cabelos e galhos cresceram em seu lugar, renovando assim seus respectivos seres. "Cabelo-poda" é uma obra que opera no âmbito do simbólico, integrando ser humano, planta, cabelo, poda, casa e jardim, entrelaçando espaços, espécies, informações, relações, conexões em um elo invisível dos afetos dentro do organismo que chamamos de NINHO" (NINHO, 2018, p. 26). Suas correspondências tornam possível seu devir como coisa. Ela não preexiste às suas relações. No entanto, ao confundir-se com a casa, ela se esparramava. Suas podas emitiam cheiros, e ao secarem, espalhavam suas folhas pela casa-ateliê. Das três obras citadas aqui, ele foi a que mais se aproximou da porosidade da membrana dentro/fora. As outras criaram outros simulacros, imagens sem materialidades, sem odores. Poéticas? Sem dúvida, mas abstrações que continuavam nos separando do fora.

As paredes não eram tão fáceis de romper como as superfícies duras do quintal. Não podíamos simplesmente demoli-las desconsiderando os outros habitantes da casa. Acredito que falhamos em atuar na dissolução das barreiras ao não considerarmos a materialidade da membrana *dentro/fora*. Negligenciamos as características arquitetônicas da casa-ateliê. Suas paredes não se constituíam de tela ou malha, como as barracas. Elas eram de alvenaria, sólidas como rochas. Suas aberturas de portas e janelas não foram pensadas. A materialidade arquitetônica da casa, mesmo sendo uma coisa e não um objeto, não foi tratada poeticamente.

A arquitetura das casas tradicionais japonesas, com suas paredes de tela, seriam mais propícias como membranas. "Finas como papel e semi translúcidas, essas paredes desafiam qualquer oposição entre o interior e o exterior" (INGOLD, 2015, p. 29, tradução nossa)<sup>105</sup>. Assim como as barracas, sua materialidade as tornam mais propícias a emaranhamentos da cultura/natureza e do dentro/fora. Não por acaso, as barracas são o abrigo de escolha dos urbanóides quando queremos estar mais perto da "natureza".

---

<sup>105</sup> No original: "Paper-thin and semi-translucent, these walls defy any opposition between inside and outside."



Morar nesse organismo inevitavelmente transformava nossos hábitos e maneiras de habitar aquele microcosmos. A casa-ateliê era uma *coisa*, não um objeto. "Não muito diferente da árvore. A casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião – ou, nos termos de Heidegger (1971), participar com a coisa na sua coisificação. [...] Enquanto moradores, nós experimentamos a casa não como objeto, mas como coisa" (INGOLD, 2012, p.30). Habitávamos seus espaços a partir da experiência estética das coisas comuns (BINDER et al., 2011). As obras instaladas pela casa não eram objetos estáticos, contidos, elas eram coisas vivas (INGOLD, 2012). Elas iam penetrando os espaços para tecer suas malhas durante seus processos de criação. Ao vazarem pelos espaços, incomodavam.

Embora nós possamos ocupar um mundo repleto de objetos, para o ocupante os conteúdos do mundo parecem já se encontrar trancados em suas formas finais, fechados em si mesmos. É como se eles tivessem nos dado as costas. Habitar o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de formação. E o mundo que se abre aos habitantes é fundamentalmente um ambiente sem objetos – numa palavra, ASO. (INGOLD, 2012, p. 31)

Mesmo se falharmos em realmente dissolver as barreiras dentro/fora, não significa que a casa era estática e contida. O interior da casa era apenas uma parte do NINHO. Estava em constante expansão e contração, havia sempre um fluxo de pessoas (técnicos, artistas, visitantes, animais, plantas, inseto) e coisas (obras, componentes eletrônicos, materiais), toda uma dinâmica de produção de ateliê e montagem de exposição, o que gerava mudanças diárias. O processo de morar na casa do NINHO era dinâmico e modificou todos os seres e coisas envolvidas. Todos esses fluxos de seres, coisas e espaços certamente quebram a zona de conforto típica de habitar contido.

Vários conflitos surgiram ao final do projeto, pois o NINHO crescia emaranhado-se com a "privacidade" de seus moradores. "Tomar as verdades metafóricas literalmente, no entanto, não é apenas o caminho da poesia; é também — e talvez acima de tudo — o caminho da arte. O trabalho do artista é incorporar tais verdades, torná-las visceralmente presentes para nós, para que possamos vivenciá-los imediatamente" (INGOLD, 2020, p. 15, tradução nossa<sup>106</sup>). O aspecto coletivo de todas elas as faziam emergir como espaços de diálogos. Assim como os plantios, os

---

<sup>106</sup> No original: "Taking metaphorical truths literally, however, is not just the way of poetry; it is also – and perhaps above all – the way of art. The work of the artist is to embody such truths, to make them viscerally present to us, so that we can experience them in their immediacy."

fazeres artísticos nos proporcionaram oportunidades para cultivar a *responsa-habilidade* uns com os outros, assim fomentando correspondências (NORONHA; ABOUD; PORTELA, 2020). Tecíamos, então, os feixes de linhas do NINHO a partir de suas vidas, fluxos e movimentos, ao mesmo tempo em que éramos tecidos por elas. Os fazeres artísticos eram um fazer/submeter-se desde dentro. Sempre aconteciam na voz do meio. Os Humanos, ao atentarem aos materiais ativos "eles também são transformados no processo; o que eles alcançam é alcançado neles. Produzir, em suma, é submeter-se ativamente, na voz do meio" (INGOLD, 2016, p. 22).

A negociação constante entre os pesquisadores, técnicos, moradores, seres mais-que-humanos, alunos e as coisas, faziam das prototipações das obra verdadeiros provótipos<sup>107</sup>. Elas nos provocavam constantemente, colocando em xeque as relações de poder, sobrevivência, propriedade e privacidade, que exigia uma atenção e cuidado pautados na ética para além das construções poéticas e estéticas associadas à pesquisa em arte. O fazer artístico a partir dos fazeres com a terra proporcionaram a todos os envolvidos oportunidades de diálogos sobre essas questões, por isso se tornaram dispositivos de conversação.

## 2.3 - O ORGANISMO

Dia 18/08/18. Nossa estória chega ao primeiro dia da exposição, quando o NINHO abre suas portas para os visitantes e vizinhos que se reúnem na entrada para uma visita guiada. Logo ao passarem pelo portão, se depararam com a vegetação adensada. "Parece uma floresta" disse um deles. O quintal agroflorestal tinha crescido e virado um protótipo de agrofloresta. A agroecóloga Sofia Carvalho responde: "esse aqui é o nosso *Jardim Florestal*, a primeira e maior obra do coletivo NINHO". O coletivo reconheceu-o como obra de arte pelo seu caráter disruptivo e também estético. A obra recebeu o nome de *Jardim Florestal*<sup>108</sup>.

---

<sup>107</sup> Protótipos que servem para provocar reflexões.

<sup>108</sup> vídeo da obra: <https://youtu.be/Uyl2Bzbpp1Y> Acesso em 3/4/2020



*Figura 16. Visitação da Exposição do NINHO. Obra Jardim Florestal. Fonte: NINHO fotografia: Janine Moraes*

A descrição na entrada dizia:

*"JARDIM FLORESTAL*

*Por Sofia Carvalho e Renato Perotto*

*Desenvolvido por NINHO*

*Calcário dolomítico, yoorin, material de poda coletado, Micro-organismos Eficientes (EMs), sementes de milho, abobrinha, feijão-de-porco, feijão espada, feijão guandu, maxixe e hortaliças diversas. Mudas de banana, aroeira, pimenta rosa, urucum, jabuticaba, pitanga, pitaya, mogno, café arábica, juçara, moringa, inhame, gengibre, cúrcuma.*

*O jardim da casa-ateliê subverte a etiqueta do paisagismo urbano. A estética de seus plantios foi colocada a critério da evolução de um sistema florestal. Seu aspecto ornamental se manifesta na complexa composição de árvores, arbustos e trepadeiras, combinadas com a técnica de se cobrir o solo com folhas e madeiras podadas para alimentar a microbiota que trabalha e*

*transforma a terra. O público é convidado a ver beleza nesse jardim multiestratificado, entendendo que existe ali ação humana otimizando a fotossíntese e a sucessão de espécies que enriquecem o solo e produzem frutos para os(as) habitantes da casa. Neste quintal, abacateiros, pés de urucum, aroeira, bananeiras, bactérias, fungos e outras dezenas de seres transformam a paisagem outrora estática das paredes. O que antes era grama foi convertido em pés de abóbora e feijão-de-porco que trilham seus destinos, correndo sobre os montes de matéria orgânica em decomposição." (NINHO, 2018, p. 42)*

*Jardim Florestal* surgiu do *doing/undergoing* junto aos vários seres vivos e coisas que se cruzaram ao longo de todo o processo. Suas linhas alongavam-se no tempo, em constante mudança, desde que era apenas grama até o microbioma emergente. No total eram mais de 70 espécies presentes naquele terreno de 700 m<sup>2</sup>. No entanto este número era impreciso pois ali se faziam presentes os ciclos contínuos de vida e morte. Quando adensamos espécies companheiras para viverem juntas, é preciso aprender a morrer. Ao plantarmos tantas espécies consorciadas nos damos conta de quanto a morte é um elemento central em todos os processos da vida. O fato de que nenhum ser irá escapar da morte é impossível de ignorar. "Somos companheiros, *cum panis*, juntos à mesa. Estamos em risco uns com os outros, somos a carne uns dos outros, comemos e somos comidos – e ficamos com indigestão – estamos, no sentido de Lynn Margulis, na conjuntura simbiogênica de viver e morrer na Terra" (HARAWAY, 2016, p. 215, tradução nossa)<sup>109</sup>. No filme *Amongst the White Clouds*, um monge Zen chinês traz o seguinte ensinamento: "as pessoas comem terra, a terra come pessoas. Não importa o que fizermos, nós voltaremos a essa Terra" (BURGER, 2005, 18', tradução nossa)<sup>110</sup>.

O quintal já tinha uma vida própria e as plantas se estratificaram, ocupando todas as dimensões abaixo e acima do solo. Agora o NINHO já não incomodava apenas seus moradores, um dos vizinhos passou a reclamar da "sujeira" as folhas que caíam das árvores e se espalhavam para além dos contidos muros do terreno. O que é compreensível quando partimos da premissa da superfície dura e do habitar contido.

---

<sup>109</sup> No original: "We are companions, *cum panis*, at table together. We are those who are at risk to each other, who are each other's flesh, who eat and are eaten, and who get indigestion, Companions in Conversation who are, in Lynn Margulis's sense, in the symbiogenetic conjuncture of living and dying on Earth."

<sup>110</sup> No original: "People eat dirt, dirt eats people. No matter what you do, we must return to this earth."

No entanto, para nós elas eram parte essencial do "chão" da floresta. Viver nas ruínas e tirar o ser humano do centro sempre causará conflitos e requer uma atencionalidade e cuidado constante. Como aprendemos a viver e morrer bem nessa intimidade com estranhos e com *responsa-habilidade* a partir das ruínas? "Agora, na chave das espécies companheiras, se trata de afirmar de modo enfático que o viver e morrer bem na Terra não é um projeto unicamente *de* e *para* humanos, nem pode sê-lo" (SILVA, 2021, p. 130).

O NINHO passava a não se conter dentro dos limites estabelecidos pelas demarcações humanas. Seus extremos eram porosos e vazavam. Os pássaros, os galhos e folhas, os gatos, os saruês, as abelhas mamangavas e jataís, os esporos dos fungos, as bactérias fotossintetizadoras, nenhum deles entendiam e respeitavam os limites cartesianos e quadriculados impostos pelos Humanos. Nem alguns humanos o respeitavam. Passantes colhiam ervas e frutas que extravasavam para a rua. Alguns tocavam a campainha para pedir, outros simplesmente as pegavam. O NINHO era uma malha viva mais-que-humana que estendia seus tentáculos sempre em movimento, tateando novas correspondências.

Não por acaso, os pesquisadores do NINHO o consideram um organismo, pois ele se contraía e se expandia em correspondências inusitadas para além da volição de qualquer um de nós isoladamente. NINHO era mais que a soma de suas partes. No catálogo do projeto lemos:

No começo, éramos seis pesquisadores, mas à medida que foram inseridos, sucessivamente, novos componentes e interatores ao corpo do organismo, foi necessário expandir o conceito de coletivo. Entendemos, portanto, que NINHO é formado por artistas, agricultores, engenheiros, programadores, mas também: os moradores da casa, que vivem as mudanças no tempo e no espaço desde o nascimento do organismo; os vizinhos, de quem colhemos as podas como insumo para nossos canteiros e que visitarão a exposição ao final do processo; a comunidade escolar (alunos, professores, monitores, diretores e coordenadores), que acolheu nossas oficinas de arte, tecnologia e agroecologia; a equipe técnica (produtores, fotógrafa e jornalista), que atua como micélios, seja buscando novos alimentos para o organismo ou expandindo nossa capacidade de nos comunicar com outros organismos; e seres vivos (plantas, minhocas e micro-organismos), nossos trabalhadores mais concentrados." (NINHO, 2018, p. 13)

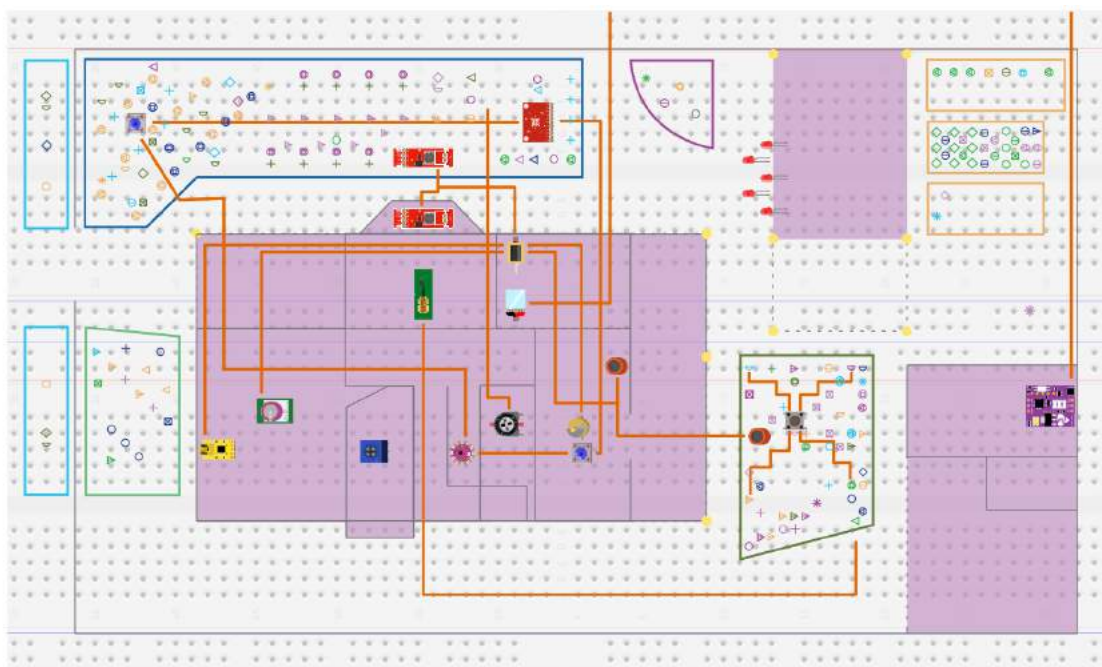
NINHO era um grande feixe de linhas que englobava todos nós, um habitar aberto às correspondências e uma paisagem multiespécie. Ele surge da symbiogenesis de todas as coisas e seres envolvidos. A partir do contato com a terra e a agroecologia pudemos imaginar e criar, através do fazer artístico, correspondências entre os entes (artistas, alunos, plantas, insetos, animais, fungos, bactérias etc.) que constituíram um organismo maior. Neste sentido, a obra *Jardim Florestal* ganha pertinência, pois chegou mais perto de deslocar o ser humano do centro de tudo. Ali não éramos os criadores, e sim, coadjuvantes no sistema, ele que nos criava. Os grandes trabalhadores eram os micro-organismos e as plantas que se alongavam sem cessar. Ao crescerem, cresciam o todo. *Jardim Florestal* raramente permitia interações, pois ali era um espaço de correspondências. A única forma de se relacionar com ele era se alongando junto como espécie companheira.

Nosso NINHO era um espaço de *devir-com*. Ingold comenta a reflexão do geógrafo sueco Torsten Hägerstrand (1976), "que imaginou cada elemento constituinte do ambiente — humanos, animais, plantas, pedras, prédios — como tendo uma trajetória contínua de devir. À medida em que eles se movem através do tempo e se encontram, as trajetórias desses diversos elementos são enfeixadas em combinações diversas" (INGOLD, 2012, p. 39). Gosto de pensar o NINHO como um protótipo de habitabilidade compromissado com o florescimento multiespécie que surge a partir das ruínas.

No entanto, as representações visuais do organismo NINHO estavam minadas pelo modelo ator-rede e suas interações. Aqui não falo das obras, mas dos diagramas formulados para o site e catálogo. Eles não representavam o NINHO como um organismo e seu feixe de linhas. Até surgiu a ideia de apresentá-lo como uma malha, mas a metáfora escolhida foi da malha de construção. Uma trama cartesiana e equidistante. A imagem que prevaleceu foi a da *proto-board*. Elas são placas para prototipagem de circuitos eletrônicos. As *proto-boards* permitem conectar vários componentes eletrônicos entre si através de seus furos usando suas conexões internas e/ou pequenos cabos de forma fácil sem precisar de solda. O coletivo descreve essa representação dizendo que "Percebemos a casa (aqui não separamos o quintal da casa) como uma malha de construção ou uma proto-board:



uma base de furos interligados, usada para construir protótipos. Dessa forma, tentamos interligar as partes do organismo criando circuitos, entre plantas e componentes eletrônicos, entre eletrodomésticos e bancos de dados, sugerindo polos e permitindo o fluxo das correntes" (NINHO, 2018, p. 13).



#### ÁREAS DE PLANTIO

  TROMBETA   
   BANANA   
   BRINCO   
   ACEROLA   
   AMORA   
   ROMÃ

◇ abacate	+ camomila	⊣ hortelã	⊕ pimenta dedo-de-moça
⊠ abacaxi	△ capim cidreira	+ inhame	⊕ pimenta malagueta
▽ abobrinha	◇ capim-santo	◇ ipê amarelo	⊕ pimenta rosa
* acerola	⊠ cavalinha	△ jabuticaba	△ pinha
○ alecrim	▽ cebolinha	⊠ jasmim	⊣ pitaia
⊕ alface crespa	* chuchu	▽ lavanda	△ pitanga
⊕ alfazema	○ citronela	△ lichia	+ quiabo
⊕ alho poró	⊕ couve	* limão siciliano	◇ rabanete
⊣ amora	⊕ cúrcuma	○ mamão	▽ repolho roxo
⊣ araruta	⊕ erva doce	⊕ mandioca	▽ romã
◇ aroeira	⊣ espada de iansã	+ maracujá	* roseira
⊠ arruda	+ espada de são jorge	⊕ maxixe	○ rúcula
△ assa-peixe	◇ feijão-de-porco	⊕ melissa	⊕ salsa
▽ babosa	⊠ gengibre	⊣ menta trident	⊕ salvia
* banana	▽ gerânio	+ mil-em-rama	⊕ taiôba
○ beladona	* goiaba	◇ milho	⊣ urucum
⊕ boldo	○ graviola	⊠ moringa	+ verbena
⊕ brinco-de-princesa	⊕ gueroaba	▽ nirã	
⊕ café	⊕ guiné	* ora-pro-nóbis	
⊣ cajuzinho-do-cerrado	⊕ hibisco	○ parreira	



Figura 17. Diagrama da plotagem para a Exposição NINHO. Fonte: NINHO

Circuitos eletrônicos evidenciam conexões e não correspondências. No site do NINHO<sup>111</sup> tem outro gráfico que apresenta toda a equipe do projeto. Ele também faz parte da idéia de rede onde os participantes são apresentados segundo suas "interações". Cada colaborador é um bolha, literalmente um círculo, ligado ao todo por linhas retas, como numa árvore genealógica. No entanto, todos os seres ali representados estavam num constante vir a ser, movendo-se no tempo. Eles correspondiam e se embolavam o tempo todo. NINHO certamente era uma malha, mas não uma de construção. Já o nome NINHO fez jus ao projeto. Ingold ao descrever o processo de escrita do seu livro *Correspondance*, traz a metáfora do ninho e acaba formulando uma descrição que poderia servir ao nosso projeto. "Mais como o ninho de um pássaro, ele é construído a partir de fragmentos variados que nunca foram projetados para se encaixarem. A coerência contingente do ninho e a latitude que ele oferece aos seus constituintes dão a ele uma resiliência graças à qual se mantém unido, mesmo sob o as mais adversas condições meteorológicas"

<sup>111</sup> Ver <http://ninho.org/> no final da página principal. Acesso em 8/11/21



(INGOLD, 2020, p. 16, tradução nossa<sup>112</sup>). Ninhos são embolados de feixes de linhas orgânicas. Ao olhar para o nosso NINHO, percebi que estávamos co-criando um outro ente que só existe nas relações coletivas e multiespécies e, no qual, habita dimensões multi-espaciais e multi-temporais em uma espécie de simpoiésis.

Possivelmente a obra LED-Raíz era uma representação mais coerente para o organismo NINHO. Ela era formada por um galvanômetro caseiro que media as variações de corrente elétrica de uma amoreira localizada em um dos canteiros do quintal. Da base dessa amoreira saíam cinco fitas com luzes LEDs RGB que serpenteavam o solo do canteiro passando por outras plantas. Essas fitas ficavam sob a matéria orgânica, de modo que só suas luzes ficavam visíveis. A amoreira era como um feixe de linhas que se alongavam com o solo se embolando com as plantas vizinhas. A amoreira variava suas condições de condutibilidade quando transportava água entre suas partes. Isso poderia se dar por muitos motivos, desde seu metabolismo diário até mudanças de armazenamento de seiva por causa das estações, estresses físicos e/ou hídricos e contaminações por patógenos. Essas variações eram captadas pelo galvanômetro e enviadas a uma controladora que variava a intensidade e coloração dos LEDs. Essas cores viajavam ao longo das fitas passeando pelo solo do canteiro. Percebemos que o galvanômetro variava também quando as pessoas se aproximavam e/ou tocavam a planta. Por exemplo, no dia da abertura da exposição tinham muitas pessoas envolta dela falando alto, os LEDs ficaram todos vermelhos intensos. Nunca havíamos visto a obra se comportar assim.

---

<sup>112</sup> No original: "Rather like a bird's nest, it is constructed from assorted fragments that were never designed to fit together. The contingent coherence of the nest, and the latitude it affords to its constituents, gives it a resilience thanks to which it hangs together even under the most adverse of weather conditions. Irregularity holds it fast."



Figura 18. Obra LED-Raíz por Renato Perotto. Exposição NINHO. Fonte: NINHO  
fotografia: Janine Moraes

Ao corresponder com o solo e a serrapilheira, a obra dialogava com a base da agroecologia, um solo vivo e ativo. O solo foi a fundação das produções artísticas do NINHO. Maria Puig de La Bellacasa, em seu artigo *Re-animating soils: Transforming human–soil affections through science, culture and community* (2019), explora como alterar os imaginários dos solos. Ela nos apresenta com pesquisas, práticas e envolvimentos afetivos e materiais com o solo através de relatos científicos, projetos comunitários e manifestações artísticas. O que permeia todos os exemplos é a transformação do imaginário do solo de uma matéria inerte, para uma noção de um solo vivo. Na primeira, uma visão antropocêntrica que o considera como recurso natural objetivado que pode ser exaurido é desconstruída à medida que outras afeições com os solos são reanimadas. Ao transformar as afeições ser humano-solo contemporâneas enfatiza-se um outro senso de vivacidade compartilhada. "Esses novos envolvimentos com a vivacidade do solo abrem um senso de conectividade com a terra que anima e (re)afeta os mundos materiais e

um senso de comunidade mais do que humana naqueles envolvidos." (PUIG DE LA BELLACASA, 2019, p. 392, tradução nossa)<sup>113</sup>

A obra LED-Raíz era um feixe de luzes que se estendia misturando-se com o solo e outras plantas correspondendo também ao ambiente e aos fruidores. Ela também correspondia às variações internas da amoreira fazendo com que as luzes fossem uma extensão dela. Ela era uma obra tentacular que se emaranhava por entre as vidas de seu ambiente. Uma imagem síntese do organismo NINHO.

O caráter tecnológico de comunicação digital do NINHO e seus circuitos eletrônicos certamente lhe conferiam um aspecto de Rede. Mas NINHO era, acima de tudo, uma malha feita das correspondências entre as vidas e as coisas que o constituíam. Neste sentido ele também se constituiu como espaço de diálogo. Ele era, de fato, um híbrido contemporâneo. Um organismo ciborgue multiespécie. Quem sabe Haraway um dia conte sua estória.



*Figura 19. Jardim Florestal dois anos após o projeto, Março de 2021. Fonte: autor.*

---

<sup>113</sup> No original: "These new involvements with soil's aliveness open up a sense of earthy connectedness that animates and re-affects material worlds and a sense of more than human community in those involved."





*Figura 20. Jardim Florestal dois anos após o projeto, outro ângulo. Março de 2021. Fonte: autor.*

Após a exposição de 2018, o Projeto NINHO se desfaz devido ao fim do fomento do FAC-DF. O Coletivo se fragmentou e cada um seguiu sua carreira em suas áreas. A tensão entre os moradores da casa e o projeto também fez com que a casa-ateliê terminasse. O espaço precisou voltar a ser mais casa. Logo depois, eu também me mudei por motivos de projetos pessoais. Restaram as amigas e o *Jardim Florestal* a ser cuidado pelos moradores que ficaram. Uma obra em contínua mutação até o momento em que escrevo. Em 2021, a pedido de André Freitas que ainda mora na casa, voltei a manejar o quintal. Nosso protótipo de floresta continua dando frutos aos seus moradores e vizinhos, um exemplo de resiliência da vida em seu dinamismo florestal. Muitas das árvores que plantamos pela vida seguiram seu curso, alimentando inúmeros seres e os novos moradores do lugar. Enquanto a parte artística do NINHO se desfez, seu plantio segue crescendo e proliferando a vida e as ideias que dele nasceram seguem influenciando o trabalho de todos nós.

### 3 - CULTIVANDO O LAR, COLHENDO O HORTOCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Parceiros ontologicamente heterogêneos tornam-se quem são no mundo material-semiótico relacional. Naturezas, culturas, sujeitos e objetos não preexistem a seus mundos entrelaçados. (HARAWAY, 2016, p. 8, tradução nossa)<sup>114</sup>*

Após o término do NINHO, me mudei da casa, mas o quintal florestal ficou e segue seu curso até hoje. Eu continuei praticando agroecologia onde encontrava oportunidade. Em 2018 e 2019, morei em um apartamento onde cultivava ervas em vasos e jardineiras e pude participar de algumas hortas urbanas. No segundo semestre de 2019, me mudei para a casa dos meus avós.

Iniciar nossa pesquisa de campo em pleno isolamento social, durante o ano de 2020, me faz atentar novamente a casa como lugar de correspondência. No entanto, inicialmente fracassava em encontrar ali um lar. Impelido a isolar-me, voltei minha atenção para o "habitar" e as relações que tornam um lugar "habitável". Como Heidegger pontuou, "prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar?" (Heidegger, 2012, p. 125-126). Se não conseguirmos ressignificar os espaços para que neles possamos habitar, caímos no perigo de nos sentirmos "confinados". Neste sentido, concordo com Heidegger ao dizer que "Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência." (*Idem*, 2012, p. 129)

---

<sup>114</sup> No original: "Ontologically heterogeneous partners become who and what they are in relational material-semiotic worlding. Natures, cultures, subjects, and objects do not preexist their intertwined worldings."

Para o arquiteto Juhani Pallasmaa, o lar é um espaço pessoal que "expressa a personalidade para o mundo exterior, mas, de modo igualmente importante, reforça a imagem que o morador tem de si mesmo e materializa sua ordem do mundo" (PALLASMAA, 2017, p. 14). Após ter morado por anos no NINHO havia desenvolvido uma aptidão para o cultivo de alimentos agroecológicos no ambiente caseiro. A relação com os fazeres com a terra marcaram profundamente minha forma de corresponder com meu entorno. Segundo a Prof<sup>a</sup> Dra. Iazana Guizzo, Arquiteta e Urbanista, "É fundamental habitar o que nos potencializa" (HABITAÇÃO, 2020, 51'). Na casa da família, essa interação precisava ser negociada com os desejos e anseios dos outros "habitantes" e suas noções de que seja um jardim ou um quintal. Primeiramente, via apenas a casa, mas fracassava em encontrar o lar. "Uma casa é o invólucro, a casca de um lar. Podemos dizer que a substância do lar seja secretada pelo morador dentro dos contornos da casa" (PALLASMAA, 2017, p. 11). A casa, sem a expressão da personalidade e dos padrões de vida do morador, não abrange o fenômeno lar. "Por conseguinte, a essência de um lar é mais próxima da vida propriamente dita do que o artefato da casa" (*Ibidem*).

No entanto, o que seria esse habitar um lar e não uma casa apenas? O arquiteto Pallasmaa nos diz que:

Habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional, material e técnico. A noção de lar se estende muito além de sua essência e seus limites físicos. Além dos aspectos práticos de residir, o ato de habitar é também um ato simbólico que, imperceptivelmente, organiza todo o mundo do habitante. Não apenas nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos devem ser acomodados e habitados. Habitar é parte de nosso próprio ser, de nossa identidade. (2017, p. 6)

Esta forma de habitar, para mim, incluía poder estar ao ar livre, mexendo com a terra, cultivando alimentos ao mesmo tempo em que me "sentia em casa". Na necessidade de ressignificar o espaço e torná-lo um lar que acolhesse meus anseios atuais sobre alimentação e formas mais sustentáveis de me relacionar com a t(T)erra, novamente empreendi o exercício de plantar em espaços caseiros. Assim

como muitos, voltei minha atenção para os espaços que intermediam o *dentro-fora* no intuito de me sentir menos "confinado." Através de uma negociação com a família, fui (des)construindo as barreiras e abrindo permeabilidades na membrana *dentro-fora*. Justo nela foi onde as correspondências se intensificaram e aos poucos fui me (re)habi(li)tando aquela casa. Empreendi, então, práticas agroecológicas e permaculturais simples que pouco a pouco mudaram minha relação com os espaços, os seres e seus agenciamentos (*agencing*). De acordo com Guizzo "Habitando nossa potência de agir, podemos passar pela possibilidade do comum, do encontro para a criação de um terceiro corpo a partir de dois que têm afinidade" (HABITAÇÃO, 2020, 48'). Transformei o jardim em uma horta, introduzi dezenas de espécies comestíveis, comecei a compostar o lixo orgânico com minhocas, a captar a água da chuva entre outras iniciativas. Logo percebi que estava produzindo, em uma escala micro, outra malha multiespécie a partir do habitar.

Ao descrever a etimologia da palavra habitar em alemão, Heidegger conclui que ela está atrelada ao verbo *bin* que significa "ser". Logo "Eu sou significava: Eu habito". Então, na visão de Heidegger, a antiga palavra *bauen* (que também é *construir*) diz que o homem é à medida que habita. *Bauen*, em sua origem, significa também:

Proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultivar, construir não é o mesmo que produzir. A construção de navios, a construção de um templo produzem, ao contrário, de certo modo a sua obra. Em oposição ao cultivo, construir diz edificar. Ambos os modos de construir — construir como cultivar, em latim, colere, cultura, e construir como edificar construções, *aedificare* — estão contidos no sentido próprio de bauen, isto é, no habitar. (Heidegger, 2012, p. 127)

Para Heidegger, cultivar e construir estão implicados na nossa forma de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, na nossa experiência cotidiana, eles tornaram-se habituais. Essa origem em comum implica uma noção de habitar onde construir e cultivar não precedem o habitar, elas são o próprio habitar o mundo. Segundo Ingold (2002), Heidegger pretende restaurar a perspectiva original de habitar. Então, o design e a arquitetura não projetam o mundo para que então seja

habitado. O ato de desenhar não está isolado do mundo, mas parte do contínuo habitar o mundo, que é estar vivo. "A preocupação de Heidegger é recuperar essa perspectiva original, para que possamos mais uma vez entender como as atividades de construção — de cultivo e construção — pertencem ao nosso habitar no mundo, à maneira como somos" (INGOLD, 2002, p.185)<sup>115</sup>.

Notei que a atenção às plantas eram as linhas que nos levavam a refletir cada vez mais sobre o que seria esse habitar biodiverso. A cada dia, dava-me conta das correspondências que se desdobravam nesse espaço que já podia chamar de lar. Ingold (2015) nos convida a pensarmos o lar não como uma bolha, mas como um nó, em um mundo de linhas vivas.

E se pensássemos no lar da mesma forma: como uma concentração de materiais e energia potencial a partir da qual as linhas de vida se espalham no meio da terra e do ar, onde se enredam com as linhas de todos os outros seres vivos que, em sua habitação na terra, depositam seus próprios rastros na forma de raízes e corredores, caminhos e trilhas? (INGOLD, 2015, p.155, tradução nossa)<sup>116</sup>

Ao abrir o lar para que outras linhas deixassem suas trilhas, atualizamos o habitar em *habitar-com*, ou seja, uma co-habitação, que leva em consideração a malha multiespécie. Nela cada feixe de fios é um organismo ou coisa que se movem pelo tempo/espço, tecendo-se uns com os outros, em um incessante *continuum* da vida. Por isso, proponho a ideia de *habitar-com*, que se inspira no *dever-com* e no *pensar-com* de Haraway estendido ao habitar. Além dos parentes habituais, agora fazia parentescos com as minhocas, matos, bactérias e fungos. *Habitar-com* é um habitar onde nem os entes nem o meio ambiente em que estão precedem suas relações, eles se fazem na relação. O *habitar-com* faz do lar um organismo. "O

<sup>115</sup> No original: "Heidegger's concern is to regain that original perspective, so that we can once again understand how the activities of building – of cultivation and construction – belong to our dwelling in the world, to the way we are."

<sup>116</sup> No original: "What if we were to think of the household likewise: as a concentration of materials and potential energy from which lifelines fan out into the milieu of earth and air, where they tangle with the lines of all the other living things that, in their habitation of the earth, deposit their own trails in the form of roots and runners, paths and tracks?"



organismo deve ser entendido não como uma entidade limitada rodeada por um ambiente, mas como um emaranhado ilimitado de linhas no espaço fluido" (INGOLD, 2011, p. 64, tradução nossa)<sup>117</sup>. Relembro aqui a cena, já comentada antes, da personagem Ichiko nadando no ar, imersa nele, numa cena do filme *Pequena Floresta: Verão/Outono* (2014). Estamos sempre imersos no meio ambiente, não podemos escapá-lo. Ele nos faz quem somos.

A maioria das habitações urbanas são lugares onde os "nossos" (parentes/familiares, incluindo *pets* e plantas domesticadas) são bem vindos e os outros (qualquer outra espécie) é rechaçada. Ervas "daninhas", insetos, animais etc. são sistematicamente mantidos fora dos limites de nossos lares, e quando adentram, tentamos eliminá-los. "Nossa forma de ser uma espécie é realinhada para barrar os outros na porta de casa" (TSING, 2015, p. 192). Essa forma de habitar ocidental ganhou proporções inimagináveis com a pandemia, onde até os "nossos" estão sendo barrados do lado de fora. Habitar sempre foi um ato multiespécie. Em qualquer casa, e mesmo em apartamentos, compartilhamos da presença de outros seres como algumas plantas, *pets*, formigas, mosquitos, cupins e incontáveis seres microscópicos, mas em geral estamos sempre tentados a nos livrar deles.

Por que pensar em correspondências multiespécie a partir do lar? Concordo com Anna Tsing que o lar, como o conhecemos hoje, não é o melhor lugar para produzirmos formas de vida multiespécie. "A casa – o nosso doce, familiar e seguro lar – é onde todas essas dependências intra e interespecíficas atingem o auge da saturação. Por mais prazeroso que seja, talvez essa não seja a melhor ideia para uma vida multiespécies na Terra" (TSING, 2015, p. 180). No entanto, acredito que seja daí mesmo que precisemos começar. Dos lugares mais próximos e íntimos a nós. Foi no lar onde encontrei a possibilidade de pesquisar fazendo. No contato quase que diário com o quintal pude trazer à evidência as correspondências, a partir do material empírico da nossa própria habitabilidade no mundo. "Teorias e conceitos emergem melhor da atenção para o mundo. Além disso, não é preciso se afastar de casa: a vida nas ruínas está em toda parte à nossa volta" (*Ibidem.* p. 18).

---

<sup>117</sup>No original: "I conclude that the organism (animal or human) should be understood not as a bounded entity surrounded by an environment but as an unbounded entanglement of lines in fluid space."

Essa pesquisa não pretendia priorizar um espaço tão "privado" como o lar, mas pensando com Donna Haraway, precisamos brotar de dentro do problema e ficar com ele até transmutá-lo e fazer brotar outros mundos, outras estórias. Neste lugar e neste tempo (pandemia, 2020), esses fazeres com a terra e suas correspondências são as formas que encontrei de *ficar com o problema* e *habitar-com* aqueles que estão à margem de nós mesmos. Por esse motivo foquei no habitar multiespécie, pois acredito que se queremos continuar produzindo habitabilidade na terra, não podemos mais ignorar o caráter multiespécie da vida.

Então, em março de 2020 veio a pandemia do coronavírus e nos obrigou a todos ficarmos em casa. Foi necessário reformular todo o plano de pesquisa de campo para me adaptar às novas exigências sociais. A casa, que é um lugar de descanso por excelência, onde nos recolhemos para recuperar nossas energias e saúde, vem se expandindo para um lugar cada vez mais multifuncional. As separações de público e privado, de repouso e trabalho, parecem se misturar cada vez mais. Essa mudança é amplificada pela digitalização das relações sociais. Ela expande o espaço das relações pela facilidade da comunicação, fazendo com que a separação entre o lugar de trabalho, do estudo, do descanso e da família se colapse. Isso não é uma novidade da pandemia, mas nesse novo contexto se tornou finalmente hegemônico. Com a chegada da pandemia, a digitalização das nossas vidas atingiu seu auge. A premissa de que as atividades humanas precisavam ser cumpridas desde nossa casa acelerou a codificação das relações humanas em bits e bytes, numa velocidade alarmante. Ela nos "aproximou" para o cumprimento de nossos deveres funcionais, enquanto nos distancia cada vez mais fisicamente.

Nosso contato com o mundo lá fora também se codificou. Para estarmos com os outros, fomos forçados a passar por camadas de complexidades algorítmicas e eletrônicas que viajam distâncias globais em apenas alguns segundos antes de chegar ao "outro", mas não sem antes conversar com as máquinas. Parece que estão tentando converter todas as intera(rela)ções humanas em código digital. "Alguém poderia dizer que a digitalização é hoje um fim em si mesma" (CHUL-HAN, 2021, on-line). Esse modelo enfatiza o pensamento que quer nos enquadrar como nódulos em uma rede. O desafio consiste em sermos fios e tecermos malhas em um

mundo de redes. O NINHO arriscou operar nessa fronteira. No segundo estudo de caso vou além, pois me propus a tecer malhas praticando uma "agricultura urbana", mediada por um grupo 100% online, o HorTOCAR.

### 3.1 - O BROTAR DO HORTOCAR

O isolamento ameaçava minar a pesquisa, precisava fazer parentescos estranhos para *pensar-com* outros seres. No capítulo dois de *Staying with the trouble*, Haraway propõe um modelo de pensamento tentacular que se opõe ao pensamento individualista na ciência, política e filosofia. Seguindo os fios das redes que penetravam nossa casa, tentei esticar os tentáculos em direção a outros lares. "Sozinhos, separados cada um em seus tipos de expertise e experiência, sabemos ao mesmo tempo muito e quase nada, então nós sucumbimos ao desespero ou a esperança e, nenhum dos dois, é uma atitude sensata" (*Ibidem*)<sup>118</sup>.

Decidi seguir a trilha de uma das linhas. Em uma conversa com a Profa. Dra. Grasielle Tavares, do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília, em maio de 2020, ela nos contou sobre um projeto de extensão que coordenava, o projeto TOCAR (terapia ocupacional, cuidado, arte e ressignificação). Nele, junto com outras pesquisadoras, realizava atividades com idosos ativos da comunidade de Ceilândia, no Distrito Federal. Considera-se como idosos ativos, cidadãos de 60 anos ou mais, sem nenhuma restrição de saúde funcional grave, dificuldades de comunicação e compreensão e/ou diagnóstico psiquiátrico grave.

O projeto de extensão TOCAR vinha atuando com Terapia Ocupacional junto a essa faixa etária, desde 2018. Em 2020, o Grupo VivaCIDADE, que faz parte do projeto TOCAR, em parceria com o SESC Ceilândia, precisou suspender suas atividades presenciais devido à pandemia do Covid-19. O grupo, que contava com a participação de treze idosos, necessitou encontrar outras formas de assisti-los em seu isolamento. Criou-se uma modalidade digital dos encontros com o intuito de

---

<sup>118</sup> No original: "Alone, in our separate kinds of expertise and experience, we know both too much and too little, and so we succumb to despair or to hope, and neither is a sensible attitude."

promover atividades e prestar auxílio emocional para seus participantes em tempos de incertezas. Os desafios do formato online para este grupo são muitos. Quais atividades participativas poderiam ser realizadas de suas casas, e que sejam capazes de incentivar projetos de vida, o conceito norteador do projeto TOCAR? (MENDES; CRUZ; TAVARES, 2020)

Práticas com a terra podem ser catalisadores da inclusão social dos idosos, instigando-os a corresponderem com outros seres, coisas e espaços além da promoção do bem estar. Manzini enfatiza que "pontos de vista recentes sustentam que a inovação social deve ser apoiada. É sabido que ela produz respostas concretas e práticas para problemas difíceis, tais como os relacionados à população idosa" (Ibidem, p. 18). Contato com plantas e seres e atividades caseiras também passam pela promoção da autonomia dos idosos para que possam criar, escolher e manter ambientes condizentes com suas características pessoais. "O bem-estar físico e mental das pessoas permanece altamente dependente do contato com o ambiente natural, que é mais uma necessidade do que um luxo para alcançar vidas de boa forma e satisfação, mesmo em nossa sociedade urbana moderna" (KELLERT *et al.*, 2008, p. 3)<sup>119</sup>. A agricultura urbana apresenta-se como uma atividade promissora a ser trabalhada com os idosos ativos. Ela pode proporcionar a essa população "uma atividade útil, que aumenta a coesão social nos bairros e une as pessoas, promovendo a comunicação, o intercâmbio de experiências pessoais e a melhoria da qualidade de vida" (RODRIGUES, 2012, p. 8).

Com intuito de criar parentescos estranhos, comecei a participar dos encontros semanais do Grupo VivaCIDADE como ouvinte, com atencionalidade e cuidado. Neste lugar, percebi que a união dos fazeres com a terra e a Terapia Ocupacional (TO) poderia ser um recurso a ser operado junto ao grupo. As práticas de cultivo de plantas podem servir para "criação de um campo onde emerge/acontece um existir/existires" (QUARENTEI, 1994, p. 26). Para Quarentei, a TO está intensamente envolvida com a produção de vida. "Produção de vida aqui entendida como produção de modos de estar no mundo, de maneiras de existir e da própria

---

<sup>119</sup> No original: "People's physical and mental well-being remains highly contingent on contact with the natural environment, which is a necessity rather than a luxury for achieving lives of fitness and satisfaction even in our modern urban society."

fabricação de mundos" (QUARENTEI, 2001). A TO aporta à nossa malha a noção de que é possível habitar os fazeres através de atividades que se alongam com outros seres, espaços e coisas.

Da correspondência com a Profa. Grasielle, emergiu a possibilidade de abrir as reflexões sobre o lar multiespécies junto aos idosos. Os pontos de vista dos mais velhos, os quais viveram transformações na forma de habitar nas últimas décadas, podem aportar reflexões que nos auxiliem a sair do senso comum sobre o habitar. Ecléa Bosi defende a importância de se "lutar pelos velhos", por representarem a "essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara" (BOSI, 1994, p. 18). Inicialmente, atuar com os idosos era uma linha improvável para a malha da nossa pesquisa, mas quando expus à Profa. Tavares a intenção inicial de pesquisar agricultura urbana, ela me incentivou a formar um grupo baseado nessas práticas junto ao Projeto TOCAR.

Finalmente em julho de 2020, eu, juntamente com Profa. Grasielle e meu orientador, Prof. Rogério Camara, acordamos em realizar uma pesquisa em campo junto ao projeto TOCAR. A partir do VivaCIDADE, que estava encerrando suas atividades, decidimos criar um subgrupo focado nas práticas de horticultura caseiras. Com Ingold e Haraway em mente, segui o fluxo das oportunidades de criar-se coletivamente, não importa o quão estranhos sejam os tempos (pandemia), espaços (cada lar, plataformas online) e membros (bactérias, fungos, minhocas, plantas, animais domésticos ou não, Idosos, designer, terapeutas ocupacionais e seus avatares digitais).

A inspiração inicial de pesquisar junto a esse grupo foi a possibilidade de abrir para um contexto coletivo os fazeres que vinha experienciando no lar e também explorar as correspondências que poderiam surgir do contato entre as práticas de Terapia Ocupacional (TO) e o Design. A terapeuta ocupacional Gabriela Mendes e a aluna de TO Samira Brito juntaram-se à iniciativa que recebeu o nome de HorTOCAR (Horticultura e Cuidado em Casa). Inicialmente, a proposta era acolher os idosos do grupo VivaCIDADE que se interessassem pelo tema. No entanto, apesar do interesse de todos eles, houve pouca adesão, pois os horários conflitavam com outras atividades oferecidas pelo SESC. Decidimos abrir para o público geral.

Disparamos um cartaz digital para divulgarmos o surgimento do Grupo nas redes do projeto TOCAR. Em seguida, criamos um grupo de *Whatsapp* para reunir os interessados e divulgar informações. No dia 25 de agosto de 2020, o Grupo HorTOCAR realizou seu primeiro encontro.

O grupo estava previsto para durar 6 meses, mas se estendeu por um ano. Ao total foram 38 encontros semanais, às terças-feiras pela manhã, com duração de 2h30. Tivemos onze idosos(as) inscritas, sendo dez mulheres e apenas um homem. Das onze, apenas oito participaram de algum encontro, sendo cinco mais assíduas, e três se fizeram presentes em apenas dois encontros. Os outros inscritos interagiam esporadicamente pelo grupo do *Whatsapp*, mas nunca se fizeram presentes nos encontros. Os encontros online do Grupo HorTOCAR foram gravados, com a permissão dos participantes, para posteriormente servirem como material de pesquisa de campo. Paralelamente, produzi um diário de campo. Nele juntei notas, reflexões, sentimentos, imagens e vídeos compartilhados pelo grupo.

### 3.2 - COVID-19 E A DIGITALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

Não podemos dessociar o Grupo HorTOCAR à crise sanitária causada pela pandemia do Coronavírus. Como citado anteriormente, minha aproximação ao projeto TOCAR se deu graças à necessidade que eles tiveram de estruturar o grupo num formato *online*. A influência da pandemia na forma de fazer pesquisa me fez lançar mão das ferramentas de comunicação digital<sup>120</sup> que viabilizassem o encontro com distanciamento. Todas as interações, inclusive a aproximação das integrantes do grupo, se deram através dos meios de comunicação digital, gerando interferências nas correspondências. Esta foi a forma que encontrei de fazer campo sem precisar sair de casa. Obviamente que esse fato é relevante, quando a intenção era pensar os fazeres com a terra, uma atividade que requer presença. Logo, adaptações e improvisações precisaram acontecer para que o grupo pudesse

---

<sup>120</sup> Usamos a plataforma de videoconferência de código aberto JITSI nos primeiros encontros. Depois migramos para o GOOGLE MEET para facilitar o acesso pois algumas idosas já estavam familiarizadas com ela.

existir como um espaço de trocas sobre práticas de horticultura a partir das novas exigências.

Em todo o mundo, as populações humanas se viram afetadas pelo *feral* mais conhecido do momento, o vírus SARS-CoV-2, ou COVID-19, popularmente conhecido como Coronavírus. As primeiras infecções em humanos foram associadas ao contato entre morcegos selvagens e populações urbanas. "Mudanças antropogênicas associadas à urbanização também podem aproximar os morcegos do gado e dos humanos e alterar a ecologia das doenças" (HASSEL *et al* , 2020, on-line, tradução nossa)<sup>121</sup>. O vírus veio a se espalhar rapidamente para todos os continentes devido ao modelo de economia e produção globalizado. As infraestruturas de aglomerações, como as cidades, e o trânsito global de pessoas e produtos, espalhou rapidamente a doença por todo o mundo.

A propagação e a persistência de patógenos recém-emergidos (ou reemergidos) podem então ser perpetuados por uma combinação de fatores, incluindo a expansão das populações humanas globais e urbanização, comércio e viagens internacionais, sistemas intensivos de criação de gado, proliferação de populações de reservatórios e uso de drogas antimicrobianas. (*Ibidem*)<sup>122</sup>

Em 30 de janeiro de 2020 foi declarada, pela Organização Mundial da Saúde, como uma "Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional" e, em 11 de março de 2020, como uma pandemia (OPAS, 2020). No Brasil, em 6 de fevereiro de 2020, é criada a Lei nº 13.979 que sanciona "medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, responsável pelo surto de 2019". A partir de então começa a surgir em todo Brasil e no restante do mundo, medidas para implementar o isolamento social e quarentena, as quais se estendem até a presente escrita. As condutas preventivas para o enfrentamento da pandemia resultaram no uso obrigatório de máscara (Lei

---

<sup>121</sup> No original: "Anthropogenic changes associated with urbanization can also bring bats into closer contact with livestock and humans and alter disease ecology."

<sup>122</sup> No original: "Spread and persistence of newly emerged (or reemerged) pathogens can then be perpetuated by a combination of factors including expanding global human populations and urbanization, international trade and travel, intensive livestock-keeping systems, proliferation of reservoir populations, and antimicrobial drug use."

Nº 14.019), distanciamento e reforços de higienização das mãos e objetos e superfícies.

O distanciamento como ação preventiva se intensificou para aqueles considerados "grupo de risco: idosos, cardiopatas, renais crônicos, imunodeprimidos, doenças respiratórias, diabéticos e gestantes de alto risco" (SAPS, 2020), sendo esse grupo enquadrado no distanciamento social seletivo. Desde o início, os grupos de risco foram fortemente orientados a permanecerem em seus domicílios, se possível, restrito apenas a saída para serviços essenciais (*Ibidem*). Os idosos que já sofriam com isolamento social, invisibilidade, luto e abandono, vivem o agravamento dessas questões atravessadas pelo medo e incertezas em tempos pandêmicos (ROMERO *et al.*, 2021).

O dia-a-dia de muitos idosos foi fragilizado pela ruptura do cotidiano e restrições impostas. Assim como todos nós, os idosos vivenciaram as mudanças das fronteiras entre o dentro e o fora. Por um lado, fechamos os poros na tentativa de nos "protegermos" contra um "inimigo" invisível mantendo o maior número de vidas "lá fora", enquanto nos isolávamos do lado de "dentro". Por outro lado, abrimos para o mundo digital adentrar nossos lares por todos os lados. O crescimento desenfreado do mundo digital encontrou, nessa nova condição, o oportunismo para mediar a grande maioria das relações humanas.

No entanto, até recentemente, grande parte dos idosos eram considerados "excluídos digitalmente" em razão dos fatores financeiros, culturais ou físicos, segundo Karnikowski (2007). Mas os idosos, como qualquer grupo, apresentam capacidades adaptativas às circunstâncias impostas. No ato de isolar-se, são impelidos ao envolvimento em "novas experimentações" (QUARENTEI, 2006). "Quando as doenças infecciosas dizimam grandes proporções da população humana, as economias são devastadas e as civilizações e sociedades irrevogavelmente alteradas" (LIN; MAYERS, 2020, on-line, tradução nossa)<sup>123</sup>. Em uma tentativa constante de não serem excluídos do mundo, eles criaram outros vínculos, mesmo que enfraquecidos. "A digitalização enfraquece o vínculo comunitário na medida em que tem um efeito descorporizador. A comunicação

---

<sup>123</sup> No original: "When infectious diseases decimate large proportions of the human population, economies are devastated and civilizations and societies irrevocably altered."



digital é uma comunicação descorporizada" (CHUL-HAN, 2021, on-line). Muitos deles, em geral os mais privilegiados, já fizeram a transição para o mundo digital, aprendendo a usar seus dispositivos e interagindo em grupos digitais.

Para se pensar na inclusão digital para a faixa etária da terceira idade é preciso levar em conta a recorrência de limitação física e/ou cognitiva, além da pouca prática com a comunicação digital, o que cria grandes impedimentos de participação pelos meios técnicos, onde as interações já são limitadas. Essa é uma questão que precisa ser endereçada quando lidamos com um grupo de idosos. Após alguns encontros serem completamente perturbados por problemas técnicos, me dei conta que, apesar do modo online trazer outras possibilidades de trocas e comunicação, em vários encontros, quando a tecnologia não funcionava, criava-se um ruído na comunicação que a inviabilizava. Sua invisibilidade não acontece de fato e na maioria das vezes ela impõe muito mais a nós nos adaptarmos a ela do que ela a nós. A tecnologia, em muitos momentos, se torna um obstáculo maior para a comunicação do que o "problema" que ela propõe resolver. Quando isso acontece, ela nos aliena, fragmentando nossa atenção e quebrando nossa presentificação junto ao grupo.

Posso citar dois casos no HorTOCAR, o primeiro foi da senhora *N.A.P.* (72 anos), uma senhora que apresentava dificuldades de escuta. Quando o som ficava ruim nas interações online, o que acontecia com grande frequência, isso inviabilizou sua participação junto ao grupo. Eu, Samira e Gabriela então formulamos um plano para tornar sua participação mais acessível. Primeiro, um de nós se dispôs a interagir com ela pelo *chat* durante encontro transcrevendo as principais falas do Grupo. Essa ação demonstrou uma melhora positiva, mas ainda assim a dinâmica das falas eram às vezes muito rápidas para serem acompanhadas. Traçamos outro plano com uma de suas filhas para fornecer uma caixa de som portátil que pudesse amplificar a saída de som de seu celular. Mesmo assim, ela apresentava dificuldades de compreensão. Esse fato se agravou por sua conexão de internet precária, algo comum nas periferias brasileiras<sup>124</sup>. Após alguns encontros, *N.A.P.* decidiu sair do grupo alegando que precisava cuidar de seu neto.

---

<sup>124</sup> Percebeu-se uma outra exclusão social durante a pandemia. A distribuição desigual de banda de internet entre os diferentes bairros e classes sociais.

O outro exemplo refere-se a outras duas idosas que gostariam de participar dos encontros, mas nunca tinham usado nenhuma plataforma de videoconferência. Mesmo com nosso apoio técnico, em que nos dispomos a acompanhá-las por telefone na instalação dos aplicativos e instruções (criamos um mini-tutorial para explicar como entrar pelo computador e celular), elas não conseguiram acessar, gerando uma frustração e até vergonha, ao ponto de elas se afastarem do grupo. Sem um familiar mais experiente por perto, e sem podermos assistí-las pessoalmente, não encontramos uma forma mais adequada para prestar auxílio.

O Grupo HorTOCAR nasce do ficar com mais um problema, o de não colocar vidas em risco, por isso precisávamos persistir no caráter *online* do grupo. Por outro lado, isso abriu uma gama de possibilidades para idosos ativos de outros estados que tivessem acesso a internet, participassem de novos grupos, dentre eles o nosso. *L.S.B.* (81 anos) disse que a pandemia lhe proporcionou bons momentos, pois a impeliu a participar de grupos e atividades às quais nunca imaginava ter acesso. Isso porque surgiram muitos grupos online para idosos, expandindo suas possibilidades de se relacionar com pessoas que nunca viram, ou por estarem geograficamente longe, ou por serem de outras áreas de atuação. Todas relataram o aumento das ofertas de grupos. Elas também relataram com entusiasmo que os grupos permitiram a formação de novas amizades, tanto com colegas como com os facilitadores. Na opinião da idosa, os grupos online a ajudaram muito a amenizar os impactos do isolamento social. *L.S.B.* declarou que não sentiu muito a solidão e que se sente com sorte de ter participado de tantos grupos<sup>125</sup>. Ela fez uma declaração sobre como os grupos online em que participa que, devido à pandemia, lhe proporcionaram conhecer várias pessoas e fazer novas amizades. "Não tive depressão porque exatamente compartilhei de várias coisas, procurei coisas para fazer, então o resultado não foi negativo apenas". Quanto ao nosso grupo, ele declarou que estava feliz demais em nos conhecer e compartilhar momentos conosco toda semana. *L.S.B.* declarou considerar eu e a Samira como amigos, mesmo sem nunca termos nos encontrado fisicamente. Disse também que graças ao nosso grupo, ela voltou a ter interesse por plantas e jardins.

---

<sup>125</sup> *L.S.B.* participou de 4 grupos online durante a pandemia.

*A.J.P.* (75 anos) nos conta que também conheceu muitas amizades através do modo online, mas sente saudades do contato físico. Todos nós concordamos com esse ponto de vista. *A.J.P.* declarou que sempre fez grandes amizades em suas viagens e o que mais sente falta é de "bater perna por aí". Desde o início do grupo ela ressalta que viajar é a atividade mais importante para ela e que a pandemia a privou dessa liberdade, mas os grupos a proporcionaram conhecer novas pessoas.

Devido à centralidade da pandemia na vida de todos em 2020, o HorTOCAR dedicou alguns encontros para dialogar sobre questões relacionadas à morte, à vacinação e à crise política. Posso citar o encontro 29, quando Samira trouxe uma atividade para pensarmos como nossas vidas foram afetadas por um ano de pandemia. Ela pediu que cada integrante falasse como estava em cada aspecto da vida, como a saúde, família, sonhos, sono, alimentação e humor naquele momento. Esse encontro proporcionou caminhos para entendermos as expectativas sobre possíveis mudanças para o futuro próximo. No início, as idosas acreditavam que a pandemia poderia influenciar as pessoas a serem mais generosas, mais comunitárias e mais conscientes com a questão ambiental. "O vírus é também uma crise no sentido etimológico de *krisis*, que significa "ponto de inflexão": ao fazer-nos um chamado urgente à mudança do nosso modo de vida, poderia também provocar a reversão desta precariedade" (CHUL-HAN, 2021, on-line). No entanto, ao perguntarmos às integrantes se elas achavam que essas mudanças estavam acontecendo após um ano, elas se mostraram pessimistas. Todas opinaram que não sentiam mudanças significativas. Pedimos então que opinassem sobre a crise ambiental e a possibilidade de uma extinção em massa no futuro próximo. O Grupo todo acredita que essa possibilidade existe e que a pandemia é uma consequência dessa crise. *L.S.B.*, foi a única a não compartilhar desse ponto de vista. Segundo ela, a vida seguirá como está por um bom tempo.

### 3.2.1 – CADA UM NO SEU QUADRADO

Apesar das imagens 3D e 360 graus estarem se tornando mais comuns, a hegemonia digital ainda passa pela bidimensionalidade das telas de dispositivos. Hoje vemos o mundo através de telas e a tela é uma interface plana e retangular. As

interfaces limitam e mediam as interações e estamos achatando o mundo para caber nesses retângulos. Durante reuniões de videoconferência *on-line*, tendemos a ignorar esse fato, mas a dimensão da interface não é invisível, ela era a fisicalidade palpável do grupo, pois o distanciamento físico do formato *on-line* nos privava da fisicalidade do coletivo. No entanto, existem algumas vantagens de termos acesso a computadores, smartphones e internet. Podíamos compartilhar materiais digitais, como fotos, imagens, vídeos, áudios, artigos e páginas na internet com extrema facilidade e fluidez. Essas mídias eram rapidamente distribuídas entre os participantes do grupo e podiam ser acessadas mutuamente.

O aspecto retangular audiovisual dos encontros trazem outras perspectivas distintas, abrindo espaço para a imaginação preencher as imensas lacunas omitidas do espaço e dos outros sentidos. Coelho (2019), ao tratar do cinema indígena, nos lembra de que o recorte do real pelo enquadramento cinematográfico é um campo fenomenológico. O extracampo fora do enquadramento é um espaço que pode suscitar relações nem sempre visíveis em cena. Através dos indícios visíveis no quadro das imagens do grupo, podíamos imaginar o que estaria fora dele. Em um dos encontros, a terapeuta Gabriela propôs uma brincadeira de adivinhar a altura de cada um do grupo, pois só nos conhecemos por imagens, do rosto ou busto pelo vídeo. A idosa A.J.P. brincou dizendo que eu poderia ser um gigante e elas nem saberiam. Foi uma improvisação divertida e descontraída onde compartilhamos o que vinha a ser o imaginário de representação do outro.

O mesmo princípio pode ser aplicado aos espaços caseiros de cada participante. Essa característica gerou um potencial para os encontros pois, a partir das imagens compartilhadas, cada um construiu em seu imaginário, como era o espaço habitado pelo colega. Passei a incentivar com frequência o compartilhamento de imagens das plantas e os possíveis espaços que elas poderiam habitar para que pudessemos construir no imaginário do grupo o que viria a ser nosso "jardim agroecológico comunitário". Este era simbólico, construído com fragmentos das casas de cada participante. Para incentivar as idosas a plantarem, e produzirem imagens, logo no primeiro encontro fiz um percurso pelo meu lar com a câmera do celular mostrando onde cultivava meus alimentos. Esse passeio gerou correspondências entre os meus fazeres e a imaginação das idosas. Ao convidar que o grupo "passasse" por

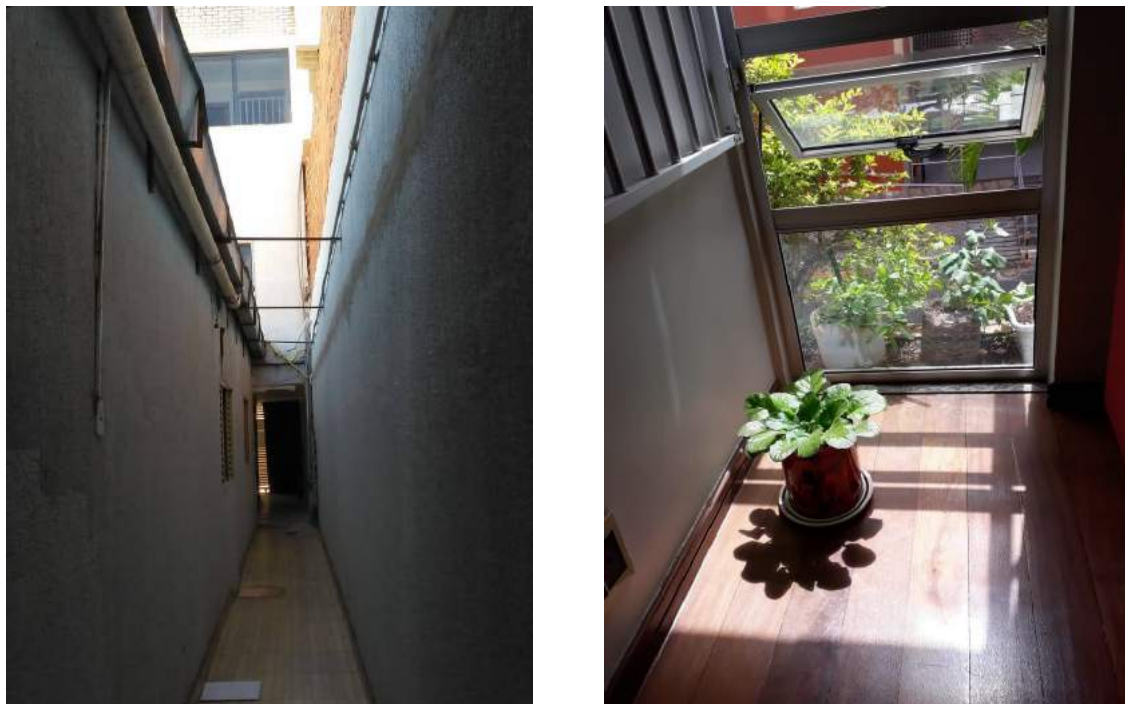
entre o meu espaço através do vídeo, pude apurar o sentimento de intimidade entre nós. "Filmar a si mesmo é, de uma forma ou de outra, filmar o outro", e de que "no ato de filmar a própria vida (suas mise-en-scènes individuais e coletivas), inventamos e expressamos o modo de olhar do outro, seu ponto de vista" (COELHO, 2019, p. 236).

Com a intenção de trazer a atenção do grupo aos seus próprios espaços como lugar de cultivo de plantas, pedimos que observassem a entrada de luz solar em suas casas. Durante aquela semana foi solicitado que observassem por quanto tempo e com qual intensidade a luz do sol adentrava algum canto no qual gostariam de alojar alguma planta. Foi sugerido que se atentassem à qualidade dessa luz. Ela adentrava o espaço diretamente, indiretamente? Com qual intensidade? Se formavam sombras duras, difusas? Em qual horário era mais intensa? Após observarem, foi solicitado que fotografassem esse espaço em diferentes momentos do dia e compartilhassem com o grupo.

Os compartilhamentos geraram diálogos sobre o cultivo interno de plantas e como podemos adaptar nossos espaços para alojarem outras formas vidas. Conversamos sobre quais gostam de sol, quais preferem sombra, quanto tempo bate sol nos nossos espaços e como a posição do sol muda o ano todo. Essa atividade proporcionou um rompimento de uma relação mais objetiva com nossos lares usando a luz do sol como uma forma de trazer uma outra qualidade de atenção ao espaço. Uma atenção espaçada no tempo pela durabilidade das observações e, também, expandida no espaço, já que plantas podem habitar além do chão, móveis, paredes, tetos.

Algo a ser notado dessas trocas foi o fato de muitos espaços não receberem uma incidência significativa de luz solar em momento algum do dia. Um caso extremo foi a casa da *N.A.P.*, que não recebia incidência direta do sol em nenhum cômodo, logo ela só poderia cultivar plantas adaptadas à sombra. A falta de entrada de luz solar nos lares de alguns integrantes nos pôs a refletir sobre como às vezes somos privados nos centros urbanos de algo tão crucial como a luz solar direta. As idosas nunca haviam se atentado para o fato da importância da luz natural na casa.

Poderíamos argumentar que esse fato não influencia apenas as plantas, mas também o bem estar dos habitantes da casa.



*Figura 21. Fotos de incidência de sol no lar. Fonte: Projeto Tocar*

Desde os primeiros encontros, as trocas de falas e imagens pelo grupo incitaram memórias de experiências de vida que enriqueceram o imaginário de como podemos habitar com outras espécies. No segundo encontro, ao falar do desejo de plantar hortaliças, L.S.B. acessou uma memória de quando morava numa casa, e não num apartamento. Ela nos contou que, durante anos, cultivaram uma horta no quintal da frente da casa. Perguntei se tinha saudades daquele espaço e sua resposta foi "Na verdade não. Só lembro dessa época nos nossos encontros, mas que não guardo arrependimento de ter me mudado". Ela afirmou que não gosta de se arrepender das escolhas da vida e complementou: "a casa é só um monte de tijolos, somos nós que fazemos o lar". O grupo se emocionou com sua fala. "O lar é onde tem vida, onde podemos receber os netos e onde eles podem fazer bagunça. Isso é que me faz feliz. Logo, o lar é o espaço onde essa felicidade tem lugar" (L.S.B., 82 anos).

Ao me propor a ser um observador participante junto ao Grupo, questionei-me como poderia contribuir para seus processos. Compartilhar algumas práticas

agroecológicas caseiras que experimentava em meu lar era uma contribuição viável naquele contexto, em que cada um estava em sua casa. Ao compartilhar alguns plantios em meu espaço, incitava diálogos e imaginações de um lar multiespécie no contexto do grupo.

### 3.3 - O LAR DO HORTOCAR

"O importante não é a casa onde moramos.  
Mas onde, em nós, a casa mora.  
Avô Mariano  
(COUTO, 2003, p. 53)

O lar foi o espaço em que pude experienciar e praticar as atividades e temas que pude compartilhar com o grupo HorTOCAR. Foi a partir dele que surgiram correspondências e pude refletir sobre agricultura urbana em tempo de pandemia. E também, a partir dele, pude me relacionar com o grupo e seus fazeres. Ao praticar desde de casa, juntei-me ao grupo como participantes, correspondendo não apenas nos encontros online, mas também compartilhando o hábito do *habitar-com*.

Para ajudar o grupo a refletir sobre nossos espaços, tivemos uma convidada especial no encontro 12: a arte terapeuta Telma Romão. Através da janela de seu vídeo, ela abriu sua casa para nós e nos contou sobre a construção de seu lar durante a pandemia. Ela trouxe um *olhar a casa* a partir de uma fala de seu lugar de arteterapeuta junguiana, trazendo o simbólico de cada espaço e relacionando-os a nós mesmos. Telma cohabita com duas galinhas que transitam entre o dentro e fora da sua casa, além de muitas plantas, um jardim de ervas e peixes que ficam num pequeno lago no quintal, ela também convida os pássaros passantes a adentrarem seu lar pondo comida e água para eles em diferentes pontos do quintal.

Ela abriu sua fala dizendo: "Morar em uma casa é termos algo a dizer sobre nós. Para eu não me esquecer das coisas que preciso ser, eu tenho que ter uma galinha,

uma planta, um filtro de barro para lembrar dos antigos, das pessoas que eu amo". Ela contou o quanto lhe faz feliz saber a hora do dia pelo movimento das galinhas. "Quando elas entram em casa e começam a se ajeitar são exatamente 17h30. 18h30 elas se aninham para dormir e aí eu já sei que hora de parar de trabalhar". No meio do encontro uma galinha subiu na mesa e todo o grupo se alegrou.

Telma perguntou ao grupo qual o canto da casa que mais gostavam? *A.J.P.* disse que é nômade, ela gosta das aberturas. "Se eu pudesse, morava numa barraca do lado de fora". Ela contou que gosta, na verdade, de estar com uma mala na mão escutando o barulho da rodinha dela enquanto viaja. Eu, *M.R.F.C.* e *A.S.B.* respondemos que era o jardim nosso lugar favorito. Segundo Telma, no jardim nosso corpo se comporta de outro jeito. Ele se agacha, olha para baixo, se atenta aos detalhes. A planta conversa uma outra linguagem e fala baixinho. Ele não conversa gritando então é preciso se abaixar, ficar na altura dela. Segundo Haraway (2016), "Algo a mais está acontecendo no mundo vegetativo, talvez algo que deva ser chamado de arte. A fitolinguística perseguida ao longo dessas linhas pelos cientistas e exploradores estava apenas começando e certamente exigiria modos inteiramente novos de atenção, metodologia de campo e invenção conceitual" (p. 42, tradução nossa)<sup>126</sup>.

Telma continuou nos contando: "toda casa vai nos trazer a consciência do corpo que é nossa primeira casa". Telma prossegue, "e onde eu estiver, eu estou morando. Por isso que essa mala de rodinha é o máximo!", exclama a terapeuta. Telma nos trouxe a reflexão da casa como sendo uma terceira membrana do nosso ser, ou seja, o corpo sendo a primeira, depois a roupa, e depois a casa. Aqui gostaria de ir além estendendo esse pensamento à terra.

A Terra também é um corpo. E um corpo é diferente de um lugar sem vida, porque sente, sente e reage [...] Na teoria de Gaia, por exemplo, a atmosfera torna-se parte da biosfera, uma espécie de sistema circulatório planetário. O solo, onde abundam os microrganismos, não é mais um substrato sem vida, mas sim um tecido vivo na superfície do planeta [...] O meio ambiente e o organismo não fazem uma casa, mas sim um corpo. (MARGULIS *et al.*, 2020, p. 8)

<sup>126</sup> No original: "Something else is going on in the vegetative world, perhaps something that should be called art.10 Phytolinguistics pursued along these lines by the scientists and explorers was just beginning and would surely require entirely new modes of attention, field methodology, and conceptual invention."



Em seguida, Telma relacionou cada um dos aposentos a órgãos do corpo humano. Faço aqui um resumo de seu pensamento. A varanda e a janela, lugares de contemplação que são os olhos da casa. Lar e lareira compartilham a mesma origem etimológica. A cozinha é o coração, onde nos fazemos companhia. A palavra companhia vem de *con panis*, ou seja, com pão, fazer companhia é repartir a feitura do pão e se juntar à mesa. A cozinha é o lugar mais quente da casa e também um lugar de intimidade, diferente da sala onde o que reina são os combinados sociais. Colocamos a televisão na sala, pois é onde recebo o povo todo do planeta, já a cozinha é para os mais íntimos, afirmou Telma. Os corredores são um labirinto. A gente sai do corredor para se encontrar com nós mesmos no banheiro, ou no quarto, que é o lugar da alma. Quando botamos plantas no quarto é como se a ancestralidade estivesse com a gente. Antigamente diziam que se tivéssemos uma planta dentro do quarto, ela iria roubar o oxigênio e morreríamos. "Isso é uma invenção tão sem vergonha! Tão sem futuro!", exclamou Telma. O quarto é o lugar dos ritos, é onde todo dia a gente se despede e se reencontra com nós mesmos. É onde a gente chora e performa os ritos amorosos e os de dores também. A vassoura fala, o chinelo embarcado, o vaso de flor, uma plantinha, uma panela destampada, uma poltrona dura, um colchão mole demais... todos falam. A água do filtro de barro lembra o açude, que vai lembrar a primeira chuva do ano. Todas as coisas na nossa casa estão dizendo alguma coisa. Quando a casa está repleta de objetos mortos e inertes ela não se torna um lar. Ele surge quando emerge como ambiente sem objetos (ASO), ou seja, quando é ocupado por coisas vivas.

As coisas estão vivas, como já notei, porque elas vazam. A vida no ASO não é contida; ela é inerente às próprias circulações de materiais que continuamente dão origem à forma das coisas ainda que elas anunciem sua dissolução [...] É através de sua imersão nessas circulações, portanto, que as coisas são trazidas à vida. (INGOLD, 2012, p. 32)

Telma habitava seu lar como um *ambiente sem objetos*. E o banheiro? "O banheiro é onde lavamos a alma. No Brasil sempre teve banho, herança dos nossos ancestrais indígenas. Lavar a alma é deixar toda a poeira da vida, o peso dos dias, a agonia do futuro ir embora para ficarmos novos". Segundo a arteterapeuta, os

indígenas tradicionalmente faziam esses ritos na natureza. "Eles entregavam o 'número dois'" ao solo, onde outras vidas, os bichinhos o transformavam. O banho é no rio, lugar de brincar, de rir, de cantar, de passar ensinamentos. Já nós, ocidentais, fazemos esse rito de renovação sozinhos em casa. No banheiro, Telma colocou dois chuveiros no box para tornar o banho algo coletivo. "Eu não sabia que minha alma era indígena", disse ela. "Esse desejo de ir para o banheiro juntas, é porque ali a gente faz trocas. É o hábito indígena de tomar banho junto, tirar a roupa junto, e que nos foi tirado pela vida urbana".

A estória de Telma e sua casa trouxe reflexões de identidade e memórias junto às idosas. *A.J.P.* reconheceu suas origens dizendo o quanto gosta de seu nariz adunco indígena misturado com seu cabelo crespo de ancestrais africanos. *A.S.B.* se lembrou de quando era menina, ela morava num sítio e o fogão a lenha era o ponto onde todos se encontravam na casa, principalmente no inverno. Após a exposição de Telma, *M.R.F.C.* sentiu o chamado de mostrar sua casa e principalmente sua cozinha externa, com forno a lenha, depois, pelo vídeo, ofereceu-nos jaca convidando-nos para entrar. No encontro seguinte, propomos uma atividade fotográfica onde cada integrante escolhia dois ambientes de seus lares para fotografar. O nosso espaço preferido e outro que gostaríamos de mudar. Assim, nessas atividades e movimentos, íamos construindo o espaço do HorTOCAR no imaginário do grupo, além de ir criando intimidade uns com os outros. Tem algo de muito pessoal em convidar outras pessoas à nossa casa, mesmo que por janelas de telas digitais.

### 3.4 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Nos primeiros encontros, reservamos um espaço para o debate sobre quais as expectativas e o que imaginávamos que viesse a ser o nosso grupo. Nós, os facilitadores, declaramos abertamente sobre ele ser um espaço de encontros para trocas, fluxos, escutas e construções conjuntas de conhecimento, e não um curso sobre horticultura em casa. Abrimos espaço para que todos os participantes

pudessem opinar sobre como os encontros poderiam acontecer, o que gostariam de aprender, o que gostariam de compartilhar e quais assuntos iríamos aprofundar. No entanto, o debate não fluiu e as idosas expressaram pouco suas opiniões. Atribuí esse fato às idosas ainda não se sentirem à vontade e com liberdade para se expressarem abertamente. Acredito também que esse formato lhes era estranho, já que os outros grupos de que participavam giravam em torno da figura do professor. *A.J.P.* chegou a nos mandar mensagem no privado demonstrando sua desconfiança sobre qual era objetivo da nossa pesquisa.

Foi então que decidimos atuar com o máximo de cuidado, telefonando a cada uma das idosas individualmente para esclarecer quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e nos colocarmos à disposição sempre que fosse necessário conversar fora do grupo. Esse ato de se dirigir diretamente a cada participante, com atenção, logo no início, apresentou-se como um recurso útil e necessário para a conquista da confiança e o cultivo do cuidado mútuo na construção do grupo. Essa situação me fez perceber o quanto é importante não perdermos de vista em nossas pesquisas que estamos lidando com seres humanos, cada um com sua particularidade, seus medos, seus anseios, suas crenças e que é preciso respeitá-los em suas individualidades e diferenças, acima de qualquer demanda de pesquisa. Acredito que o cuidado de falar com elas individualmente cultivou a confiança delas em relação a nós e se sentiram mais seguras para uma entrega ao grupo, pois após esse momento, as trocas começaram a fluir.

Outro cuidado que tivemos ao formarmos o grupo, foi no cultivo da horizontalidade quanto à proposição dos temas e atividades realizadas nos encontros. Mesmo o encontro com a Telma foi acordado com todo o grupo. Tanto eu quanto a Samira tínhamos um interesse real em realizarmos nossas pesquisas junto ao grupo, mas também almejamos que o grupo contemplasse os desejos, anseios e necessidades dos idosos. Como agir com responsabilidade e cuidado para não transformá-lo em um lugar que corresponda apenas aos nossos desejos e anseios como pesquisadores foi o maior desafio inicial. Por isso, desde o início, construímos meios de incentivar a participação de todos na construção dos encontros e atividades do grupo, deixando claro que o Grupo HorTOCAR não era nosso, e sim uma construção coletiva de todos. Um espaço aberto e acolhedor às proposições de

qualquer membro participante. O grupo estava sempre aberto, caso alguém quisesse propor um encontro, ou trazer alguma atividade, ou seja, acima de tudo, era um espaço de trocas de saberes onde todos tínhamos algo a aprender uns com os outros. Paradoxalmente, no início, essa atitude pareceu um pouco impositiva já que quebrava um paradigma estabelecido pelas experiências que os membros tinham previamente de outros grupos. As idosas colocavam a Samira, Gabriela e eu no lugar de "professores" e esperavam, com uma atitude passiva, que nós transmitíssemos informações a elas, como uma emissão unilateral de conhecimentos, aparentemente recorrente em outros grupos.

Esse papel de "professor" o qual o grupo nos atribuiu, se deu pelo fato de sermos os facilitadores dos encontros. Assumimos, então, no início este lugar para que o grupo pudesse seguir, e aos poucos fomos construindo uma abertura para construção mais horizontalizada. O ideal de horizontalidade se apresentou como uma utopia, no entanto, ele nos guiou para formulações de espaços de diálogos que prezassem pelas correspondências, mais que pela transmissão de informação.

A desconstrução desse lugar de autoridade do conhecimento surgiu, então, no calor do composto do grupo para pensarmos juntos com os idosos o que poderia vir a ser correspondências possíveis de serem cultivadas. Apoiando-se então no conceito de autonomia, de Paulo Freire, nos colocamos igualmente como participantes das atividades na tentativa de desconstruir a hierarquia preestabelecida das relações. "É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o 'espaço' antes 'habitado' por sua dependência. Sua autonomia se funda na responsabilidade, que vai sendo assumida" (FREIRE, 2011, p. 64). Foi preciso improvisar constantemente para atualizar o espaço do grupo em um viveiro de autonomia. "Nossa prática de correspondência como processo de DA, é uma prática de atenção com o outro, em um compromisso mútuo sobre o processo de aprendizagem e ensino, borrando as fronteiras de quem ensina quem: estaríamos caminhando lado a lado" (NORONHA; ABOUD; PORTELA, 2020, p. 208, tradução nossa)<sup>127</sup>.

---

<sup>127</sup> No original: "Our correspondence practice, as a DA process, is a practice of attention with each other, in a mutual commitment about this learning and teaching process, blurring the boundaries of who teaches who: we would be walking side by side. Making things together enabling rich moments of exchange is as an important key to prolong the present and to imagining possible futures."

Ao me colocar como observador participante junto ao grupo, me dispus a refletir como é ser um pesquisador que corresponde nessa malha. Precisava encontrar uma abordagem que nos permitisse um pensamento que fosse em si emaranhado. Por aportar metodologias da antropologia, o DA fornece caminhos possíveis para tal construção do conhecimento. Apoiado no conceito de correspondência, segundo o antropólogo Tim Ingold, o campo parece abrir-se para pensar as relações. O DA traz a reflexão sobre o lugar de um pesquisador, aportando os métodos da antropologia, como a observação participante, unindo-os à forma de se fazer design. "Buscamos nos engajar com os contextos e as pessoas com quem trabalhamos, atuando em correspondência a seus fluxos e relações, num processo aberto de investigação colaborativa a partir da abordagem deste campo emergente e interdisciplinar" (SERPA, COSTARD, 2018, p. 11).

A observação participante, segundo proposta por Ingold, permite um engajamento social do pesquisador junto ao grupo no qual participa. Observação participante é uma abertura ao aprendizado junto ao outro. "Observar não é objetivar; é atender a pessoas e coisas, aprender delas e seguir em preceito e prática. A observação participante, em suma, é uma prática de correspondência: uma forma de viver atentamente com aqueles com quem trabalhamos (INGOLD, 2017, p. 157, tradução nossa)<sup>128</sup>.

Assim, correspondências são cultivadas e reflexões emergem dos emaranhamentos. "Fazer-se um observador participante é estar em correspondência com aqueles com quem se quer aprender ou entre os quais há interesse de compreensão. É um movimento que, ao invés de recuperar o passado, almeja um futuro conjunto" (SERPA, COSTARD, 2018, p. 18). Por isso, o nosso lugar junto ao grupo HorTOCAR é de dentro do composto, *devindo-com* o grupo. "Em termo de *autopoiesis*, tudo é observado por um observador imerso na mesma coisa que ele observa" (MARGULIS *et al.*, 2020, p.3). Ir a campo, aqui, abarca essa atitude de correspondente. "O argumento é que o próprio eu está sempre emaranhado com todos os outros que o precedem e que tornam a vida possível,

---

<sup>128</sup> No original: "to observe is not to objectify; it is to attend to persons and things, to learn from them, and to follow in precept and practice. Participant observation, in short, is a practice of correspondence: a way of living attentively with those among whom we work."

momento a momento. Ao responder aos outros, tanto quanto a si mesmo, continua esses emaranhamentos." (ROSE, 2013, p. 7, tradução nossa)<sup>129</sup>. Uma observação participante nos permitiu *estar com* o Grupo HorTOCAR a partir da responsabilidade.

No entanto, Ingold não a vê como um método, em sentido estrito do termo. Para Ingold, a própria noção de método é posta em questão. Pensar em métodos, antes mesmo de pensar na relação, para o autor nos afasta do envolvimento íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os sujeitos pesquisados.

Os métodos são os guardiões da objetividade, acionados para garantir que os resultados da pesquisa não sejam contaminados por um envolvimento muito íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os povos que eles estudam. Para a antropologia, contudo, esse envolvimento é essencial. Todo estudo demanda observação, mas, na antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem. Estudamos *com* as pessoas, ao invés de fazer estudos *sobre* elas. Chamamos esse modo de trabalho de "observação participante". (INGOLD, 2019 p. 12)

Ingold adota a observação participante no seu fazer antropológico não para interpretar ou explicar comportamentos dos outros. O engajamento é para "compartilhar de sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana pode ser, das suas condições e possibilidades futuras" (INGOLD, 2019 p. 10). Essa visão parece bastante válida para pensar em um design que pretende aproximar-se dos processos de vida. Isto é, aventurando-se pelo mundo e se expondo ao que acontece ao compartilhar da presença do outro, prestando atenção e importando-se com o outro que podemos obter sabedoria. "E com o mundo chegando ao seu limite, não podemos nos dar ao luxo de ignorar sua sabedoria. Temos muito o que aprender, se nos permitirmos ser ensinados por outros com experiências a partilhar" (*Ibidem*).

---

<sup>129</sup> No original: "The argument is that one's own self is always entangled with all the others who precede it and who make life possible, moment by moment. In responding to others both self and other continue those entanglements."

Assim, para o antropólogo, a observação participante não é, absolutamente, um método para coleta de dados. Ela é um compromisso de aprender fazendo, semelhante ao do aprendiz ou do aluno" (*Ibidem*, 2019 p. 13). Ingold analisa criticamente sobre as estratégias de coleta de dados dizendo:

Algo me incomoda na própria idéia de "dados qualitativos". No momento em que transformamos a qualidade em um dado, o fenômeno é isolado, separado da matriz de sua formação. Coletar dados qualitativos é como abrir-se para os outros apenas para virar-lhes as costas, atentando para o que eles dizem *pelo que isso diz sobre eles*. A generosidade se torna uma fachada para expropriação. (INGOLD, 2019 p. 19)

Logo, no grupo HorTOCAR não pretendi expropriar o grupo de nada. "Não se trata de catalogar a diversidade dos modos de vida humanos, mas de unir-se ao diálogo. Trata-se, ademais, de um diálogo no qual todos aqueles que participam estão prestes a serem transformados" (INGOLD, 2019 p. 19). Entende-se que o pesquisador, assim como o facilitador ou designer, não ocupa um lugar hipotético fora dos movimentos de mudança do mundo de onde ele pode olhar com objetividade e projetar mudanças. Eles são agentes internos da mudança, promotores de transformação ao mesmo tempo em que transformam a si mesmos, interferem no mundo assim como o mundo interfere neles. "Já que estamos posicionados em ambientes sociais nos quais os níveis de complexidade apontam para futuros desafiantes, é necessário que as designers repensem as metodologias convencionais e proponham alternativas que se adequem à fluidez social" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 61).

Para pensarmos juntos, é preciso engendrar dinâmicas dialógicas de dar e receber. Segundo Ingold, os princípios de dar e receber, que estão no âmago da vida cotidiana, "são fundamentais para a prática do trabalho de campo antropológico. É um exercício fundado na generosidade, em receber de bom grado o que lhe é oferecido, ao invés de procurar obter, por meio de mentiras ou subterfúgios, o que não é" (INGOLD, 2017, p. 15). Ele conclui dizendo "No campo, é preciso esperar para que as coisas aconteçam, e aceitar o que é oferecido quando lhe é oferecido" (*Ibidem*). Isso requer que cultivemos uma atitude atencional por parte do pesquisador para perceber o que lhe é oferecido. Também criar espaços de abertura

para que os participantes possam sentir-se à vontade para compartilhar o que for preciso. Essa atitude está no centro da correspondência.

Fui a campo juntos com o HorTOCAR, não com um objetivo claro, preciso, predeterminado e sim para experienciar correspondências dentro de um grupo vivo e heterogêneo. Nesse sentido, a pesquisa serve como ponto de partida para algo desconhecido, que surge do húmus das particularidades do grupo. Corresponder é o único objetivo do grupo, por isso, não usei nenhum método de coleta de dados que implicasse uma intenção prévia. "Em suma, corresponder com o mundo não é descrevê-lo ou representá-lo, mas responder a ele." (GATT; INGOLD, 2013, I. 250, tradução nossa)<sup>130</sup> Ao corresponder, pesquisamos, e ao pesquisar, correspondemos.

É importante ressaltar que, apesar da ideia inicial do grupo girar em torno dos fazeres com a terra no âmbito do lar, ele não se limitou a isso, justamente porque ele estava aberto para se seguir seu fluxo de acordo aos desejos de seus participantes. Nosso papel era cultivar a intencionalidade na correspondência para antever as trilhas possíveis e seguir as brechas. Facilitar o grupo neste sentido era "mais sobre abrir caminhos, do que definir metas; sobre antecipação, não predeterminação" (GATT; INGOLD, 2013, I. 253, tradução nossa)<sup>131</sup> Se houve algum objetivo para o grupo, diria que foi o de pesquisar sobre essa atitude de cultivar correspondências na malha da vida.

### 3.4.1- CULTIVANDO HORIZONTALIDADE E CUIDADO

Logo no segundo encontro, tivemos a presença apenas de uma das idosas, a *L.S.B.* Isso a deixou à vontade para falar conosco sem entraves. Em um movimento de improviso, abrimos mão da estrutura programada do encontro e nos abrimos à escuta. *L.S.B.* nos contou de seus desejos de viagem e do que pretende realizar

---

<sup>130</sup> No original: To correspond with the world, in short, is not to describe it, or to represent it, but to answer to it.

<sup>131</sup> No original: And it is about opening up pathways rather than setting targets; about anticipation, not predetermination.



ainda nesta vida. Percebemos que essa abertura para uma escuta mais profunda fortaleceu nossos vínculos com a idosa, permitindo que sugestões para os encontros viessem à tona. As aberturas, assim, são proveitosas para correspondências e o surgimento de conteúdos que de outras formas não têm chances de vir à tona quando as dinâmicas dos encontros são estruturadas e fixadas demais.

A improvisação empreendida, então, foi de abrir espaço para que todos pudessem se expressar sem restrições sobre qualquer assunto no início dos encontros, trazendo, assim, seus anseios e desejos. Importante ressaltar que esse tempo não era controlado, sendo que as falas podiam ser mais curtas ou prolongadas, dependendo das necessidades que brotavam. O resto do tempo era dedicado às atividades propostas. Como sugerido por Portela e Noronha (2018), "Dialogar talvez seja o primeiro passo. Precisamos nos ligar mais aos *outros*, no sentido de conversar com diversos atores sociais, para além de um processo laboratorial" (p. 61). A partir deles, íamos guiando a comunicação e as trocas, e orientando as atividades dos encontros seguintes, sempre em diálogo com as participantes. Por exemplo, uma das idosas contou ao grupo algum caso que lhe passou naquela semana. As outras respondiam a ela com lembranças e proposições que nos inspiravam a formular atividades que eram implementadas em encontros futuros. Esse "bate-e-volta" nos lembrou da descrição de correspondência de Ingold. "Às vezes, as melhores ideias não vêm de seguir as linhas principais de uma investigação, mas de desviar do curso, em breves encontros com coisas, obras de arte e pessoas, que desencadeiam reflexões sobre tópicos bastante desconhecidos e inesperados" (2017, p. 4, tradução nossa)<sup>132</sup>.

No sexto encontro, tivemos duas novas participantes, e, ao expormos a dinâmica de construção coletiva para as novas integrantes, foi ficando mais claro para todos o que vinha a ser HorTOCAR. A *N.F.O.* disse naquele dia: "É um lugar de troca, né?". "Nosso encontro não é uma live, é um bate papo", respondeu *A.J.P.*

---

<sup>132</sup> No original: "Sometimes one's best ideas come not from following the main lines of an investigation but from veering off course, in brief encounters with things, artworks and people that trigger reflections on quite unfamiliar and unexpected topics."

Outra atitude que declarava nosso posicionamento de horizontalidade junto ao grupo foi termos participado em todas as atividades junto com as idosas. Eu, Samira e Gabriela não assumimos apenas o lugar de facilitadores, mas também atuamos como participantes em todas as dinâmicas, fazeres artísticos e práticas de plantio, compartilhando igualmente nossas imagens e estórias com o grupo. "Às vezes, estamos observando, e em outros momentos, fazemos parte desse ambiente. Nesses contextos, as trocas acontecem. É a chamada observação participante, onde ora nós, como pesquisadores, estamos observando, e ora, participando das atividades com nossas comunidades" (NORONHA; ABOUD; PORTELA, 2020, p.205, tradução nossa)<sup>133</sup>. Essa participação se mostrou como uma saída pertinente para produção de correspondências, pois produzia camadas de trocas possíveis que nos colocavam em um lugar de aprendizado frente às idosas. Isso gerava trocas de experiências que iam se enriquecendo a cada correspondência e pautando novos caminhos futuros para outras atividades.

Ao nos posicionarmos junto aos integrantes desde o lugar de participantes atencionais, aos poucos se dissolvia nosso lugar de professor junto ao grupo. *L.S.B.* declarou, no encontro 15, que "mesmo que ninguém seja sábio, cada um compartilha um conhecimento com o grupo e, assim, temos um álbum de conhecimentos". Esse ato de aprender não pode ser unilateral, ele precisa ser uma via de mão dupla. Aludindo ao verbo *apprendre*<sup>134</sup>, aprender e ensinar, em francês, Michel Serres afirma que este estabelece uma relação simétrica, já que, "ninguém, efetivamente, sabe mais do que o outro, pelo menos sempre e em todas as coisas (...) Todos os saberes são livres e iguais de direito" (SERRES, 1997, p. 174).

Esse nosso posicionamento participante das atividades junto ao grupo, incentivou as idosas a quererem compartilhar seus saberes e fazeres conosco também. No encontro 13, *A.J.P.* tomou a iniciativa de sugerir que a cada quinze dias um dos participantes poderia ensinar ao resto do grupo algo que gostasse de fazer. Ali mesmo, fizemos uma votação e decidimos, em grupo, acatar essa ideia. A proposta

---

<sup>133</sup> No original: Sometimes we are observing, and at other moments we are part of that environment. In these contexts, exchanges happen. It is called participant observation, where sometimes we, as researchers, are watching and other times, we are taking part in the activities with our communities. Correspondence and participant observation are part of a major field: Design Anthropology.

<sup>134</sup>O verbo *Apprendre*, em francês, inclui os sentidos de aprender e ensinar no mesmo verbo.

demandava uma proatividade dos participantes, pois tinham que preparar e compartilhar no grupo, com antecedência, os materiais que iríamos precisar, e assumir a responsabilidade de um encontro inteiro.

Finalmente, nos encontros 20 até 23, as idosas ensinaram técnicas de artesanato para o resto do grupo. Elas encontraram espaço no grupo para mostrar suas habilidades manuais. Uma ensinou-nos a fazer fuxico, outra uma colcha de retalho, outra uma técnica de gravura, e outra uma receita de bolo. Elas também passaram a trazer exercícios de aquecimento e alongamento, os quais praticamos no começo de alguns encontros. Cada uma delas ia, aos poucos, ocupando o lugar de facilitadora e assim íamos descentralizando o grupo. Ele estava conquistando sua autonomia.

Esses aquecimentos incentivaram as terapeutas a propor atividades de autocuidado. Gabriela guiou e ensinou-nos a automassagem. Samira, no encontro 27, propôs ao grupo exercícios de relaxamento para os olhos. Esse teve muito boa aceitação do grupo, pela necessidade de cuidarmos dos nossos olhos devido à exposição prolongada às telas de aparelhos digitais.

Uma das contribuições da Terapia Ocupacional para o grupo foi cultivar esse lugar de cuidado com nós mesmos. Ele foi surgindo como um dos eixos que inspirou vários encontros. Em um contexto pandêmico global, onde o risco de doença e morte é uma realidade, o grupo se tornou um espaço de cuidado mútuo. Por isso, o HorTOCAR foi também, e talvez acima de tudo, um espaço de cuidado frente aos desafios daquele momento. Todos, em algum momento, assumiram uma atitude de cuidado pelo bem estar coletivo, mas esse processo foi supervisionado e guiado pelas terapeutas, que aportavam sua competência frente às trocas surgidas. O grupo foi organicamente se tornando esse espaço para amortecer as frustrações e inquietações relativas ao isolamento social. Esse não era o intuito inicial, mas, pelas circunstâncias, a tarefa de cuidar e ser cuidado foi um hábito que chegou a todos nós. "Uma tarefa é uma ação que devemos aos outros ao invés de possuí-la: ela pertence aos outros e não a nós mesmos. Por mais que a tenhamos feito, é um

'fazer passando' que vem a nós porque somos pessoas de hábitos" (INGOLD, 2016, p. 20, tradução nossa)<sup>135</sup>.

Isso abriu espaço para que pudéssemos encontrar apoio no grupo quando não estávamos bem. "Para cuidar dos outros, devemos permitir que eles estejam em nossa presença para que nós, por sua vez, possamos estar presentes a eles. Em um sentido importante, devemos deixá-los estar, para que possam falar conosco" (INGOLD, 2016, p. 20, tradução nossa)<sup>136</sup>. Podemos citar os encontros 17 e 22, os quais foram um desabafo coletivo frente a crise sanitária, política e ambiental. Todos expomos nossas frustrações, medos e desesperança. Todos praticávamos a escuta. Há algo em ser escutado em grupo que alivia nossas angústias. A sabedoria das idosas faziam a diferença naqueles momentos.

Essas práticas de autocuidado também geraram conexões que favoreciam as correspondências. Por exemplo, quando Samira guiou os exercícios para os olhos, ela comentou sobre compressas de camomila ou erva-doce para relaxar os olhos cansados pelo uso das telas. *M.R.F.C.* aproveitou a "deixa" para nos contar que cultivava tanto a camomila quanto a erva-doce em sua chácara, e que todos estavam convidados para irmos colher, se precisássemos. Então, pelo vídeo do *smartphone*, ela nos mostrou seu canto de ervas. Conectamos sua fala com o assunto do encontro onde compartilhamos saberes sobre ervas medicinais. Nele, cada integrante trouxe um conhecimento popular sobre uma planta medicinal e suas propriedades. As idosas apresentaram uma riqueza de conhecimentos e receitas populares como: biotônico<sup>137</sup> com sucupira, para aumentar a imunidade, óleo de algodão, para tratar inflamação, "garrafadas"<sup>138</sup> diversas, chá de salsa para pedra nos rins, entre outros.

O assunto rendeu tantas trocas que fizemos outros dois encontros pautados na fitoterapia e plantas medicinais. No encontro 24 tivemos uma nova integrante, *C.M.L.* (70 anos), que estava no grupo de *Whatsapp*, mas nunca havia participado

---

<sup>135</sup> No original: "A task is an action that we owe rather than own: it belongs to others rather than ourselves. As much undergone as done, it is a 'doing undergoing' which comes to us because we are people of habit."

<sup>136</sup> No original: "To care for others, we must allow them into our presence so that we, in turn, can be present to them. In an important sense, we must let them be, so that they can speak to us."

<sup>137</sup> Biotônico Fontoura, produto nutricional tradicional.

<sup>138</sup> Medicamento líquido caseiro popular tradicional acondicionado em garrafas.

dos encontros. A chegada dela foi providencial para as trocas sobre as propriedades medicinais das plantas, pois ela é farmacêutica e bióloga. *C.M.L.*, como farmacêutica, polemizou o encontro defendendo a alopatia. Falou que os fitoterápicos também podem ser perigosos, se mal usados ou usados em excesso. Ela nos alertou também que há uma diferença entre fitoterápicos e plantas medicinais. Na fitoterapia, disse, são apenas os princípios ativos das plantas que são levados em consideração no tratamento, enquanto que nas plantas medicinais considera-se os efeitos das partes das plantas como os chás das folhas, flores, cascas e raízes.

As idosas lembraram que, antigamente, cada casa tinha um jardim de ervas perto e que toda família tinha sua "farmácia" de plantas medicinais caseiras. Comentei como essas iniciativas de cultivo auxiliaram para que espécies benéficas para os humanos fossem cultivadas, perpetuadas, e que assim garantiram a passagem do conhecimento de geração em geração. A vida nos centros urbanos acabou rompendo esses ciclos e muitas das espécies e conhecimentos antigos vêm se perdendo. *L.S.B.* se mostrou disposta a voltar a cultivar algumas ervas, mesmo que no apartamento.

É importante ressaltar aqui que esses saberes, no âmbito das trocas do grupo, eram compartilhados sem fundamentações científicas (embora existam em grande parte delas, inclusive objeto de pesquisas e política pública nacional<sup>139</sup>). Eram, no grupo, transmitidas do mesmo modo que a elas haviam chegado, como conhecimentos populares de transmissão oral, informal, em alguns casos a partir de informações acessadas pelas idosas em redes sociais. No entanto, a importância para nós é referente às trocas e aos experimentos empreendidos pelos participantes do grupo. Eles se apresentam como caminhos de produção de falas, imaginação e projetos de vida referentes à maneira como habitamos e nos relacionamos com outras espécies. Por isso, cumprem seu papel como catalisadores de correspondências. No entanto, para que isso acontecesse, precisamos partir da premissa de que todo e qualquer saber aportado pelo outro precisa ser levado a sério. "Não aprenderemos

---

<sup>139</sup> Mais informações disponíveis em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programa-de-fitoterapico-e-plantas-medicinais> Acesso em 12/11/2021

nada se não os levarmos a sério [...] Pois, levar os outros a sério não significa encerrar o caso, mas abrir-se para imaginações enriquecidas pela sua experiência" (INGOLD, 2019, p. 15).

### 3.5 - ADUBANDO DIÁLOGOS SOBRE AGRICULTURA CASEIRA

Em retrospectiva, noto que o tema que permeou a maioria dos encontros foi as relações com plantas alimentícias e medicinais e seu cultivo caseiro. A dificuldade de praticar os fazeres com a terra num contexto de encontros online e os saberes sobre a alimentação sendo um tema de fácil compartilhamento, fizeram com que as trocas do grupo naturalmente fossem nessa direção. Vejamos alguns exemplos.

Já no segundo encontro, *N.F.O.* demonstrou seu interesse por cultivar ervas em vasos e jardineiras. O grupo contou da sua experiência com essas ervas no passado e notamos que as ervas mencionadas eram, na maioria dos casos, alimentícias e/ou medicinais. Falamos dos cultivos de manjeriço por sementes e do alecrim. Quando *N.F.O.* nos mostrou seu pé de alecrim, que estava doente, aproveitei para mostrar como estava cultivando o meu. Cultivava-o no terraço da casa junto com uma couve e hortelã pimenta, tudo na mesma jardineira de concreto. O consórcio parecia estar fazendo bem ao alecrim, que se mostrava saudável. Ele também recebia sol até a metade do dia e depois ficava à sombra.



*Figura 22. Alecrim plantado no mesmo vaso com hortelã-pimenta e couve. Fonte: autor.*

A *N.F.O.* disse que não tinha espaço em sua casa para pôr seus vasos em meia sombra. Isso incitou trocas sobre exemplos de plantio caseiro que ocupam pequenos espaços. Compartilhei imagens de hortas verticais, telhados verdes, corredores com plantas, mesas de cozinha com ervas no centro, entre outras coisas.

Os exemplos trazidos demonstravam práticas de horticultura em pequenos espaços, verticalização, reaproveitamento, reutilização e *upcycling*. O termo *pequenos espaços* ganha uma outra conotação quando o olhar se volta a espaços dos lares onde se possa cultivar alimentos.

Nos engajar na busca de novas formas de percepção dos lugares onde vivemos, a fim de fazer deles, e sobretudo de nossos percursos ao longo deles e entre eles, não apenas os espaços por onde passamos, indo de um lugar a outro, mas, sim, um campo de relações, a partir de onde podemos extrair questões que alimentem o que entendemos ser o nosso 'trabalho'. (ANASTASSAKIS, 2014. p. 8)

Não por acaso, em maio de 2020, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) anunciou um curso gratuito online de horta em pequenos espaços. O Chefe-Geral da Embrapa Hortaliças Brasília, Warley Marcos Nascimento, justificou a oferta do curso na modalidade EAD pela necessidade da população ficar em casa. Ele argumentou que "o curso vai oportunizar a essas pessoas, que têm solicitado informações sobre essa prática, as informações sobre o aproveitamento de espaços vazios de corredores, varandas, sacadas, quintais e até janelas para produzir alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e que também constituem uma ótima ocupação para a mente" (EMBRAPA, 2020, on-line).

As idosas ficaram curiosas com o uso dos espaços para além do jardim e quintal para esse fim e demonstraram interesse em aplicar algumas ideias em seus lares. *N.A.P.* tinha um corredor que gostaria de aproveitar, mas não pegava sol, então demos sugestões de plantas que gostam de sombra para ela cultivar ali.

Mostrei como estava transformando alguns espaço de casa. A sacada e o terraço foram os primeiros a se transformarem em mini hortas. Plantava brotos de trigo e girassol em bandejas de isopor reaproveitadas, e os usava em minha alimentação, em sucos verdes e saladas.

A pedido do grupo, demonstrei como cultivava as bandejas de gramíneas de trigo, desde o germinar das sementes até colher as gramas. *L.S.B* se deu conta que sua filha havia deixado umas bandejas parecidas em sua casa para ela cuidar. Ela nos mostrou a foto e constatei que era trigo também. Isso gerou um ponto de conversação entre a idosa e sua filha sobre alimentação alternativa e sobre cultivo caseiro de alimentos. Terminamos o encontro conversando sobre como o uso de agrotóxicos vem crescendo rapidamente na produção de alimentos convencionais no Brasil e como um caminho para ingerirmos menos desses químicos não passa apenas pelo consumo de orgânicos. Conversamos que poderíamos ter uma ação mais direta sobre o que ingerimos ao conseguir plantar parte da nossa comida em casa.





*Figura 23. Bandejas de brotos de trigo na varanda. Fonte: autor.*

Nos encontros que se seguiram, incentivamos *N.F.O.* a cuidar de suas ervas encontrando um novo lugar para seus vasos. Pedimos que enviasse fotos ao passar das semanas para ver se elas ficavam mais saudáveis. *L.B.S.* perguntou como poderia cultivar ervas em seu apartamento. No encontro 15, mostrei ao grupo um vaso que tinha comprado onde a irrigação acontece por capilaridade, ou seja, a água fica em um recipiente embaixo e subindo por um barbante que chega até a terra molhando as raízes das plantas por baixo. Mostrei como essa tecnologia ajuda-nos a não precisar regar as plantas com tanta frequência, além de economizar água e prevenir danificar os móveis pelas regas. *L.S.B.* não chegou a fazer um jardim interno de ervas como almejava. Alegou não conseguir o material. Ela optou por plantar algumas ervas na jardineira do prédio onde morava.

No entanto, após algumas semanas, *L.S.B.* nos mostrou o mini jardim que passou a cultivar em uma mesa, em seu apartamento. Percebi nesse dia que, mesmo que a idosa não executasse todos os projetos que idealizou desde o início do grupo, seus interesses pelas plantas haviam se intensificado.

No encontro 13, ela nos mostrou uma batata doce que tinha deixado brotar em um dos vasos na mesa. Ela explicou, com apreço ao grupo, como era fácil fazer brotar

essa planta apenas colocando-a em um pouco de água. A bata doce fez A.J.P., a *Abuela Viajeira*, lembrar de uma de suas viagens pela América Andina, onde se deparou com uma grande variedade de batatas<sup>140</sup>. O assunto evoluiu para entendermos como as batatas e tubérculos, como a mandioca, são importantes para a alimentação dos povos sul-americanos. Dialogamos sobre como elas também têm uma grande importância para a segurança alimentar dos povos tradicionais, pois várias espécies se conservam dentro do solo por muito tempo e são de fácil propagação. Entramos num consenso de que precisamos valorizar nossa biodiversidade alimentar provinda das Américas pré-colombianas e plantar mais variedades desses tubérculos.



*Figura 24. Batatas coloridas do Peru. Fonte: A.J.P.*

Apresentei ao grupo um tubérculo menos conhecido, o cará-do-ar, antes de plantá-lo no quintal, ao vivo, naquele encontro. Essa apresentação foi um gatilho para correspondência sobre alimentos não comuns e seus regionalismos.

---

<sup>140</sup> Há no Perú, no Vale Sagrado dos Incas, na cidade de Pisac, um parque destinado a proteger e valorizar a biodiversidade das batatas (<https://www.peru.travel/pt/atracoes/o-parque-da-batata>).

### 3.5.1 - SEMPRE VOLTAMOS AO SOLO

E eu sei que terei uma chance maior de encontrá-lo indo para o solo do que decolando. (INGOLD, 2020, p. 15, tradução nossa)<sup>141</sup>

O movimento inicial do cultivo de plantas levou o grupo a se interessar por adubação, principalmente receitas caseiras de adubo, já que a premissa era conseguirmos improvisar com o que tínhamos em casa. As idosas conheciam vários truques. *N.A.P.* postou algumas receitas que produzia com a água do arroz, casca de ovo triturada, cascas de banana e borra de café. Cada uma delas nos permitia dialogar saberes sobre os nutrientes essenciais às plantas. Não apenas sobre o composto NPK (nitrogênio, potássio e fósforo), mas também os micronutrientes (boro, manganês, cálcio, sulfato etc.). As cascas de banana liberam o potássio, além de alguns micronutrientes que, segundo *N.A.P.*, são bons para adubar roseiras. Borra de café tem nitrogênio, fósforo e carbono. Já a grama cortada, resto de chá verde ou chimarrão possuem nitrogênio. As cascas de ovos trituradas liberam o cálcio no solo. Foi um encontro rico de informações.

*L.S.B.* acatou a dica de *N.A.P.* para pôr a água de arroz nas violetas para fazê-las florirem. No entanto, ela pegou essa ideia e foi além, colocando um pouco de arroz no fundo do cachepô da violeta e regando-a por baixo, ou seja, por capilaridade, assim gastando menos arroz e água. Novamente ressalto que os conhecimentos trocados partiram dos saberes populares, sem respaldo científico.

Aproveitei o tema da adubação para problematizar a questão do esgotamento dos solos pela agricultura convencional. Ela tende a retirar os nutrientes do solo exigindo sempre sua reposição artificialmente, por isso requer muitos insumos. Como podemos nutrir bem o solo para que ele nos nutra? Apresentei os princípios de alguns movimentos que trabalham a agricultura associada à natureza, como a agricultura natural e a agroecologia, que têm como pilar principal o enriquecimento do solo, tanto por nutrientes, como por diversidade microbológica. Trouxe ao grupo

---

<sup>141</sup> No original: And I know that I'll have a greater chance of finding it by going to ground than by lifting off.

a visão de Ana Primavesi de que o solo é uma membrana viva, um lugar de constante troca e precisamos nutri-lo e cuidá-lo, como um ser, para que seja saudável. Segundo a autora, "O homem somente terá saúde se os alimentos possuírem energia vital. Os alimentos somente possuem energia vital se as plantas forem saudáveis. As plantas somente serão saudáveis se o solo for saudável." (PRIMAVESI, 2016b, p. 9). Ou seja, um solo sadio promove saúde para os seres terrestres que dependem dele. Precisamos fazer parte do solo em nossas práticas e não apenas explorá-lo como recurso.

As correspondências sobre solo nos fizeram refletir sobre como as vidas das plantas cultivadas em vaso, ou em qualquer recipiente fora do chão, dependem totalmente do cuidado humano. Elas são plantas sem solo, que precisam que alguém lhes dê água, nutrientes e as coloquem na luz. Isso faz delas extremamente dependentes do "agente" humano. O antropocentrismo ainda reina nessas interações multiespécies. Esse modelo se baseia nos princípios da interação. Já as correspondências precisam nascer do solo, como a vida. "O que chamamos vagamente de chão não é uma superfície coerente, mas uma zona na qual o ar e a umidade do céu se combinam com substâncias cuja fonte está na terra, na formação contínua das coisas vivas" (INGOLD, 2012, p. 32). Sentia que na nossa casa faltava algo para tornar-se um lar multiespécie. O acesso ao solo, ao chão. Muitas vezes, nas urbanidades, isso requer a quebra das superfícies duras.

Logo expandi as práticas para a frente da casa. Após negociar com a família, me concederam o uso do solo de metade do jardim. Só havia grama e uma planta ornamental ali e resolvi transformá-la em um protótipo de plantio agroecológico. Em um pequeno quadrado de 2,5 x 2,5 m, "empreendi esse perigoso exercício"<sup>142</sup> de multiplicar a maior quantidade de vidas possível que estava a nosso alcance. Tinha uma pequena coleção de sementes que vinha guardando há algum tempo. Muitas estavam perdendo sua capacidade de germinar, então decidi retorná-las ao seu lugar próprio, o solo. Plantei algumas espécies de feijões, tomates, abóbora, inhame, cará, *ora-pro-nóbis*, temperos e aromáticas. Replantei, também, os talos das hortaliças diversas (beldroega, rúcula, agrião etc.) que vinham da feira com raízes.

---

<sup>142</sup> Fala inspirada no filme de Agnès Varda "Os catadores e Eu" (2000), produzido por Cine Tamaris.

Numa tentativa de multiplicar não só quantidade, mas também a diversidade de vida no solo, passei a permitir que os "matinhos", plantas espontâneas que aparecem trazidas pelo vento, adubo, pássaros, formigas ou que já estavam no solo, crescessem na pequena horta e nas jardineiras e transformam-se pouco a pouco num mini protótipo de quintal agroflorestal. Aprendi que alguns desses "matos" são comestíveis e comecei a inseri-los na dieta. As *plantas alimentícias não convencionais* (PANCs) começaram a emergir no lar. Espécies como a beldroega, capuchinha, peixinho e até mesmo a tiririca, passam de ornamentais, ou ervas daninhas, à mesa. Quando a abundância de espécies ganharam vida e se tornaram adultas, começaram a incomodar a família. A vida em interação com solo não se contém dentro do espaço quadriculado da superfície dura, os humanos sentem que perdem o "controle" sobre o espaço, por isso preferem a pavimentação.

A pavimentação sela as erupções que vêm do interior da Terra, ao mesmo tempo em que cria resistência às forças erosivas da atmosfera, do vento e do tempo. E diferentemente do solo exposto, para Ingold, a pavimentação estabelecerá uma interface que separa ar e terra, permitindo que os humanos assumam o controle de um domínio ao outro (como nos sistemas de drenagem e de esgoto). (COELHO, 2019, p. 227)

No solo, não há tanto controle, a vida nele tende a vazar e interagir com outros elementos. "A sociedade moderna, é claro, tem aversão ao caos. Mas por mais que ela tenha tentado, através da engenharia, construir um mundo material à altura das suas expectativas – ou seja, um mundo de objetos discretos e bem ordenados –, suas aspirações são constantemente frustradas pela recusa da vida em ser contida" (INGOLD, 2012, p. 36). No entanto, ali onde via o caos, via a vida. O quintal agroflorestal era nossa forma de praticar a biofilia<sup>143</sup>. Bem ou mal, isso fazia do quintal, um lugar de convívio e correspondência. Minha avó, apesar da demência avançada, encontrava no contato com a terra uma oportunidade para compartilhar alguns conhecimentos sobre o plantio que ela ainda lembrava. Isso nos intrigava, pois ela já não interagia com quase ninguém. Plantar é um fazer que gera diálogos. Emaranhar-se com a vida produz mais vida.

---

<sup>143</sup> Bio=vida, filia=amor. Biofilia é o amor à vida.





*Figura 25. Quintal da frente da casa antes e depois do plantio. Fonte: Composição do autor.*

Voltando ao encontro do grupo, o assunto sobre adubação foi evoluindo até chegar no tema do manejo do lixo orgânico em centros urbanos. Encontramos no lixo de nossas casas os rastros dos nutrientes esgotados dos solos agrícolas. A dinâmica comum a muitas moradias urbanas, é consumir alimentos e descartar os "dejetos"

em forma de lixo e esgoto. Perguntas como: O que acontece com o lixo orgânico depois que sai de nossas casas? Onde ele vai parar? Ele pode ser reaproveitado? O grupo não tinha respostas muito claras. Apontei, então, o quanto de energia e nutriente que enviamos para os lixões e aterros em forma de "lixo orgânico". Lembramos que as receitas de adubos indicados por *N.A.P.* proviam de resíduos da cozinha.

Esse lixo urbano pode e deve ser reaproveitado pela compostagem, pois é extremamente rico em nutrientes que são benéficos às plantas. Sem contar que essa riqueza de nutrientes que vão parar em aterros urbanos não provêm das cidades. Elas são transportadas do campo para os centros urbanos que os concentram, a partir da industrialização da agricultura e do consumo. Isso faz com que o solo rural vá se esgotando de nutrientes ao serem escoados para regiões urbanas distantes. "John Bellamy Foster propôs o termo 'fenda metabólica' para descrever a visão de Marx de que a agricultura capitalista esgota o solo movendo nutrientes do campo para a cidade" (1999, *apud* TSING, 2021, p. 183).

Ao pararem nos lixões, esses nutrientes se misturam com todos os tipos de dejetos industriais e são contaminados, tornando-os impróprios para produção de adubo. Essa é uma realidade absurda em vários centros urbanos nos países emergentes. Até 2018, boa parte do lixo de Brasília não passava por coleta seletiva e ia parar no grande "Lixão da Estrutural". Uma gigantesca mancha Antropoceno. Nos lixões, o material urbano descartado é literalmente todo misturado e apenas enterrado, sem nenhum tratamento, separação ou reciclagem oficial. Os catadores informais são os únicos a fazerem qualquer coleta seletiva no local.

No entorno de Brasília, essa atividade foi responsável pela formação de uma favela inteira, a Estrutural. O Lixão da Estrutural era o segundo maior "lixão" a céu aberto da América Latina. Por que não criar superfícies duras onde realmente é preciso? Todo aquele lixo não tratado contaminava o lençol freático, o solo e o ar naquela região, ele está entre os maiores desastres ambientais da história do Distrito Federal.

Decidi, naquele momento, abordar com o grupo sobre como podemos melhorar a fertilidade e a vida no solo aproveitando esse recurso, ao mesmo tempo que mitigamos o impacto do descarte indiscriminado desses resíduos domésticos. O diálogo nos abriu espaço para falar das composteiras caseiras. Com baldes de margarina descartados por padarias do bairro, fiz um minhocário, uma composteira caseira, onde as minhocas, bactérias, fungos, e eu, nos entrelaçamos na vermicompostagem<sup>144</sup> do lixo orgânico. Logo, um minhocário apenas não era suficiente, então comprei uma Minhocasa<sup>145</sup>, para mostrar para as idosas. A partir de um vídeo, apresentei ao grupo o processo de vermicompostagem como uma possibilidade de manejo dos dejetos da cozinha para gerarmos húmus de minhoca em casa. Nela podemos aproveitar muitos restos da cozinha, cascas de frutas e legumes não cozidos para fazer adubo caseiro, ao mesmo tempo em que reciclamos nosso lixo orgânico.

Também quis fazer uns testes de compostagem com bokashi, um processo que envolve microrganismos eficientes (EMs). As interações com esses pequenos seres foram se ampliando nesse jogo de capturar, cultivar, proliferar microorganismos benéficos ao solo a partir do lar. Ana Primavesi também nos ensinou em seu filme "A vida no solo"<sup>146</sup>, de 1968, sobre a abundância de nitrogênio na uréia da urina humana<sup>147</sup>. Passei a coletar a minha própria para produzir fertilizante, diluindo-a em água e aplicando na horta. Identifico-me com Donna Haraway quando diz: "Eu composto minha alma nessa pilha quente. As minhocas não são humanas; seus corpos ondulados ingerem e alcançam e suas fezes fertilizam mundos" (HARAWAY, 2016, p. 14, tradução nossa). Já havia homenageado o papel benéfico das minhocas para a biodiversidade dos solos no documentário *Horta de Saavedra, o caos criador*. "Quisera ser essencial como uma minhoca"<sup>148</sup> (PEROTTO, MARECHÁL, 2015. 12':45"). Ana Primavesi (2016b) me inspirou a multiplicar a vida

---

<sup>144</sup> Processo de compostagem na qual se utiliza minhocas. As minhocas potencializam o composto aumentando seu teor de cálcio criando o chamado húmus.

<sup>145</sup> O Projeto Minhocasa é uma iniciativa educacional do Instituto Coopera para a conscientização sobre a problemática do lixo e suas consequências ambientais levando ao conhecimento de todas as soluções simples e práticas para a destinação adequada e caseira do lixo orgânico transformando-o em adubo natural por meio de alternativas sustentáveis de compostagem, minhocultura e biofertilização. Disponível em <https://www.ecoloja.blog.br/goto/store/textos.aspx?SID=Ecoloja&id=228> Acessado em 24/09/2021.

<sup>146</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5CP0xYOLEcM> acesso em 23/7/21

<sup>147</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tseo7p7MkrE&t=37s>. acesso em 23/7/21

<sup>148</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_Kop\\_YgHu8&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=p_Kop_YgHu8&t=5s) acesso em 23/7/21



no solo. Ao retornar o adubo com bokashi e o húmus de minhoca (com algumas minhocas) ao solo, sua biodiversidade se multiplicava. Pouco a pouco, surgiram evidências da vida micro e macrobiótica no solo na saúde das plantas.



*Figura 26. Minhocasa, composteira com minhocas californianas. Fonte: Composição do autor.*

As idosas tiveram muitas dúvidas sobre o processo de compostagem. No entanto, apesar de elas se mostrarem interessadas, nenhuma se manifestou quanto a implementarem tais composteiras em seus lares. A.J.P. contou que, antigamente,

não precisávamos criar minhocas, pois todo o resíduo orgânico era jogado no mato. *M.R.F.C.* nos explicou que não aduba a terra de sua chácara, só deixa as folhas que caem decomporem sobre o solo e nos mostrou que a terra já está bem preta por causa disso. Ela disse que encontrou muitas minhocas no terreno também. *L.S.B.* contou que sua mãe dava para as galinhas os restos da cozinha. As correspondências com as minhocas lhe abriram para lembranças de um estilo de vida passado. Ela nos contou de quando morava numa casa no Gama e a terra era cheia de minhocas. "A terra era boa e plantamos muitas coisas lá como tomate, figo e um pé de couve que ficou tão alto que ninguém alcançava as folhas". Lembrou que os vizinhos todos adoravam compartilhar as colheitas de seus quintais.

A utilização de imagens aconteceram de duas formas no grupo. Pela visualização de fotografias encontradas na internet, como ponto de partida para trazer alguma discussão, ou por imagens produzidas pelos próprios participantes, como meio de compartilhamento visual referente a uma atividade ou assunto. O que nos chamou a atenção na visualização de imagens durante os encontros foi que, mesmo quando essas imagens não tinham uma relação direta com as participantes, elas abriam suas memórias, imbricando dinâmicas de correspondências entre o grupo. "Os espectadores criam significados com fotografias por meio de experiências e conhecimentos biográficos, bem como de compreensão contextual e culturalmente específica". (PINK, 2013, p. 92, tradução nossa)<sup>149</sup>. Muitas das imagens produziram contações de estórias com uma riqueza de detalhes sobre algo vivido pelas idosas, que cultivavam diálogos longos sobre os assuntos surgidos. As lembranças não estavam paradas no passado. "Ao contrário, ao ser lembrado o passado não está acabado, mas ativo no presente" (INGOLD, 2016, p. 20, tradução nossa)<sup>150</sup>. As fotografias produziam lembranças que, a cada vez que eram contadas, criavam imaginações no presente em todo o grupo. "A contação de estória, neste sentido, é um prolongamento da linha da vida, não uma forma de encerrá-la. E 'prolongar a linha' é apenas uma expansão do alongamento" (INGOLD, 2016, p. 20, tradução

---

<sup>149</sup> No original: "Viewers create meanings with photographs through biographical experiences and knowledge as well as contextually and culturally specific understanding."

<sup>150</sup> No original: "In remembering, to the contrary, the past is not finished but active in the present."

nossa)<sup>151</sup>. As imagens não eram meras ilustrações das narrativas das idosas, mas sim, evocativas de novas narrativas.

### 3.5.2 - TROCAS DE MUDAS E SEMENTES PARA DIVERSIDADE ALIMENTAR

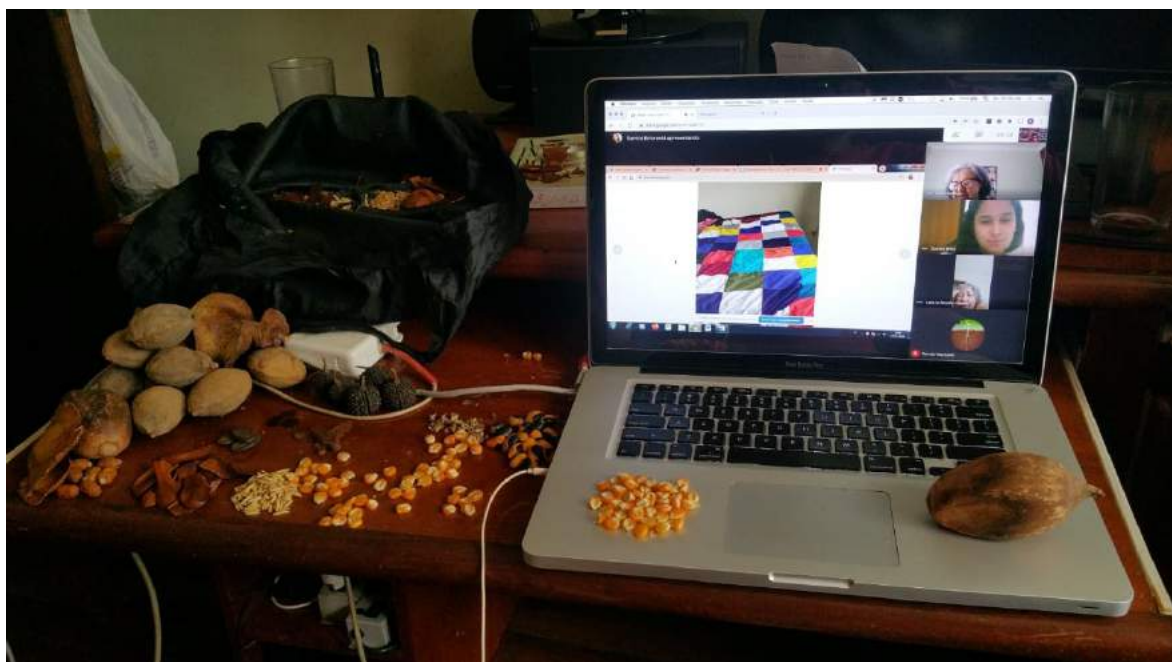
As idosas constantemente me perguntavam onde conseguia as sementes e mudas de espécies não convencionais. Respondi que estava sempre trocando com agricultores agroecológicos. Desde que me inteirei sobre tal modelo de agricultura, procuro consumir alimentos de pequenos produtores agroecológicos. No Centro de Abastecimento Estadual — CEASA-DF, acontece semanalmente uma feira do produtor familiar. Uma parte dessa feira é composta de agricultores orgânicos e muitos deles produzem agroecologicamente. Passei a frequentar o local e fui me inteirando de várias outras feiras e movimentos agroecológicos pelo Brasil. Ao conversar com os agricultores, fui me inteirando sobre onde conseguir sementes e mudas de espécies menos comercializadas. Normalmente, nessas feiras, também existem espaços para trocas de sementes, pois esses agricultores se preocupam com a continuidade de genéticas crioulas, mais adaptadas às condições locais e propícias a uma agricultura mais orgânica.

Na semana do encontro 13, havia participado de um plantio agroflorestal e pude trocar algumas sementes. Apresentei para o grupo e surgiu a oportunidade de conversarmos sobre a genética do milho e suas diversidades crioulas. *Abuela Viajeira* disse que, quando estava na Bolívia, encontrou uma grande variedade de milhos coloridos. *L.S.B* falou que ficaria interessante fazer um curau com milho preto. Os milhos proporcionaram a abertura para falar sobre segurança alimentar e a diversidade de espécies. Problematizei a questão da homogeneização das genéticas do milho pelo patenteamento e engenharia genética realizados por empresas multinacionais, como a *Monsanto*, que têm assolado a diversidade alimentar. Trouxe para o grupo a importância dos bancos de sementes crioulas e trocas de sementes para manutenção dessa segurança, e também como alguns

---

<sup>151</sup> No original: "Storytelling in this sense is a prolongation of the life-line, not a way of wrapping it up. And 'prolonging the line' is just an expansion of longing."

povos tradicionais, como os indígenas do Xingu<sup>152</sup>, têm trabalhado para a manutenção da biodiversidade, criando e compartilhando suas sementes. Inspirada pelas trocas, *Abuela Viajeira* me pediu que guardasse alguns milhos para ela, pois queria dar para uma vizinha plantar e reproduzir, para distribuir no condomínio onde ela mora e, assim, garantir a perpetuação daquela variedade. Guardo as sementes até agora para entregar a ela, pois estamos planejando um encontro presencial no fim deste ano de 2021, quando todos já estaremos vacinados.



*Figura 27. Encontro do Grupo HorTOCAR on-line, dialogando sobre sementes crioulas . Fonte: autor.*

No mesmo encontro apareceu, pela primeira vez, um idoso homem, V.B. (61 anos). Ele mostrou sua horta no quintal de sua casa e nos contou o quanto de trabalho ele tinha para mantê-la. Segundo ele, o clima tropical do Pará é propício ao aparecimento de pragas nas hortas. O cultivo de hortaliças tradicionais de forma orgânica em climas tropicais pode ser desafiador, já que a maioria das espécies são plantas de origem de climas temperados.

---

<sup>152</sup>Informações sobre o projeto Sementes do Xingu disponíveis no site <https://www.sementesdoxingu.org.br/site/> 20/10/21

Sugeri que cultivasse algumas PANCs (plantas alimentícias não convencionais), pois exigem menos insumos e tratos culturais e são mais resistentes às doenças e ao nosso clima. As PANCs são culturas que se apresentam como uma alternativa para manutenção da resiliência alimentar, por atuarem como alimentos funcionais e serem fáceis de cultivar e de baixo custo tecnológico, resistentes a pragas e doenças, muito apropriadas para a agricultura familiar (ZACHARIAS; CARVALHO; MADEIRA, 2021). Muitas delas também apresentam um alto teor nutritivo e, por não serem facilmente encontradas nas feiras e mercados, são boas candidatas para serem cultivadas no âmbito caseiro. Compartilhar sobre as PANCs novamente proporcionou um resgate de memória pelo grupo. Elas lembraram de plantas que comiam quando jovens e que perderam o hábito de comer. Muitas PANCs têm suas origens em pratos típicos da gastronomia regional tradicional, que vinham sendo passados de geração em geração, mas que têm se perdido com a crescente comercialização dos alimentos produzidos em massa, como as hortaliças tradicionais. V.B. gostou da ideia e disse que conhecia algumas PANCs, mas não sabia onde encontrar. Indiquei as feiras agroecológicas e hortas urbanas como um local onde poderia procurar.

Nos encontros que seguiram, tornou-se um hábito mostrarmos alguns alimentos pouco conhecidos aos colegas. Isso incentivou as idosas a compartilharem frutas específicas de suas regiões. Num dos encontros trouxe um abio, e a Samira mostrou fotos de diversas frutas de Roraima que não conhecíamos, como rambutã, tucumã, pupunha, biribá. Ficou clara a enorme biodiversidade alimentar que temos o privilégio de dispor no Brasil, e como uma parcela muito pequena delas é consumida hoje em dia.

No encontro 18, apresentei ao grupo o projeto da Horta Comunitária do Guará (DF), uma horta na qual participei como voluntário por um período. Neste encontro, senti falta de poder encontrar presencialmente com as idosas. L.B.S. morava em um apartamento no Guará e seria bom para ela ter acesso a uma horta. Contei a elas como tais projetos davam acesso a pessoas em centros urbanos cultivarem a terra e comerem alimentos produzidos comunitariamente. Gostaria de poder levá-las na horta comunitária, mas os riscos da pandemia não me permitiam.

Existem outras formas de participar no movimento agroecológico sem precisar necessariamente ter acesso direto à terra. Decidi apresentar ao grupo a ideia das Comunidades Agroecológicas do Bem Viver, que eu havia me associado recentemente. Segundo o site do projeto:

É um projeto de transformação que conecta 3 eixos: **Campo, Cidade e Floresta**. Unindo famílias agricultoras e pessoas coagricultoras que queiram contribuir com o necessário e urgente processo de transição agroecológica. Resignificando as relações de produção e consumo, promovendo o acesso a alimentos saudáveis e o envolvimento entre as pessoas, caminhamos rumo à Sociedade do Bem Viver.<sup>153</sup>

Compartilhei o site no encontro e fui apresentando a ideia de coagricultor a elas. Neste modelo, os associados não são apenas consumidores de cestas de alimentos, mas sim parceiros na terra, participando de mutirões de plantio, de assembleias que decidem os investimentos na terra, o que irá ser plantado na próxima safra, entre outras coisas. Mostrei que a contribuição financeira mensal garante, também, que os pequenos agricultores pudessem permanecer e regenerar suas terras, minimizando os altos riscos da atividade agrícola. As idosas ficaram bastante interessadas em conhecer mais o assunto. Assistimos juntos alguns vídeos sobre as Comunidades do Bem Viver para que as participantes tivessem uma ideia de como são as terras e as formas de agricultura praticadas ali. Essas comunidades no Distrito Federal são oriundas de assentamentos do Movimento Sem Terra (MST). A.J.P. gostou muito da comunidade em Santa Catarina, pois era organizada pelos indígenas Guarani Mbyá, em sua terra sagrada. As idosas ficaram curiosas para ver o que vinha nas cestas.

No encontro seguinte, mostrei ao grupo os produtos que vinham na cesta. As idosas declararam gostar da ideia, mas por minha surpresa, elas não se interessaram em se associar explicando que muitas das verduras, elas não conheciam. O fato de não poderem escolher a quantidade nem os itens que vêm nas cestas foram os argumentos que elas alegaram para não quererem participar de projetos do tipo. Elas disseram que não gostam ou não têm o hábito de comerem muitos dos produtos. Outras ressaltaram que vinham muitas folhas na cesta e iam estragar antes de consumí-las. Percebi como nossos hábitos, costumes e confortos do

---

<sup>153</sup> Disponível em <https://comunidades.bemviver.org/sobre-nos>. Acessado em: 10/05/2021.



consumo alimentar urbano ainda são um grande paradigma a ser quebrado, caso queiramos encontrar outras formas de se relacionar com os alimentos. "Entre os desertos monocultores e sepulturas de agricultura industrial e os lábios impacientes dos consumidores, repousa o sinal da ruína de nossos tempos: nossas cadeias de suprimento de alimentos mortais" (TSING, 2019, p. 87). Segundo Tsing, precisamos ocupar a comida se queremos romper com essas cadeias mortais. Modelos alternativos, como feiras agroecológicas e Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs), são aberturas para fazermos a transição.



*Figura 28. Cesta de produtos semanais das Comunidades Agroecológicas do Bem Viver. Fonte: autor.*

Ao final do encontro, tentei criar um mapa mental com o grupo através de uma ferramenta online para que pudessem sugerir mudanças para o modelo do Projeto Bem Viver, tornando-o mais atraentes ao público idoso. A intenção era depois mandar as sugestões ao projeto. No entanto, as participantes desviaram o assunto para outros temas, irrelevantes para a dinâmica, demonstrando que para elas, não havia uma necessidade real em participar daquele modelo. "Só entramos em correspondência com aquilo que nos interessa" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 67). Esse fato mexeu comigo, pois tinha criado uma expectativa e a ideia preconcebida de que elas iriam se interessar em participar desse modelo de

agroecologia, mas o grupo já tinha sua autonomia. Neste caso, seguimos as atividades do grupo, sem voltar mais ao assunto.

### 3.6 - EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSSÍVEIS NO ONLINE

Mexer com a terra, com sementes, mudas, adubos, plantas, frutas etc. são práticas que apelam aos nossos sentidos. Assim como as práticas em design, "é crucial explorar as propriedades físicas do material — cheirar, sentir e manipulá-lo" (BINDER *et al.*, 2011. p. 29, tradução nossa)<sup>154</sup>. Após seis meses de encontros, percebi que as dimensões sensoriais dos fazeres com a terra foram bastante afetadas devido aos encontros serem *online*. Isso trazia uma precariedade para qualquer pesquisa que se pretende atentar a outras formas de correspondências. Em Binder *et al.* (2011), os estudos exploratórios em Design Anthropology, necessitam ir além da conversa e do diálogo. "Vimos que embora a conversa e o diálogo sejam elementos essenciais do trabalho de design, a linguagem da postura corporal, gestos, olhar e movimento, de artefatos visuais e som, interação de maneiras intrincadas" (p. 11, tradução nossa)<sup>155</sup>. A partir da reflexão de Ingold (2004), reconheci que o habitar moderno consiste também na mediação dos nossos sentidos pelos artefatos. Junto com as terapeutas ocupacionais, passamos a tentar resgatar a sensorialidade com atividades pensadas a partir de elementos encontrados em casa.

Tomemos como exemplo o encontro 6, quando a primeira chuva do ano de 2020 estava tardando a chegar, estendendo o período de estiagem no Planalto Central. Nós sentíamos a ausência da chuva pelo calor e secura exacerbados, além da fumaça que encobria o ar por causa das queimadas. Isso afetava a todos e era notável no tratamento com as plantas. Pensando na importância da chuva propomos uma atividade sensorial que a pusesse em evidência. Sugerimos que todos pegassem um copo d'água e com os olhos fechados, escutassem um áudio

---

<sup>154</sup> No original: "It is crucial to explore the physical properties of material—to smell, feel, and manipulate it."

<sup>155</sup> No original: "In this exploratory study we have seen that although talk and dialogue are essential elements of design work, the language of body posture, gestures, gaze, and movement, of (visual) artifacts and sound all interact together in intricate ways."



de chuva compartilhado. Então, molhamos as pontas dos dedos na água e tateamos os nossos rostos como se as gotas de chuva recaíssem sobre eles. Foi sugerido trazer à memória as vezes que tomamos banho de chuva. A experiência durou cinco minutos e depois abrimos para a fala.

As integrantes relataram que, apesar do calor intenso, tiveram uma sensação de refrescância e relataram que valorizaram mais a importância das chuvas. Passamos então a conversar sobre a imprevisibilidade do início das chuvas na última década. *L.S.B.* disse que antigamente, em Brasília, a chegada da primeira chuva era mais previsível. *N.M.S.* falou que enquanto sentia a experiência, escutava o som das cigarras, tão marcantes em Brasília nos dias que precedem as chuvas. Esse comentário abriu a conversa sobre o ciclo de vida das cigarras. Depois, *N.F.O.* comentou que no Ceará chamam a primeira chuva depois do período de estiagem de chuva do caju. Conteí que no cerrado é o cajuí, ou cajuzinho do cerrado, a chuva que cai depois de meses sem precipitação alguma. Tanto a cigarra quanto o cajuí, nos saberes populares, são signos que anunciam a chegada das chuvas evidenciando as interligações entre os seres vivos e os fenômenos naturais.

Abro aqui um parênteses para deixar registrado que neste momento em que escrevo o texto, dia 23/09/2021, vivemos queimadas históricas em áreas de preservação e desmatamento recorde que pioram a estiagens e crises hídricas Brasil afora. "Os mais recentes dados de desmatamento no Cerrado e na Amazônia confirmam que 2021 se somará aos dois anos anteriores nos recordes de destruição de nossa natureza nesta década", afirma Edegar de Oliveira Rosa, diretor de Conservação e Restauração de Ecossistemas do WWF-Brasil<sup>156</sup>. Juntamente com as queimadas históricas no Pantanal, em 2020, e a redução da já fragmentada Mata Atlântica, mostram o perigo eminente que nossos biomas sofrem frente à ação humana.

---

<sup>156</sup> Reportagem acessada no site da WWF  
<https://www.wwf.org.br/?79829/Dia-do-Cerrado-Desmatamento-acumulado-em-2021-aumentou-25-em-relacao-a-2020> em 12/11/21

Voltando às conversas do grupo sobre as chuvas, *A.J.P.* trouxe o assunto sobre os rios voadores<sup>157</sup> e como as árvores na Amazônia podem absorver muita água do solo e transpirá-la durante o dia, formando outras nuvens. *A.J.P.* disse que leu no Wikipedia que uma árvore grande pode chegar a transpirar até mil litros por dia. Essa água transpirada pela mata é responsável por criar grandes nuvens que seguem com os ventos, vindo precipitar no centro-oeste e sudeste, sendo responsável por grande parte das chuvas que banham essas regiões mais populosas do país. Durante essa conversa ficou clara a importância de manter a Floresta Amazônica em pé, mesmo para os habitantes de outras regiões brasileiras. As crises hídricas estão intimamente ligadas com o avanço do desmatamento. A interconexão dos processos naturais é um dos temas centrais que permeia as trocas do grupo.

No encontro 9 trabalhamos com o sentido sensorial do olfato. Dedicamos esse encontro à percepção de como o cheiro de certos alimentos sofrem alterações pela demanda do uso da máscara durante a pandemia. Pedimos para o grupo trazer alguns alimentos que estimulam nosso olfato. Então experimentamos sentir seu cheiro sem máscara e depois com ela percebendo se havia alterações de odores. O primeiro alimento foi o pó de café. Cada uma falou das sensações e memórias trazidas pelo café. As idosas contaram como o café era torrado e moído antigamente. *A.J.P.* contou que na Bahia, eles torravam o café com açúcar queimado antes de pilá-lo. Falamos dos regionalismos de formas diferentes de se tomar café. O próximo alimento foi o pó de canela. Algumas relataram que a máscara fazia o odor da canela menos intenso, mas ele perdurava por mais tempo também. As trocas foram na direção das propriedades medicinais da canela, o que levou o assunto para outras receitas medicinais naturais. Após a canela, passamos a sentir o odor de algumas frutas. Reparamos que a máscara atenuava o odor de algumas delas, sendo mais evidente com o morango.

---

<sup>157</sup> Segundo Wikipedia "Rios voadores (rios aéreos ou rios flutuantes) são fluxos concentrados de vapor de água na atmosfera. Na América do Sul, ocorrem em certas regiões da Amazônia, onde sobrevoam em meio à copa das árvores. Eles são invisíveis e não tem margens como os rios terrestres.<sup>[1]</sup> Transportam umidade e vapor de água advindos da evapotranspiração das árvores para outras regiões. No Brasil, beneficiam as regiões sudeste, sul e centro-oeste" (Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio\\_voador](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_voador)).

Essa atividade trouxe reflexões sobre a necessidade de usar a máscara e como ela está mudando nossa forma de estar e sentir o mundo. *L.S.B.* comentou que a comunicação agora é muito mais olho a olho. *A.J.P.* disse que a máscara já faz parte do corpo e que agora, conhecemos novas pessoas apenas pelo olhar. "Tem sido desafiador reconhecer as pessoas na rua!", exclamou Samira. Todas as idosas relataram que sentiram diferenças no odor com e sem máscara, demonstrando que o uso de acessórios afeta nossa relação com o mundo. Ingold viria a dizer que "ambos, mão e pé, "empoderados" por ferramentas, luvas e calçados, mediam o engajamento histórico dos humanos em sua 'inteireza' com o mundo" (COELHO, 2019, p. 228). O tato mediado pelos sapatos, roupas e luvas, a visão pelas lentes e telas e a audição pelos fones de ouvido e aparelhos auditivos. O olfato parecia a última fronteira, mas a máscara veio para mudar nosso olfato e a nossa fala e como isso afeta nossas relações com os objetos sensoriais e com as pessoas.

### 3.6.1 - MANUSEANDO AS COISAS

O imperativo de evitar sair à rua me impulsionou a voltar o olhar às coisas que já tinham pela casa como: baldes, caixa de frutas, marmitas de isopor, entre outras, para servir de recipiente para cultivo de plantas. Ingold traz, de Heidegger, o conceito de *coisa* para contrapor a ideia de objeto inerte:

Em seu célebre ensaio sobre A coisa, Heidegger (1971) buscou delinear justamente o que diferiria uma coisa de um objeto. O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação à situação na qual ele se encontra. [...] Já a *coisa* é um "acontecer", ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. (Heidegger 1971, p. 167, *apud* INGOLD, 2012, p. 29)

Como explorado no capítulo 1, no processo de habitar, o mundo ao nosso redor está repleto de coisas. Ao habitar o mundo, correspondemos com coisas e não objetos. Nesse sentido, ao olhar para os objetos e ver neles o potencial de se tornarem recipientes para a vida, dando-lhes uma vida própria, os estamos coisificando.



*Figura 29. Hortaliças cultivadas em baldes e caixas no terraço da casa. Fonte: autor.*

No encontro 8, então, a terapeuta Samira respondeu a essas trocas com uma atividade onde cada integrante procurava em sua casa uma coisa que lhe chamava atenção no lar para apresentá-la ao grupo. Iríamos sugerir que tentassem transformar os objetos em um recipiente para uma planta, transformando assim sua estória, coisificando-os. No entanto, as idosas não entenderam bem a proposta e terminaram trazendo objetos muito diversos para se transformarem em recipientes. Improvisamos, então, e aprendemos mais sobre cada uma a partir de seus objetos. Podemos citar *A.J.P.*, que escolheu uma caixa de som portátil que representava seu estilo "mochileira". A caixinha de som estava sempre com ela em suas viagens. Ela sempre estava reafirmando seu lugar de viajante. Até seu perfil na videoconferência tinha o apelido de *Abuela Viajeira*, em espanhol, pois só viajava pela América Latina. As outras três idosas daquele encontro trouxeram porta-retratos com fotos da família, filhos e netos.

*L.S.B* havia nos mostrado uma traquitana de podar plantas que ela mesmo fez. Era uma ferramenta feita com um cabo de vassoura e uma faca amarrada na ponta. Ela desenvolveu essa traquitana para roçar o matinho que crescia na jardineira que

ficava abaixo de sua janela, na fachada do prédio, onde não alcançava com as mãos. *A.J.P* também mostrou-nos uma armação de bambu que ela pediu para seu filho montar, de modo que pudesse tecer seus tapetes de retalhos. A partir desses compartilhamentos de prototipagem, o grupo se engajou em fazeres caseiros, faça-você-mesmo (DIY, *do-it-yourself*). As idosas se sentiram estimuladas a projetarem mudanças, mesmo que pequenas, em seus espaços, abrindo assim oportunidades de outras relações com as plantas. Por exemplo, compartilhei como bandejas de ovos podem ser usadas como sementeiras e, ao colocá-las dentro da outra bandeja de plástico com água, pode-se manter as mudas úmidas por mais tempo. Essa foi principalmente útil nos tempos de seca em Brasília. *L.S.B* falou que molha as violetas por capilaridade, botando água na tigela embaixo do vaso e a água sobe pela terra. *A.S.B* mostrou que tem uma prateleira de suculentas onde as plantas que estavam atrás não pegavam sol suficiente, e que então ela adaptou um isopor na parte traseira da prateleira para elevar as plantas do fundo e que havia dado certo.

Eu também empreendi na feitura de gambiarras a partir da correspondência com plantas, Aprendi que a água urbana não é adequada para regar as plantas quando se pretende aumentar a microbiologia do solo. Ao estarmos na cidade, nossa água é tratada com químicos, como o cloro, cujo objetivo é eliminar os microorganismos nocivos presentes na água. No entanto, o cloro acaba matando também os organismos benéficos ao solo, o que o empobrece. A composição química da água também pode alterar o pH do solo, afetando toda a cadeia de absorção de nutrientes pelas raízes das plantas. "Atravessando fronteiras de terra, água e pele, as toxinas permeiam os seres vivos, humanos e não-humanos" (TSING *et al.*, 2019, p. 189, tradução nossa)<sup>158</sup>. Em um ato esdrúxulo, adaptei uma garrafa PET de 2 litros, cheia de carvão, na ponta da mangueira, como um filtro, para regar as plantas do terraço. Isso gerou inúmeras reflexões sobre soluções de design possíveis para essa ausência total de ergonomia, que aqui não vem ao caso, e que nunca foram empreendidas como projeto.

---

<sup>158</sup> No original: "Seeping across boundaries of land, water, and skin, toxins permeate living things, human and not human."

As idosas se mostraram habilidosas e capazes de projetar protótipos voltados ao cultivo de plantas. Elas são "designers difusas", como diria Manzini (2015). Todos temos capacidades criativas de projetar coisas. Partindo desse princípio de incentivar a criatividade do grupo, algumas atividades com fazeres artesanais e artísticos foram propostas por nós e pelas idosas.



*Figura 30. Artesanatos produzidos pelas idosas. Fuxico e colcha de retalhos.*  
Fonte: L.S.B e A.J.P

A.J.P nos ensinou a fazer colchas de retalhos. Ela nos contou que tem feito muitas colchas durante a quarentena, pois não está podendo viajar. A.J.P sempre fala o quanto ela adora viajar. A.S.B nos mostrou os terrários de suculentas, que criou durante a pandemia. L.S.B nos ensinou a técnica do fuxico, que também estava fazendo enquanto ficava em casa.





*Figura 31. Terrários de suculentas. Fonte: A.S.B*

### 3.6.2 - FAZERES ARTÍSTICOS COMO LUGAR DE CORRESPONDÊNCIAS

Como citado acima, as idosas encontraram no grupo um espaço para mostrar suas habilidades manuais. No entanto, contraditoriamente, elas não se viam como pessoas criativas. Samira e eu não compreendemos a origem dessas declarações, pois, na nossa perspectiva, víamos as gambiarras e os artesanatos como exemplos de criatividade. Após esse dia, começamos a enfatizar a criatividade das idosas em toda a oportunidade surgida nas trocas do grupo. A partir disso, resolvemos incentivar as práticas artísticas no grupo. Fizemos atividades com desenho, poesia e música, além das trocas de habilidades artesanais que as participantes haviam compartilhado.

No encontro 18, trouxe algumas referências de artistas que trabalham com *landart* e *bioarte*, como Patrick Dougherty<sup>159</sup> e Diana Scherer<sup>160</sup>, para demonstrar como materiais orgânicos também são utilizados em linguagens poéticas por artistas profissionais. Então, pedimos a cada participante que durante a semana fizesse uma caminhada pelos arredores de seus lares com um olhar voltado para a coleta de materiais orgânicos para a produção de uma obra de arte. O intuito era incentivar a estar ao ar livre e com um olhar mais atento às *organicidades* que nos rodeiam, percebendo a forma, textura e cor dos materiais orgânicos, mesmo que urbanos. Elas se mostraram engajadas na atividade. *L.S.B.* descreveu sua caminhada a partir de um olhar atento à paisagem na qual pode reparar a diversidade de cores e tamanhos das folhas das árvores pelo caminho. Segundo ela, nunca havia caminhado assim, prestando atenção ao chão.



*Figura 32. Running in circles, 1996 por Patrick Dougherty. TICKON Sculpture Park. Langeland, Dinamarca. Fonte: Site do Artista. Fotografia: Hatten 18.*

---

<sup>159</sup> Site do artista: <http://www.stickwork.net/>

<sup>160</sup> Site do artista: <http://dianascherer.nl/>





*Figura 33. Artesanatos produzidos pelas idosas. Fuxico e colcha de retalhos.  
Fonte: Composição do autor Fotografias: Grupo HorTOCAR*

Com as folhas que coletou, ela produziu um cocar inspirado nos indígenas. Ao final de sua fala, ela mostrou uma foto usando o seu cocar e com o rosto pintado. A ocasião incentivou diálogos sobre a diversidade de povos originários que ainda resistem hoje e como cada um tem sua particularidade estética, o que os identifica

culturalmente. A partir das outras obras, pude ressaltar os elementos da linguagem visual como forma, cor, textura, ritmo. *M.R.F.C.* disse que gosta de caminhar, mas seu quintal é grande e com muitas plantas, então coletou o material ali mesmo. Samira fez sua obra *in loco* e a deixou lá para que os outros transpassantes a vissem. *Abuela Viajeira* disse não ter produzido nenhuma obra, pois não havia saído de casa naquela semana. Respeitamos sua decisão de não fazer. Ela, então, disse que iria presentear o grupo com uma canção, e cantando, alegrou a todos. A partir desses fazeres artísticos, diversos outros elementos iam surgindo ampliando o leque de correspondências possíveis.

Por exemplo, em um encontro, surgiram espontaneamente trocas de poesias. O espaço se transformou em um sarau. Disseram que antigamente era comum decorar poemas. A *A.S.B* ao ver o artesanato da *A.J.P* lembrou de um poema da Cris Pizziment sobre colcha de retalhos, que funcionou como uma metáfora do Grupo HorTOCAR:

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".<sup>161</sup>

Os fazeres artísticos compartilham com os fazeres com a terra, e também com o design, a atitude de não tomar os objetos por fechados, inertes, sem vida. Ao invés de artefatos rígidos e fixos, remeto a noção de 'coisa', ajustável e adaptável, como protótipos para pensar as relações entre seres e o ambiente vivido, a partir das práticas de correspondências (PORTELA; NORONHA, 2018). O fazer e o pensar não estavam separados, eles estavam situados. Segundo Binder *et al.* (2011), a experiência do fazer não separa a ação do pensamento, do sentimento de seu valor coletivo e cultural. As práticas, neste sentido, são sempre situadas. As participantes vivem a experiência (*undergo*) ao mesmo tempo em que se envolvem nos fazeres junto às outras. E, através da prática, se expressam, não apenas verbalmente, mas através do próprio ato. " Uma característica importante desse fazer situado, e do saber que é construído e transformado em atividade, é que ele é aberto" (BINDER *et al.*, 2011, p. 11, tradução nossa)<sup>162</sup>. Precisávamos manusear coisas para que saíssemos das armadilhas da fala e seu lugar comum. Assim, íamos tecendo outros espaços de diálogo.

A criatividade está ligada ao fazer que quebra a interação dicotômica sujeito-objetos. Nos fazeres manuais, as coisas estão vivas e fazem o sujeito ao mesmo tempo em que este as faz. "De modo mais geral, sugiro que o problema da agência nasce da tentativa de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte pela interrupção dos fluxos de substância que lhe dão vida" (INGOLD, 2012, p. 32). As práticas artísticas nos ajudam a ver o mundo como um ambiente sem objetos (ASO). Nada está dado previamente no fazer artístico. "No ASO, as coisas se movem e crescem porque elas estão vivas, não porque elas têm agência. E elas estão vivas precisamente porque não foram reduzidas ao estado de objeto" (*Idem*). E, ao estarem vivas, vazam constantemente para o ambiente promovendo possibilidades de diálogos e imaginações.

---

<sup>161</sup> O poema foi publicado na página de Facebook "Uma pitada de encanto - by Cris Pizzimenti", em 10/06/2013. Disponível em <https://www.facebook.com/UmaPitadaDeEncantoByCrisPizzimenti> acesso em 12/11/21

<sup>162</sup> No original: An important characteristic of such situated doing, and of the knowing that is constructed and transformed in activity, is that it is open ended.

Ao perceber a casa e seu entorno como ASO, ela em si própria se torna uma "coisa", no sentido de provocar possibilidades de diálogos sobre a vida e seus processos. "As coisas não são esculpidas das relações humanas, mas sim do material social, 'coletivos de humanos e não-humanos', por meio dos quais os objetos de interesse são manuseados" (BINDER *et al.*, 2011, p. 6, tradução nossa<sup>163</sup>). Esses fazeres nos auxiliam a distanciar do olhar que insiste em ver as outras formas de vida como materiais passivos, inertes, separados de nós. "As coisas estão longe de estarem fechadas umas às outras, cada uma envolvida em seu próprio, impenetrável, mundo do ser. Ao contrário, eles são fundamentalmente abertos e todos participam de um mundo indivisível de devir" (INGOLD, 2020, p. 8, tradução nossa)<sup>164</sup>. As atividades ganhavam potência como correspondências em uma atitude de atenção. Na observação participante, fazemos *com* os outros. O *com* traz juntamente consigo, *ao longo*, longitudinalmente, o amigo(a) viajante. "Observar com não é objetificar; é cuidar de pessoas e coisas, aprender com elas e seguir os preceitos e a prática. Enquanto o estar é intencional, o estar com é atencional" (INGOLD, 2016, p. 24, tradução nossa)<sup>165</sup>.

---

<sup>163</sup>;No original: "Things are not carved out of human relations, but rather of sociomaterial, "collectives of humans and nonhumans," through which the objects of concern are handled."

<sup>164</sup> No original: "For it suggests that things are far from closed to one another, each wrapped up in its own, ultimately impenetrable world of being. On the contrary, they are fundamentally open, and all participate in one indivisible world of becoming."

<sup>165</sup> No original: "But to observe with is not to objectify; it is to attend to persons and things, to learn from them, and to follow in precept and practice. Whereas of-ness is intentional, with-ness is attentional."

### 3.7 - CORRESPONDENDO COM ANIMAIS

Apesar das relações multiespécies tratadas no grupo serem majoritariamente com seres do reino vegetal, tivemos alguns encontros voltados a espécies companheiras de outros reinos. A aparição de outras formas de vida no espaço caseiro se expandia muito além das minhas linhas. A diversidade da vida se multiplicava e novos seres brotavam na malha. Ao atentar-se ao quintal e à t(T)erra, nota-se sua presença. Lagartas, borboletas, joaninhas, besouros, pássaros, abelhas, formigas e diversos outros insetos, muitos dos quais nunca havia visto, surgiram dentro, fora, por entre a casa. De onde vieram? Como chegaram até ali?

Apesar do aumento de vida ser bem vindo, no lar não há espaço suficiente para que haja um equilíbrio ecológico. Lagartas e lesmas, pulgões, ácaros, fungos e formigas consomem plantas em velocidades exorbitantes e pude presenciar a ação de todos sobre o plantio do jardim. No entanto, o maior desequilíbrio vinha de um feral muito comum a todos nós, os gatos. Além dos dois que tínhamos, outros três vinham da vizinhança. Esses felinos são capazes de desequilibrar qualquer sistema pois predam os predadores que ajudam a equilibrar o número dos seres citados acima.

Precisamos nos atentar sobre o nosso apego a criação de animais *top de cadeia* alimentar, como gatos e cães, que causam impactos alastrantes no que resta da fauna que nos circunda. A população de *pets* vem crescendo em números alarmantes e, segundo o IBGE, podemos chegar a 30 milhões de gatos em 2022<sup>166</sup>, um número altíssimo e que certamente causa impactos nos ecossistemas. No *Feral Atlas*<sup>167</sup> tem um artigo de Katy Overstreet sobre o impacto da superpopulação de gatos no ecossistema ao redor de uma fazenda de leite nos EUA. Esses animais domésticos, tão queridos a nós também, chegaram às Américas pelo tráfego marítimo da era colonial. Eles hoje são a segunda espécie no mundo que mais extingue outras, só perdendo para os ratos. As idosas comentaram sobre a grande população de gatos nas cidades hoje e que eles tendem a caçar muitas

---

<sup>166</sup> Visto em:

<https://exame.com/negocios/paixao-por-felinos-como-o-mercado-pet-se-adaptou-para-os-gateiros/>

Acesso em: 18/08/2020

<sup>167</sup> Site do Atlas: <http://feralatlans.org/> Acesso em: 24/05/2021

aves, mas relataram não saber que eles eram responsáveis pela extinção de outras espécies.

Eu levei essa discussão ao grupo no primeiro semestre de 2021, quando passei três meses na Fazenda Sagrada Família, em Barra do Piraí, no interior do estado do Rio de Janeiro. Essa fazenda produz laticínios orgânicos e lá havia oito gatos. Foi uma quebra na rotina do grupo participar dos encontros a partir daquele lugar. Lá havia diversos animais como bovinos, cavalos, um pônei e uma porca. Interessante pensarmos que nenhum dos bichos em nossas fazendas são nativos das Américas. Seguindo com Haraway, reconhecemos que todos esses animais, assim como partes de nós mesmos, somos filhos da "conquista" (invasão) do novo mundo, produtos de colônias brancas de povoamento. "Em camadas de história, de biologia e de naturezas-culturas, o nome do jogo é complexidade" (HARAWAY, 2021, p. 8). No encontro 26, quis mostrar ao grupo a relação com a porca e seu papel biodigestor no contexto do ciclo de nutrientes da fazenda. Fiz um vídeo, e postei no grupo, mostrando como a porca absorvia os resíduos da cozinha, mais o soro proveniente da fabricação de queijo, em sua dieta. Em troca, coletava seu esterco para adubar a horta. Enfatizei ao grupo essas relações de entrelaçamentos entre espécies companheiras e como elas se inserem nos ciclos que compõem a vida. A Porquita, como era chamada, era uma *Large White*<sup>168</sup>.

---

<sup>168</sup> O *Large White* é uma raça britânica de porco doméstico. Seu nome científico é *Sus scrofa domesticus*.





*Figura 34. Selfie com a Porquita. Fonte: autor.*

A Porquita se mostrou como um ponto de partida para discutirmos sobre relações entre espécies companheiras. Um animal tão comum à criação humana, num contexto de produção orgânica, se entrelaça com várias outras espécies da fazenda. Ela fertilizava a horta que alimentava os humanos que a alimentavam com os restos da horta. Rotações cíclicas de nutrientes. Como uma das minhas funções na fazenda era cuidar da Porquita, fui ficando próximo a ela. Todos os dias, logo após o almoço, a escutava grunhir eufórica esperando sua refeição. Nossas linhas se cruzavam e fomos fazendo parentescos.

Ela, em sua força descomunal, muitas vezes destruiu a cerca de seu chiqueiro saindo livre pela fazenda. Os dois cães, Gouda e Pietra, latiam anunciando a fuga da Porquita. Ela ia diretamente na horta desfrutar dos alimentos frescos, normalmente causando danos irreparáveis nos canteiros. Percebi um padrão em suas investidas contra a horta. Ela cavava com o focinho o solo revolvendo-o. Percebi que ela estava à procura de batatas doces. Ela era uma exímia encontradora de batatas e ao cumprir esse papel, arava o solo. Fiquei imaginando que as *Large Whites* são seres que limpam terrenos e revolvem a terra, duas atividades necessárias quando se começa um canteiro.

Quando apresentei a Porquita ao grupo, as idosas imediatamente se lembraram de suas infâncias. *L.S.B.* lembrou de como na roça, antigamente, sua mãe jogava os restos da cozinha no quintal para as galinhas e os patos comerem. "Era comum, todo mundo fazia isso", disse ela. Curiosamente, nos contou que depois, quando apareceu o lixo plástico na sociedade, sua mãe continuou jogando-o no quintal, foi então que o lixo se tornou um problema. Não sabiam lidar bem com materiais que não se decompõem em décadas, ou mesmo séculos. *A.J.P.* falou que na Bahia, antigamente, também arremessavam o lixo no quintal para as galinhas comerem. No entanto, nunca tinha ouvido falar de usar esterco de porco para adubar horta.

Esse diálogo a fez lembrar que, antigamente, um vizinho lhe deu um saco de adubo com composto oriundo de fezes humanas. Na permacultura fazem compostagem das fezes humanas e dizem que é um bom adubo, no entanto, no Brasil é proibido comercializar esse tipo de composto. Isso me fez recordar de quando usei um banheiro seco<sup>169</sup>. Eles são banheiros que compostam os dejetos humanos, transformando-os em adubo e são conhecidos dos permacultores. Lembrei então, da casa do vizinho do NINHO, no Condomínio RK, que reciclava sua água e o esgoto em uma Bacia de Evapotranspiração (BET), também conhecida como Tanque de Evapotranspiração (TEvap)<sup>170</sup>, que são outra tecnologia para a reciclagem da água proveniente do saneamento de dejetos humanos. Nela, bananeiras são plantadas em cima de fossas adaptadas. As plantas absorvem a água por capilaridade e a transpiram na atmosfera filtrando-a enquanto os dejectos sólidos vão se decompondo e adubando as plantas. Houve uma rejeição inicial do grupo quanto a essas tecnologias. Ainda há um tabu em torno do tema.

---

<sup>169</sup> Segundo informações do wikipedia: "Banheiro seco é uma alternativa ecológica no tratamento de fezes humanas. Apesar da semelhança estética com o banheiro comum, as fezes são separadas da urina. As fezes são armazenadas em um local sem contato com o ambiente externo, onde a cada defecação a pessoa joga um punhado de serragem sobre as fezes para mantê-las secas e evitar o mau cheiro. A urina é encaminhada a um sistema fechado de tratamento de águas cinzas (bacia de evapotranspiração), onde através de plantas semi-aquáticas, a água da urina é evaporada pelas folhas e seus nutrientes também utilizados pelas plantas." (fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Banheiro\\_seco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Banheiro_seco)).

<sup>170</sup> O TEvap é um sistema baseado em solo e plantas, apresentado como uma alternativa para sistemas convencionais de tratamento de esgotos, consistindo de um tanque retangular impermeável, preenchido com camadas de diferentes substratos e coberto por vegetais de crescimento rápido, como plantas de folhas largas, tais quais bananeiras, mamoeiros ou taiobas. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tanque\\_de\\_evapotranspira%C3%A7%C3%A3o#cite\\_note-:0-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tanque_de_evapotranspira%C3%A7%C3%A3o#cite_note-:0-1)



Voltando a falar da Porquita junto ao grupo, contei que ela era uma boa decompositora, pois ingeria quase todos os tipos de alimentos que lhe eram ofertados. A única coisa que não a vi comer foram as cascas de cítricos, laranja e limão, que ela cuidadosamente separava enquanto se alimentava. Ela também rejeitou comer os caramujos africanos gigantes, que eram uma praga que estava devastando nossa horta. Esses caramujos eram de uma espécie exótica (*Lissachatina fulica*, antigamente chamados de *Achatina fulica*). Passei a coletá-los e testei para ver se a porca os comia, numa tentativa de baixar sua população, mas ela não os quis.

Esses caramujos exóticos do leste africano "foram introduzidos no Brasil a partir de uma feira agropecuária em Curitiba, no Paraná, em 1988. A intenção era estimular sua produção para a alimentação humana" (MATRANGOLO; THIENGO; GOMES; 2019?, p. 7). Uma caixa com suas matrizes foram levadas a várias feiras, em quase todos estados brasileiros. No entanto, não houve interesse comercial pelos moluscos, que foram soltos na natureza. A falta de predadores naturais e patógenos para ele no novo continente fizeram com que se alastrasse para todos os estados do país. Posteriormente encontrei esse pequenos grandes devastadores de hortas na lista de espécies do *Feral Atlas*<sup>171</sup>. Aparentemente, eles andaram causando estragos ambientais nas ilhas do Pacífico também. Na tentativa de controle biológico, foram introduzidos nessas ilhas predadores do caramujo gigante, mas, além de não controlarem sua população, infelizmente causaram danos ainda piores, extinguindo outras espécies.

Quando fui visitar o *Jardim Florestal* do NINHO, em fevereiro de 2021, encontrei vários caramujos africanos gigantes lá também. Praticar agroecologia, mesmo que urbana, nos aproxima das espécies ferais e nos coloca atentos aos impactos desses distúrbios causados pelos descuidos humanos. Os caramujos e gatos não foram os únicos *ferais* que apareceram durante a pesquisa. Tive encontros com a braquiária e ferrugem do feijão, que chegou até nosso quintal.

---

<sup>171</sup> Disponível em <https://feralatlus.supdigital.org/poster/snails-that-eat-snails>. Acessado em 3/10/2021

Partindo das estórias da Porquita e do Caramujo, o grupo pôs-se a contar estórias insólitas sobre espécies companheiras. *L.S.B.* e *C.M.L.* nos falaram sobre quando estavam na roça, em que havia muitos sapos. Elas nos disseram que os sapos são benéficos, pois controlam a população de mosquitos. *Abuela Viajera* disse que nunca deixaria os sapos viverem perto de sua casa, pois tinha pavor deles. Lembrei de uma estória que uma amiga me contou sobre algo que se passou no Jardim Marizá, um projeto permacultural de regeneração da terra, no sertão da Bahia. Lá, por causa da seca intensa, eles deixavam uma bacia grande com água para os sapos se refrescarem. Eles chamam essa tecnologia de *banheira de sapos*.

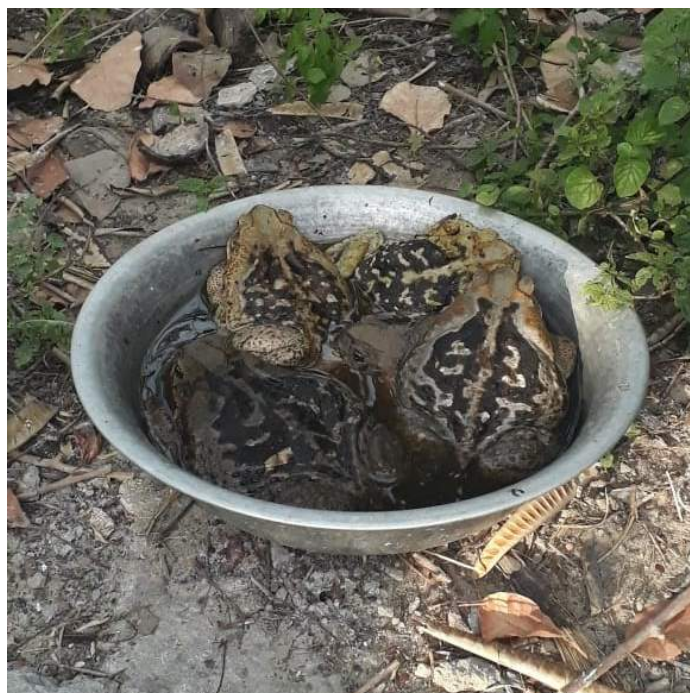


Figura 35. *Banheira de Sapos*. Fonte: *Emily Kimura*.

A seguir, *C.M.L.* comentou sobre um teiú, um lagarto grande, que foi visto no condomínio rural onde mora, em Minas Gerais. A administração do condomínio já quis remover o animal, mas os moradores se posicionaram contra, argumentando que eles se alimentam de cobras, ajudando a controlá-las também. Os teiús, para *C.M.L.*, são espécies companheiras e já fazem parte do condomínio.

*M.R.F.C.* nos mostrou um carneiro que ela ganhou numa rifa de fim de ano. O carneiro (nome científico *Ovis aries*), é um mamífero ruminante bovídeo, pertencente à família dos *Caprinae*, como os bodes e cabras. É um animal

companheiro dos seres humanos desde a Idade do Bronze, e sua carne, laticínios, lã e couro, são centrais a muitas civilizações, sendo hoje domesticado em todos os continentes Originalmente, provêm do oriente médio. O carneiro de *M.R.F.C.* foi batizado de Bino. Ela nos contou que ele já fazia parte da família e suas netas se apegaram a ele como um animal de estimação. O Bino também se acostumou com os cachorros, brinca com as galinhas e dorme no poleiro com elas. Ele é uma ameaça às plantas, pois as devora rapidamente. Em quatro meses na chácara, Bino já havia investido contra os pés de milho, de mandioca e as suculentas no jardim perto da casa. No entanto, *M.R.F.C.* disse que gosta muito do Bino e não vai deixar o marido abatê-lo por sua carne. Ela nos mostrou vídeos do Bino brincando com sua neta. Todos do grupo se apegaram ao Bino, que virou o mascote do HorTOCAR.

Ao falarmos da intenção do abate do Bino, o assunto se voltou para a morte de animais companheiros. Todas tinham alguma estória para contar sobre a morte de algum ser querido não-humano. Então, conversamos sobre o fato de que os animais de estimação, muitas vezes, nos trazem o primeiro contato com a perda, com a morte, ainda quando somos crianças. E assim desde cedo começamos a ver que a morte faz parte da vida e seus ciclos.

### 3.8 - O COMEÇO DO FIM E O INÍCIO DA ESTÓRIA PARA ADIAR O FIM

Quando voltei para Brasília em julho de 2021, vivi um luto à minha maneira. O quintal/horta agroecológico que havia cultivado na frente de casa havia sido, literalmente, "desmatado". Todas as espécies foram removidas pelo jardineiro, restando apenas dois mamoeiros, uma roseira e um pé de jasmim. O solo estava exposto ao sol, à chuva e ao vento, sem nenhuma cobertura. Fiquei igualmente devastado. Para mim, o micro cenário do meu lar simbolizava a devastação em grande escala dos biomas pela ação humana. Era uma metáfora desse pensamento vigente, que ainda insiste em destruir em ritmo alarmante a nossa biodiversidade.

Todo o trabalho de recuperação da microbiologia daquele solo, no qual vinha cuidadosamente cultivando, se perdeu pois ficou exposto à insolação mais forte dos períodos de seca. O solo estava morrendo.

Então, no encontro 33, mostrei ao grupo o que havia sobrado do quintal agroecológico. Como elas haviam acompanhado por quase um ano a evolução do meu pequeno experimento, ficaram todas entristecidas. As idosas me acolheram mais uma vez. Elas me aconselharam, em toda a sua sabedoria, a não cair no sentimento de "terra arrasada" e seguir com minha pesquisa. "Um quintal ou horta se planta novamente, não abaixe a cabeça, continue acreditando na vida", disse a *Abuela Viajera*. "A vida está sempre em aberto: seu impulso não é alcançar um fim, mas continuar seguindo em frente. A planta, o músico ou o pintor, ao seguirem em frente, 'arrisgam uma improvisação' "(DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 343, *apud* INGOLD, 2012, p. 38). Fechei um acordo com a família para que pudesse replantar em uma parte do jardim no começo das chuvas e a outra parte seria restaurada para o paisagismo. No entanto, estou procurando uma nova casa com mais espaço verde para me mudar, pois gostaria de cultivar mais alimentos, também sinto que não quero incomodar mais a família. No entanto, antes das chuva deixei o jardim como o encontrei e resolvi dedicar meu tempo e energia na finalização desta dissertação.

As histórias de terras arrasadas ameaçavam nos paralisar. "Para evitar que a contação de estórias acabe, algumas de nós, aqui no meio das aveias selvagens, em meio ao alheio trigo, achamos que é hora de começarmos a contar uma outra, que talvez as pessoas possam seguir contando quando a velha estória acabar" (LE GUIN, 2019, p. 37)<sup>172</sup>. Haraway nos conta sobre as ficções da escritora Ursula Le Guin como amplas sacolas que ela usa para coletar, carregar e contar estórias sobre as coisas dos vivos (HARAWAY, *apud* LE GUIN, 2019, p. 10).

---

<sup>172</sup> Texto traduzido disponível em: <https://medium.com/@mariband/a-teoria-da-sacola-aplicada-à-ficção-a4a7dd5866e>. Acessado em: 30/12/2020, tradução Mariana Bandara.

Na nossa sacola havia colocado estórias e sementes ao invés de sucumbir ao desespero do fim do mundo, ou à falsa esperança de que a tecnologia irá nos tirar dessa enrascada (HARAWAY, 2016). Precisava encontrar outros caminhos possíveis. Trazer de volta estórias de criaturas que sabiam ficar com problema e reorganizá-las em uma outra, voltada agora para o futuro. Essa foi a forma que encontrei de seguir com o nosso problema. Para não paralisar com as estórias de terror, precisava imaginar outros futuros possíveis para o habitar que brotassem das correspondências com outros seres, humanos e não-humanos fertilizando, assim, alternativas para um futuro multiespécies. Abri então a sacola e fui trazendo ao presente denso todas as linhas e feixes de linhas que poderiam alongar nossa malha em direção ao futuro. Precisava contar outras estórias que adiassem o fim do mundo.

## 4 - MANEJANDO ESPECULAÇÕES PARA POSSÍVEIS FUTUROS MULTIESPÉCIE

*"Ainda há sementes para coletar e espaço no  
saco de estrelas."*

(LE GUIN, 2019, p. 37)

Um outro aspecto que o DA tem a acrescentar à presente pesquisa refere-se ao ferramental metodológico para pensar futuros alternativos que partam de práticas cotidianas. Na coletânea intitulada *Design Anthropological Futures* (2016), encontra-se um arcabouço teórico de como as práticas de *Design Anthropology* podem auxiliar na imaginação e produção de futuros. No DA o futuro não é visto como um espaço ou tempo separado, os pesquisadores nessa coletânea entendem como futuro uma multiplicidade de ideias, críticas e potencialidades que já se encontram presentes nas narrativas, objetos e práticas de nossa vida diária. Então subentende-se que múltiplos, às vezes conflitantes, futuros já encontram-se aqui no presente. Por isso usa-se futuros, no plural, para contrapor a ideia de um futuro único e hegemônico, herdado do ideal de progresso. Aqui entende-se que a produção de futuro (*future-making*) não é uma exclusividade de alguns poucos privilegiados que têm acesso à ciência e à tecnologia de ponta, mas está dispersa por todo o tecido social.

"Os futuros não são entendidos como visões impressionantes, criadas e implementadas por cientistas ou designers, mas sim como explorações colaborativas de possibilidades situadas, formações e ações que acontecem na interseção do design e da vida cotidiana" (SMITH *et al.*, 2016, p. 1, tradução nossa)<sup>173</sup>.

Ao emaranhar o Design com a antropologia, os pesquisadores em DA devolvem as capacidades de criação de futuros para as pessoas comuns, animais ou mesmo as coisas. "Otto e Smith argumentam que um possível novo critério de sucesso poderia

---

<sup>173</sup> No original: "Here futures are not understood as striking visions created and implemented by scientists or designers, but rather as collaborative explorations of situated possibilities, formations and actions at the intersection of design and everyday life."

ser 'como os designer-antropólogos são capazes de se corresponder e colaborar com as pessoas como co-criadores de futuros desejáveis'" (2013, p.13, *apud* SMITH *et al.*, 2016, p. 9, tradução nossa)<sup>174</sup>. Esses caminhos metodológicos são interessantes para a imaginação de futuros que partam das práticas e fazeres localizados na cotidianidade a partir dos micro contextos, aqui tratados. Como podemos criar *responsa-habilidade* e habitabilidade para viver e morrer bem nessa intimidade como estranhos? Precisamos nos permitir pensar de outros jeitos e mobilizar outras formas de contar histórias.

A ficção surge como um método para tal, pois possibilita a criação de cenários hipotéticos, abrindo espaços para debates e diálogos sobre alternativas possíveis. "Sua natureza ficcional exige que os espectadores suspendam sua descrença e permitam que sua imaginação vagueie, para esquecer momentaneamente como as coisas são agora e se perguntar como as coisas poderiam ser" (DUNNE; RABY, 2013, p. 3, tradução nossa)<sup>175</sup>. Se cabe ao Design especular sobre futuros possíveis e à antropologia também, a especulação apresenta-se como uma prática possível e necessária ao *Design Anthropology*.

O caráter imaginativo de futuros presente na especulação a aproxima da etnografia do possível (SMITH *et al.*, 2016), um dos métodos praticados no *Design Anthropology*. "Suas explorações do 'possível' vão além dos processos lineares de design e planejamento de artefatos, em direção a processos mais imaginativos e especulativos de co-produção do conhecimento com diversas partes interessadas" (*Idem*, p. 5, tradução nossa)<sup>176</sup>. Assim, decidi por essa mistura entre arte e ciência como um caminho de análise dos estudos levantados nos capítulos anteriores. No *Design Anthropology*, assim como no design especulativo, há uma expansão do que sejam as práticas de design mais comumente associadas ao seu papel projetual para um design como *meio de mudanças sociais*. Encontrei no design especulativo

---

<sup>174</sup> No original: "Otto and Smith argue that a possible new criterion of success could be 'how design anthropologists are able to correspond and collaborate with people as co-creators of desirable futures.'"

<sup>175</sup> No original: "Their fictional nature requires viewers to suspend their disbelief and allow their imaginations to wander, to momentarily forget how things are now, and wonder about how things could be."

<sup>176</sup> No original: "Their explorations of 'the possible' move beyond linear processes of artefact design and planning, towards more imaginative and speculative processes of co-producing knowledge with diverse stakeholders."

uma prática autocrítica ao campo que não visa projetar novos desenvolvimentos em ciência e tecnologia, mas sim especular sobre implicações das práticas de design na sociedade e na produção de mundos. Passa-se, então, de um design que é comumente afirmativo, solucionador de problemas, produtor de inovação a serviço da indústria e do consumo, para um design mais crítico, provocador e a serviço da sociedade (DUNNE; RABY, 2013). Para tal, utiliza-se de métodos de especulação que se apoiam na ficção. Pode se dizer que o design especulativo lança mão da ficção como uma prática catalisadora para o sonho social (DUNNE; RABY, 2013).

A ficção faz parte de algumas práticas em design especulativo e design ficcional. Cássia Mota de la Houssaye, em sua tese *Conjecturando futuras relações entre design e propriedade intelectual* (2019), lança mão da ficção para especular cenários problemáticos para legislações de propriedade intelectual gerados por tecnologias emergentes no design industrial. Aplicando a conjectura como método, ela propõe essas ficções para abrir um debate crítico sobre o tema:

A conjectura como método exige da pesquisa uma ênfase sistêmica na imaginação. Esse tipo de criação de histórias explora alternativas para situações presentes, levantando questões com liberdade criativa — mas, ao mesmo tempo, com embasamento técnico — sobre como essas situações poderiam ser diferentes. Não há atitudes preditivas em relação a um prognóstico de como as coisas deveriam ser, mas uma experimentação teórica de futuros possíveis para presentes e passados percebidos." (DE LA HOUSSAYE, 2021, p. 55, tradução nossa)<sup>177</sup>

A ficção, que está mais comumente associada ao entretenimento e até a um lugar de ludibriação, também pode nos inspirar a imaginar que as coisas podem ser radicalmente diferentes e nos ajudar a encontrar formas de alcançar essas mudanças. Segundo Dunne e Raby, em *Speculative everything design, fiction, and social* (2013), é difícil dizer quais são os sonhos de hoje, pois estamos à beira de uma possível extinção que incluiria nossa espécie. Precisamos sonhar outros sonhos, que diferem dos modernistas do século 20, e que nos colocaram na situação que enfrentamos agora. Isso é desafiador para o design, que está tão

---

<sup>177</sup> No original: "Conjecturing as a method demands from the research a systemic emphasis on imagination. This kind of creation of stories explores alternatives to present situations, raising questions with creative freedom — but, at the same time, with a technical basis — about how these situations could be different. There are no predictive attitudes towards a prognosis of how things should be, but a theoretical experimentation of possible futures for perceived presents and pasts."



intrinsecamente emaranhado com formas de produção capitalistas, tornando-o, muitas vezes, excessivamente otimista, pois depende da perpetuação desse modelo. Os autores seguem argumentando que há esperança de ampliar outras possibilidades para o design, sendo uma delas o exercício de especular como as coisas poderiam ser. "Esta forma de design prospera na imaginação e visa abrir novas perspectivas sobre o que, às vezes, são chamados de problemas perversos, para criar espaços para discussão e debate sobre formas alternativas de ser, e para inspirar e encorajar a imaginação das pessoas a fluir livremente" (DUNNE; RABY, 2013, p. 2, tradução nossa)<sup>178</sup>.

Isso torna-se importante pois "o Futuro" (F maiúsculo e no singular) tende a ser ditado apenas pela evolução Política, Científica e Tecnológica, fato remanescente da nossa herança modernista. A previsão desse futuro é um campo de disputa constante dentro do design. Este tipo de previsão não interessa a nós nem aos autores (Ibidem). Por isso, tanto o design especulativo quanto o *Design Anthropology* se referem aos futuros (minúsculo e plural), pois a ideia é encontrar na pluralidade do tecido presente os indícios de possibilidades que diferem dos modelos hegemônicos do agora. Essas áreas do design voltam-se para os futuros, mas não no sentido de tentar prevê-los e sim como forma de refletir sobre caminhos possíveis e aberturas críticas ao presente. Assim, aproxima-se do social, pois investiga-se o tipo de futuro que as pessoas desejam e os que elas não desejam. Logo, imaginar futuros é um meio para *especular-com* as pessoas e, também, de criticar o presente, auxiliando o design a tornar-se facilitador de alternativas ao invés de impor-se como uma fonte criadora de visões solucionadoras.

Neste capítulo, vamos adentrar a segunda faceta de nossa estória, a que se volta para o futuro procurando especular sobre mundos possíveis. Parti da hipótese de que as correspondências vividas junto ao grupo, através da observação participante, formam um solo fértil para a criação de uma estória especulativa que nos conte sobre uma futura forma de habitar que tenta regenerar ecossistemas.

---

<sup>178</sup> No original: "one is to use design as a means of speculating how things could be—speculative design. This form of design thrives on imagination and aims to open up new perspectives on what are sometimes called wicked problems, to create spaces for discussion and debate about alternative ways of being, and to inspire and encourage people's imaginations to flow freely."

Segundo Ingold, os antropólogos têm um péssimo hábito de transformar lições vividas durante o estudo com seus interlocutores em material para análise (INGOLD, 2017). Refutando, assim como Ingold, transformar as lições vividas em material de análise, optei por corresponder às experiências de campo formulando uma estória em forma de conto especulativo.

A partir das correspondências surgidas no NINHO e no HorTOCAR, empreendi o exercício de criar uma estória especulativa e ficcional multiespécie de (re)habi(li)tação do urbano. Nossa estória brota da última atividade do Grupo HorTOCAR, descrita a seguir.

#### 4.1 TECENDO A COLCHA DE RETALHO DO HORTOCAR

A produção e visualização de imagens ocupa um lugar central na construção do Grupo HorTOCAR. Além dos encontros serem mediados por imagens técnicas, a maioria das correspondências do grupo só se fez possível através do compartilhamento de imagens. No contexto de encontros online, elas permitiram um recorte visual do cotidiano dos idosos, adentrando seus espaços, processos e fazeres.

A riqueza de estórias, provindas das fotografias e vídeos, que eram compartilhadas nos encontros, chamaram a minha atenção a esse recurso como um caminho para especular outras formas de habitar. Logo, a última atividade do HorTOCAR tornou-se uma criação coletiva de uma estória imaginativa a partir de fotografias compartilhadas pelo grupo durante um ano de atividades. A atividade em questão recebeu o nome de *Colcha de Retalhos*.

O HorTOCAR é uma malha que se formou pelo interesse de cultivar alimentos em casa, no entanto, pelo distanciamento, ele foi fragmentado, sendo que cada feixe de linhas correspondia com o resto a partir de seu lar. O formato online proporcionou tais correspondências, mas também impediu as trocas físicas de acontecerem. Algumas vezes, as trocas e fazeres não fluíram como as linhas de uma malha, elas ficavam no âmbito das interações, ou seja, trocas de falas por entes isolados, cada

um em seu espaço, interagindo pelas redes digitais. Apesar de tudo, conseguimos tecer uma malha, mesmo num mundo dominado pelas redes. Essas são as ambiguidades dos tempos em que vivemos. Tempos onde o Antropoceno gera férias, como o Coronavírus, que nos distancia ainda mais da t(T)erra e nos isola dos próprios processos da vida.

O Antropoceno é retalhado (*patchy*), ou seja, ele cria "condições desiguais de habitabilidade mais-que-humana em paisagens cada vez mais dominadas por formas industriais" (TSING *et al.*, 2019, p. 186, tradução nossa)<sup>179</sup>. Se todos os participantes do grupo fizessem parte de uma mesma comunidade, poderíamos realizar um plantio comunitário num solo compartilhado. As comunicações em rede nos dão a falsa sensação de que podemos estar em qualquer lugar e nos relacionarmos com todo o resto, nos descorporificando do espaço onde habitamos. No entanto, "ninguém vive/mora<sup>180</sup> em todo lugar; todo mundo vive/mora em algum lugar. Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a algo" (HARAWAY, 2016, p. 14, tradução nossa). Na verdade, nós estávamos todos isolados em nossas moradias urbanas e periurbanas, cada qual em seu espaço, tecendo sua malha localmente, de formas desiguais, e se juntando semanalmente em videoconferência para se emaranhar um pouco com o grupo. O HorTOCAR, assim como o Antropoceno, é *patchy* também.

O grupo se consolidou como uma paisagem fragmentada imaginada, composta pelos retalhos que são os lares de cada integrante. As telas são espécies de janelas que se abrem para o lar dos colegas, mas o que vemos através delas são simulacros da pessoa, do seu espaço, e suas relações multiespécie. Elas exigem uma imaginação do que podem vir a ser os espaços e fazeres dos outros. Nós éramos convidados a imaginar os retalhos dos outros através de fotos, vídeos e falas. As imagens compartilhadas no grupo de *Whatsapp* e as das videoconferências dos encontros eram estruturantes para a paisagem do grupo.

Se, no contexto do grupo, cada participante é um feixe de linhas que se emaranha com seu lar, podemos pensar que cada lar é um retalho, ou seja um fragmento de

---

<sup>179</sup> No original: "patchy Anthropocene, that is, the uneven conditions of more-than-human livability in landscapes increasingly dominated by industrial forms."

<sup>180</sup> Aqui a tradução do verbo inglês *to live* pode significar tanto viver quanto morar e este sentido duplo enriquece o texto.

malha. Eram todos recortes, enquadramentos, um retalho espaço-temporal. No entanto, na duração do encontro, alguns fios eram lançados e se entrelaçam por entre as falas, fazeres, imagens e afetos, costurando o grupo, unindo seus retalhos. Esses retalhos lançam alguns fios que se embolam com outros retalhos do grupo. A própria imagem do grupo em videoconferência nos lembrava uma colcha de retalhos. Isso porque as imagens de cada integrante são quadriculadas e justapostas. Todas as relações eram mediadas por esses quadrados.

Por isso, partindo da ideia de malha de Tim Ingold (2012), e inspirado no artesanato que A.J.P. havia nos ensinado em um dos encontros, a imagem da colcha de retalhos apresenta-se como uma metáfora interessante para se pensar a malha constituída pelo Grupo HorTOCAR. Ela é uma malha feita parte por correspondências, parte por interações em rede. Em inglês, colcha de retalho é *patch work*. Assim como o Antropoceno "*patchy*", de Tsing *et al.* (2019), nossos retalhos são desiguais, cada um com sua cor e características específicas, mas se juntam, mesmo que aplainados pela tela, para formar a paisagem HorTOCAR. Inspirados nessa estética da colcha de retalhos e nas práticas de *Design Anthropology*, formulamos uma atividade de fechamento do grupo que durou quatro encontros, entre 13/07/2021 a 3/08/2021. Neles, o grupo teceu sua *Colcha de Retalhos Multiespécies* que serviu de base para a criação de uma história especulativa que encerrou nossa pesquisa.

No primeiro desses encontros, fizemos uma entrevista não-estruturada sobre como as idosas imaginavam ser a vida na sua cidade e no campo nos futuros próximos e longínquos. Começamos com uma prática de plena atenção, pedindo que as participantes focassem no ambiente ao seu redor, percebendo seus detalhes. A partir disso, pedimos para que as integrantes fechassem os olhos e imaginassem, sem verbalizar, como seria esse entorno daqui a 10, 50 e 100 anos. Depois, todas foram convidadas a voltarem a atenção ao grupo, onde lhes fizemos as seguintes perguntas:

**Como vêem a cidade onde estão morando daqui a 10, 50 e 100 anos? Como imaginam que será a vida no campo no mesmo período?**

Quanto às suas cidades no futuro, todas responderam que imaginam que terá mais áreas construídas e menos áreas verdes. Elas não especificaram se era um futuro próximo ou longínquo. *L.S.B.* contou que até há pouco tempo não havia prédios altos no Guará (DF). "Agora, já se pode encontrar vários novos edifícios, e não param de construir. Há cada vez menos verde. Brasília estará muito diferente do sonho original da cidade". *A.J.P.* comentou que imagina que a cidade vai estar muito mais povoada e muito mais evoluída tecnologicamente. Segundo ela, Juscelino Kubitschek não imaginou o avanço da tecnologia. Ela disse que se há 50 anos falassem que a videoconferência *online* seria uma realidade em 2021, ninguém acreditaria. *M.R.F.C.* disse que imagina que Brasília vai ser como São Paulo. Ela disse que o Plano Piloto vai continuar com suas áreas verdes, por ser um patrimônio tombado, mas o resto vai continuar crescendo com mais prédios altos, trânsito etc.

Quanto à questão da vida no campo, *A.J.P.* disse que o meio rural será totalmente automatizado e que não vai mais haver seres humanos trabalhando na terra. Já *M.R.F.C.* acha que, mesmo com toda a tecnologia, as pessoas não deixarão de mexer na terra. Segundo ela, os grandes produtores estarão mais "maquinados", mas sempre haverá pequenos produtores que trabalham a terra com as mãos. *L.S.B.* acredita que o campo está mais valorizado hoje do que antigamente e a vida ali tenderá a melhorar. Ela comentou sobre o êxodo urbano e acredita que mais pessoas vão querer se mudar para o campo.

### **Vocês acham que no futuro os seres humanos estarão mais próximos ou mais afastados da natureza?**

Tanto *A.J.P.* quanto *L.S.B.* disseram, com convicção, que seres humanos se afastarão mais da natureza no futuro. *L.S.B.* comentou: "tem muita gente que já se afastou da natureza e não volta mais, porque a vida urbana permite isso". *A.J.P.* contou que seus netos conhecem tudo apenas pelo celular, mas ela acha que eles nunca colocaram o pé descalço na terra e nunca viram, ao vivo, a maioria dos animais que conhecem. Completou dizendo: "o certo seria o ser humano se aproximar, porque é a natureza que nos sustenta, que nos dá a vida".

### **Como imaginam que serão as relações dos seres humanos com as plantas e com os animais no mesmo período?**

"No futuro haverá um contato maior com animais de estimação, no entanto, muito menos contato com as matas e animais menos domesticados", disse *L.S.B.* Ela se explicou dizendo que as relações dos seres humanos com os animais estão melhorando, e deu como exemplo a diferença de tratamento de um animal de estimação hoje e antigamente. Segundo ela, os animais antigamente sofriam mais maus tratos. *A.J.P.* rebateu, comentando sobre a crueldade com os animais na indústria da produção de alimentos nos tempos atuais. Ela disse que gostaria de conseguir ser vegana e novamente alertou sobre a industrialização da produção animal hoje e no futuro. Ninguém comentou sobre o tratamento para com as plantas.

### **Vocês acham que os conhecimentos tradicionais serão resgatados, ou se perderão no futuro?**

*L.S.B.* disse que as histórias antigas já estão se perdendo. Ela contou que quando era pequena, se reuniam na casa de uma vizinha, que contava estórias para todas as crianças. Já as crianças de hoje, segundo ela, não têm mais isso. Elas têm uma vida toda regradada, com horários e atividades pré-estabelecidas. Não há espaço para aprender o tradicional. "Elas preferem ficar em seus *smartphones* ao invés de ouvir as estórias dos mais velhos. Vou planejar um encontro familiar, onde todos deixam seus celulares na entrada, assim podemos conversar melhor", disse ela.

*A.J.P.* disse que os conhecimentos tradicionais vão sumindo naturalmente, pois a própria ciência vai desaprovando-os. Falou que os jovens não querem saber das coisas dos antigos. A fala da idosa transpassava uma ambiguidade, ora prezando pelo conhecimento tradicional, ora prezando pelo avanço progressista da ciência. *M.R.F.* foi a única a pensar contrariamente. Ela acredita que nas áreas rurais irão preservar tradições. Falou que perto da sua chácara, que fica no entorno de Brasília, a comunidade ainda comemora festas tradicionais. "Esse ano, não teve Folia de Reis por causa da pandemia, mas normalmente todo ano tem", disse a idosa.

### **Vocês acreditam que cabe aos idosos imaginar futuros e suas contribuições serem relevantes para as gerações vindouras?**

Segundo *M.R.F.*, têm muitos jovens que não querem nem saber de estarem perto dos mais velhos. Depende da criação, da família. Ela acredita que, em geral, os mais velhos vão ficar abandonados. *L.S.B* disse que ninguém acredita mais no que os idosos dizem, e também não seguem os seus conselhos". As pessoas mais jovens têm que ver para crer". Elas acham que não cabe aos idosos imaginar mais os futuros. Esse é papel para as novas gerações. "Os jovens não querem saber das nossas orientações", disse *A.J.P.* Como se hoje não houvesse mais espaço e tempo para o ponto de vista dos idosos na imaginação de futuros. Paradoxalmente, tanto eu quanto a Samira, os "jovens" do grupo, acreditamos que os pontos de vista delas são relevantes para a imaginação dos futuros.

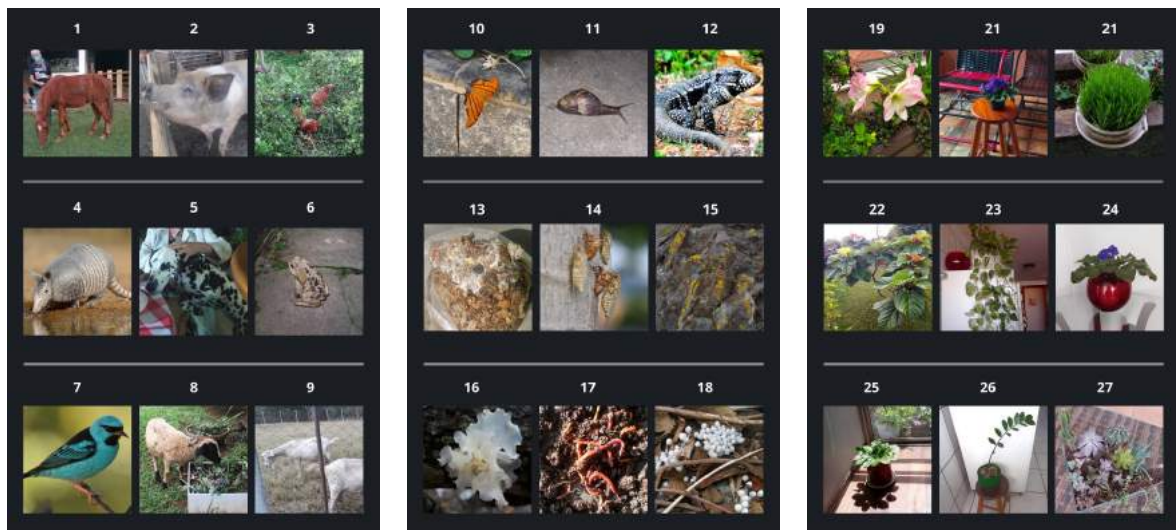
Além de introduzir o tema, esse primeiro encontro serviu para entender a disponibilidade das idosas de imaginarem futuros. A intenção inicial da entrevista era expandir a imaginação para além de nós mesmos e especularmos sobre como poderia ser a vida das gerações vindouras, as quais herdarão esta t(T)erra. No entanto, as falas das participantes ficaram mais no presente e suas lembranças do passado. Elas demonstraram entraves para especular sobre mundos para além de suas próprias existências. Pareceu que não lhes cabia imaginar como seria a vida dos outros quando não estarão mais aqui. Ao final do encontro, *L.S.B.* declarou abertamente seu desconforto em imaginar muito para frente no tempo. Segundo ela, só conseguiu pensar a curto prazo. No entanto, para especular como serão as coisas daqui a 20, 50 ou 100 anos, ela sentiu um bloqueio. "Não gosto nem de tentar pensar tanto para frente", disse ela. "Eu já vivo no futuro. Os futuros do grupo pertencem a vocês, jovens", declarou a idosa. Foi delicado levantar esse tema com elas. Imaginação de futuros com idosos lembrou-os de sua impermanência. Até a terapeuta, Samira, teve dificuldade de pensar muito longe. "50 anos na frente já é muito, não consigo me ver com 71 anos".

Então, perguntei abertamente ao grupo se não devemos imaginar futuros para além de nós mesmos. Elas disseram que sim. *A.J.P.* disse que, no entanto, podemos

sonhar. "Todos sonhamos, as pessoas só param de sonhar quando morrem", disse ela. E referindo-se à crise política de 2021, complementou: "meu sonho agora é que o Brasil volte a sorrir e que eu viva para ver o povo voltar a ser feliz". Motivadora a fala da idosa, mas novamente enquadrada dentro do tempo de sua existência. Após o encontro, eu e Samira nos reunimos e nos demos conta que as idosas tiveram muitas dificuldades em pensar futuros mais distantes, pois evitavam falar de tempos para além de suas vidas. Nos encontros seguintes, introduzimos o uso de imagens como catalisadoras de correspondências, para expandirmos o imaginário dos futuros possíveis.

#### 4.1.1 - REPLANTANDO AS IMAGENS

Para o segundo encontro, produzi um inventário com imagens compartilhadas durante um ano de atividades do grupo. Foram 230 imagens, compartilhadas principalmente pelo grupo de *Whatsapp*. Destas, 63 delas referentes a plantas, animais, insetos, fungos etc. foram escolhidas para compor um inventário das espécies que teceram as trocas do grupo. As imagens foram numeradas e dispostas em um arquivo PDF, para serem apresentadas em conjunto, compondo um catálogo digital de espécies companheiras.





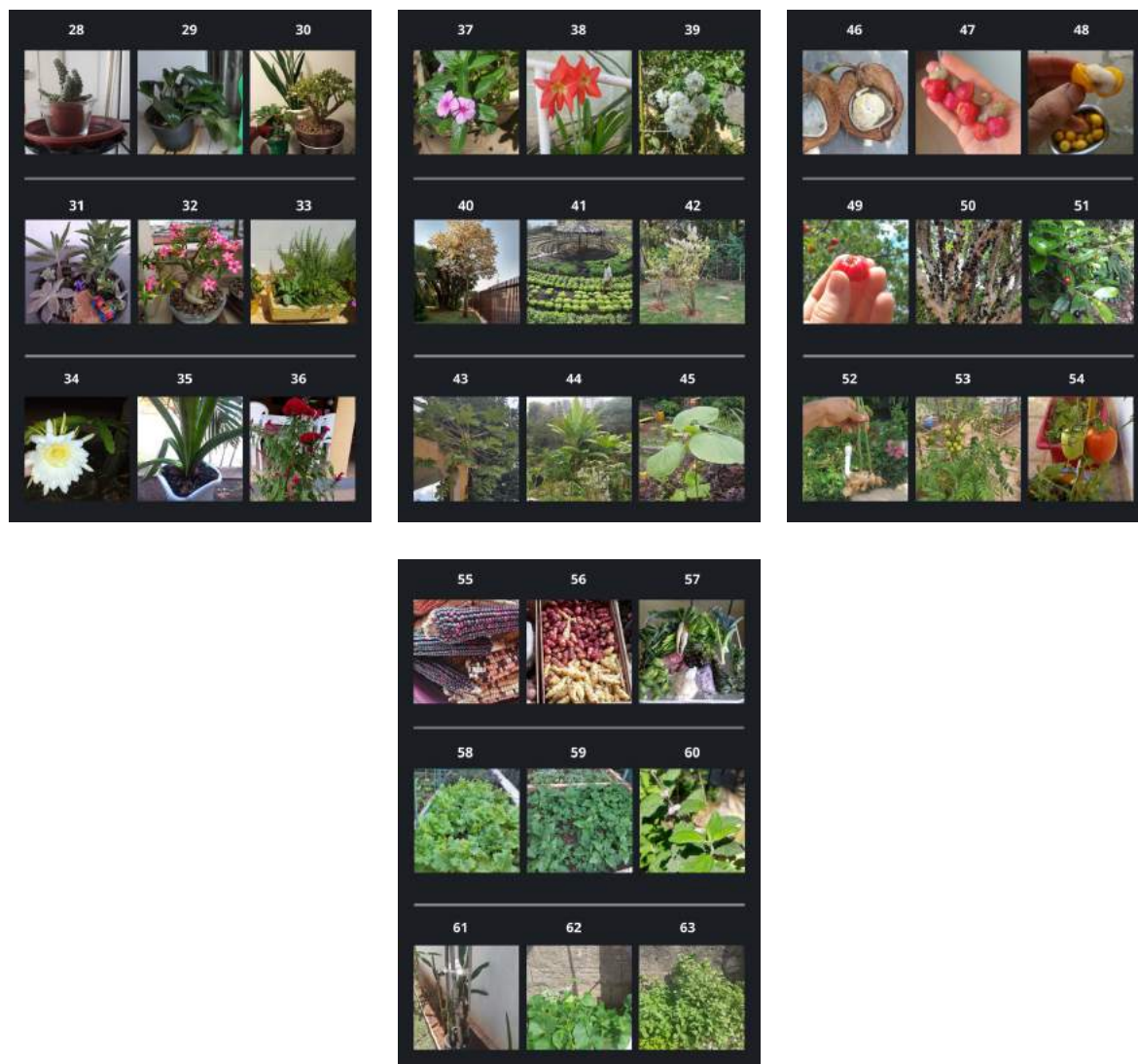


Figura 36. Inventário de espécies do Grupo HorTOCAR. Fotografias: Grupo HorTOCAR. Fonte: Composição do autor.

Optei por trazer as imagens que foram compartilhadas pelo próprio grupo para construção da atividade para resgatar o imaginário multiespécie que fez parte dos encontros. Ao resgatá-las, criou-se uma retrospectiva imagética dos temas abordados durante aquele ano. Essa escolha foi também uma investida contra a tendência atual de fugacidade das imagens compartilhadas nas redes sociais, que são rapidamente "consumidas" e esquecidas. "Na época atual, a brevidade, a prontidão e a instantaneidade da visualização da imagem retratada colocam-na em uma posição banal e corriqueira, ao mesmo tempo em que a imagem é produzida, é visualizada e extinta" (GARROS *et al.*, 2017, p. 591). Ao trazer de volta algumas imagens, resgatou-se a importância do que foi tratado e dos seres ali representados. Esse ato de não-extinção das imagens é uma metáfora simbólica ao

cuidado que precisamos ter para garantir a não-extinção das espécies representadas nelas. Resgatar imagens que já haviam sido esquecidas e juntá-las na atividade final nos fez perceber a riqueza de biodiversidade que perpassou as trocas do grupo, seja por contato direto, seja por estórias. As interpretações das imagens são também mutáveis com o passar do tempo e, dependendo do contexto no qual são visualizadas, criam novas camadas de significados a cada vez que são apresentadas.

Podemos pensar nas maneiras como os significados podem ser investidos em imagens como sendo em camadas, de modo que diferentes significados possam ser investidos nelas ao longo do tempo, construindo e talvez contestando uns aos outros, mas todos permanecem, para o pesquisador, uma parte da biografia cumulativa da imagem como um artefato etnográfico. (PINK, 2013, p. 148-149)

A prática de observação participante nos inspirou a produzir conhecimento junto com as participantes, e não sobre elas. Nesse sentido, a atividade contou com participação de todos na construção do imaginário daquilo que viria a ser a *Colcha de Retalhos Multiespécies* do grupo. Por isso as participantes foram convidadas a escolherem imagens do inventário no qual sentiam alguma afinidade. Em seguida, cada uma comentou o porquê da escolha daquelas imagens. Cada escolha gerava muitos assuntos, inclusive estórias aparentemente fora do contexto. Memórias e imaginações eram evocadas por todo grupo. Neste sentido, as imagens eram *coisas*, pois promoviam diálogos que iam muito além do que estava representado nelas. Eu e a Samira novamente participamos da atividade, escolhendo nossas imagens e reafirmando nosso lugar de participantes do grupo.

Ao final, as imagens escolhidas foram, por participante:

*M.R.F.*: 08, 14, 23, 24, 31, 38, 49, 50

*L.S.B.*: 01, 05, 08, 09, 14, 23, 24, 26, 28, 30, 32, 36, 41

*A.J.P.*: 04, 07, 08, 13, 16, 38 (mais as fotos que ela mandou depois)

*A.S.B.*: 1,7, 10, 19, 21, 22, 32, 38, 58, 61

Renato: 2,3, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 21, 33, 41, 43, 44, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 57

Samira: 3, 10, 18, 24, 27, 32, 47, 50, 58, 61

A atividade gerou entusiasmo nas idosas que quiseram inserir outras fotografias na dinâmica. Decidimos, em grupo, aceitar algumas imagens inéditas, mas com a condição de que elas fossem inseridas posteriormente para compor a *Colcha de Retalhos* e não nesta parte da atividade. A.J.P declarou "*precisamos inserir as abelhas nativas na nossa colcha de retalhos*". Seu comentário me fez lembrar de dois projetos interessantes com abelhas nativas. O primeiro chama-se *Corredor Ecológico das Abelhas*, pelo Instituto Abelha Nativa, em Brasília, que prevê a criação de um corredor ecológico para circulação de abelhas nativas entre o Parque da Cidade e o Parque Nacional de Brasília. Segundo o site do projeto, "as abelhas, para fazerem sua nidificação natural, necessitam de árvores específicas, e estas árvores estão se tornando cada dia mais raras. Pois o bioma cerrado foi praticamente exterminado dentro do Distrito Federal"<sup>181</sup>. Frente à diminuição da população de abelhas nativas no centro-oeste, o projeto atua em três vertentes: a criação e manutenção de um viveiro para plantas nativas do Cerrado e que são benéficas às abelhas; o plantio dessas mudas no corredor previsto; e a reintrodução das abelhas no corredor.

Lembrei-me, também, que durante a pesquisa do Projeto NINHO, me deparei com o trabalho da artista Sarah Bergmann, que criou a obra *Pollinator Pathway*<sup>182</sup> (2007). Nela, o mesmo conceito de plantar um corredor para abelhas nativas foi transformado em uma obra de arte urbana na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. O projeto deu início a um movimento pelo país e a artista lançou *Pollinator Pathway Toolkit*, para que as pessoas pudessem implementar seus próprios corredores de abelhas em seus bairros. Os dois projetos citados transformam gramados da cidade em jardins mais propícios para proliferação das abelhas nativas.

A cada encontro, a colcha ia tomando forma enquanto fertilizava o imaginário do grupo. No terceiro encontro, rearranjam as imagens escolhidas por cada participante criando uma montagem digital representativa da seleção de cada participante. Novamente cada conjunto de imagens ativou memórias e conversações sobre encontros passados do grupo, assim como curiosidades sobre as espécies

---

<sup>181</sup> Disponível em: <https://www.institutoabelhanativa.org/corredor-ecologico-das-abelhas-nati>. Acessado em: 13/11/2021

<sup>182</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRYPfRqhu6E>. Acessado em 2018.

representadas. Podemos citar a cigarra, inseto tão característico do Distrito Federal. Todas especularam sobre quanto tempo as larvas vivem no solo antes de subirem nas árvores e cantarem. Depois de muitas discordâncias, *A.J.P.* finalmente pesquisou na internet e revelou que o tempo variava segundo a espécie de cigarra, podendo ser de quatro até dezesseis anos<sup>183</sup>.

Todas as participantes, no entanto, relataram perceber uma queda da presença delas em Brasília na última década. "Antigamente, era ensurdecedor", comentou *M.R.F.*, referente ao canto do inseto. "Quando estudava no ginásio, o professor não conseguia dar aula, de tão alto que era o canto das cigarras. Hoje se escuta bem menos". *L.S.B.* disse que não ouve mais elas cantarem em sua vizinhança. Ela contou que quando era criança, tinham tantas que era comum brincar com elas. "Nós pegávamos cigarras e amarramos uma linha em seu 'pescoço', depois, segurávamos a outra ponta da linha enquanto o inseto tentava voar". A reinserção de cada imagem no contexto do grupo geraram novas correspondências como, por exemplo, o diálogo sobre as abelhas e a cigarra. Outras espécies que geraram conversações foram o carneiro Bino, a jabuticabeira e a planta jibóia. As flores, como a rosa do deserto, açucena e a violeta, também eram preferidas das idosas.

#### 4.1.2 - CULTIVANDO ESTÓRIAS A PARTIR DA COLCHA DE RETALHOS

Para o quarto encontro, finalmente juntamos as montagens de cada participante em imagem única, com todas as espécies escolhidas. Como uma colcha feita por várias mãos, formamos a *Colcha de Retalhos Multiespécie* do HorTOCAR. Inserimos também as fotografias inéditas que as idosas sugeriram e uma imagem de cada integrante que passou pelo grupo.

A colcha então serviu de base para a imaginação de uma estória sobre formas de habitar que incluíssem aquelas espécies. Pedimos que cada integrante, olhando para a imagem, imaginasse como seria habitar juntamente com essas espécies.

---

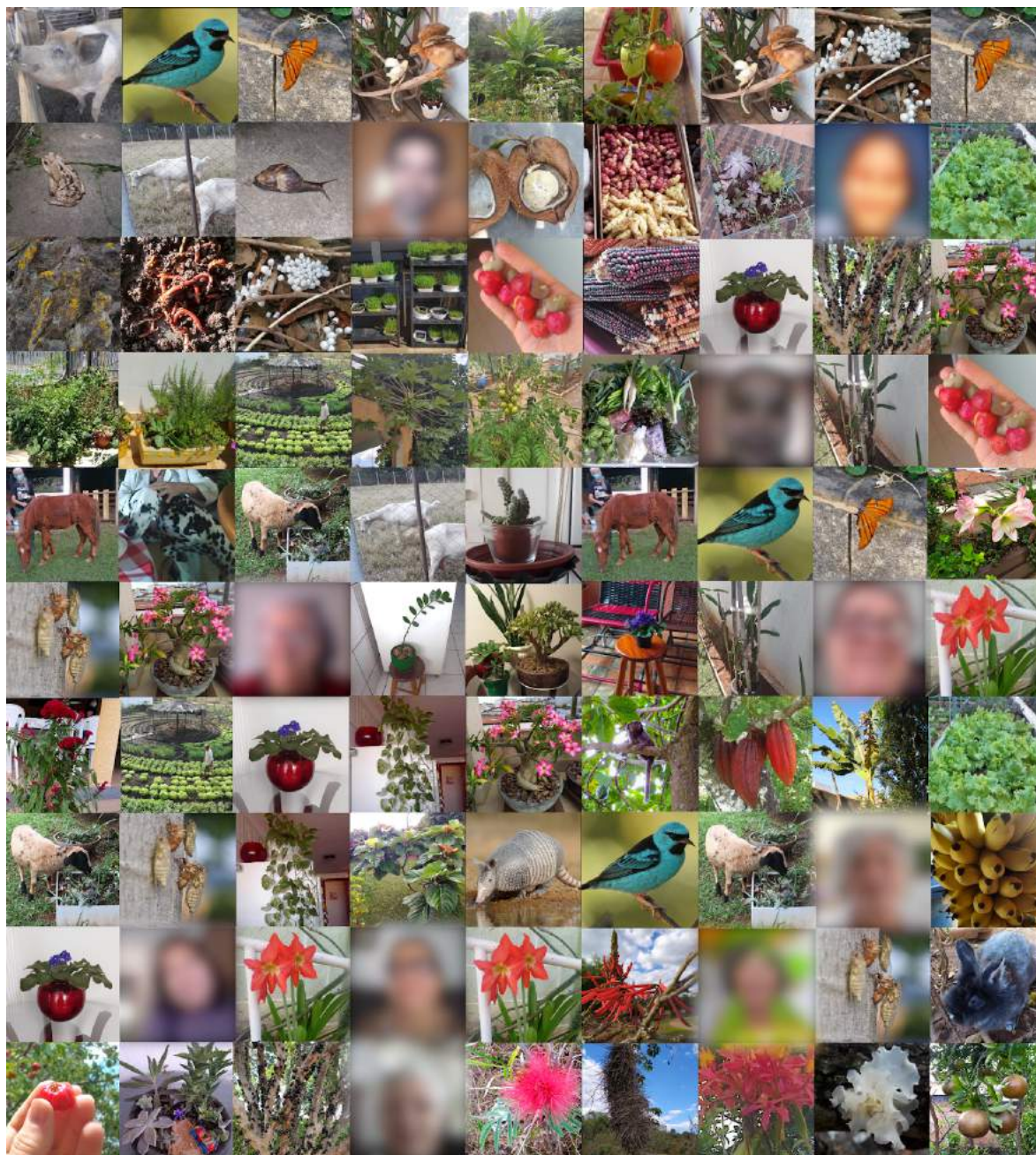
<sup>183</sup>Disponível em:

<https://escolakids.uol.com.br/ciencias/cigarra.htm#:~:text=Dependendo%20da%20esp%C3%A9cie%20de%20cigarra,solo%20e%20sobe%20nas%20%C3%A1rvores>. Acesso em: 27/7/2021

Pedimos que detalhassem os espaços e as trocas que se davam neste habitar. Depois, cada participante foi convidada a criar uma pequena estória ficcional relatando o que imaginara. "Imaginar a partir da observação de uma imagem não seria uma forma de corresponder a ela?" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 72).

O intuito era que, a partir da imagem da *Colcha de Retalhos*, pudéssemos especular sobre lares inclusivos às espécies ali presentes. No entanto, inicialmente as idosas demonstraram dificuldades em imaginar uma estória a partir da imagem. "Eu não tenho essa arte" declarou uma delas. Antecipando que isso pudesse acontecer, eu já havia formulado um cenário especulativo para contextualizar nossa estória e para exemplificar como essa construção ficcional poderia acontecer.





*Figura 37. Colcha de Retalhos Multiespécie do HorTOCAR, 2021. (rostos desfocados para preservar a identidade das participantes) Fonte: Grupo HorTOCAR*

*Nosso cenário é de uma Brasília distópica onde, pelo agravamento da crise política, hídrica e ambiental, as condições de habitabilidade urbanas foram se desfazendo, criando êxodo em massa da cidade. Apenas algumas famílias, que detinham alguma sabedoria sobre soberania alimentar e práticas de resiliência, restaram na região. O entorno do Distrito Federal estava degradado pelas práticas do agronegócio. Por este motivo, as famílias que restaram se juntaram e criaram uma*

*comunidade na cidade abandonada. Elas se engajaram em criar formas de habitabilidade regenerativas da biodiversidade a partir das áreas verdes da cidade que se mostraram potencialmente propícias para tal, por não terem sido degradadas pela agroindústria, como no campo. Essa comunidade trabalhava com um sistema de regeneração através de práticas agroecológicas e agroflorestais. Ela ia ocupando as áreas verdes pouco a pouco, em um sistema de quadras. Cada quadra era uma área que funcionava como um núcleo de regeneração. Nelas, as pessoas trabalhavam juntamente com espécies companheiras para, aos poucos, irem restaurando a biodiversidade. A comunidade colocava sua energia e trabalho em uma quadra de cada vez, e quando as agroflorestas iam se estabelecendo, elas passavam para a seguinte. Assim, pouco a pouco, como na colcha de retalhos, ia se regenerando a malha do novo bioma.*

Pondo em fricção narrativas ficcionais com as experiências vividas, potencializamos a imaginação do próprio habitar como um lugar onde as transformações estão em jogo, pois o habitar é sempre transformação. Como cultivamos habilidades de perceber e de seguir com essas transformações? Como produzir conhecimentos científicos para dar conta delas? Segundo Haraway (2016), esse exercício de cultivar essas habilidades passa por juntar-se àqueles que não a perderam. Fazer alianças, estar junto da terra, fazendo *com*, por isso, precisamos contar outras histórias, outras narrativas, que partam dessas alianças.

Então, a partir desse cenário imaginado, juntamente com a imagem da *Colcha de Retalhos*, as participantes foram se apropriando da contação de história da regeneração da Brasília pós-distópica, que nomeamos de *braxília* (em minúsculo pois ali não era capital), em homenagem à não-brasília imaginada pelo poeta Nicolas Behr (2005, p. 12)<sup>184</sup>.

### *imagine Brasília*

---

<sup>184</sup> Cidade fictícia dos poemas de Nicolas Behr, poeta de Brasília. *Porque Construí Braxília*, 1993. *Braxília Revisitada* v.1, 2004, e v.2, 2005.

*não-capital*  
*não-poder*  
*não-brasília*  
*assim é braxília*

Uma a uma, as integrantes foram se sentindo à vontade para costurar suas estórias junto à da nossa *braxília* ficcional. A seguir transcrevo algumas das falas das idosas que contribuíram coletivamente para a *braxília* imaginada e sua comunidade do composto.

A primeira a falar foi a A.J.P.: *A terra estava totalmente seca, só tinha a pastagem, as cabras iam pastando e aos poucos adubando. Então, os habitantes das quadras foram plantando árvores, como os abacateiros, aí apareceram os micos para comer os abacates e as mangas também. Quanto mais árvores apareciam, mais a umidade voltava, as pastagens ficavam mais verdes. Bom para o Bino, o carneiro, e as cabras. Com os frutos vieram os pássaros também, que os comiam, disseminando suas sementes. Os animais também semeavam e os fungos nasciam nas fezes dos caprinos. As pessoas não caçavam os tatus, só em caso de extrema fome, para que eles pudessem voltar a serem populosos. Com o retorno de algumas árvores, as cigarras voltaram cantando para alegrar os dias antes da chuva. Dos galhos e madeiras caídas vieram os fungos, cogumelos que os decompunham, adubando mais o solo. Os pássaros também construíram suas casas igual os humanos. A terra produzia também os medicamentos para a comunidade, podendo citar o mulungu, usado como calmante. Habitar nesta terra é maravilhoso com tanta coisa linda. Eu não imagino como é que a pessoa joga veneno para matar a vegetação que tem no solo. Está envenenando o solo para depois plantar e comer a comida que ele mesmo envenenou. Os antigos habitantes da terra tinham cuidado e respeito à natureza. Temos que aprender com os animais. As fezes deles servem de adubo, não de veneno.*

Em seguida, escutamos L.S.B., que trouxe sua versão de *braxília*. Segundo ela, as pessoas que iniciaram a recuperação das áreas degradadas começaram com as sementes e mudas trazidas pelos viajantes. Fizeram uma horta comunitária para ter



*alimentos a curto prazo. Outros foram plantando árvores frutíferas, das que dão mais rápido, como o mamão, a bananeira, e o tomate. Cavaram poços para encontrar água. Depois, as famílias foram se separando para cada uma cuidar de uma parte, "do seu quadrado". Quem gostava mais de horta, fazia horta. Quem gostava de jardim, fazia jardim. Eu ia fazer um jardim, com tudo quanto é espécie de planta ornamental, pois eu nunca mexi muito com horta, meu marido que mexia. Ele plantava e eu só colhia e cozinhava. Gosto muito de passarinho e que no meu quadrado quero criar uns em gaiola. Na mesma hora A.J.P. entrevistou dizendo que os passarinhos tinham que ficar livres. L.S.B. se incomodou um pouco com o comentário dizendo que a estória era da quadra dela. Depois refletiu e continuou, Vou criar um papagaio solto então. Umas galinhas também. Eu gostava de mexer com galinhas, colher os ovos, botar para chocar, ver o pintinho sair. No nosso quadrado, teremos um cavalo para transportar os excedentes da comunidade para trocar em outros lugares. Vamos ter uma cadelinha bem mansinha chamada Lady e um curral com cabras também. Na casa plantaremos muitas flores, atraindo assim as borboletas e passarinhos. Vamos plantar um pé de abacate também. Abacateiro não exige muito cuidado e dá fruta demais. Meu quadrado vai ser bem eclético. Gostaria de ter uns pés de jabuticaba também, mas demora demais para frutificar. Já estou numa idade em que não dá para pensar muito em frutíferas. Prefiro plantas que dão rápido.*

Na fala de L.S.B., percebe-se que a noção de propriedade privada foi aos poucos infiltrando sua imaginação do que seriam as quadras comunitárias. Ela imaginou que uma quadra seria o "seu" terreno. Ela disse que nunca teve tempo para cultivar horta, pois teve que se dedicar a cuidar de seus quatro meninos e depois começou a trabalhar fora. Ao final ela disse que seu filho está construindo uma casa com um quarto para ela. Ela disse que ainda sonha em cultivar um jardim lá e falou para o filho que tinha muita pressa, na verdade, pois queria logo realizar esse projeto. "Hoje, nessa idade, não dá para ficar esperando muito as coisas", enfatizou a idosa. Após o encontro, Samira me contou que esse foi um exemplo claro de *projeto de vida*, conceito da Terapia Ocupacional que guiava o projeto TOCAR, pois a idosa, a partir das trocas e correspondências do grupo, se propõe a projetar mudanças na sua vida cotidiana.

A próxima idosa a imaginar a *braxília* foi *M.R.F.* Ao invés de criar parte da estória, como estava sendo proposto, a idosa desabafou sobre o que estava vivendo. Segundo ela, ao nos escutar sonhando cultivar todas aquelas espécies e fazer grandes plantios, disse que já vive esse sonho, mas está cansada do tanto de trabalho que dá para cuidar. Confessou que estava cansada demais de todas as demandas da chácara. Ela estava sem um caseiro e trabalhava o dia todo, além de gastar muito dinheiro para manter a chácara, não conseguia fazer outra coisa. Falou dos seus oito cachorros, das incontáveis plantas para molhar, das galinhas para cuidar, do carneiro Bino, que "apronta", e da horta, que requer cuidados todos os dias. "Quando a gente termina de adubar uma parte, já temos que começar a outra. Não quero envelhecer trabalhando tanto. Preciso muito de um caseiro que seja meu braço direito. Alguém que cuide de tudo para que eu possa descansar", disse ela.

Apesar de desviar do exercício imaginativo, sua perspectiva mais realista desse lugar de quem está na terra foi pertinente à nossa estória. Sua fala mostrou-nos um contraponto, frente às falas romantizadas das outras idosas, de como é o dia-a-dia de quem mexe na terra. No entanto, ao propor novamente que ela imaginasse uma estória de *braxília*, ela só falou que "seu" quadrado precisaria de um caseiro. A fala da idosa também transparecia um senso de propriedade privada. Ela não dissociava ideia da quadra com a de sua chácara onde ela era responsável por tudo. *A.J.P.*, com seu espírito mais comunitário, puxou o assunto, dizendo que queria morar na quadra junto com ela: *"Eu levo as sementes crioulas para começar os plantios. Sou boa em contrabandear sementes. Uma vez passei com sementes dentro do sutiã, quando voltei do Chile para o Brasil"*.

Eu também respondi enfatizando que na comunidade, moraríamos juntos e que todos nós ajudaríamos, para que ninguém precisasse fazer todo o trabalho sozinho. Mesmo após nossa tentativa de imaginar as quadras de *braxília* como sendo comunitárias, *M.R.F.* prosseguiu imaginando que não gostaria de um quadrado para cuidar.

A minha contribuição para o exercício imaginativo, além do cenário inicial, foi criar algumas personagens humanas para estória, pois até agora só havia animais, insetos e plantas. Me inspirei nas idosas para tal. *A.J.P.* seria a *Abuela Viajeira*, que

sempre andava viajando por lugares remotos da América do Sul. Ela gostava de prostrar e por isso coletava conhecimentos com outros povos tradicionais com os quais havia se encontrado pelo caminho. Quando voltava a *braxília*, ela compartilhava esses saberes e as sementes de espécies crioulas com a comunidade. Assim a comunidade ia melhorando suas práticas de regeneração. *M.R.F.* era a *Pastora Chacareira*, que cuidava dos caprinos que iam aos poucos pastando e adubando as áreas de gramados e braquiária, preparando o terreno para a implementação das quadras. Ela e seus carneiros, ovelhas e cabras eram os primeiros a chegarem nos espaços. Seu trabalho era pioneiro. *A.S.B.* era a *Senhorinha das Mudanças*. Ela era responsável pelo viveiro de mudas que eram usadas para o reflorestamento. Já *L.S.B.* era a *Vovó Internauta*. Sempre muito comunicativa, gostava de ficar online participando de encontros com comunidades de outros lugares do mundo para trocar experiências sobre práticas de cuidado, responsabilidade e resiliência, frente às ruínas do Antropoceno. *C.M.L.* era *Dona Curandeira*, uma descendente de quilombolas, conhecedora do poder curativo das plantas e das ervas. Ela era responsável pelo jardim medicinal da comunidade. *N.A.P.* era *Dona Decomposição*, a que cuidava das compostagens com bokashi, minhocas e EMs.

No final do encontro abrimos para quem quisesse complementar nossa estória, postasse um áudio, texto ou imagem no grupo nas próximas semanas. A *Abuela Viajera* então enviou um áudio no grupo de *Whatsapp*. Em suas palavras nos contou:

*A comunidade cresceu e prosperou bastante. Então, com amor e perseverança a terra foi ficando mais fértil. Com o plantio de árvores ressurgiu um veio de água. Ali onde era seco e não tinha nada, a vida brotou. Plantaram laranjas, bananeiras, abacateiros, onde os macaquinhos vinham se distrair. Ali naquela terra tinha vida sim, a terra estava apenas maltratada. Mas as mãos humanas que foram para lá, foram mãos que levaram amor e respeito à terra, então ela devolveu todo o amor e carinho que dedicaram a ela, retornando flores, frutas e animais e, com isso, outras pessoas foram chegando. Chegaram até a plantar cacau, para ver se dava ali. Muitas árvores frutíferas tornavam a braxília melhor. O comércio era a base de*

*trocas. Ali existia amor à terra e uns aos outros. A felicidade começa a partir do amor à mãe terra.*

*Vovó Internauta criou um poema da estória contada:*

*Era uma cidade esquecida.*

*Sem gente, sem verde, sem nada.*

*Até que um dia um homem chegou. Olhou em volta, olhou pro céu, e pensou:*

*Vou fazer aqui minha plantação. Cavou a terra com fé e jogou os primeiros grãos.*

*Encontrou uma mina d'água e pelo chão a água espalhou.*

*Não demorou muito tempo e a semente germinou.*

*Com a notícia da terra boa, outras famílias aqui vieram morar. Trazendo animais e muitas mudas para plantar.*

*Cavalo, porco e galinha. Cabra, coelho e até um carneirinho.*

*Cabra pra dar o leite, galinha pra por os ovos e ajudar na adubação*

*Cavalo pra transportar, era a única condução.*

*Não demorou muito tempo, e tudo se transformou. Árvores frutíferas cresceram.*

*Flores enfeitaram as casas. Pássaros, borboletas e cigarras apareceram.*

*As hortaliças se multiplicaram, virou uma grande plantação, e a comunidade dividia tudo como se fossem irmãos.*

*Tomate, alface, cenoura,*

*repolho, chicória, agrião.*

*Banana, laranja, mamão,*

*Melancia, manga e limão.*

*Chuchu, abóbora, pepino,*

*Couve flor, brócolis e salsão.*

*E muito tempo passou, e a cidade esquecida mudou.*

*Virou uma grande comunidade com população de uma bela cidade.*

O Grupo HorTOCAR teve um último encontro de confraternização após esse. Percebemos que a energia do Grupo já estava se dispersando. Além disso, Samira ia fazer seu estágio e precisava concluir seu TCC, eu precisava escrever esta dissertação. Com a orientação da Profa. Dra. Grasielle, expomos as demandas ao grupo e ficou acordado em encerrarmos as atividades semanais, mas mantivemos o grupo de Whatsapp como um lugar de apoio e trocas, o grupo está ativo até hoje. As amizades continuam, e falo com frequência com a *Abuela Viajeira*, Samira, Gabriela, *Vovó Internauta* e *Postara Chacarera*. *Abuela Viajeira* me presenteou com

um enorme colcha de retalhos que havia feito nos meses que seguiram e fiquei bastante emocionado com seu gesto, principalmente por representar a ferramenta que construímos juntos.

A *Colcha de Retalhos* se apresentou com um protótipo para trabalhar com grupos online. Ela se apresentou aos atores como uma coisa aberta e que se correspondia com os participantes. (PORTELA; NORONHA, 2018). A montagem com as fotografias compartilhadas pelas participantes, além de servir com um inventário multiespécie do HorTOCAR, também cumpriu o papel de catalisadora de especulações sobre futuros possíveis para um habitar multiespécie. Apoiados nas imagens, tornou-se possível imaginar futuros, apesar de inicialmente as idosas se considerarem pouco aptas para tal.

"Dessa forma, imaginar é corresponder ao mundo. Entendendo que todos têm suas estórias, e Ingold inclui não apenas os seres humanos, mas também os materiais, a natureza, as coisas, tudo que compõe o mundo. É neste local de movimento, onde as coisas acontecem, que o designer deve estar atento" (NORONHA; ABOUD; PORTELA, 2020, p. 205, tradução nossa)<sup>185</sup>.

Ao construirmos a Colcha de Retalho e a estória da comunidade de braxília juntos, geramos correspondências que auxiliaram as idosas a imaginarem outros futuros possíveis. Eles também resgataram memórias de experiências de vida junto à t(T)erra. O aspecto ficcional da atividade trouxe à tona a capacidade de imaginar outras formas de habitabilidade para além das que vivemos. A confabulação e a foto-elicitación incitou não apenas estórias ficcionais, mas também projetos de vida futuros para as idosas. A *Colcha de Retalhos* se constituiu como um *dispositivo de conversação* (ANASTASSAKIS; SZANIECKI, 2016 in SMITH et al., 2016). Ele "articula o conceito de dispositivo de Foucault com o de 'conversação' inspirado em Mikhail Bakhtin, como uma construção compartilhada de discursos possíveis que difere da opinião formada por meio da comunicação" (SZANIECKI et al. 2020a, p. 133). *Dispositivo de conversação* são artefatos ou protótipos, desenvolvidos a partir de abordagens transdisciplinares, que servem como disparadores de questões e reflexões. Dispositivos de conversação modelam o espaço ao seu redor, abrindo-o

---

<sup>185</sup> No original: "In this way, imagining is corresponding with the world. Understanding that everyone has their stories, and Ingold includes not just human beings, but also materials, nature, things, everything that makes up the world. It is in this place of movement, where things happen that the designer should be attentive. For Ingold [12], designers can be called dream-catchers."

para que correspondências surjam do diálogo. Nesse sentido, nossa *Colcha de Retalhos Multiespécie* operou como uma *coisa*. As *coisas* concebidas como "parlamentos de fios" (INGOLD, 2007) não têm o caráter de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Em uma palavra, as *coisas* vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. Nestes processos elas incitam que correspondamos com elas, ou seja, elas fazem brotar espaços de correspondência.

"Protótipos, ferramentas, coisas de design e feitas por meio de design mediam diálogos e proporcionam uma aproximação com determinada realidade" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 62). Assim como os protótipos, os fazeres com a terra também se apresentam com dispositivo de conversação. Diego Costa, no vídeo *LaDA Live 3 - "Fazer com: encontros entre design, autonomia e soberania alimentar"*<sup>186</sup>, nos conta que quando estavam pesquisando sobre agricultura urbana junto ao Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM), no Arranjo Local da Penha, eles subiam a favela carregando bandejas de mudas. "Era praticamente impossível andar pela favela com uma bandeja de mudas sem que você pare o tempo todo para falar com as pessoas sobre o que está carregando" (LaDA ESDI, 2020, 26'). Elas estavam sempre gerando conversações. "As mudas possuem uma capacidade quase 'mágica' de atrair olhares, iniciar conversas e despertar sentimentos e lembranças" (Costa *et al.*, 2019, p. 5). Costa continua dizendo que podemos expandir essa ideia para a agricultura urbana e os mutirões de plantios. "Tudo isso são maneiras que temos de acessar as pessoas, entender os desejos delas" (LaDA ESDI, 2020, min 27). "Os dispositivos de conversação são os meios para entrarmos em correspondência. Os protótipos não são feitos para impor um ponto de vista, mas para funcionar de forma transversal, eles instigam, mas não se posicionam, não impõe uma ideia" (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 62).

Os processos nos remetem ao *designing* ao invés do projetar comumente associados ao design. Essa prática de *designing* nos remeteu ao que as coisas poderiam ser em outros tempos e lugares a partir do sua coisificação no presente.

---

<sup>186</sup>Visto em <https://youtu.be/zrT-Ou58blo?t=1563>. Acessado em 10/10/2020

(BINDER et al, 2011) As paisagens emergentes dos contatos com as práticas com a t(T)erra, devem ser consideradas como espaços de design, no sentido de incubarem diálogos e práticas participativas que nos propiciam vislumbrar o que pode ser por meio do exercício do que é. Essas práticas corporificadas e suas particularidades com o espaço e com outras formas de vida certamente tem a capacidade de ferramentar os designers-antropólogos em suas práticas participativas em relação às paisagens urbanas e seu habitar. A participação em tais fazeres no entanto é essencial, pois só assim se poderá experimentar as particularidades dos lugares de das correspondências multiespécies. "Argumentamos que, assim como o objeto de design só pode ser experimentado por meio do que é constituído pelas coisas, a paisagem imaginada só pode se manifestar por meio da particularidade dos lugares." (*Ibidem*, p.132, tradução nossa)

187

Essa atividade com as idosas nos inspirou a seguir com a improvisação de especular sobre o habitar na comunidade de *braxília*. Partindo dos retalhos de nossa colcha e unindo-os às linhas do HorTOCAR e do NINHO, alonguei a malha em direção a outros futuros. O exercício ficcional proposto aqui não é uma invenção arbitrária de uma estória, e sim uma forma de ficar com o *problema* através da especulação de futuros possíveis que partam de um habitar multiespécie. Para tal especulação, no entanto, é preciso encontrar inspirações em práticas e métodos para além do campo do design. As experiências vividas nos estudos de caso, ao serem combinadas e apoiadas pelas reflexões teóricas, podem servir como material para formulação de uma estória ficcional sobre um habitar que regenere a vida a partir das ruínas. Criar uma estória nos permite imaginar combinações possíveis de emaranhamentos multiespécie sem cair nas armadilhas impostas por um projetar. Essa escrita criativa nos permite dar luz a combinações e colaborações inesperadas, apontando para futuros que lidem com a distopia devastadora anunciada pela chegada do Antropoceno.

Essa atividade passa a ganhar repertório com outros modos de pensamento e de escrita. No resto deste capítulo, ponho em prática uma contação de estória ficcional

---

<sup>187</sup> No original: We will argue that just as the object of design can only be experienced through what is constituted by things, the landscape imagined can only be manifested through the particularity of places.

como método para imaginar futuros alternativos. Como a abordagem metodológica fundi design e antropologia, encontrei nos dois campos práticas que lançam mão de ferramentas imaginativas ficcionais para embasar debates sobre possibilidades de futuros alternativos.

## 4.2 - ESPECULANDO HUMUSIDADES

A escrita acadêmica não tem dado mais conta de pensar os problemas do nosso tempo. De acordo com Haraway (2016) e Anastassakis (2020), precisamos cultivar outros modos de escrever e pensar para poder dar conta das questões emergentes no Antropoceno.

A produção de escrita ficcional também vem sendo explorada como um método possível na antropologia. Segundo Anastassakis (2020), dentro da antropologia, já se experimentam práticas de escrita e ensino que debatem as limitações e potencialidades de relacionar o real com a ficção. "A imaginação de futuros alternativos é uma das questões fundamentais em meio ao campo do design. Porém, nos últimos anos, também na antropologia, o debate sobre possíveis abordagens antropológicas em relação ao futuro vem ganhando lugar" (p. 12). Estas escritas ficcionais, conhecidas como *fabulações especulativas*, "podem ser definidas como a produção de ficções antropológicas suficientemente vívidas e intensas para abrir espaço para a imaginação de futuros transformativos, que sejam capazes de intervir de modo transformador na realidade" (*Idem*).

Assim como Anastassakis, Stuart Mclean, em *Fictionalizing Anthropology* (2017), apresenta os ensaios ficcionais como um caminho de pesquisa possível para os tempos atuais. Para o autor, não parece absurdo pensarmos a ficcionalização da realidade como construção de pensamento científico nos tempos em que vivemos. Segundo o autor, cabe à antropologia pensar sobre a possibilidade de um mundo onde um grande número das espécies que conhecemos desapareça, inclusive os seres humanos.



No entanto, o que pretendo aqui é imaginar um estória onde os humanos cocriam condições de habitabilidade juntamente com outras espécies a partir das ruínas do Antropoceno (TSING, 2016). As estórias de regeneração por práticas agroecológicas nos servem de base para a especular formas de habitabilidade possíveis que nos ajudem a imaginar outros futuros. Partindo das experiências dos fazeres com a terra no projeto NINHO e no Grupo HorTOCAR, e correspondendo com *responsa-habilidade* aos seres que coabitaram conosco, pude especular outros futuros onde essas correspondências sejam evidenciadas. "As fabulações especulativas podem ser cultivadas por meio de experimentações de correspondência e observação participante, em que aqueles que observam atuam com responsabilidade e engajamento" (ANASTASSAKIS, 2020. p. 14).

Em seu exercício de fabulação especulativa em *Estórias de Camille*, Haraway (2016) propõe-se a imaginar as comunidades do composto. Estas surgem da tentativa de encarar o problema de como garantir a continuidade (*ongoiness*) das multiespécies a partir de uma terra danificada. Elas nascem como uma resposta à necessidade de regeneração dos sistemas degradados pelas atividades produtivas do *Capitaloceno*. Os seres que compõem essas comunidades são chamados de *humusidades*, ou seja, vindos do húmus, do composto. Segundo Haraway, a proposta de *humusidade* veio de uma conversa com seu companheiro Rusten Hogness, que "sugeriu que o composto era melhor para pensar os seres humanos do que pós-humano(ismo)"<sup>188</sup> com que Haraway trabalhava até então. "Filosófica e materialmente, sou uma *compostista*, não uma pós-humanista" (p. 35). Assim, a *humusidade* era uma ideia interessante ao invés da Humanidade (com H maiúsculo) antropocêntrica (*Ibidem*). Segundo Haraway, o humano, como o húmus, tem potencial de lidar com as questões referentes à intrusão de Gaia. Segundo ela, precisamos escapar até mesmo do conceito de Antropoceno, pois este conceito também coloca o Homem no centro das questões. Partindo da ideia de *humusidades*, ela propõe uma era alternativa aos "cenos" vigentes, o que chama de *Chthulucene*. Para ela "é um composto de duas palavras gregas (khthôn e kainos) que juntas nomeiam um tipo de tempo-espço para aprender a ficar com o problema

---

<sup>188</sup> Em inglês acontece um jogo de palavras entre *compost* e *post-human*.

de viver e morrer na resposta-habilidade em um planeta danificado"<sup>189</sup> (*Ibidem*, p. 5). Os compostos são abertos e indefinidos e produzem mundos no *Chthulucene*.

Entre tantos subcampos do design, foi justamente nas pesquisas do LADA, laboratório de design e antropologia da ESDI que descobri também sobre o design micelial (BIZ et al., 2018). Esta forma de fazer design se apresenta como um caminho possível para "especulação sobre a possibilidade de um design em conjunto com todas as formas de vida". (*Ibidem*, 2018, p.6). No artigo *Design micelial: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI/UERJ*, os autores propõem um modelo para o design que seja baseado no micélio, "a parte vegetativa dos fungos. A representação metafórica de um emaranhado de vida simbiótica a partir do micélio é uma espécie de 'atualização' (INGOLD, 2012) da imagem do rizoma proposto por Deleuze e Guattari (2004)." (*Ibidem*). O próprio Ingold declara que pessoalmente ele prefere a imagem do micélio ao invés do rizoma para pensar a malha. O micélio mantém o caráter descentralizado do rizoma, mas enfatiza a simbiose com seres de outros reinos. Seus filamentos se emaranham em simbioses com as raízes das plantas, bactérias e outros fungos. Ao trocar o rizoma, característico dos gramados, por micorrizas, característico dos solos florestais, o design micelial certamente atualiza as linhas de nosso pensamento referentes a um design para as *humusidades* surgido das correspondências multiespécie. Biz et al nos contam histórias que inspiram práticas de design como miceliais e elas certamente nos inspiram a sermos mais húmus.

Identifiquei-me com Haraway nesse lugar de *compostista*. Gosto dessa ideia de humano como húmus. Quem sabe encontramos aí uma forma de sermos próximos das minhocas<sup>190</sup>? Ao decompor as coisas e lugares podemos reorganizá-los de modo a gerar mais vida. Inspirados na ideia de ficar com os problemas, de Haraway, me propus a imaginar como pode ser esse habitar a partir da ideia de *humusidades*. Quis imaginar braxília como uma comunidade do composto, uma paisagem

---

<sup>189</sup> No original: "It is a compound of two Greek roots (kthôn and kainos) that together name a kind of timeplace for learning to stay with the trouble of living and dying in response-ability on a damaged earth."

<sup>190</sup> Referência a uma cena do documentário produzido pelo autor, *Horta de Saavedra: o caos criador*. Buenos Aires, Argentina 2015.

multiespécie a partir das ruínas. Anna Tsing apela que precisamos pensar essas paisagens, e confessa que não sabe muito bem como realizar tal façanha.

Eu ainda estou numa fase de incertezas, e preciso de suas sugestões sobre como tornar as façanhas da paisagem mais convincentes. Mas este é o novo animismo de que precisamos — não limitado a animais singulares, em seus paralelos com os humanos, mas distribuído entre paisagens de habitabilidade. (TSING, 2019, p.116)

Logo, engajei-me nesse exercício literário de criar uma estória ficcional. Inspirados na fábula especulativa das Estórias de Camille, de Donna Haraway (2016), a Confabulação dos Cupins na Universidade, de Zoy Anastassakis (2020), e os Contos dos Microorganismos, de Ana Primavesi (2016a), uni as estórias das idosas sobre a *Colcha de Retalhos* com as correspondências mostradas nos capítulos anteriores para criar um conto especulativo sobre formas de habitar que regeneram a biodiversidade a partir das ruínas. O conto especulativo, assim como na fabulação especulativa de Haraway (*Idem*), é um caminho possível para a feitura de mundos a partir de outros elementos que não os tradicionalmente conhecidos pela Ciência (com "C" maiúsculo). Escrever um conto nos permitirá criar personagens humanos e não-humanos, evidenciando suas correspondências. "Nessas ficções, há grande liberdade de narrativa, e todos os nomes, datas, ilustrações e eventos citados são hipotéticos e facultativos" (DE LA HOUSSAYE, 2021, p. 52, tradução nossa)<sup>191</sup>. Plantas, artistas, minhocas, bactérias, fungos, animais de estimação e selvagens, idosos, acadêmicos, terapeutas ocupacionais, todos nos juntamos nessa estória sobre um possível habitar. Haraway (2016) ainda ressalta que contar estórias sobre formas de vida e mundos mais habitáveis à multiespécie é, em si, uma forma de ficarmos com o problema.

Stengers e Debaise (2017) nos relembra da etimologia da palavra especulador: "O especulador é aquele que observa, olha, cultiva os sinais de uma mudança na situação, abrindo-se para o que, nesta situação, possa ser importante" (p. 18,

---

<sup>191</sup> No original: "In those fictions, there is great freedom of narrative, and all names, dates, illustrations, and events cited are hypothetical and facultative. The main objective is to conjecture, to jointly launch series of ideas capable of raising alternative possibilities for everyday facts, to ask in the narrated situations the question 'what if?'"

tradução nossa)<sup>192</sup>. Nos parece um caminho possível para os praticantes do DA, o de especular futuros possíveis e ser contador dessas histórias. A filósofa nos convida a empreender tais exercícios de especular esses mundos. "Talvez essa vida em ruínas exija o casamento, aparentemente antinatural, do especulativo, aberto à insistência do possível, e do pragmático, como a arte da capacidade de responsabilidade" (p. 10, tradução nossa)<sup>193</sup>. Elas nos inspiram a construir conhecimento pelo especular, pois devemos nos manter abertos ao possível e não apenas ao provável. Ela explica:

O que precisamos ativar hoje é um pensamento que se comprometa com um possível, por meio da resistência ao provável — lutando contra qualquer interpretação que subscreva a natureza irresistível do capitalismo ilimitado como se esse fosse nosso destino imutável, o mesmo o canal que transmite a mensagem de progresso e emancipação, quando na verdade denota a desertificação de nossos mundos e nossa incapacidade de pensar que aquilo com que nos importamos pode ter um futuro. (STENGERS; DEBAISE, 2017, p. 18)<sup>194</sup>

O exercício de especular, para a autora, requer um certo apego a um mundo que rapidamente desaparece, precisamos persistir em devires possíveis, agarrar-se às possíveis e diferentes formas de ser implícitas nas situações. "Tornar importante uma situação, passada ou presente, significa intensificar o sentido dos possíveis que a abrigam, expresso pelas lutas e reivindicações de outra forma de fazê-la existir" (*Idem*, p. 7, tradução nossa)<sup>195</sup>. Nesse sentido, devemos ser especuladores de outros mundos que fiquem com o problema, mas que adiem o fim do mundo. Especular é abrir espaço para outros futuros, quem sabe um futuro mais ancestral. Assim como Krenak, não me interessa o Futuro (F maiúsculo) da Humanidade (H maiúsculo e singular). Para o autor, o futuro que lhe interessa é um futuro ancestral,

---

<sup>192</sup> No original: "Perhaps we should recall at this point that etymologically the speculator was the one who observes, watches, cultivates the signs of a change in the situation, opening themselves to what, in this situation, might be of importance."

<sup>193</sup> No original: "Perhaps this life in the ruins calls for the apparent unnatural marriage of the speculative, open to the insistence of the possibles, and of the pragmatic, as the art of response-ability."

<sup>194</sup> No original: "What we need to activate today is a thinking that commits to a possible, by means of resisting the probable—fighting any interpretation subscribing to the irresistible nature of unbounded capitalism as if that were our immutable destiny, even the conduit conveying the message of progress and emancipation, whereas in fact it denotes the desertification of our worlds and our inability to think that what we care about might have a future."

<sup>195</sup> No original: "Making a situation, past or present, be of importance, means intensifying the sense of possibles it harbours, as expressed by the struggles and claims to another way of making it exist. This is why speculative thinking is so readily found in stories and tales, which, like science fiction, explore other possible trajectories."

onde outras possibilidades de vida, para além da hegemônica Humanidade, possam coexistir (O MUNDO, 2021)<sup>196</sup>.

Ao criar um conto especulativo como uma prática de design, proponho uma trajetórias alternativas para o campo e sua relação com a construção de futuros (*future-making*) que lidem de forma mais adequada com as exigências emergentes no agora e nos tempos vindouros. Assim como no design ficcional, quero pensar sobre outros mundos possíveis, imaginá-los, torná-los mais tangíveis para discutir sobre eles, expandir o debate, melhorar as perguntas, mas a intenção não perpassa por projetar tais mundos. “As ideias são lançadas juntas, sobrepondo-se ao mesmo tempo e oscilando entre o presente, o passado e o futuro. O objetivo não é a ação em si, mas o debate, a reflexão” (DE LA HOUSSAYE, 2021, p. 53 tradução nossa)<sup>197</sup>. Por isso, enfatizo que essas práticas de design são processuais e não projetuais. “O objetivo principal é conjecturar, lançar em conjunto uma série de ideias capazes de levantar possibilidades alternativas para os fatos do cotidiano, fazer nas situações narradas a pergunta ‘e se?’” (*Idem*, p. 52)<sup>198</sup>. E se formularmos nossa maneira de habitar o mundo a partir das possibilidades de assembléias multiespécies? (TSING, 2019).

#### 4.2.1 - ESTÓRIA DAS COMUNIDADES DO COMPOSTO

As comunidades de composto são vindas das Estórias de Camille, o cenário da fabulação especulativa que Donna Haraway forja no último capítulo de *Staying with the Trouble* (2016). Estórias de Camille nasce de uma oficina de redação, e parte do colóquio de Isabelle Stengers sobre *gestes spéculatifs*, em que Haraway tomou parte em Cerisy, França, 2013. A autora, junto com um grupo composto pelo cineasta Fabrizio Terranova e a filósofa, psicóloga e etóloga Vinciane Despret, foram

<sup>196</sup> Fala de Ailton Krenak no vídeo “O mundo pós pandemia que queremos construir com Ailton Krenak”. Disponível em: <https://youtu.be/Z0QKeEV3Kh4>. Acessado em 20/06/2021.

<sup>197</sup> No original: “Ideas are thrown together, overlapping at the same time and fluctuating between present, past and future. The purpose is not the action itself, but the debate, the reflection.”

<sup>198</sup> No original: “In those fictions, there is great freedom of narrative, and all names, dates, illustrations, and events cited are hypothetical and facultative. The main objective is to conjecture, to jointly launch a series of ideas capable of raising alternative possibilities for everyday facts, to ask in the narrated situations the question ‘what if?’”

instigados a fabular sobre um bebê e suas cinco gerações humanas seguintes. O bebê, o qual deram vidas, foi Camille.

Camille surge no momento em que, em todo o planeta, aparecem numerosas comunidades de pessoas que se sentiram na responsabilidade de migrar para lugares em ruínas e trabalhar juntos, em multiespécies, para regenerar esses lugares, construindo novas teias em direção a mundos mais habitáveis. Segundo a autora, essas comunidades surgem inspiradas em longas histórias de resistência e formas de viver generativas, até mesmo nas piores circunstâncias, como é o caso de algumas das nossas comunidades indígenas e quilombolas. Os Filhos do Composto, cansados de esperar por soluções externas unem-se em pequenas comunidades migrantes, como a de Camille, para remodelar a vida na terra, partindo do problema das descontinuidades mortais do Antropoceno, *Capitaloceno* e *Plantationoceno*. Ela segue descrevendo que:

Em ondas e pulsos transformadores do sistema, diversos povos indígenas e todos os tipos de mulheres, homens e crianças trabalhadores — que há muito haviam sido submetidos a condições devastadoras de extração e produção em suas terras, águas, casas e viagens — inovaram e fortaleceram coalizões para reformular as condições de vida e morte para permitir o florescimento no presente e nos tempos que virão. (*Idem*, p. 46)<sup>199</sup>

Na história de Haraway, os Filhos do Composto não migram para as "novas" terras para começar do zero. Eles sabiam que não podiam se iludir assim, eles tinham que brotar de dentro do problema. Então eles começam a criar diversos assentamentos ao redor da Terra e vivem a partir de algumas práticas simples e transformadoras. A primeira delas era desestimular as pessoas a terem filhos como prática de redução da população humana, que estava prevista chegar aos alarmantes 11 bilhões até o final do século 21. No entanto, como contraponto, os Filhos do Composto eram estimulados a criarem formas inovadoras de fazer parentescos, o que Haraway chama de parentescos estranhos. "As práticas que os ligavam cresceram a partir da sensação de que a cura e a permanência em lugares arruinados requer fazer

---

<sup>199</sup> No original: "In system-changing simultaneous waves and pulses, diverse indigenous peoples and all sorts of other laboring women, men, and children—who had been long subjected to devastating conditions of extraction and production in their lands, waters, homes, and travels—innovated and strengthened coalitions to recraft conditions of living and dying to enable flourishing in the present and in times to come."

parentescos de maneiras inovadoras" (*Idem*)<sup>200</sup>. Indo muito além do tradicional núcleo pai, mãe, filho e a família de sangue, nas Comunidades do Composto as crianças tinham muitas vezes mais de dois pais. Algumas das poucas crianças que nasciam na comunidade, se fosse escolha dos pais, podiam ser geneticamente modificadas para tornar-se uma simbiote com algum outro ser ameaçado de extinção, estendendo os parentescos às relações interespecíficas. A essas crianças era designado o papel de viver e trabalhar em prol da continuidade da sua espécie simbiótica pelas cinco gerações seguintes. Assim, dando início a uma relação multiespécie de cuidado para criar formas de vida que existam com *responsa-habilidade* para com aqueles seres. Camille era uma dessas crianças, uma simbiote com as borboletas monarcas migratórias que iam desde o Canadá até o México, e estavam ameaçadas por diversos desafios nessa trajetória. Na comunidade de Camille, que se assentou na Virgínia do Oeste, nos Estados Unidos, nas Montanhas Appalachian, região devastada pela mineração de carvão, coube a Camille 1 e suas outras quatro gerações seguintes, tentar estabelecer e manter um corredor migratório habitável para continuidade das borboletas monarcas.

As Camilles sabiam que o trabalho poderia falhar a qualquer momento. Os perigos continuaram intensos. Como um legado de séculos de exploração econômica, cultural e ecológica de pessoas e outros seres, extinções e extermínios em excesso continuaram a perseguir a terra. Mesmo assim, manter com sucesso os espaços abertos para outras criaturas e seu povo comprometido também floresceu, e parcerias multiespécies de muitos tipos contribuíram para a construção de uma terra habitável em tempos difíceis. (*Idem*, p. 48)<sup>201</sup>

A estória de Haraway se desenrola em contar como foi a vida das cinco Camilles simbiontes das monarcas e seus desafios de manter as condições de vida para ambas as espécies. A autora convida os leitores a continuarem as histórias de Camille, expandindo-a em um trabalho contínuo de especular sobre mundos possíveis. "As histórias de Camille são um convite para participar de um gênero de ficção empenhada em fortalecer maneiras de propor futuros próximos, futuros

---

<sup>200</sup> No original: "The linking practices grew from the sense that healing and ongoingness in ruined places requires making kin in innovative ways."

<sup>201</sup> No original: "The Camilles knew the work could fail at any time. The dangers remained intense. As a legacy of centuries of economic, cultural, and ecological exploitation both of people and other beings, excess extinctions and exterminations continued to stalk the earth. Still, successfully holding open space for other critters and their committed people also flourished, and multispecies partnerships of many kinds contributed to building a habitable earth in sustained troubled times."

possíveis e agora implausíveis, mas reais" (HARAWAY, 2016, p. 46, tradução nossa)<sup>202</sup>.

Haraway faz um apelo para que as "Estórias de Camille sejam um projeto piloto, um modelo, um objeto de trabalho e brincadeira, para compor projetos coletivos, não apenas na imaginação, mas também na escrita efetivamente de histórias." (*Idem*)<sup>203</sup> Outras versões, dos outros autores, e dos leitores que decidiram também fabular sobre os Filhos do Composto, ainda se proliferam em vários suportes. Uma de suas sementes, graças ao grupo de estudo *humusidades*, caiu no solo de nosso conto de braxília.

Atendendo ao apelo da autora e me propus a pensar como seria o habitar numa comunidade de composto, mas trazendo o olhar a uma comunidade aqui, na América Latina, mais especificamente no Centro-Oeste brasileiro, onde a maior parte de nossa pesquisa aconteceu. A especulação ficcional, então, foi o método escolhido para testar a hipótese de que os fazeres com a terra podem ser ferramentas investigativas capazes de auxiliar práticas do *Design Anthropology* na imaginação de futuros multiespécies.

Os *compostistas* de nosso conto, trabalhando juntamente com espécies não-humanas, criam pequenas paisagens simbiotes que eles chamam de Quadras, e nos quais tornam-se assembleias multiespécie. Nossa imaginação parte do lugar que chamamos de lar, para especular sobre o habitar das *humusidades*. Assim apresento agora a estória dos *compostistas* de braxília.

---

<sup>202</sup> No original: ""The Camille Stories are invitations to participate in a kind of genre fiction committed to strengthening ways to propose near futures, possible futures, and implausible but real nows. Every Camille Story that I write will make terrible political and ecological mistakes; and every story asks readers to practice generous suspicion by joining in the fray of inventing a bumptious crop of Children of Compost."

<sup>203</sup> No original: "The Children of Compost want the Camille Stories to be a pilot project, a model, a work and play object, for composing collective projects, not just in the imagination but also in actual story writing. And on and under the ground"



#### 4.2.2 - BRAXÍLIA, UMA COMUNIDADE DO COMPOSTO DO CERRADO

Esta é a estória de braxília, uma comunidade do composto no centro da América do Sul, num futuro não muito distante. Ela surge a partir das ruínas do Distrito Federal brasileiro, onde todo seu entorno foi devastado pelo agronegócio de soja, milho e gado, desertificando grandes áreas. O verde que sobrou provia de pastos descampados. A região, como muitas outras no mundo na década de 2020, sofreu períodos de estiagens severas, consequentes do crescimento desenfreado da infraestrutura do agronegócio, que se agravavam ano a ano por grandes queimadas. Esses verdadeiros desastres ambientais, vieram a somar a situação já bastante difícil de anos de enfrentamento da Pandemia do Coronavírus e as crises políticas que se seguiram. A pandemia, que começou em 2020, travou uma corrida constante entre as vacinas desenvolvidas e as mutações aceleradas do vírus, as novas cepas<sup>204</sup>. O Feral que entrou para história, afetou a vida dos humanos em todo o planeta. O ritmo de resposta governamental lenta frente à crise sanitária piorava a situação a cada nova onda. Na metade da década, após a sétima grande onda de novos casos, algumas cidades, como Brasília, adotaram medidas de isolamento social e geográfico total, restringindo o trânsito de pessoas e mercadorias com outras cidades. Essa medida drástica veio seguida de uma das piores secas já registradas.

O abastecimento de água, que já vinha passando por racionamentos cada vez mais severos a cada ano, entrou em colapso em

2028. Ele foi seguido por um colapso de abastecimento alimentar. A falta d'água afetou as safras e a alta desenfreada do preço dos combustíveis faliu os caminhoneiros, afetando as redes de distribuições, que entraram em colapso em várias regiões do Brasil naquele ano. Com a água e comida escassas, a população do DF adota uma desobediência cívica em massa e as pessoas começam a migrar para outras cidades em busca de sobrevivência. Houve retaliação por parte das autoridades, o que agravou o cenário de caos social. A violência agregada à escassez de água e comida e o alto índice de contaminação pelo vírus foram suficientes para que o sistema social e urbano da cidade de Brasília entrasse em colapso. No início da década de 2030, setenta anos após sua fundação, a sonhada capital do país foi abandonada por seus funcionários públicos. O resto da população marchou em êxodo. Mas nada é absoluto, uma parte das pessoas que já viviam à margem do antigo sistema social, não tinham para onde ir. Muitos padeceram de fome, sede, doenças e da violência consequente do caos. Algumas poucas comunidades marginalizadas de áreas remotas do DF resistiram na região. Elas viviam de forma quase autônoma, pois cultivavam práticas de resiliência e soberania alimentar que as permitiram sobreviver àquele período. Entre elas, algumas praticavam a agroecologia e conseguiram conservar pequenos retalhos (*patches*) de mata com minas d'água, garantindo assim sua sobrevivência e preservando seus conhecimentos. O movimento agroflorestal do início do século havia implantado algumas agroflorestas na região que ajudavam a

---

<sup>204</sup> Cepas é o nome dado às diversidades genéticas dos vírus, inclusive o Covid-19.

alimentar os pouco mais de 600 habitantes que ali restaram.

Após uma década, a capital e seu entorno estavam em ruínas. Estas eram ocasionalmente visitadas por andarilhos que se alojavam ali. Na antiga Brasília, muitos espaços verdes da cidade acabaram tornando-se refúgio para algumas espécies que haviam sobrevivido às grandes secas. Os andarilhos, percebendo isso, comentavam sobre o local em suas viagens. Os filhos do composto<sup>205</sup> de outras regiões das Américas, que às vezes procuravam lugares propícios à regeneração para estabelecerem novas comunidades, ouviram falar da antiga Brasília e seus moradores resilientes. Logo ao chegarem na região, os viajantes tiveram contato com uma comunidade agroecológica remanescente. Resolveram ficar um tempo com eles para aprenderem suas práticas de resiliência e trocaram saberes. Foi então que se deram conta que aquele lugar já havia sido um bioma exuberante, conhecido como Cerrado, há não tanto tempo. Aprenderam, com as comunidades tradicionais, que a região já havia sido abundante em água e com a regeneração da vegetação, poderiam trazer aos poucos as chuvas e a água no solo, enchendo a intrínseca rede de mananciais e lençóis freáticos.

Após algumas idas às ruínas da antiga capital, os filhos do composto, junto aos locais, foram se dando conta que ali, na antiga cidade, havia um potencial regenerativo. Contra o senso comum, o solo da cidade estava mais propício à recuperação do que na área rural, onde estava degradado e contaminado.

A cidade não havia sido anualmente bombardeada com glifosato e outros agroquímicos, como no entorno, onde as

terras envenenadas com agrotóxicos minavam o retorno da biodiversidade. Também na cidade haviam surgido algumas ilhas de matas e bosques nos parques e áreas verdes. As poucas abelhas nativas e exóticas que sobreviveram, estavam na cidade, pois não tinham contato com os venenos do campo e podiam encontrar floradas. E apesar de três quartos do Parque Nacional de Brasília terem sido degradados com as grandes queimadas, no quarto que sobrou ainda havia algumas espécies nativas de fauna e flora.

Alguns anos após o grande êxodo, um grupo dos locais se mudou para a antiga cidade, formando uma pequena comunidade que habitava aquelas ruínas. Em um campo aberto entre as antigas Superquadras 206/207 Norte, havia restado uma pequena agrofloresta remanescente da agricultura urbana na capital. Algumas, árvores e um sistema de captação de água da chuva, implementado para irrigar a agrofloresta na época da seca, encontrava-se escondido em meio a mata e era conhecido por alguns poucos andarilhos. Por causa das condições propícias, havia se instalado ali uma pequena comunidade agrofloresteira. Os filhos do composto viajantes passaram uma temporada junto a esta comunidade para trocaram conhecimentos com os locais. Eles perceberam que as comunidades agroecológicas locais já haviam começado a grande tarefa de regeneração a partir das ruínas da capital. Então lhes contaram sobre as humidades e comunidades de composto que surgiam pelo mundo. Os locais convidam os filhos do composto para, juntos, fundarem oficialmente, nas ruínas de Brasília, braxília, a comunidade do composto do centro da América do Sul.

Primeiramente, decidiram expandir a agrofloresta para toda aquela Quadra. Os locais aprendiam com os viajantes e vice-versa, assim combinavam saberes que

---

<sup>205</sup> Seres das comunidades do composto de Donna Haraway.

pouco a pouco iam transformando aquele descampado em florestas novamente. Primeiro era preciso lidar com o capim invasor e o solo degradado. Os compostistas improvisaram cercados móveis modulares a partir das coisas encontradas nas ruínas. Estes serviam de capril para manejar três cabras e o carneiro Bino que haviam ganhado de presente das comunidades do entorno. Não havia mamíferos de grande porte, como gado, na região, pois eles haviam sido geneticamente tão modificados, que não conseguiram sobreviver sem o cuidado humano por muito tempo... os que restaram morreram na grande seca. Também não houve interesse dos compostistas de Brasília de tentar reintroduzi-los em suas comunidades por entenderem que eles eram mais danosos às paisagens que se estavam querendo regenerar do que benéficos ao sistema. Então fizeram parentescos com os caprinos. As cabras e bodes eram os animais criados pelos locais, por sua grande resistência à seca e pouca exigência alimentar.

O capim braquiária tinha tomado conta das Quadras, ocupando o lugar dos antigos gramados. Para lidarem com esse feral, os compostistas manejavam o capril móvel colocado-o sobre pequenas áreas de capins. Com o tempo, os animais pastavam toda a braquiária da áreas e iam adubando o solo com seu esterco. As cabras também absorviam o lixo orgânico da comunidade. Assim que uma área estava limpa e adubada, moviam a cerca com os animais para área ao lado, onde recomeçavam todo o processo.

Parte do esterco era coletado para feitura de biofertilizantes. Em antigas caixas d'água, fabricavam o líquido com os Micro Organismos Eficientes (EMs) que haviam sido coletados com iscas nas matas do antigo Parque Nacional. À medida em que se multiplicavam, eram reintroduzidos nos solos das áreas já preparadas pelos animais. Assim,

aos poucos, recuperaram a microbiota do solo. Uma parte do lixo orgânico era compostado através da vermicompostagem com minhocas que conseguiram na antiga agrofloresta. Elas iam se proliferando e sendo reintroduzidas no solo, junto com seu húmus. Plantavam mandioca, em seguida, para descompactar o solo, além de gerar alimento para humanos e bichos. Junto, colocaram espécies de adubo verde como a feijão guandu, feijão lab-lab e a crotalária por sementes doadas pelos agroecólogos. Os locais lhe haviam dito sobre uma antiga fábrica de cimento desativada, que havia na região da Fercal, no entorno. Os compostistas corrigiam a acidez do solo e remineralizaram o solo trazendo um pouco de pó de rocha remanescente de lá.

A braquiária não se dava por vencida assim tão fácil, com a ausência dos animais eles voltavam a brotar com força. Dessa vez eram bem vindos pois eram rosados e serviam como matéria orgânica para cobrir o solo. O solo era sempre mantido coberto por uma camada grossa de matéria orgânica, isso o protegia contra a lixiviação, perda de água e também criava um ambiente para as vidas micro e macrobióticas proliferarem. Parte do capim era usado em caldas biofertilizantes feitas com urina dos habitantes, como fonte de nitrogênio. Um método usado por agricultores há milênios. Os banheiros da comunidade eram banheiros secos onde seus resíduos eram compostados e usados como adubos no solo. Pouco a pouco, a vida dentro e em cima do solo daquela quadra ia se proliferando.

A vida no solo ia se recuperando através dos emaranhados de cabras, adubo verde, fungos e bactérias, ácaros, microartrópodes, minhocas, raízes e compostistas. As correspondências aumentavam as superfícies de trocas que dinamizam os processos da vida. Com o aumento do sistema radicular do

solo, criava-se um ambiente propício para os fungos micorrizas e bactérias cytophagas benéficas, que corrigiam o pH do solo e aumentavam a disponibilidade de nutrientes. Elas eram as grandes trabalhadoras.

Junto com a melhoria do solo, introduziram o abacaxi, mais mandioca, as bananeiras e algumas hortaliças PANCs. Após o estabelecimento destas, introduziram as SAFs a partir de sementes de frutíferas e de árvores madeireiras que eram trocadas com as comunidades, vizinhas, andarilhos e viajantes. Outras sementes eram coletadas nas pequenas ilhas de mata remanescentes do entorno. Criaram um pequeno banco de sementes e um viveiro para as mudas. Plantava-se tudo junto, em um sistema pensado nos extratos que cada planta ocupava e nos consórcios de cooperação entre as espécies. "Quanto mais vida, mais abundância", diziam eles. Entre as nativas haviam o baru, jatobá, pequi, capitumba, araticum, cagaita e cajuí. No entanto, também plantavam exóticas, não podiam se dar ao luxo de ignorar as espécies resistentes às novas condições da região. Entre elas, plantou-se a jaca, gliricídia, manga, a moringa e o eucalipto. A moringas e eucaliptos eram emergentes e, logo, eram podados para aumentar o teor de matéria orgânica no solo. Quando estavam grandes, eram cortados e sua madeira era usada para outros fins. As sementes de moringa serviam para fazerem filtros de água, pois absorviam parte dos químicos e metais pesados que contaminam os lençóis freáticos antes do êxodo.

Passaram-se 4 anos e com suas práticas de recuperação do solo e, com a ajuda dos pássaros e insetos, haviam reflorestado a quadra inteira. As cigarras foram voltando e já se escutava seu canto anunciando as chuvas. Houve um aumento da melhoria alimentar e a comunidade cresceu, ganhando notoriedade entre os andarilhos. Pouco a pouco

apareceram mais pessoas interessadas em se tornar residentes da Brasília. A primeira quadra ficou pequena com o crescimento populacional. Como haviam muitas áreas abertas nas ruínas, por causa da estrutura de quadras da antiga cidade, os filhos do composto criaram um sistema de regeneração em forma de colcha de retalhos, estabelecendo outros núcleos comunitários, cada um deles era responsável por regenerar uma quadra, a partir dos princípios da agroecologia. No entanto, eles não ocupavam as quadras logo ao lado. Alternavam os espaços deixando áreas no meio inabitadas. A ideia era que com o tempo, as agroflorestas iam vazando por conta própria e se conectando com as vizinhas, eventualmente se tornando um ecossistema só. As estratégias estavam dando certo e, com isso, eles conseguiam florestar o dobro do espaço no mesmo período de tempo.

Os compostistas tratavam cada quadra da colcha de retalhos como uma pequena paisagem multiespécie. Eles trabalhavam na terra por períodos de 5 a 10 anos até que as florestas se estabelecessem. Com a ajuda do primeiro núcleo, eles recuperaram o solo e, pelo princípio da agricultura sintrópica, aumentaram a biodiversidade da quadra até que o sistema ganhasse autonomia. Quando chegavam novos moradores, eles ocupavam uma nova quadra começando o processo novamente. Cada quadra era única em detrimento das suas necessidades da micro região, mas havia uma estrutura geral na maioria delas.

Usavam as ruínas das construções como abrigos. Normalmente ocupavam os pilotis dos antigos prédios. Eles preferiam estar mais perto da floresta e do solo do que ocupar as ruínas dos apartamentos. No início não cobriam as laterais para se conectarem melhor com o ambiente de fora. A água vinha das chuvas. Eles usavam as antigas caixas

d'água dos prédios, adaptando-as como sistemas para captar as águas das chuvas. Como eram poucos seres e plantavam espécies resistentes à estiagem, tinham água suficiente para sobreviver nas primeiras décadas. As agroflorestas, ao se tornarem mais autônomas mostravam quais espécies estavam mais adaptadas às novas condições e faziam sua própria seleção. A água era mantida no solo pelas raízes e cobertura, não necessitando de irrigação. À medida que a mata ia voltando, minas d'água e fontes apareceram. Eles já sabiam que plantar florestas também significava plantar água, e como a população compostista era uma fração da população anterior, a falta d'água já não se mostrava um problema tão grave.

Com o aumento da população e o número de quadras, havia uma liberdade para cada quadra implementar seu sistema político, a maioria era uma anarquia. No entanto, foi acordado entre todas as quadras que cada núcleo seguisse um controle populacional. Os núcleos não eram compostos apenas por parentes humanos consanguíneos, em cada quadra, todos eram parentes. As crianças eram responsabilidade de todos e só podiam nascer um número determinado de novas crianças por ano, definido em assembleias anuais.

Cada núcleo era também responsável por estabelecer parentescos estranhos com um grupo de espécies companheiras em braxília. Em cada um deles havia uma idosa sábia, que coordenava esses trabalhos. O primeiro núcleo garantia a proliferação dos Microorganismo Eficientes (EMs) no solo e supria os outros núcleos com biofertilizantes, esporos e colônias de fungos e bactérias benéficas. A *Dona Decomposição* cuidava da produção de EMs e também supervisionava todas as formas de compostagem da comunidade. Outro núcleo passou a cuidar da reintrodução de novas espécies de plantas no

sistema. Eles cuidavam do banco de sementes e um grande viveiro onde as plantas eram ao poucos preparadas para serem introduzidas nos plantios. A *Vozinha das Mudanças* coordenava o trabalho de garantir que as espécies introduzidas não seriam danosas para o sistema. Ela estava em constante contato com as antigas comunidades locais, com quem trocava muitas sementes e saberes. Ela era extremamente cuidadosa quando se tratava de alguma espécie pouco conhecida. Foram raros os casos, mas às vezes erros foram cometidos e gerações futuras tiveram o trabalho de combater algumas plantas que insistiam em tomar conta de uma área toda.

Outro núcleo era responsável por cultivar plantas e ervas medicinais. A cada quadra que surgia eles supriam as mudas e sementes e auxiliavam na criação das "farmácias" vivas. A idosa conhecida como *A Curandeira*, uma antiga preta velha descendente dos Calungas quilombolas, era responsável de repassar os saberes das plantas e garrafadas. Ela também treinava os aprendizes que tomavam conta do jardim de ervas de cada quadra.

Um núcleo cuidava do trabalho de capina com as cabras e carneiros. Eles eram responsáveis por castrar a maioria dos animais para que não se reproduzissem demais ameaçando o equilíbrio do sistema. Às vezes, umas cabras escapavam dos capriles, devastando parte das agroflorestas adolescentes. Eles também coordenavam o controle populacional dos gatos. Muitos ainda habitavam as ruínas da antiga capital. Eles ajudaram para que os ratos não tomassem conta das ruínas, mas ficaram bastante populosos. Nas quadras, eles eram capturados, castrados, e depois colocados em grandes terrenos cercados para que não acabassem com as espécies remanescentes de aves e répteis. Já algumas espécies de galinhas caipiras tinham sobrevivido e se proliferado na região do entorno. Algumas foram capturadas e

introduzidas juntamente com as cabras nos cercados das quadras. Começaram a haver desavenças entre os núcleos, pois alguns não concordavam com a criação de animais domesticados. Eles diziam que a criação de animais podia trazer novas doenças e que precisavam aprender com os erros do passado. Alguns núcleos eram veganos, e faziam suas capinas com trabalho humano. Nunca houve um acordo que servisse a todas as quadras.

Os calangos (*Tropidurus torquatus*) e calangos verdes (*Ameiva ameiva*) haviam sobrevivido e eram bem vindos nas comunidades de composto, pois ajudavam a controlar os mosquitos transmissores de doenças. Eles só proliferaram graças à tentativa de controle dos gatos. Os Carcarás (*Polyborus plancus*), que já haviam se adaptado à antiga cidade, eram populosos. Com o passar dos anos, as quadras iam se tornando aos poucos um refúgio para as espécies remanescentes da região, o que, conseqüentemente, trazia outras espécies. Apareceram alguns tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) e o tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*), mas era acordado que ninguém poderia caçá-los. Roedores, como os saruês (*Didelphis virginiana*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), e os mico-estrelas (*Callithrix penicillata*), tornaram-se comuns. Cobras, como a cascavel, também se tornaram presentes pois se alimentavam dos ratos remanescentes. Avistaram dois teiús (*Tupinambis merianae*), que certamente ajudavam no controle das cobras. Um núcleo recém-criado se prontificou a catalogar e trabalhar em prol da proteção da fauna remanescente.

A distância entre as quadras era estrategicamente pensada para que os animais e insetos conseguissem transitar entre elas, fazendo assim a grande parte do trabalho de polinizar, adubar e dispersar sementes. No local das primeiras quadras foi

pensado criar um corredor para que as abelhas nativas e outros polinizadores pudessem transitar entre o que sobrou do Parque Nacional e as quadras. Abelhas nativas como a mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*), jataí (*Tetragonisca angustula*) foram vistas juntamente com exóticas, como a mamangava (*Bombus terrestris*) e a híbrida abelha africanizada, que causava problemas pela sua agressividade e ferroadas. Um núcleo ficou responsável em plantar árvores e instalar meliponários em distâncias precisas onde as abelhas conseguissem voar transitando de uma quadra a outra. Criaram-se ambientes propícios para essas abelhas se estabelecerem também. Isso ajudou muito na manutenção e proliferação vegetal. Com isso, a população de abelhas voltou a crescer. Mais polinização gerava mais sementes que, então, eram usadas para a recuperação das áreas degradadas.

Aos poucos, também foram criadas estratégias para quebrar o pavimento que cobria o solo da antiga cidade. Os compostistas de braxília inocularam o asfalto com o fungo comestível trazidos da Europa no auge da globalização. Alguns filhos do composto eram mestres desses fungos e quando em viagem passaram por braxília, doaram esporos para seus habitantes. O *Agaricus bitorquis* é um fungo que penetra o asfalto e aos poucos vai corroendo-o. Eventualmente ele é rompido pelas chuvas. Também plantavam nas rachaduras sementes de árvores como o ficus italiano cujas raízes são ótimas quebradeiras de concreto. Vagarosamente, as superfícies duras davam lugar ao solo de braxília.

As quadras eram como NINHOS, organismos que cresciam e lançavam seus tentáculos, conectando-se com outros seres, outras quadras. A intenção era elas crescerem até se conectarem com as quadras próximas criando assim um ser maior e mais biodiverso até

formarem uma floresta vigorosa novamente. A dinâmica das florestas era a melhor tecnologia daquela comunidade. Mas eles também possuíam tecnologias eletrônicas que os auxiliavam a sobreviver naqueles tempos inóspitos. Após a pandemia do Coronavírus, a humanidade percebeu o quanto era importante trocar informações e conhecimentos com outras comunidades no mundo para aprender a viver e morrer melhor a partir do problema. Grupos de trocas de saberes e de cuidado foram criados entre comunidades do composto a partir das Redes Mocambos<sup>206</sup>. Essas eram redes alternativas de comunicação que existiam em comunidades tradicionais desde antes da crise da pandemia. Elas eram desatreladas das empresas de telecomunicação e construídas com infraestruturas recicladas e mantinha seus próprios servidores. A partir das redes Mocambos, os compostistas criaram grupos online onde trocavam experiências e aprendiam com anciãos de outros lugares, compartilhando fragmentos de sabedorias ancestrais que haviam sobrevivido no tempo. Membros de diferentes comunidades encontram-se online para contar suas histórias de regeneração de espécies e práticas de cuidado com a t(T)erra. Essas redes de trocas também funcionavam como espaço de cuidado mútuo frente aos desastres ambientais, violências e os desafios experienciados por comunidades em contato com manchas do Antropoceno. Os compostistas trocavam experiências de sucesso e fracasso, de soluções e desafios, e se ajudavam, contando suas experiências locais de regeneração da vida. A *Vovó Internauta* era responsável por coordenar a participação dos compostistas de braxília nestes grupos.

No entanto, eles também sabiam da importância de trocar saberes pessoalmente. Por isso, entre os compostistas, havia mensageiros viajantes que partiam em busca de outras comunidades de composto para ensinar e aprender como ficar com problema. Em braxília tinha uma anciã que amava viajar, a *Abuela Viajera*. Ela seguia pelas entranhas da América do Sul, desviando das atrocidades, e à procura de outras humusidades. Quando os encontrava, coletava saberes remanescentes, sementes crioulas e, principalmente, histórias contadas sobre como viver e morrer bem nas ruínas. Ela era uma verdadeira coletora de contações de histórias. As sementes crioulas que tinham algum potencial para braxília, eram enviadas para *Vozinha das Mudanças*. As outras ela levava para outras comunidades para trocar com outras guardiãs de sementes. Já as histórias, essas *Abuela Viajera* semeava por toda parte. Cada comunidade em que ela chegava, dava um jeito de reunir crianças e idosos, seres híbridos e compostistas de todas as formas, em volta de uma fogueira para contar-lhes histórias aterrorizantes e esperançosas de comunidades do sul onde a vida rebrotava.

Além das sementes, a sacola de *Abuela Viajera* era repleta de ensinamentos mirabolantes e fábulas especulativas, onde a vida dava um jeito de dar a volta por cima das devastações deixadas pelo Homem (com H maiúsculo). No entanto, assim como seus olhos muito já tinham visto, suas ficções realistas também carregavam as memórias de extinções, terras desertificadas, rios e solos poluídos. Assim, *la abuelita* ia semeando no coração dos compostistas outros caminhos para a vida. Ela nunca pegava uma semente, uma história, um aprendizado sem deixar outros em troca. Ela costumava dizer que a vida gera vida. Graças a viajantes, como *Abuela Viajera*, algumas espécies do Cerrado que haviam se perdido foram encontradas em outras regiões e puderam ser reintroduzidas em braxília.

<sup>206</sup> Mais informações disponíveis em <https://www.mocambos.net/tambor/pt>. Acessado em 11/04/2020.

A partir dos mensageiros viajantes e dos encontros online, os compostistas de braxília ficaram sabendo que em outros lugares, no norte, os filhos do composto estavam alterando geneticamente algumas crianças para se tornarem seres simbióticos com espécies ameaçadas de extinção. No centro da América do Sul, a tecnologia necessária para engenharia genética avançada havia se perdido durante o caos da grande seca. Mesmo que os conhecimentos fossem compartilhados pelos colegas do norte, em braxília não havia recurso suficientes para engenharia genética de seres humanos. Em algumas quadras, os filhos do composto começaram a criar simbiosis com suas agroflorestas a partir de gambiarras eletro-tecnológicas criadas com lixo eletrônico encontrado na antiga Brasília abandonada. Eles integravam os espaços internos de seus abrigos nos pilotis do prédios com a atividade biológica das agroflorestas. Sensores eram instalados nos vegetais e seus ambientes captavam dados sobre as condições das plantas, do clima, do solo, ar e água. Esses dados eram enviados para instalação artística dentro dos abrigos via redes de IoT (internet das coisas). As obras interpretavam os dados traduzindo-os em mudanças de cores e luzes, som e movimentos.

Em uma das quadras, os compostistas fizeram um protótipo com um prédio inteiro. Ele foi completamente hackeado com gambiarras provenientes de sistemas encontrados nas mansões e prédios públicos abandonados da antiga Brasília. O edifício respirava, ou seja, suas janelas e sistema de ventilação abriam e fechavam de acordo com a respiração das árvores próximas. As luzes mudavam de cor e intensidade de acordo com a frequência da luz solar absorvida pela mata. O fluxo da caixa d'água era controlado a partir da quantidade de umidade retida no solo dos canteiros. As portas da despensa e dos armários só abriam

se houvesse disponibilidade de nutrientes no solo para as plantas. O prédio era uma versão cyberpunk das antigas casas inteligentes, mas ao invés do conforto, a finalidade era tornar seus habitantes mais atentos ao que se passava em suas florestas.

A maioria dos compostistas daquele núcleo não conseguiram habitar o prédio. Alguns poucos jovens entenderam a simbiose ali proposta. Ele tinha se tornado um protótipo. Discussões sobre a relevância desses experimentos eram frequentes nas assembleias de braxília. Muitos achavam que a adoção de tecnologia eletrônicas era mais danosa ao ecossistema, como um todo, do que benéficas. No entanto, com o passar do anos, as instalações artísticas passaram a ser interpretadas semioticamente pelos compostistas, auxiliando-os a preverem períodos de estiagem e chuvas fortes, focos de queimadas e sinais de surgimento de pragas e patógenos nas florestas. Os sistemas dessas quadras ficaram altamente refinados. A partir das tonalidades e ritmos dos sons e luzes das obras já era possível entender quais espécies iam florir e frutificar melhor naquele ano. Podiam prever também se as árvores estavam bem preparadas para a próxima seca e/ou para o inverno. Tudo isso auxiliava os compostistas a manejarem melhor suas agroflorestas, encontrando assim seu lugar no sistema. Eles também podiam responder rapidamente, e com mais precisão, às ameaças que surgiam. Então, os tecnofílicos seguiam seus experimentos estético-científicos.

Depois de algumas décadas, chips de bio hackeamento foram trazidos para a comunidade por viajantes do norte. Os hackers de braxília tentaram transpor o que haviam aprendido com as obras de arte para o bio hackeamento de pessoas. A ideia era instalar os chips no sistema nervoso de alguns compostistas voluntários para torná-los



simbiontes capazes de sentir a paisagem multiespécie em seu corpo. Por exemplo, se parte da agrofloresta estivesse sofrendo algum estresse hídrico ou ameaça de algum patógeno, eles sentiriam os efeitos neles mesmos. Poderiam sentir a chegada das chuvas, das florações, a presença dos polinizadores e outras correspondências essenciais à sobrevivência daquele ecossistema. Tudo podia ser sentido na pele. Assim, poderiam entender melhor aquele metaorganismo e garantir sua continuidade.

Essa ideia foi altamente refutada pelas quadras mais tradicionais. As anciãs sábias tentavam explicar aos jovens hackers que era possível sentir a floresta sem precisar de mediações eletrônicas, mas era preciso treinar a atenção e a sensibilidade, até se tornarem um hábito. Elas também argumentavam que o crescente aumento das ondas eletromagnéticas usadas na comunicação digital gerava influências negativas nos ecossistemas, desequilibrando-os. Muitos seres se desorientam com o excesso de microondas. Isso poderia ser muito danoso à microbiótica dos organismos dos voluntários também. As quadras não chegaram a um comum acordo e houve uma cisão na braxília entre as quadras tecnológicas e as tradicionais. Essa divisão veio em meio a um momento frágil da comunidade. Nem tudo eram flores em braxília. Algumas quadras estavam passando por turbulências políticas. Certos compostistas alegavam que estavam fazendo o trabalho sozinhos e que seus companheiros não estavam ajudando. Assim expulsaram os outros e passaram a tratar suas quadras como propriedades privadas. As anciãs tentavam alertar para o perigo que rondava esses atos. "Foram conflitos como esse que levaram o antigo modelo ao caos", diziam elas. No entanto, os mais novos já não escutavam tanto os mais velhos.

Eles acusavam os antigos de não terem previsto os tempos de escassez que haviam passado seis anos antes, quando uma seca severa, que durou dois anos, atingiu a região. Alguns seres ferais também surgiram e fizeram estragos em alguns dos Sistemas Agrofloretais mais fragilizados. A biodiversidade das SAFs de braxília e os solos bem manejados e cheios de vida tornavam essas florestas pouco suscetíveis a grandes devastações. No entanto, o agronegócio havia gerado ferais muito intrusivos que, às vezes, causavam danos até nas florestas. Entre eles estava o Caramujo Gigante Africano (*Lissachatina fulica*), que fazia muitos estragos nas hortaliças PANCS. O fungo da ferrugem do feijão (*Uromyces appendiculatus*), que acabou com esse alimento em algumas quadras. A lagarta *Hypsipyla grandella*, que já havia extinguido o mogno-brasileiro (*Swietenia macrophylla*), passando a atacar os jatobás que eram um grande complemento alimentar. E, por fim, a bacteriose causada por *Xanthomonas axonopodis* pv. *manihotis*, que veio das grandes monoculturas de mandioca e atingiu os pés da comunidade, causando uma escassez do alimento básico por dois anos. Isso fragilizou a soberania alimentar de algumas quadras.

Os lençóis freáticos continuavam a ser poluídos por indústrias longínquas. Algumas minas d'água proviam de aquíferos contaminados por agroquímicos e metais pesados, adoecendo alguns dos compostistas. Algumas vezes, a própria chuva caía tóxica do céu. Algumas quadras foram abandonadas nesse período. Partes de suas agroflorestas resistiram, outras não aguentaram a falta de perturbação humana e se tornaram sistemas estagnados. Os compostistas perceberam que sem o manejo humano, muitos dos consórcios não prosperavam por conta própria. Os mais jovens decidiram fazer hackeamento genético com algumas espécies de plantas. Criaram plantas híbridas, geneticamente modificadas

para aguentar a crise hídrica, aumento da temperatura planetária e alguns patógenos. Isso causou mais cisões na comunidade. Os antigos percebiam que os jovens já não queriam seguir seus conselhos. Eles argumentavam que o Homem continuava a devastar os biomas em outras partes do continente e do mundo. Não havia como estar imune às consequências disso.

Por isso, os mais velhos alertavam que os desafios iriam piorar, mas não podiam tentar repetir as soluções que levaram aos desastres do passado. Os jovens argumentavam que o planeta já estava mudado e que não havia outra saída. Muitos jovens decidiram sair de braxília. Nas primeiras décadas do século

XXII, a população já havia declinado pela metade. Muitas quadras estavam abandonadas. Os que ficaram, seguiam tentando encontrar formas de viver e morrer bem naquela paisagem. Mesmo com a decadência da comunidade, a floresta permanecia em pé em boa parte de braxília. Um outro bioma surgia agora, com ou sem a presença dos humanos, e promovia habitabilidade para seres humanos e mais-que-humanos. Assim a vida seguia, se reinventando, paisagens surgindo dos novos emaranhados multiespécies da colcha de retalhos florestal feita de Quadras. A braxília se tornou um refúgio para as assembleias de espécies que resistiam ao fim do mundo.

### 4.3 - XINGUANOS E SUAS CIDADES FLORESTAS

A última estória que gostaria de apresentar aqui vem da proximidade que a antropologia carrega tanto de cosmovisões não modernas, como as quilombolas e as indígenas, quanto dos vórtices do Antropoceno. Versatilidade de grande valia para auxiliar o design a se desprender das "soluções intempestivas que acentuam nossa marcha voluntária para a catástrofe – bem ao gosto dos projetistas modernos" (COELHO, 2019, p. 36). Essa proximidade nos outras perspectivas, outras formas de ver e estar no mundo que saibam ficar com o problema: "Afiml, outros modos de viver neste (fim de) mundo são possíveis? (COELHO, 2019, p. 36) Outras cosmovisões nos ajudam a imaginar que isso seja possível.

As reclamações dos vizinhos do NINHO e as da minha família quanto ao "mato" nos demonstram a dificuldade que nós, seres urbanos, temos de entender as dinâmicas das florestas. "Os humanos não podem viver em paz com as florestas?" perguntava Ashitaka a deusa mãe-loba no desenho animado *Princesa Mononoke* (MIYAZAKI, 1997). Flusser dizia que "o brasileiro não está ligado à natureza do país: ou ele vive na natureza, sendo quase parte dela; ou a destrói indiscriminadamente." (RAMOS, 2010, p. 3) Nós, seres urbanos de classe média, herdeiros do colonialismo europeu, quando imersos na natureza de Pindorama, somos estrangeiros no nosso próprio país. "Estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo, e de certa maneira o domina. Mas o domina tragicamente: não se integra." (FLUSSER, 2011, p. 52)

No entanto, quem estamos chamando de "brasileiros"? Existe realmente uma coerência hegemônica que define todos os seres que nascem nessas terras? A necessidade de estarmos juntos nos sustentando na diferença enquanto ela nos transforma, se mostra imprescindível nos tempos atuais e, precisamos encontrar formas de nos mantermos em correspondência principalmente quando precisamos de diversidade de perspectivas. Ailton Krenak critica a visão homogeneizante do que é viver junto na terra. É na diferenciação que se encontra o dinamismo essencial para vida e suas multiplicidades.

O fato de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas

diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Por que isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (KRENAK, 2019, p.33)

Os quintais agroflorestais nos levaram a imaginar cidades como *braxília*, ou seja, onde as maneiras de habitar humanas gerassem florestas. Recentes descobertas arqueológicas no sudoeste da Amazônia, região conhecida como alto Xingu, na parte sul do Parque Indígena do Xingu, demonstram que populações indígenas pré-colombianas constituíram urbanidades complexas com densidades populacionais altas para época (30 a 50 mil em toda a região), que influenciaram na formação da floresta da região. Estes sítios arqueológicos datam de uma ocupação entre 1250-1650 a.C. Seus modelos urbanos, juntamente com suas práticas agrícolas e de domesticação de plantas e peixes, estão sendo estudados como um dos propulsores do alto nível de biodiversidade encontrado na região. "Longe de modelos estereotipados de pequenas tribos da floresta tropical, esses padrões documentam paisagens cuidadosamente projetadas para trabalhar com as ecologias da floresta e dos pântanos em redes urbanizadas complexas." (HECKENBERGER, 2013, p.185)<sup>207</sup>

Estudos recentes argumentam que a biodiversidade Amazônica, não surgiu separadamente da ocupação humana. A natureza intocada, ou seja, sem perturbação humana, não é uma condição *sine-qua-non* para o florescimento multiespécie da floresta. Certas condições de habitabilidade humana podem favorecer esse florescimento. (HECKENBERGER, 2013)

Pesquisas recentes também mostram que mesmo ocupações efêmeras deixam marcas duradouras na paisagem, particularmente quando consideradas em escalas milenares de atividades humanas repetidas e coevolução, que em algumas áreas, e notavelmente áreas de transição florestal ecologicamente diversas e sensíveis ao clima no final do Pleistoceno (Heckenberger; Neves (2009); Neves (2007); Schaan (2009) *apud* HECKENBERGER, 2013, p. 188, tradução nossa)<sup>208</sup>.

<sup>207</sup> No original: Far from stereotypical models of small tropical forest tribes, these patterns document carefully engineered landscapes designed to work with the forest and wetland ecologies in complex urbanized networks.

<sup>208</sup> No original: Recent research also shows that even ephemeral occupations leave lasting marks on the landscape, particularly when considered across millennial scales of repeated human activities and co-evolution, which in some areas, and notably ecologically diverse and climate sensitive forest

O autor nos afirma que o Alto Xingu é um exemplo formidável de um complexo socioecológico onde certas influências antropogênicas na paisagem, não só davam condições de habitabilidade às grandes populações humanas no passado como impactavam positivamente todo o ecossistema da floresta. Se a floresta amazônica, o maior exemplo de biodiversidade do planeta atual, pode ter co-evoluído juntamente com sociedades indígenas do passado e do presente, podemos especular futuros possíveis que reflitam sobre um habitar seriamente engajado com a multiplicação da biodiversidade. Precisamos contar essas histórias para possamos imaginar futuros ancestrais.

Essas sociedades indígenas complexas não apenas mudam a maneira como os antropólogos consideram a variação cultural amazônica, mas também acrescentam novos casos à história mundial, mudando a maneira como os estudiosos vêem tanto a natureza como a natureza da complexidade sociopolítica e do urbanismo. (*Ibidem*, p.202)<sup>209</sup>

Por que nossa maneira de habitar então não é capaz de gerar florestas como os Xinguanos ou como nossa Imaginada braxília? Talvez por que nossa concepção do que seja habitar está muito mais próxima dos modernos do que dos povos da floresta. Certamente pensamento multiespécie é um grande passo para reverter isso. Mas talvez precisemos ser mais radicais na nossa virada ontológica. Coelho (2019) nos alerta que se não aprendermos a ver com os que estão à margem, não será o suficiente.

Nesse sentido, e mesmo que a vida multiespécie, os estudos animais-humanos e/ou o pós-humanismo nos ofereçam linhas de fuga cruciais, estas ainda não são suficientes. Pois, de diversas maneiras, tais abordagens, apesar da "grande inclusão" de outras formas de vida não-humanas que promovem, ainda deixam escapar tantas outras vidas humanas que não se enquadram na grade colonial e no determinismo evolutivo que ainda emanam do hemisfério Norte. Assim, uma crítica multiespécie da arquitetura, do urbanismo e do design não se bastaria,

---

transition areas by late Pleistocene (Heckenberger and Neves 2009; Neves 2007; Schaan 2009)." (HECKENBERGER, 2013, p. 188).

<sup>209</sup> No original: "These indigenous complex societies not only change the way anthropologists consider Amazonian cultural variation but also add novel cases to world history, changing the way scholars view both nature and the nature of socio-political complexity and urbanism."

pois mesmo que se incluam todas as espécies de animais e plantas possíveis, estas continuariam a deixar de fora, nas "margens indomáveis", aqueles humanos que foram e continuam a ser expulsos continuamente pelo antroprojeto moderno e junto com eles, todas as entidades mais-que-humanas que povoam suas sobrenaturezas. (COELHO, 2019, p. 21-22)

Diferente dos povos da floresta, ainda não aprendemos a sermos húmus. Praticar *Design Anthropology* a partir da correspondência irá nos auxiliar nessa aproximação, mas precisamos escolher com quem vamos corresponder para que a vida na terra continue e floresça. "É por isso que continuo a insistir que, se quisermos começar a resolver a crise em nossa habitação no mundo, devemos ouvir a sabedoria dos habitantes, sejam eles humanos ou seres de outra espécie, ao invés de nos abrigarmos no auto-referencialidade enrustida do discurso filosófico." (INGOLD, 2020, p. 8, tradução nossa)<sup>210</sup>.

Concordo com Haraway quando ela diz que precisamos contar essas estórias que estão aí, mas que se encontram nas margens da História da Humanidade (ambas com H maiúsculo). Segundo a autora, "importa quais estórias contamos para contar outras estórias; importa quais conceitos pensamos para pensar outros conceitos" (2016, p. 40, tradução nossa)<sup>211</sup>. Essas estórias precisam ser contadas enquanto ainda é possível. Abrir caminhos de pesquisa que contem as estórias de outras formas de habitabilidade e de outras cosmovisões é um desdobramento para outras pesquisas, mas que certamente merecem uma atenção se pretendemos ficar com o problema.

---

<sup>210</sup> No original: That's why I continue to insist that if we are even to begin to resolve the crisis in our habitation of the world, then we should listen to the wisdom of inhabitants, whether they be humans or beings of other kinds, rather than taking shelter in the closeted self-referentiality of philosophical discourse.

<sup>211</sup> No original: "It matters what stories we tell to tell other stories with; it matters what concepts we think to think other concepts with."

## 5 - REPLANTANDO ESTÓRIAS - UMA ANTI-CONCLUSÃO

Chegamos então ao final da pesquisa. As linhas se emaranharam com vários seres, espaços e tempos. Correspondências com artistas, arquitetos, agroecólogos, cientistas da computação, terapeutas ocupacionais, antropólogos, filósofos, biólogos, designers e idosos ativos nos ajudaram a responder com habilidade às obras, textos, teses, construções, plantios, falas, práticas e fazeres. Neste sentido, cumpri-se um dos papéis do design, o de criar pontes transdisciplinares e mediar campos aparentemente distintos proporcionando correspondências entre seres dos reinos vegetal, animal (os humanos estão aqui para quem não sabia), protista e monera, logrando também acatar o pedido de Tsing e Haraway de construirmos um pensamento multiespécie.

Havia me disposto a observar de forma participativa as práticas agroecológicas como produtoras de espaços de diálogo para um pensamento multiespécie. Neste sentido, posso dizer que elas se mostraram potentes nesse lugar confirmando então que, assim como os artefatos, as *coisas* como pensadas por Binder et. al (2011), atuam como ferramentas mediativas que provocam reflexões sobre determinado cenário (NORONHA et. al, 2016). Mesmo não sendo artefatos desenhados por designers especialistas, as práticas agroecológicas, são fazeres que operam como *coisas*, ou seja, criam em torno de si espaços de diálogos que escapam muitas vezes do senso comum e da opinião formada associadas à comunicação. As *coisas* e fazeres envolvidas no trato com a terra podem orientar designers a criarem ferramentas, dispositivos de conversação, protótipos e/ou provótipos que lhes auxiliem no levantamento de questões mais pertinentes referentes à era geológica do Antropoceno, ou seja, elas são produtoras de espaços de diálogo. Vimos nos casos estudados que as práticas agroecológicas em si operam como ferramentas de diálogos sobre questões ambientais como: a regeneração de paisagens, conservação do solo, soberania alimentar, coletivismo, sistemas alternativos de produção agrícola, etc. Neste sentido, elas se apresentam como catalisadoras de

métodos participativos e relacionais, podendo auxiliar práticas e pesquisas em *Design Anthropology*. Logo, se designer-antropólogos visam uma aproximação entre design e antropologia e, se a antropologia se aproxima das ciências biológicas para dar conta de pensar as questões que emergem das manchas antropocêntricas, os dois campos podem se aproximar das ciências agroecológicas para pensarem alternativas possíveis para o ceno vigente.

Assim como os espaços de design, pensar o lar como lugar de agroecologia nos proporcionou perceber que as práticas agroecológicas e suas coisas tornam os espaços caseiros em paisagens emergentes que têm o potencial de se tornarem significativos e evocativos para designers e suas práticas participativas (BINDER et al, 2011). No entanto é preciso engajamento do próprio designer nos fazeres e lugares, pois "A paisagem não existe apenas lá para ser alcançada por qualquer designer. Ela está intrinsecamente ligada à conversa engajada com a situação que é moldada pelas circunstâncias e estratégias do designer." (*Ibidem*, p. 155, tradução nossa)<sup>212</sup>

Ao explorar as práticas agroecológicas como espaços de diálogo, mesmo em contextos tão adversos como um grupo online, produziu-se conversações pertinentes. Isso porque tais fazeres abrem caminhos para outras formas de correspondências. No entanto, elas nem sempre fluíram frente aos desafios enfrentados pelo Grupo de idosas HorTOCAR. Como vimos, os ruídos e descorporificação impostos pelos meios de comunicação digital codificaram certas correspondências em interações. Mesmo assim, logrou-se corresponder com as idosas ao ponto de tecermos juntos imaginações de futuros possíveis. "Para Ingold, designers deveriam ser chamados de *dream-catchers*<sup>213</sup>. Seguir os sonhos e esperanças das pessoas pode tornar-se possível por meio de encontros mediados por ferramentas ou qualquer meio que facilite reflexões e diálogos." (PORTELA; NORONHA, 2018, p. 60) Praticar agroecologia, agrofloresta, agricultura sintrópica, seja no âmbito do lar, urbano, peri-urbano ou rural não só nos coloca em correspondência com uma multitude de seres vivos, como nos abre possibilidades

---

<sup>212</sup> No original: The landscape is not just there to be arrived at by any designer. It is intrinsically connected to the engaged conversation with the situation that is shaped by the circumstances and strategies of the designer.

<sup>213</sup> Traduz por caçadores de sonhos.



de fertilizar imaginações de onde brotam especulações de outros mundos possíveis. Neste sentido, poderíamos falar de "sucesso". "Um novo critério de sucesso seria como os designer-antropólogos são capazes de se corresponder e colaborar com as pessoas como co-criadores de futuros desejáveis e como facilitadores de conhecimentos e práticas significativas que transformam o presente." (OTTO, SMITH, 2013, p. 40, tradução nossa)<sup>214</sup>

Apesar dos desafios, acredito que as reflexões e provocações que brotaram dos encontros do Grupo HorTOCAR, foram produtoras de conscientização multiespécie que podem ser de grande valia para imaginação de outras formas de habitar. A passagem da comunicação por interação para a correspondência nos encontros do grupo se tornou possível através das práticas. Essa passagem se apresenta como necessária se queremos compreender o mundo como habitável agora e no futuro. Ou seja, um mundo que mantenha condições sustentáveis para a vida. (INGOLD, 2020) Assim, afirmo que o DA pode lançar mão das práticas com a terra como caminhos de investigação de futuros e de presentes que saibam ficar com o problema. "O design, nesse sentido, não transforma o mundo. É antes parte da própria transformação do mundo. Esse processo de autotransformação, entretanto, se desenvolve não ao longo de um, mas de muitos caminhos. É, em essência, uma correspondência." (GATT; INGOLD, 2013, p.254, tradução nossa)<sup>215</sup>

A teoria da correspondência de Tim Ingold nos serviu como modelo para pensar o tecido social em seu caráter expandido para além da dicotomia ser humano/não-humano, natureza/cultura.

Conclui-se que tudo que vive e tudo que sabe é intrinsecamente social, seja das árvores em uma floresta, animais em um rebanho ou seres humanos em uma comunidade. A vida social é uma longa correspondência. Mais precisamente, é uma malha emaranhada de correspondências, todas acontecendo ao mesmo tempo, que se entrelaçam umas nas outras. (INGOLD, 2020, p. 9-10, tradução nossa)<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup> No original: "A new criterion of success would be how design anthropologists are able to correspond and collaborate with people as co-creators of desirable futures and to be the facilitators of knowledge and meaningful practices that transform the present.

<sup>215</sup> No original: Design, in this sense, does not transform the world. It is rather part of the world's transforming itself. This process of self-transformation, however, unfolds along not one but many paths. It is, in essence, a correspondence.

<sup>216</sup> No original: It follows that all living, and all knowing, is intrinsically social, whether it be of trees in a wood, beasts in a herd or human beings in a community. Social life is one long correspondence. More precisely, it is a tangled mesh of correspondences, all going on concurrently, which weave into and around one another.

Ao praticar a observação participante a partir da correspondência, pode experienciar as práticas com a terra como um *doing/undergoing*. No pensar fazendo experimentei-me como ser que corresponde. Nesse sentido, um observador que participa, pratica o seu próprio *devoir-com* a vida. Ao praticar agroecologia, todos fomos um pouco artistas, facilitadores de grupo de idosos, terapeutas ocupacionais, antropólogos, biólogos e por que não designers.

Pelos caminhos tortuosos de fazer campo no meio da emergência de uma pandemia, encontrei no lar as linhas de pensamento que nos levaram a esses emaranhamentos. O lar serviu como um protótipo de malha para experimentar correspondências com coisas e outras vidas. Praticar agroecologia no lar foi a forma que nós do HorTOCAR encontramos de *habitar-com* outras espécies durante o isolamento social. Inicialmente não percebi a relevância de pensar tais correspondências a partir desse espaço. Sabendo o que sei hoje sobre o Antropoceno e a antropologia multiespécie, outros objetos de pesquisa certamente aparentam mais pertinentes ao tratar-se de práticas agroecológicas. Existem inúmeros exemplos ligados a comunidades tradicionais e trabalhos sociais que dariam pesquisas maravilhosas. Como nos conta Tsing (2021), "preocupações ambientais devem ser reincorporadas em análises de justiça social. Para a saúde pública, direitos indígenas, justiça alimentar e a mera sobrevivência, mobilizações humanas precisam dar mais, e não menos, atenção aos não humanos." (p. 178)

No entanto, pensar o lar a partir do presente, passado e futuro gerou reflexões sobre uma questão central do Antropoceno. A perspectiva ontológica de nos vermos separados de outras formas de vida e seus processos. Talvez nossos lares sejam espaços onde essa "separação" se mostre mais acentuada. Uma enorme parte do problema é que tendemos a ver outras formas de vida, não como *coisas*, mas como objetos. Assim podemos usá-las e manipulá-las segundo nossos interesses próprios e descartá-las quando não são mais necessárias. "Com efeito, tomar a vida de *coisas* pela agência de objetos é realizar uma dupla redução: de *coisas* a objetos, e de vida a agência." (INGOLD, 2012, p. 34) Ao invertermos a noção de lar como um lugar feito para manter as outras vidas fora, para um lugar que as convida para entrar, questionamos essa presunção humana de que habitamos uma cultura, separada da natureza.

Foi justamente partindo do meu habitar cotidiano que cheguei até a agroecologia e a partir de suas correspondências pude contar essas histórias de florescimento multiespécie. Ao pensar no jardim "como uma floresta" pude co-criar com outros seres. Assim como descreve Tsing (2019):

Nossa humanidade é também um ponto de partida, uma abertura para se envolver em mundos multiespécies. Nossas explorações nos levam a novos e variados arranjos sociais e humanos, entre outros. Estamos continuamente desenvolvendo novas maneiras de aprender sobre os outros, ampliando nossas maneiras de viver e conhecer. Somos tão participantes quanto observadores; recriamos sensibilidades interespecíficas no que fazemos. Para além de apenas identificar os não humanos como um outro estático, aprendemos sobre eles e sobre nós mesmos em ação, por meio de atividades comuns. (p. 129)

Na pesquisa do NINHO, nós do coletivo falhamos em trabalhar os aspectos arquitetônicos e materiais responsáveis pela separação dentro/fora de forma a fazer com que o fora adentrasse pelos poros da casa. Logo seus moradores, apesar de incomodados, não escaparam da alienação de experienciar a vida "lá fora" como simulacro. No entanto, no processo de tentar, sem querer rompemos outras barreiras: as superfícies duras do chão, e descobrimos que florescimento multiespécie brota do (re)descobrimento do solo. Foi a partir do próprio lar que encontramos solo abaixo do pavimento. Ali, no lugar menos provável, reivindicamos nosso pertencimento à t(T)erra. E ao colocarmos nossas mãos e pés no solo, nosso habitar nos deu pistas de como podemos aprender a viver (e morrer) juntos uns *com* "os outros". O lar nos inspirou a sermos parte do composto, a partir de onde podemos tecer teias multiespécies com outros lares e com a vida "lá fora".

Neste processo, achava que iria estudar e entender mais sobre outras espécies. Isso aconteceu até certo ponto, no entanto, o que mais aprendi foi sobre nossa forma de viver e o lugar que ocupamos dentro do *problema*. Pude perceber onde nossas próprias linhas tecem também as manchas do Antropoceno. Não há lugar fora do Antropoceno, suas manchas estão por toda parte. Até mesmo na "Última Floresta" Amazônica dos Yanomami onde chega a ameaça do garimpo e sua contaminação dos rios. (BOLOGNESI, 2021) A partir da casa, experienciei o desmatamento, a contaminação das águas e do solo, a crise hídrica. Os seres *ferias* chegaram ao lar.

A fala de Ailton Krenak ressoa em mim quando diz: "A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grillados agora com a queda? Vamos aproveitar toda nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos" (2019, p.30). A continuidade da vida nos engloba e convida cada ser e fazer sua parte para que ela continue se proliferando (INGOLD, 2020). Foi no lar que aprendi a romper a superfície dura para encontrar a t(T)erra. Ao me atentar ao solo pode participar da continuidade da vida e aprender algo trivial, mas tão essencial nos dias de hoje: A vida multiplica vida. Se você plantar um grão de feijão, ele dará uma planta. Se ela cruzar com outra das suas, aquela planta dará centenas de feijões que darão milhares de novas plantas! Como diz Ron Finley, plantar sua comida é como imprimir seu próprio dinheiro. (FINLEY, 2013)<sup>217</sup>

Obviamente preciso reconhecer o lugar extremamente privilegiado de onde experiencio tudo isso. As manchas do Antropoceno são desiguais, como nos ensinou Anna Tsing (2016). Ser da classe média urbana brasileira ainda é estar do lado dos que tiram vantagem de tudo isso. Reconhecer nosso lugar e nossa herança também faz parte do jogo. (HARAWAY, 2016) No entanto, ao praticar fazeres com a terra, sai da zona de conforto e experimentei ficar com o problema. Este é um passo importante se queremos fazer perguntas mais pertinentes face ao desafio que nos encontramos atualmente. Ao ver onde nos embolamos com as manchas, podemos traçar caminhos para desatar esses nós.

Nesse sentido, tornou-se interessante pesquisar desde o lar, pois foi nesse espaço que fomos obrigados a nos reinventar em tempos pandêmicos. Muitas vezes, das fissuras das calçadas brotam aroeiras, do "lixo" surge o composto, do asfalto cogumelos, do pavimento a floresta. Nunca saberemos de onde podem surgir as *humusidades*.

No entanto, não podemos ser ingênuos frente às realidades ferais do nosso tempo. Mesmo almejando a ressurgência de uma vida urbana mais biodiversa, precisamos ter cautela sobre como essa esta deva acontecer. Estudos mais aprofundados são

---

<sup>217</sup> Ted com Ron Finley. *Ron Finley: Um jardineiro guerrilheiro no centro-sul de Los Angeles*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=EzZzZ\\_qpZ4w](https://www.youtube.com/watch?v=EzZzZ_qpZ4w)

necessários para que não criemos mais interfaces que permitam saltos de patógenos de animais selvagens para humanos ou para animais domesticados.

"Por meio da polinização, dispersão de sementes, proteção contra a invasão de espécies exóticas e melhoria da qualidade de vida humana, a presença da vida selvagem pode melhorar a saúde e os meios de subsistência das pessoas que vivem em ambientes urbanos, trazendo diversidade para o pod se tornar uma monocultura antropogênica [...] No entanto, é necessário um planejamento cuidadoso para garantir que a urbanização não promova a transmissão de doenças entre a vida selvagem, o gado e as pessoas." (HASSEL et al, 2020, s.p, tradução nossa)<sup>218</sup>

Antes de finalizar, tenho uma confissão a fazer. Vivi um enorme conflito interno ao escrever essa dissertação. Desde de meu retorno a Brasília, não encontrei tempo para estar junto à terra e revitalizar o quintal. Quantas horas percorridas nas linhas desse texto e de tantos outros. Quantas semanas, meses, grudado na tela desse computador, sedentário, sonhando com o cheiro da terra, das plantas, da chuva e do ar lá fora. Ao ler Chul-Han (2020) falar da pandemia e do cansaço contemporâneo, pensei que talvez não me importaria em estar em um lugar sem sinal de internet, longe das notícias *fake* e redes sociais, passando meus dias com a mão na terra, fazendo jardinagem como disse ele. Refleti nesse caminho inverso ao qual vivi nos últimos anos, de transitar desde o audiovisual e a arte tecnológica, duas artes midiáticas, em direção aos fazeres com terra. Caminho tortuoso que nasceu de uma busca nostálgica de algo que nunca tive, mas que no fundo acredito que exista. Um sentimento inexplicável de querer ser parte do todo. De sentir a presença dos microorganismos que me fazem ao mesmo tempo em me habitam. Voltar a dispersar sementes, fazer podas, multiplicar a vida. Um contato menos mediado com esse organismo do qual fazemos parte, a t(T)erra.

Durante a escrita, muitas vezes, trazia seres vivos para escrever comigo. Punha ao meu lado cogumelos, eco-enzimas<sup>219</sup>, sementes variadas, brotos de cacau, besouros liogenys, bacia com terra, ervas e plantas diversas para estar na

<sup>218</sup> No original: Through pollination, seed dispersal, buffering against the invasion of exotic wildlife species, and improving human quality of life, the presence of wildlife can improve the health and livelihoods of people living in urban environments, bringing diversity to what risks becoming an anthropogenic monoculture [...] However, careful planning is required to ensure that urbanization does not promote the transmission of diseases between wildlife, livestock, and people

<sup>219</sup> Ver <https://www.facebook.com/972933802754698/posts/977470865634325/> visto em 20/11/2021

companhia deles, na esperança que sussurrassem suas estórias em meu ouvido. Ao lembrar do *Homem que plantava árvores* de Jean Giono (2017), imaginei quantas florestas poderiam ser plantadas ao invés de cada tecla pressionada, cada palavra escrita, eu colocasse sementes no solo? O Homem que plantava árvores não era tão homem assim, era mais húmus do que nós. Sinto falta de ser uma célula saudável desse organismo. Mesmo me afastando da t(T)erra, ela ainda me presenteava. Nunca plantei pés tomates cerejas no quintal. No entanto, muitos tomates apareceram. Eles vieram provavelmente da composteira e combinaram solo, chuva, semente e sol para nos surpreender com suas delícias vermelhas. Colhi tantos tomates nesses tempos que os distribuía a quem encontrasse. Foi uma alegria dar esses pequeninos vermelhos, doces e principalmente sem veneno as visitas, familiares, passantes, vizinhos, passarinhos etc.

Fiz questão de deixar vários caírem de volta ao solo, como uma espécie de oferta de agradecimento e sei que eles não foram desperdiçados, pois no solo, nada se perde. Muitos organismos puderam se deliciar deles também. A vida no solo merece ser cuidada e alimentada. Ser húmus é alimentar o solo e não querer extrair dele o máximo que eu possível. Em retorno ele nos alimentará melhor. Isso talvez seja um dos primeiros passos de uma transição de Humanidade, destruidora da vida, para uma *humusidades*, produtora de vida. E agora, novembro de 2021, com o retorno das chuvas, nasceram tomateiros novamente, filhos dos tomatinhos da t(T)erra. Diziam que ele nem gostam de chuva! Os daqui provam o contrário.

Ainda há pouco, me perguntava o porquê da escrita destas páginas. Será que precisava justificar e tornar "útil" o simples fato de querer estar junto às plantas, insetos, bactérias, fungos co-criando com eles? Era necessário tornar isso uma "produção"? A vida não é útil, disse Krenak (2020). Talvez a única coisa que precisava se (re)produzir era a própria vida.

Nesses tempos, ao revisitar o filme sobre a Horta de Saavedra (2015), no qual produzi com Luise Marechal, lembrei das teses da história de Walter Benjamin (1985). Parafrazeamos a passagem de Benjamin na cena final do filme com as perguntas: "Não será a hora de parar esse avanço cego e desenfreado? Juntar os

fragmentos e ruínas? Para onde queremos ir? Encontremos novamente o norte para seguir ao sul." (MARÉCHAL, PEROTTO, 2015, 18'55")

Lembrei que Walter Benjamin foi um dos filósofos que se debruçou sobre a modernidade. Ele que era judeu e escreveu seu o conceito da História em 1940, um pouco antes de morrer ao tentar escapar do nazismo na Segunda Guerra Mundial. (*Ibidem*) Na tese número 6 ele convidava o materialismo histórico a fixar imagens do passado dizendo: "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo." Algumas linhas a frente ele capturou nossa atenção com a seguinte frase: "O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer." (*Ibidem*, p.224) Benjamin escreveu essas teses em meio ao turbilhão moderno da primeira metade do séc XX. Hoje, um século à frente, não somos mais tão modernos, mas seus conselhos parecem mais atuais do que nunca. Na nona tese do mesmo texto Benjamin, ao ver um desenho de Paul Klee, nos descreve o Anjo da História. Me dei conta que seu anjo me acompanha desde o início desta jornada, lá em 2014, quando estava finalizando o filme sobre a horta urbana. Desta vez, prefiro deixar as palavras de Benjamin intactas:

*Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1985, p. 226)*

Eu tentei em vários momentos e sem sucesso, despersonalizar esta pesquisa, mas percebi que isso era outra grande armadilha. Um mestrado é uma jornada, um ritual de passagem onde o pesquisador nunca sairá isento de sua autotransformação. Na academia também se faz compostagem, a começar por si mesmo. Me apoio no solo preparado por todos que abertamente *humunizam* (inventei esse verbo) o meio acadêmico. Companheiras(os) de composteira como: Zoy Anastassakis, Raquel Noronha, Isabelle Stengers, Donna Haraway, Anna Tsing, Tim Ingold, Caroline Gatt, Mariangela Quarentei, Paulo Freire, Ailton Krenak que me fizeram companhia nesses dois anos, para citar alguns. Pensadores de todos os campos que trazem a prática de cuidado com si e com os outros para dentro de suas pesquisas e que tentam incansavelmente adiar o fim do mundo. Aprendemos com as companheiras de Haraway que isso é possível. Também não posso esquecer das terapeutas ocupacionais que me ensinaram a atenção com os seres humanos, os agroecólogos com a terra, os artistas com a poesia e as idosas com a vida. Todos esses, de uma forma ou de outra, chegaram a mim pela academia. Vocês enriqueceram o solo da minha vida e agradeço-vos imensamente. Eu que comecei essa jornada pela vontade de ser mais minhoca durante um filme em Buenos Aires, nunca imaginaria que sete anos depois estaria me *compostando* junto a vocês.

Meu consolo então, por ter me afastado da terra para escrever essas palavras, foi viver esta dissertação como um plantio de vossas histórias, por isso não quero finalizar com uma conclusão. Concluir impõe um fechamento, e esta trabalho é de abertura. Então, aos leitores que bravamente chegaram até aqui, faço um apelo: Sejamos mais húmus! Voltemos a co-habitar esse organismo que nos cria e nos acolhe, assim como as bactérias que nos coabitam. O desafio de um habitar multiespécie está lançado. Sigamos nos decompondo para gerar e multiplicar a vida. Plantemos árvores e histórias de ressurgências a partir das ruínas. Os convido a continuar as histórias das Camilles, das paisagens, dos fungos, dos cupins, das abelhas, das minhocas, dos mais velhos, das comunidades do composto, dos povos da floresta, dos ninhos e das *humusidades*. Por isso os convido a sermos estoriadores (versão mais pé no chão de historiadores). Contar as histórias das vidas que emergem das ruínas é uma tarefa de todos nós, para que elas brotem das ruínas e deem novos frutos. Coube a nós, herdeiros dos modernos, a tarefa que o Anjo da História de Walter Benjamin (1985) nunca pode fazer. A de reunir os



fragmentos e ruínas e contar as histórias dos que se encontram à margem da História.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C. **The timeless way of building**. New York: Oxford University Press, 1979.
- ALMEIDA, A. J. M.; MONTUORI, B. F.; NICOLETTI, V. M.; SANTOS, M. C. L. DOS. Por práticas relacionais no design. **Arcos Design**, v. 12, n. 1, p. 5–24, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2019.47521>>. Acesso em: 04/07/2021.
- ALVES, V. P.; et al. O impacto da informática na vida do idoso. **Revista Kairós**, v. 10. 2007. p. 153-169
- ANASTASSAKIS, Z. Design e Antropologia: ensaio de correspondência. In: CONGRESSO PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 13., 2018. **Anais...** São Paulo: Blucher, 2019. p. 31-35. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/ped2018-1.1\_ACO\_03
- ANASTASSAKIS, Z. **Refazendo tudo**: confabulações em meio aos cupins na universidade. Pequena biblioteca de ensaios. Copenhague ; Rio de Janeiro: Zazie, 2020.
- ANASTASSAKIS, Z.; KUSCHNIR, E. Trazendo o design de volta à vida: considerações antropológicamente informadas sobre as implicações sociais do design. In: LIMA, G. C.; MEDEIROS, L. (Orgs.). **Textos selecionados de design 4**. 1.ed. Rio de Janeiro: PPDESDI/UERJ, 2013. p. 137-141.
- ANASTASSAKIS, Z.; NORONHA, R. Correspondências entre Design e Antropologia. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-6, 2018.
- ANASTASSAKIS, Z; SZANJECKI, B. Conversation Dispositifs: towards a transdisciplinary design anthropological approach. In: SMITH, R. C. et al. (Eds.). **Design Anthropological Futures**. 1.ed. London: Bloomsbury Academic, 2016. p. 121-138.
- ASSIS, R. L. DE; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 6. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 67-80.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAGNATI, M. M. **Jardim de Cura**: um recurso para os espaços abertos de instituição especializada na reabilitação de dependentes químicos. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/194501>>. Acesso em: 5/03/2021.
- BEHR, Nicolas. **Primeira pessoa**. Brasília: LGE editora, 2005. Disponível em: <[http://www.nicolasbehr.com.br/arquivos/livros/primeira\\_pessoa\\_miolo.pdf](http://www.nicolasbehr.com.br/arquivos/livros/primeira_pessoa_miolo.pdf)>. Acesso em: 12/08/2021.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política** : ensaios sobre literatura e história da cultura - Volume 1. Série Obras Escolhidas. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNARD, M.; ROWLES, G. D. **Environmental gerontology**: making meaningful places in old age. New York: Springer, 2013.

BINDER, T.; et al. **Design things**. Cambridge: MITPress, 2011.

BIZ, P.; COSTA, D.; THEMOTEO, P.; SOARES, F.; SZANIECKI, B. e ANASTASSAKIS, Z. Design micelial: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI-UERJ. **Revista Lugar Comum**, n. 53. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. p. 114-131.

BLANCO, K. C. As Peculiaridades das Ocupações Irregulares no Distrito Federal. **Paranoá**, n. 21, 2018. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n21.2018.04. Disponível em: <<https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n21.2018.04>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BOLOGNESI, L. **A Última Floresta**. Gullane. Filme. Netflix. 2021. 76min.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

BURGER, E. A. **AMONGST White Clouds - Documentary - 2005 - Zen**. Dominus. Youtube. 2018. 86 min. Disponível em: <<https://youtu.be/pH2ozq65yHQ>>. Acesso em: 12/08/2021.

CLARKE, A. J. (Ed.). **Design anthropology**: object culture in the 21st century. Viena: Springer-Verlag, 2011.

CLEMENTE, F. M. V. T.; HABER, L. L. **Horta em pequenos espaços**. Brasília: Embrapa, 2012.

COELHO, W. C. **Sob o pavimento, a floresta**: cidade e cosmopolítica. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/35246>>. Acesso em: 22.11.2021.

**CONSTRUINDO espaços de diálogo: abordagens de Design Anthropology com Raquel Noronha**. Canal Lab Design Contemporâneo UNESP. Youtube. 2020. 81 min. Disponível em: <<https://youtu.be/wQAAb6m7Lqw>>. Acesso em: 25/09/2021.

COSTA, D. S.; BIZ, P.; SILVA, J. C. A.; SANTOS, A. Sementes Urbanas: aprendizados em um Laboratório de Design para inovação social. Blucher Design Proceedings. **Anais...** . v. 6, p.673-684, 2019. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/33579>>. Acesso em: 10/07/2020.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

**DAVID Attenborough e Nosso Planeta**. Direção de Alastair Fothergill; Jonathan Hughes; Keith Scholey. EUA ; UK: Netflix. 2020. 83 min.

DISALVO, C. Design, democracy and agonistic pluralism. In: Design Research Society Conference, 2010. **Proceedings...** Montreal: Design Research Society, 2010. Disponível em:  
<<https://dl.designresearchsociety.org/drs-conference-papers/drs2010/researchpapers/31>>. Acesso em: 07/08/2021.

DUBOIS, J. C. L. **Manual agroflorestal para a Amazônia**. Rio de Janeiro: Rebrap, 1996.

DUNNE, A.; RABY, F. **Speculative everything**: design, fiction, and social dreaming. Cambridge: MITPress, 2013.

EMBRAPA abre inscrições para o primeiro curso on-line de Hortas em Pequenos Espaços. **Embrapa**, 13 de abr. de 2020. Disponível em:  
<<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/51400753/embrapa-abre-inscricoes-para-o-primeiro-curso-on-line-de-hortas-em-pequenos-espacos>>. Acesso em: 22.11.2021.

**ERNST Götsch | Uma vida pela regeneração da floresta**. Trip Transformadores. Youtube. 2015. 5 min. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=SKl3\\_Xigjyc](https://www.youtube.com/watch?v=SKl3_Xigjyc)>. Acesso em: 19/09/2021.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**: la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca - Sello Editorial, 2016.

FELDMAN, J. **Symbiotic Earth: How Lynn Margulis rocked the boat and started a scientific revolution**. Vimeo, 2019. Disponível em: <<https://vimeo.com/ondemand/symbioticearthhv>> Acesso em: 22/08/2020.

FINLEY, Ron. **Ron Finley: Um jardineiro guerrilheiro no centro-sul de Los Angeles**. TED. Youtube. 2013. 10 min. Disponível em: <[https://youtu.be/EzZzZ\\_qpZ4w](https://youtu.be/EzZzZ_qpZ4w)>. Acesso em: 24 de abr 2020.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma filosofia da fotografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado**. 1ª edição ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

- FLUSSER, V. **Natural:Mente**: vários acessos ao significado de natureza. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GARROS, D. D. S. C.; et al. Oficina de fotografia como recurso terapêutico ocupacional com idosos. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, n. 1(5). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 589-602. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto8468>>
- GATT, C.; INGOLD, T. From description to correspondence: anthropology in real time. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Eds.). **Design Anthropology: theory and practice**. London: Bloomsbury, 2013. p. 139-158.
- LE GUIN, U. K.; HARAWAY, D. J. **Carrier bag theory of fiction**. London: Ignota books, 2019. Texto traduzido disponível em: <<https://medium.com/@mariband/a-teoria-da-sacola-aplicada-à-ficção-a4a7dd5866e>>. Acessado em: 30/12/2020 , tradução Mariana Bandara.
- GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Eds.). **Design Anthropology: theory and practice**. London: Bloomsbury, 2013.
- HABITAÇÃO com(o) transformação, com lazana Guizzo**. Canal Humusidades. Youtubr. 2020. 69 min. Disponível em: <<https://youtu.be/7JxfEkXv1bs>>. Acesso em: 5/11/2020.
- HALLAM, E.; INGOLD, T. **Making and growing**: anthropological studies of organisms and artefacts. Burlington: Ashgate, 2014.
- HAN, B.C. Teletrabalho, zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. **El País - Brasil**, 22 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>> Acesso em: 20.06.2021.
- HARAWAY, D. J. **Manifestly Haraway**. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.
- HARAWAY, D. **Staying with the trouble**: making kin in the chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.
- HASSELL, J. M.; BEGON, M.; WARD, M. J.; FEVRE, E. M. Urbanization and disease emergence: dynamics at the wildlife–livestock–human interface. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 32, n. 1, p. 55–67, 2017. Elsevier. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.tree.2016.09.012>>. Acesso em: 13/08/2021.

- HECKENBERGER, M. Tropical garden cities: archaeology and memory in the southern Amazon. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 26, n. 38. Chapecó: CEOM/Unochapecó, 2013. p. 185-207.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Bragança Paulista ; Petrópolis: Editora Universitária São Francisco ; Vozes, 2012.
- HOUSSAYE, C. M. de La. **Conjeturando futuras relações entre design e propriedade intelectual**. Tese (Doutorado). Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/9047>>
- HOUSSAYE, C. M. de La.; PERALTA, P. Conjecturing Futures for Brazilian Design Law. In: **ICDHS 12 Book of Proceedings**. Challenging Orthodoxies: Design History and Design Studies I. Zagreb: UPI2M BOOKS, 2021.
- IBARRA, M. C. **Entrelaçando design com antropologia**: engajamentos com um coletivo de moradores do bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado). Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018a. Disponível em: <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/9041>>
- IBARRA, M. C. Design como esperança no engajamento com um grupo de moradores de um bairro do Rio de Janeiro. **Arcos Design**, v. 11, n. 2, p. 26–55, 2018b. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.47516>> Acesso em: 07/06/2020.
- IBARRA, M. C. **Design, antropologia e colaboração: engajamentos no bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro**. Blucher Design Proceedings. **Anais...** In: 7º SIMPÓSIO DESIGN SUSTENTÁVEL. São Paulo, Brasil: Editora Blucher, out. 2019. Disponível em: <<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/33529>>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- INGOLD, T. **Antropologia**: para que serve. Petrópolis: Vozes, 2019.
- INGOLD, T. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description. London ; New York: Routledge, 2011.
- INGOLD, T. Culture on the ground: the world perceived through the feet. **Journal of Material Culture**, v. 9, n. 3, p. 315-340, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177%2F1359183504046896>>. Acesso em: 22.11.2021.
- INGOLD, T. **Lines**: a brief history. London; New York: Routledge, 2016.
- INGOLD, T. **Making**: anthropology, archaeology, art and architecture. London ; New York: Routledge, 2013.

INGOLD, T. On human correspondence. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 23, n. 1, p. 9-27. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1467-9655.12541>>

INGOLD, T. **The life of lines**. London ; New York: Routledge, 2015.

INGOLD, T. ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE'S DISCOVER ANTHROPOLOGY PROGRAMME. **Tim Ingold: On Human Correspondence – Huxley Memorial Lecture 2014**, 13 nov. 2014. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1vlq5s04wBU>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. 2. ed. London: Routledge, 2011.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37. Porto Alegre: UFRGS, 2012. p. 25-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>>

KINUPP, V. F. **Plantas Alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

KJÆRGAARD, M. G., et al. Introduction: design anthropological futures. In: SMITH, R. C.; et al. Eds.). **Design Anthropological Futures**. London: Bloomsbury Academic, 2016. p. 1-16. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5040/9781474280617.ch-001>>. Acesso em 19/10/2021.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LIN, A. T.; MYERS, M. Ancient virus genomes from museum and archaeological collections can inform past and future epidemics. **Feral Atlas**. Disponível em: <<https://feralatlas.supdigital.org/poster/coronavirus-stories-are-still-emerging>>. Acesso em: 22.11.2021.

MANZINI, E. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2017.

MARGULIS, L.; et al. **Propriocepção: quando o ambiente se torna o corpo**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020. Disponível em: <[http://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO\\_7\\_MARGULIS.pdf](http://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_7_MARGULIS.pdf)>. Acesso em: 12/10/2020.

- MATRANGOLO, W. J. R.; THIENGO, S. C; GOMES, S. R. **Caramujo-gigante-africano**: Achatina fulica. [s.l.]: Embrapa, 2019. Disponível em:  
<<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/202250/1/Caramujo-gigante.pdf>  
>. Acesso em: 22/11/2021.
- MAUSS, M. Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. **L'Année Sociologique** (1896/1897-1924/1925), v. 1, p. 30-186, 1923. Presses Universitaires de France. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/27883721>>. Acesso em: 23/08/2021.
- MENDES, G. A.; CRUZ, K. C. T.; TAVARES, G. S. Vivacidade: Rede entre nós e os agenciamentos na construção de projetos de vida na velhice. **Brazilian Journal of Development**, Vol. 6, n. 10. 2020. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-513>>. Acesso em: 12/09/2021.
- MIYAZAKI, H. **Princesa Mononoke**. Studio Ghibli. Netflix. 1997. 134 min.
- NESTE chão tudo dá**. Videoteca Virtual Gregório Bezerra. Youtube. 2015. 22 min. Disponível em: <https://youtu.be/WXOQ39UQQPQ> Acesso em: 10/11/2020.
- NICOLUSSI, A. C.; et al. Relaxation with guided imagery and depression in patients with cancer undergoing chemotherapy. **Cogitare Enfermagem**, Vol. 21, N. 4. Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v21i4.48208>>
- NORONHA, R.; ABOUD, C.; PORTELA, R. Design by means of anthropology towards participation practices: designers and craftswomen making Things in Maranhão (BR). In: PARTICIPATORY DESIGN CONFERENCE, 16, 2020. **Proceedings...** Vol 1. Manizales Colômbia: ACM, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/3385010.3385015>>. Acesso em: 17/09/2020.
- O MUNDO pós pandemia que queremos construir com Ailton Krenak**. Eurico Vianna. Youtube. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/Z0QKeEV3Kh4>>. Acesso em: 16/10/2021.
- OLIVEIRA, J. C. Defensores do cultivo agroflorestal pedem melhores condições de crédito e comercialização - Notícias. **Agência Câmara**, Brasília, 8 de ago. de 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/543139-defensores-do-cultivo-agroflorestal-pedem-melhores-condicoes-de-credito-e-comercializacao/>>. Acesso em: 19/11/2021.
- OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS**. 2020. Disponível em:  
<<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 26 nov. 2021.



- OTTO, T.; SMITH, R. C. Design anthropology: a distinct style of knowing. In: GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. (Eds.). **Design anthropology: theory and practice**. London: Routledge, 2013. p.20-68.
- PALLASMAA, J. **Habitar**. 1.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.
- PALLASMAA, J. **La mano que piensa**: sabiduría existencial y corporal en la arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.
- PAPANÉK, V. **Design for the real world**: human ecology and social change. New York: Pantheon Books, 1971.
- PINK, S. **Doing visual ethnography**: images, media, and representation in research. London: Sage, 2001.
- PORTELA, R.; NORONHA, R. Olhar, tocar e trocar: ferramenta em correspondência. **Arcos Design**, v. 11, n. 2, p. 56-77, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.47517>>. Acesso em: 22.11.2021.
- PRIMAVESI, A. M. **A convenção dos ventos**: agroecologia em contos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016a.
- PRIMAVESI, A. M. **Manual do solo vivo**: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016b.
- PUIG DE LA BELLACASA, M. Re-animating soils: Transforming human–soil affections through science, culture and community. **The Sociological Review**, v. 67, n. 2, p. 391–407, 2019.
- QUARENTEI, M. S. Atividades: territórios para a expressão e criação de afetos. **Boletim de Psiquiatria**, Vol. 27, n. 1, São Paulo, 1994. p 26-7.
- QUARENTEI, M. S. Criando lugar(res) para acolher a falta de lugar. **Interface**, n. 5. Botucatu: UNESP, 1999. P. 195-202. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32831999000200029>>
- QUARENTEI, M. S. Terapia ocupacional e produção de vida. Conferência de Encerramento. In: Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, 7, 2001. **Anais...** Porto Alegre: ABRATO, 2001. p. 8.
- RAMOS, A. P.; SOUZA, H. V. L. DE. A natureza e o brasileiro: reflexões sobre Vilém Flusser e Sérgio Buarque de Holanda. **Intellèctus**, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27667>>. Acesso em: 24/11/2021.

- RODRIGUES, S. C. A. **Um modelo para a implementação de redes de hortas urbanas.** Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico de Viana Castelo, Viana Castelo, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11960/1124>>
- ROMERO, D. E.; et al. (2021). Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: Efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 37(3). 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311x00216620>>
- ROSE, D. B. Slowly: writing into the Anthropocene. In: **TEXT**, v. 20, n. esp. 2013. p. 1-14. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.52086/001c.28826>>. Acesso em: 18/07/2021.
- SANDERS, E. B. N.; STAPPERS, P. J. Co-creation and the new landscapes of design. **CoDesign**. n. 4(1). 2008. p. 5-18. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/15710880701875068>>
- SANTANA, C. S.; BERNARDES, M. S.; Molina, A. M. T. B. Projetos de vida na velhice. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, v. 21, n. 1. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 171-186. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2316-2171.59848>>
- SAPS. **Saúde vai aumentar testagem dos casos leves de Covid-19.** 26 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://aps.saude.gov.br/noticia/9036>>. Acesso em: 26/10/ 2021.
- SERPA, B.; COSTARD, M. Design Anthropology para muitos mundos possíveis. **Arcos Design**. v. 11, n. 2. Rio de Janeiro: PPDESDI – UERJ, 2019. p. 7-25. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.47515>>. Acesso em: 15/06/2020.
- SERRES, Michel. **Atlas**. São Paulo: Piaget, 1997.
- SILVA, F. Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre [Pós-fácio]. in: HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar Do Tempo, 2021. [e-book]
- SIQUEIRA, A. P. P.; SIQUEIRA, M. F. B. **Bokashi: adubo orgânico fermentado**. 1. ed. Niterói: Programa Rio rural, 2013. Disponível em: <[http://www.pesagro.rj.gov.br/downloads/riorural/40\\_Bokashi\\_Adubo\\_organico\\_fermentado.pdf](http://www.pesagro.rj.gov.br/downloads/riorural/40_Bokashi_Adubo_organico_fermentado.pdf)>. Acesso em: 28/10/2021.
- SPINUZZI, C. The methodology of participatory design. **Technical Communication**, v. 52, n. 2. 2005. P. 163-174. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.473.9111>>
- STEENBOCK, W.; et al. (Orgs.). **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013.
- STENGERS, I.; DEBAISE, D. The Insistence of Possibles: Towards a speculative pragmatism. **Parse, Speculation**. v. issue 7, n. Autumn 2017, p. 14, 2017.

SUSTENTAREA. Você sabe o que é Agricultura Urbana e Periurbana?. **Sustentarea**, 28 de out. de 2019. Disponível em:

<<https://www.fsp.usp.br/sustentarea/2019/10/28/agricultura-urbana-e-periurbana/>>.

Acesso em: 10/10/2021.

SZANIECKI, B.; *et al.* Jogos como dispositivos de conversação: investigando modos de participação e design. In: PARTICIPATORY DESIGN CONFERENCE, 16, 2020. **Proceedings...**

Vol 1. Manizales Colômbia: ACM, 2020a. Disponível em:

<<http://www.pdc2020.org/wp-content/uploads/2020/06/Jogos-como-dispositivos-de-conversac%CC%A7a%CC%83o-investigando-modos-de-participac%CC%A7a%CC%83o-e-design.pdf>>. Acesso em: 30/09/2020.

SZANIECKI, B. et al. **Participation otherwise: Practices by/from the Global South.**

Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 - Participation(s)

Otherwise - Volume 2. **Anais...** In: PDC '20: PARTICIPATORY DESIGN CONFERENCE 2020 - PARTICIPATION OTHERWISE. Manizales Colombia: ACM, 15 jun. 2020b. Disponível em:

<<https://dl.acm.org/doi/10.1145/3384772.3385171>>. Acesso em: 3/11/2020.

TONETI, B. F.; et al. O significado de uma terapia integrativa de relaxamento guiado para mulheres com câncer de mama. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53. 2019.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1980-220x2018024103497>>

TSING, A. L. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1. 2015. p. 177. Disponível em:

<<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>>

TSING, A. L. O Antropoceno mais que humano. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 176–191, 24 fev. 2021. Disponível em: <

<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75732>>. Acesso em: 07/10/2021.

TSING, A. L. **The mushroom at the end of the world:** on the possibility of life in capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

TSING, A. L. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, A. L.; MATHEWS, A. S.; BUBANDT, N. Patchy Anthropocene: landscape structure, multispecies history, and the retooling of anthropology: an introduction to supplement 20. **Current Anthropology**, v. 60, n. S20, p. S186-S197, 2019. The University of Chicago Press. Disponível em: < <https://doi.org/10.1086/703391>>. Acesso em: 22/09/2021.